This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

UC-NRLF
$B 246 816

AS LENDAS CHRISTÃS

POR

Theophilo Braga

Theophilo Braga

THEOPHILO BRAGA

Theophilo Braga nasceu em Ponta Delgada a 24 de Fevereiro de 1843. Historiador e poeta, pensador e politico, a sua individualidade é a mais alta individualidade mental portugueza do seculo XIX. Discipulo da Phil. Positiva, membro do Comité Positivo Occidental Theophilo é o documento vivo do valor dessa Philosophia, da tenacidade que só ella é capaz de produzir, da resignação serena e humana que só ella é capaz de crear, e da coherencia systematica que só n'ella se encontra. Poeta, tem a *Visão dos Tempos*, poema, pela concepção e pelo alcance philosophico, superior á tentativa de Hugo, *A Lenda dos Seculos*. Os sonetos de amor esparsos por esses quatro longos volumes, alguns trechos, como a *Sphinge*, *Ondina do lago*, são mesmo, na fórma, bellezas. Sociologo, tem, como obra especialista, o *Systema de Sociologia* que é pouco conhecido porque o publico portuguez prefere a sociologia pataqueira. Historiador, tem a *Historia da Universidade*, obra monumental que só por si marcaria um homem, e a patriotica *Historia da Litteratura* que só tem paridade, pelo seu alcance nacional, nos *Lusiadas*. Politico, tem os seus opusculos, as suas conferencias, os seus discursos. E em milhares e milhares de paginas que nos deixa, não ha uma pagina de rethorica. Figura assombrosa, num paiz de palradores.

Digitized by Google

THEOPHILO BRAGA

Historia popular de Portugal. . . . no prélo

Visão dos Tempos

Epopêa da Humanidade (Edição integral) 4 vol. br. 2$400, enc. . . . 3$200
Bodas de Ouro na Litteratura (1858 a 1908). Versões polyglotas da Visão dos Tempos, br. 600, enc. . . . 800

Alma portugueza

Rhapsodias da grande Epopêa d'um pequeno Povo

Viriatho, Narrativa epo-historica, 1 vol. br. 600, enc. 800
Frei Gil de Santarem (Fausto portuguez), 1 vol. br. 600, enc. . . . 800
Os Doze de Inglaterra (Poema), 1 vol. br. 500, enc. 700
Gomes Freire (drama historico), 1 vol. br. 600, enc. 800
D. Ignez de Castro. . . . . . no prélo

Historia da Litteratura portugueza

Introducção e Theoria da Historia da Litteratura portugueza, 1 vol. br. 700, enc. 900
Bernardim Ribeiro e o Bucolismo, 1 vol. br. 700, enc. 900
Gil Vicente e as origens do Theatro nacional, 1 vol. br. 800, enc. . . 1$000
Eschola de Gil Vicente e o desenvolvimento do Theatro nacional, 1 vol. br. 800, enc. . . . . 1$000
Sá de Miranda e a Eschola italiana, 1 vol. br. 700, enc. 900
Camões — Vida e Epoca, 1 grosso vol. br. 1$200, enc. . . . . 1$450
— Obra (Bibliographia camoniana) no prélo
Camões e o Sentimento nacional, 1 vol. br. 600, enc. 800
A Arcadia lusitana, 1 vol. br. 1$000 enc. . . . . 1$250

Digitized by Google

Digitized by Google

AS LENDAS

CHRISTÃS

Digitized by Google

PORTO — TYPOGRAPHIA DE A. J. DA SILVA TEIXEIRA
Rua da Cancella Velha, 70

Digitized by Google

UNIV. OF
CALIFORNIA

Digitized by Google

Dr. Theophilo Braga

Digitized by Google

AS LENDAS

CHRISTÃS

POR

THEOPHILO BRAGA

PORTO

Livraria Internacional de Ernesto Chardron

CASA EDITORA

LUGAN & GENELIOUX, Successores

1892

Todos os direitos reservados

Digitized by Google

Digitized by Google

Do nosso antigo trabalho sobre a *Historia da Poesia do Christianismo,* do qual destacámos alguns capitulos sobre as origens mythicas, cultuaes e dogmaticas d'esta religião, publicamos hoje um novo excerpto sobre o desenvolvimento organico e a classificação das *Lendas christãs.* Nada mais difficil de coordenar na sua complexissima variedade do que essa livre efflorescencia das tradições vulgares e eruditas que deram força á expansão da religião proselytica e contra as quaes a Egreja, depois de constituida, teve de reagir desprezando-as como *apocryphas,* e retirando-lhes a sua auctoridade canonica. Essas tradições provieram de um fundo commum de elementos subjectivos, dos quaes uns ficaram nos contos populares, outros desenvolveram-se em epopêas anonymas, muitos dramatisaram-se nos costumes sociaes,

829534

Digitized by Google

e não poucos renovaram-se na fórma de mythos religiosos ou se tornaram thema de complicadas theologias. É por isso notavel o dito de Santo Ireneu: «Se as linguas differem, *a tradição não varía,* e as Egrejas fundadas na Germania não têm outra lei nem outro ensino senão a dos Iberos e dos Celtas, as do Oriente e da Asia, e das outras que se estabeleceram no centro do mundo». (*Contra Haereses,* t. I, pag. 10).

Essas tradições confluiram de todos os lados, e acharam sympathia na alma popular, que só pelo caracter poetico é que acceitou as fórmas cultuaes e doutrinas do Christianismo; por essa mesma sympathia as tradições foram escriptas para serem lidas, e d'aqui veiu o nome especial de *Legenda* ou *Lenda* dado a todos os vestigios mythicos, historicos, anecdoticos e novellescos, que se

Digitized by Google

syncretisaram e evemerisaram nos *Evangelhos apocryphos, Acta sincera* e *Actas dos Santos,* na *Legenda Aurea,* emfim, em toda a litteratura piedosa da Edade-média.

É estupenda esta obra da phantasia crédula, da qual se póde dizer o que Virgilio exprimiu no singelo hemistychio *Fallit te incautum pietas tua.* A Edade-média na sua fervorosa piedade deixou-se enganar por essas lendas, porque as tomou como realidade. Como productos da imaginação ellas têm a sua verdade psychologica; como vestigios de mythos e concepções religiosas anteriores ao Christianismo, ellas têm a sua logica historica confirmada pela decadencia, ou melhor pela transformação do Polytheismo no Occidente. O trabalho extraordinariamente difficil é estabelecer um encadeamento organico das Lendas christãs;

Digitized by Google

Alfred Maury, no *Ensaio sobre as Lendas piedosas da Edade-média* (1843), achou apenas um principio, que denomina *legendogonico,* ao qual na Egreja se chama a ascése da Imitação; mas aproveitando-nos dos seus resultados importantes, que são um dos fios coordenadores das lendas da Paixão e das tradições agiologicas, vemos que até ao IV seculo ficam por explicar os factos imaginosos rejeitados pela canonicidade.

Crêmos ter achado um principio fundamental para a classificação das *Lendas christãs,* determinado pela evolução historica da propria Egreja. A imaginação nos seus mais arbitrarios e imprevistos caprichos obedece a leis psychologicas, como a rasão nos seus processos analyticos; as *Lendas christãs* são em geral tradições do Polytheismo cahidas na espontaneidade popular, que persistiram,

Digitized by Google

máo grado a expurgação canonica e os anathemas da Egreja, e que durante a Edade-média sobreviveram nas relações escriptas, desenvolvendo-se mesmo nas grandes obras das Litteraturas modernas, como a *Divina comedia* de Dante, e a Hymnographia. As *Lendas christãs* são, por assim dizer, uma historia do Christianismo popular, em antagonismo com o Catholicismo ou a religião sacerdotal; é d'esta comprehensão que resulta a luz explicativa das lendas e a rasão clara da sua vitalidade.

É portanto este livro uma analyse dos themas fundamentaes da poesia do Christianismo que cooperaram não só na constituição dos dogmas, como nas grandes manifestações litterarias e artisticas da civilisação moderna. Conhecido o seu valor e importancia esthetica, deixará a piedade de illu-

Digitized by Google

dir os incautos, como dizia Virgilio, fortificando-se pela critica a consciencia na descoberta positiva da lei da continuidade historica, diante da qual as maravilhas se submettem ás condições do natural. Assim se chegará a esse resultado final do accordo entre a imaginação e a rasão, sem o que não teremos a posse completa do nosso sêr moral.

Christianismo, Catholicismo e Jesuitismo são tres manifestações sociaes e historicas da religião monotheica do Occidente; a primeira é espontanea e popular, desenvolvendo-se pelo sentimento e actuando sobre a imaginação pelo perstigio de uma entidade ficticia, em volta da qual se agruparam todos os elementos mythicos e cultuaes de religiões chtonianas, avéstica e védica, produzindo uma grande expansão de poesia. A phase ca-

Digitized by Google

tholica coincide com o periodo de reorganisação da Europa, quando pela acção moral a Egreja subordinava os fortes; ainda a parte sentimental do Christianismo penetrou na systematisação dos dogmas fundamentaes da religião, como se vê na antithese entre a Graça e as Obras ou o Livre arbitrio, que a Egreja não soube conciliar mostrando-se sempre antipathica ao mysticismo. A phase jesuitica pela transigencia com os fortes cria a moral adaptada á dissolução das côrtes, onde a Companhia procurava exercer a maior influencia; no seu plano, visa á restauração da theocracia papal, e a alliciação dos fracos pela sentimentalidade pietista faz-se retrocedendo á ingenuidade dos crédulos. Na phase christã elaboraram-se as grandes tradições lendarias, que sob a phase catholica serviram de thema ás obras da

Digitized by Google

Arte moderna, a Architectura, a Poesia, a Musica e a Pintura. Sob a phase jesuitica extinguiu-se a verdade do sentimento, tornando-se as manifestações estheticas parodias calculadas, em que a riqueza não póde encobrir a falsidade.

Por esta exposição se conhecerá a importancia que sobre a imaginação dos povos da Europa exerceu o Christianismo com os elementos mythicos, cultuaes e dogmaticos, que se transformaram em Lendas populares, em themas litterarios, em representações artisticas, emquanto a crença espontanea se exerceu livre da severidade canonica do Catholicismo. É este mundo de ficções e vestigios tradicionaes que estudamos sob o titulo de *Lendas christãs,* e a que procuramos determinar o systema.

Digitized by Google

UNIV. OF CALIFORNIA

AS LENDAS CHRISTÃS

CAPITULO I

Formação das Lendas christãs

Uma das provas da divindade do Christianismo a que recorrem os theologos apologetas e os escriptores metaphysicos nas suas effusões de estylo, consiste no relêvo dado ao facto da facilidade da propaganda evangelica entre os povos das Gallias, da Hispania, da Inglaterra e da Allemanha. O Christianismo apoderou-se facilmente de todos os sanctuarios das Deusas-Mães dos povos mediterraneos, assimilando os principaes elementos dos cultos hetairistas; e depois de apropriar-se dos fragmentos desconnexos do mithriacismo, interrompido na sua expansão européa, continuou essa propaganda trazendo á sua submissão moral povos barbaros como os germanos, os saxões, os frankos, os lombardos, os godos e ainda os ramos mais adiantados da raça celtica. A Europa christianisou-se como que de repente, es-

Digitized by Google

tabelecendo-se essa unanimidade de emoções, e uma conformidade de sentimentos, que produziram a synthese affectiva da Edade-média. Até aqui os factos na sua realidade historica; a falta de uma rasão philosophica revestiu-os de uma penumbra maravilhosa, convertendo essa ignorancia em uma prova forçada da origem sobrenatural ou divina do Christianismo. Fiados n'esta illusão do espirito vieram mais tarde outros propagandistas, os missionarios jesuitas na Asia, na America, na Africa; vieram com os seus poderosos meios dialecticos e monetarios os prégadores inglezes, com um extraordinario fervor apostolico e protegidos pela acção politica dos seus governos, e o Christianismo achou-se sem virtude proselytica, não commoveu, não fez adoptar-se, e, por assim dizer, recúa perdendo o pouco terreno conquistado fóra da Europa.

Diante d'estes dois factos antinomicos é mais facil deduzir a causa d'esta intima contradicção. Na sua propaganda na Africa, entre a raça preta e selvagem, ainda immersa em um estudo mental fetichista, o Christianismo como religião baseada em dogmas abstractos e convertido pelos theologos em uma metaphysica religiosa, não podia por fórma alguma ser comprehendido sem descer e retrogradar pondo-se ao nivel d'essa intellectualidade primitiva. A evolução historica das religiões não póde ser violada, passando-se bruscamente do fetichismo espontaneo para um monotheismo transcendental; é esta a rasão por que o Christianismo não subsiste na sua propaganda na Africa. Na Asia, os Jesuitas como habeis, modificaram a religião christã con-

Digitized by Google

formando-a com os dogmas chinezes, mas esta concessão ardilosa, que os tornou odiosos aos crentes sinceros da Europa, não teve a efficacia desejada, e o chinez convertido regressava sem acinte ao seu culto tradicional. Nas *Cartas do Japão,* os missionarios jesuitas do seculo XVI, narrando para o seu provincial os trabalhos infructiferos da propaganda no Japão, reclamam do provincial que lhes mande padres instruidos, que resistam á cerrada dialectica dos bonzos, em vez de prégadores ferventes e exaltados que succumbem aos primeiros argumentos perdendo desde logo toda a força moral para fazerem conversões. Por este facto se vê, que já no seculo XVI a theologia dos bonzos estava em um gráo de abstracção mais elevado do que a cansada scholastica que os Jesuitas levavam para o Oriente dos seus estreitos collegios da Europa. Entre os povos hindus, nossos affins e com quem temos communidade de elementos mythicos, era de suppôr que o Christianismo se propagasse com uma natural facilidade; porém os portuguezes tiveram, como os hespanhoes na America, de recorrer á violencia bruta derrocando-lhes por explosões de polvora os seus templos, implantando em Gôa o tribunal sanguinario da Inquisição, e expulsando dos seus territorios occupados colonialmente as familias brahmanicas que não abjuravam diante do terror catholico. Se as missões portuguezas nada conseguiram, os esforços calculados dos padres inglezes, fortalecidos com outros meios suasorios mais humanos, taes como o conhecimento dos seus livros sagrados, dos seus ritos, das suas linguas, ficaram até hoje improficuos.

Digitized by Google

O grande sanskritista Muir, vendo esta impotencia da propaganda moderna, sentia-se abalado na sua crença religiosa. Diz Albert Réville, descrevendo esta situação moral do celebre indianista inglez: «quando elle ainda estava na India era um christão fervente, observador attento e maravilhado da mediocridade das missões christãs no seio das populações hindus. O facto é que não havia proporção entre estes resultados e os enormes sacrificios consentidos pelos fieis de Inglaterra. Tinha-se caminhado para a frente com a bravura da ingenuidade. As sociedades de missão viviam de um ideal pouco conforme com a historia, mas que estava consagrado pela tradição christã. Essas sociedades tinham sempre presentes as rapidas conquistas do Christianismo através do imperio romano e da Europa barbara, esses tempos heroicos em que alguns apostolos com um punhado de missionarios conseguiam converter nações inteiras, e por isso repetiam comsigo que não tendo o Evangelho perdido a sua virtude, nada impedia que as mesmas conquistas se operassem no seio das immensas possessões da corôa britannica. Havia muita simplicidade em uma tal esperança. Esqueciam-se que a rapida conversão do imperio romano e a dos povos do norte, que foi a consequencia natural, dependeram de um concurso de circumstancias intellectuaes, moraes, politicas, sociaes, que não se encontram duas vezes na historia. Dados o Evangelho e a situação religiosa e politica das populações reunidas sob o sceptro de Roma, a victoria do Christianismo nada apresenta que a philosophia da historia não explique perfeitamente; porém

Digitized by Google

no nosso tempo, e n'estas Indias immensas!... O missionario inglez desembarcava com a pretenção de inculcar aos hindus a nossa orthodoxia europêa, a nossa dogmatica e a nossa scholastica. Imaginava para si que esta população orgulhosa das suas tradições, altiva pelo seu passado, presa por todos os laços aos seus ritos e aos seus mythos tragicos, moldada tambem por uma scholastica indigena, poderia adoptar o Christianismo occidental com a mesma confiança implicita que determinára a conversão de algumas tribus selvagens» [1].

Levariamos mais longe a transcripção pela sua importancia, mas a necessidade de estabelecermos as nossas deducções obriga-nos a extractar a conclusão final: «O facto é que o Christianismo europeu, sob nenhuma das suas fórmas, penetrou ainda seriamente na população hindu». D'aqui se vê, que a propagação do Christianismo no Occidente deve explicar-se pela relação intima das fórmas da sua crença com o estado mental d'essas populações que vieram a constituir-se em nacionalidades na Edade-média. Essas populações estavam em um estado mental polytheista; os seus mythos áricos, por falta de uma systematisação dogmatica, dissolviam-se na incoherencia tradicional em contos phantasiosos, e em que o culto perdia as suas relações com o mytho a que alludia. Em Roma, os espiritos cultos e as classes elevadas dispendiam a sua actividade men-

[1] *L'Anglicanisme liberal* (*Rev. des Deux Mondes*, 15 de agosto de 1875, pag. 876).

Digitized by Google

tal na argumentação dos rhetoricos e dos sophistas como um exercicio de superioridade, e achavam-se n'esse estado de indifferença critica provocado pela presença de todos os cultos da terra na Cidade eterna que tudo conquistára. Quando essa allucinação orgiastica penetrou em Roma sob a fórma dos *Chresti*, dirigiu a sua corrente proselytica para as camadas infimas da sociedade, para as mulheres e para a população escravisada pelas conquistas romanas. N'esta propaganda não empregou as abstracções dogmaticas, que mais tarde usaram os padres gregos; serviu-se unicamente das fórmas concretas dos mythos populares existentes, evemerisou os factos e as cousas em sêres humanos, homologou tradições no que ellas tinham de analogias, e deu a ritos sem sentido a expressão allegorica á crença que propagava. Prégado por homens rudes entre populações barbaras, os seus estados mentaes achavam-se á mesma altura e entendiam-se bem. O proprio S. Paulo, que foi o verdadeiro iniciador do Christianismo, teve a consciencia da necessidade de basear a propaganda sobre a exploração d'esta rudeza popular, banindo toda a especulação philosophica ou scientifica da doutrina. São importantes os trechos da sua *Epistola aos Corinthios:*

« Porque Christo não me enviou a baptisar; senão a evangelisar, *não com sabedoria de palavras para que a Cruz de Christo se não esvaeça.* (Cap. I, 17).

« Porque está escripto: *destruirei a sapiencia dos sabios e aniquilarei a intelligencia dos entendidos.* (℣ 19).

Digitized by Google

«Que é do sabio? que é do escriba? que é do inquiridor d'este mundo? *Porventura não enlouqueceu Deus a sabedoria d'este mundo.* (ỳ 20).

«Porque pois na sabedoria de Deus, o mundo a Deus não conheceu por sabedoria, *agradou a Deus salvar aos crentes pela loucura da prégação.* (ỳ 21).

«Mas Deus escolheu o louco d'este mundo para confundir aos sabios; e o fraco d'este mundo escolheu Deus para confundir ao forte». (ỳ 27) [1].

Poderiamos citar muitas outras passagens em que se condemna a sabedoria humana como opposta á *loucura da Cruz,* nas Epistolas de S. Paulo, que assim alludia á phrase injuriosa dos homens cultos de Roma. Por essas palavras condemnava um falso saber como o que apresentavam os declamadores romanos e os sophistas gregos, que produzia um estado moral de indifferença para com todas as convicções e consequentemente sobre uma deploravel ruina dos caracteres, que se reflectiu na decadencia social.

Esta consagração da ignorancia achava nas camadas populares uma sympathia egoista, e provocava esse estado de exaltação subjectiva que deu os martyres, os visionarios e os narradores de testemunhos sem realidade, fiados no desequilibrio da peresthesia das suas faculdades. Foi n'este estado que todos tomaram as suas proprias emoções como toques divinos despertando-lhes as consciencias, e que confundindo as suas velhas cren-

1 Traducção do Padre João Ferreira d'Almeida.

Digitized by Google

ças polytheistas com a mystagogia christã, entraram n'essa elaboração espontanea de tradições oraes que produziu pela sua colleccionação os Evangelhos synopticos e os apocryphos, e ainda esses fragmentos que sobrevivem na transmissão oral pelas aldeias, quer em prosa de conto quer em romances, que não chegaram a ser compilados. Essa activa efflorescencia de tradições populares deu-se entre o vulgo, que viu sanctificada a sua ignorancia, e fez-se syncretisando todos os elementos polytheistas, e evemerisando os factos segundo o caracter então predominante n'esta época e situação dos espiritos. As tradições, vigorisadas pela *piedade incauta,* começaram a ser escriptas entre as pequenas communidades que tinham os seus directores mais ou menos instruidos; por esta circumstancia de se fixarem pela escripta para serem lidas nas reuniões secretas, é que a Egreja veiu a dar-lhes o nome peculiar de *Legendas,* ou lendas. É este verdadeiramente o campo em que se radica e desenvolve a religião christã. Quando a Egreja se torna sabia, para resistir ás polemicas dos ultimos representantes da civilisação greco-romana, ella faz uma escolha d'essas lendas populares, apropria-se de um certo numero tornando-as canonicas, e rejeita outras que lhe não convinham para o seu systema dogmatico declarando-as como apocryphas. Pelo facto da Egreja na sua constituição intima de corporação dirigente se separar do povo, e repellir-lhe as tradições, nem por isso o Christianismo pôde separar-se das lendas da sua origem, e pelo contrario foi á custa das lendas, com caracter de contos novellescos, que a doutrina se propagou entre

Digitized by Google

povos barbaros cujo polytheismo estava em uma analoga dissolução. As lendas christãs são esta parte viva, poetica e activa sobre que se implantou o monotheismo occidental; a Egreja afastando-se do povo tornou-se cada vez menos poetica, e por isso para manter a submissão moral dos povos europeus, teve de recorrer á intolerancia sanguinaria dos dominicanos, á invasão da esphera civil e á alliciação jesuitica.

Não faltaram theologos, como S. Boaventura, que reconheceram a necessidade de deixar expandir a religião christã pela fórma sentimental, no Mysticismo; e se no Christianismo se creou uma poesia ás vezes admiravel, como a dos hymnographos, foi isso devido á inspiração mystica da fé identificada com o amor. Diz Alfredo Maury, alludindo ao antagonismo entre o estado do espirito dos primeiros christãos e a sciencia greco-romana: «Quando o Christianismo appareceu, foi prégado por homens simples a homens ainda mais simples. O mais sabio dos apostolos, S. Paulo, desprezava a sciencia e não queria conhecer senão a Jesus crucificado. Nas almas enthusiastas e ingenuas, que primeiramente abraçaram a fé, não havia nenhum desejo de saber; nenhuma sêde de luz, nenhuma curiosidade pelos mysterios da natureza. Estas almas nunca tinham sentido esta necessidade activa e insaciavel de novas invenções, esta appetencia de conhecimentos de toda a ordem que foi sempre o caracter do genio. Não tinham senão uma necessidade — *amar*, e o Christianismo não lhes revelou senão uma palavra — *amor;* foi esta a expressão da lei. A palavra santa que vinha prégar este amor, que vinha

Digitized by Google

espalhar nos corações um orvalho refrigerante, no meio das angustias da vida e das miserias da existencia, chamaram-lhe a boa nova, o Evangelho » [1]. As primeiras communidades christãs, obedecendo a esse sentimento das associações romanas de caridade, chamadas Collegios sodalicios, compitalicios e funerarios, ligavam-se pelo amor fraternal, apoiado não em ideias abstractas ou doutrinas philosophicas que não tinham, mas nas narrativas phantasiosas dos mythos orientaes, que de bocca em bocca se evemerisavam n'este periodo activo da elaboração dos chamados Evangelhos apocryphos.

O amor, que se tornou o objectivo da crença nos grandes mythos do Christianismo, ainda em épocas mais avançadas da civilisação da Europa conservou esse poder da personificação, da figuração mythica dos sentimentos em lendas poeticas, como as de S. Francisco de Assis, nos stigmates, as de Santa Thereza de Jesus, no seu noivado espiritual, as de S. João da Cruz figurando a noite escura da Alma na namorada que espera o amante. Quanto póde o sentimento do amor mystico na creação das lendas, é bem evidente nas visões da paixão de Jesus escriptas por Catherina Emerich. Os espiritos não cultivados intellectualmente estão muito sujeitos a confundirem as suas impressões subjectivas com as realidades do mundo exterior; as naturezas impressionaveis e por excitações cerebraes levadas á allucinação, como as mulheres e crianças, vivem muitas vezes

---

1 *Legendes pieuses du Moyen-Age*, pag. XI.

Digitized by Google

na illusão dos sentidos, confundindo o que ouviram como se o tivessem observado. Na formação das lendas christãs esta situação psychologica da ignorancia dos primeiros adeptos e o proselytismo das mulheres histerisadas foram egualmente poderosos factores em cooperação com a decadencia do polytheismo greco-romano. Celso, um dos impugnadores do Christianismo nascente, maravilha-se da propaganda feita entre as classes rudes pela preconisação da ignorancia:

«Quereis saber como elles se exprimem? Que nenhum sabio, que nenhum intelligente, nenhum homem instruido venha para ao pé de nós; mas se algum rude existe, um mentecapto, um obscuro, que esses se cheguem com confiança». Uma doutrina que procurava os seus proselytos n'estas camadas infimas da sociedade romana e européa, não se fundava em ideias, mas em sentimentos, e esses sentimentos ou lisongeavam as paixões egoistas ou se communicavam á credulidade parva e ingenua por meio de imagens e contos que allucinavam o espirito. Celso chama a esses crentes rudes *latebrosa et lucifuga natio;* esses tecelões, pisoeiros, sapateiros, libertos e escravos, formavam uma como nação occulta, entendendo-se entre si por signaes que se tornaram ritualisticos e por narrativas tradicionaes que formaram as lendas agrupadas mais tarde nos Evangelhos. Na revisão canonica d'esses Evangelhos, os que a Egreja considerou apocryphos são aquelles que se aproximam mais das fontes populares, aquelles em que os vestigios mythicos transparecem ainda na fórma lendaria; são esses mesmos os que ainda hoje apresentam mais rela-

Digitized by Google

ções artisticas com as creações da esculptura, da poesia, da pintura da Edade-média, como se a inspiração na sua verdade tivesse comprehendido a ingenuidade crente d'esta geração de simples. A *sancta simplicitas*, que o proprio João Hus admirava na velha crédula que lançava uma acha de lenha na fogueira d'aquelle desgraçado, era estimada nos primeiros seculos da Egreja como a condição para comprehender os mysterios da nova fé. Nas orações consideravam-se « bemaventurados os pobres de espirito »; a rasão era considerada em antithese com a fé, e Agostinho proclamava: *Credo, quia absurdum!* Creio, por isso mesmo que repugna á rasão. A propria Egreja ainda em S. Jeronymo teve orgulho da sua origem desprezivel e obscura, dizendo que não nascera das Academias, mas sim *de vili plebecula*, da mais baixa ralé. O fervoroso Tertuliano exclamava na sua doutrinação: « Eu não me dirijo aos que são formados nas escólas, exercitados nas bibliothecas, que vêm despejar diante de nós os restos mal digeridos de uma sciencia adquirida nos alpendres e nas academias da Grecia. É a ti que eu fallo, alma simples, ingenua, ignorante, que nenhuma outra cousa mais aprendeste do que o que se sabe nas ruas e nas tavernas ». Para onde quer que nos voltemos, abundam os documentos d'esta apotheose da ignorancia sobre que a Egreja se implantou como instituição. Bem accentuado este caracter, que a Egreja teve de abandonar por causa do conflicto da civilisação que a supplantaria, são importantes as deducções que d'ahi se tiram, não só para explicar a actividade intensa e o audacioso syncretismo com que essas

Digitized by Google

imaginações rudes accumularam lendas de todas as proveniencias, como tambem a propria Egreja durante a Edade-média renegou a cultura greco-romana, afastando a intelligencia d'esses mananciaes da Civilisação occidental.

A Egreja nascente achava diante de si duas civilisações distinctas contra as quaes tinha de luctar; se abraçasse a cultura hellenica dissolvia-se em uma eschola philosophica, e se se apropriasse do espirito pratico dos romanos tornava-se uma facção politica. Contra estas duas correntes defendeu-se pela ignorancia dos proselytos e pelo radicalismo communista dos seus *chresti*, ou assignalados, que Tacito e Sallustio consideravam com acerto como eminente perigo social. Porém, um dia a Egreja mudou de direcção no seu estabelecimento; foi-se afastando da preconisada ignorancia, defendendo as novas doutrinas pelos escriptos apologeticos dos patrologistas gregos, e foi garantindo a sua estabilidade e tendencia absorvente ou dominadora pela imitação das fórmas administrativas dos romanos. É esta a segunda edade da Egreja, tornando-se cada vez mais sophista no desenvolvimento da sua theologia, e mais intolerante até que chega em Constantino a obter a imposição official de religião de estado. A transição acha-se nos proprios objectos da adoração, nos symbolos que ficaram populares e nos que se tornaram canonicos, nas doutrinas abstractas e nas fórmas administrativas.

Em que época determinar essa transição fundamental em que a Egreja começa a separar-se da ignorancia popular e a tornar-se theologica ou sophista, aris-

Digitized by Google

tocratica e prosaica? A transformação começou pelas ideias antes de manifestar-se nos factos; a nova religião era atacada pelos ultimos representantes da civilisação greco-romana, e a necessidade da defeza fez nascer a apologetica, ou a replica de razão contra razão. Diz Maury: «Assim esta necessidade conduziu o Christianismo a dar uma parte á rasão, a tel-a em alguma conta e a dar-lhe a consideração de tratal-a como uma faculdade que tem as suas exigencias e necessidades. Os Justino, Hermias, Athenagoras, Clemente de Alexandria, todos elles sentiam que a razão humana carece de uma resposta para as suas perguntas, ainda mesmo que fosse uma palavra severa e terrivel, castigo ou anathema» [1]. Este reconhecimento a que se chegou fóra das communidades evangelicas começa no seculo II da Egreja, e a assimilação das doutrinas philosophicas da Grecia fez-se por uma evolução natural do idealismo vago de Platão, até chegar no seculo IX ao conhecimento da philosophia physicista de Aristoteles, que por via da Egreja preponderou na Europa na fórma estavel da Scholastica. A corrente do platonismo, que se propaga desde S. Justino até S. Bernardo, é substituida pela invasão dos Arabes na Europa, que traziam o conhecimento das obras de Aristoteles, a cujas escólas os luminares da Egreja foram estudar, sendo depois o aristotelismo francamente proclamado por Alberto Magno e S. Thomaz de Aquino. O espirito dialectico da primeira edade da controversia

[1] *Essai sur les Legendes pieuses*, pag. X.

Digitized by Google

ficou na Egreja, pervertendo o aristotelismo pela Scholastica, e até os proprios mythos catholicos, como o Diabo, tornaram-se argumentadores sêccos, como Dante o representa fallando a Bonifacio VIII: «Tu no pensavi ch'io *loico* fossi!» O lado poetico da doutrina catholica conservou-se apenas em alguns mysticos, que insensivelmente se revelaram poetas, como S. Francisco de Assis, S. Boaventura, emfim tanto os italianos como os hespanhoes, que continuaram a dar vida ás primitivas lendas christãs.

No IV seculo foi a grande crise vital da religião, pelo facto do perstigio official da Egreja reconhecida legalmente por Constantino e Theodosio. A Egreja, de humilde perseguida, tornou-se altiva e intolerante perseguindo os restos do polytheismo greco-romano; já não se apparentava na *vili plebecula* de S. Jeronymo, mas queria entroncar os seus dogmas nos philosophos gregos, nos versos da Sybilla, nas Eclogas de Virgilio e nas Epistolas de Seneca. A Egreja aristocratisava-se pelos Doutores. O que se dá com o contacto popular repellido, dá-se tambem com os elementos cultuaes; Emilio Burnouf mostra como os symbolos e emblemas da *Natividade,* que persistiram até ao IV seculo, foram substituidos pelos symbolos e emblemas da *Paixão,* o que se confirma pelos monumentos iconographicos das Catacumbas, onde não apparece a figura do crucificado. O drama ou scenas tiradas das tragedias gregas, accommodadas a representar a *Paixão de Christo* (*Kristos paskon*) e attribuido a S. Gregorio Nazianzeno, é considerado por Magnin como tendo sido escripto entre o IV e o VIII

Digitized by Google

seculo [1]. O que é aqui importante n'esta chronologia litteraria é a coincidencia da formação do drama com a época em que a *Paixão* exclue do culto a *Natividade*.

Porque se fez esta substituição? É facil de explicar; o facto da Natividade, como proveniente dos mythos do Fogo, desenvolvera-se em lendas exclusivamente populares no polytheismo indo-europeu; não era facil introduzir n'elle uma interpretação allegorica, nem separal-o de certos elementos praticos e chtonianos, porque era muito material e ligado ás tradições mais antigas da Europa. O mytho de um mediador que se sacrifica, como *Agni* e *Mithra*, prestava-se á theoria da penitencia, da regeneração moral e da redempção da humanidade. Para uma religião que começava rasgando as paginas mais brilhantes do progresso humano, convinha-lhe partir da crença da decadencia do homem, e da sua missão redemptora da graça primordial perdida. O mytho da Paixão já havia encontrado na Grecia interpretações mystagogicas nas Dyonisiacas, e os proprios Padres da Egreja, como Tertuliano (*Advers. Martion.*, I, 1) viam no mytho de Prometheu acorrentado aos fraguedos do Caucaso «a imagem confusa da redempção christã» [2]. Estudando este mytho de Prometheu com os elementos fornecidos pelo conhecimento dos mythos vedicos, Albert Réville nota tambem o facto: «A doutrina da Redempção permaneceu em um plano menos do que

---

1 Patin, *Eschyle*, pag. 158.
2 Idem, *ib.*, pag. 255.

Digitized by Google

secundario do ensino ecclesiastico, pelo menos até ao tempo de Agostinho» [1]. Póde-se concluir que o ultimo dos Evangelhos apocryphos, o de *Nicodemus*, em que apparece a lenda desenvolvida da *Descida aos Infernos*, não só revela o periodo intenso d'esta nova elaboração legendaria da Paixão do mediador, como por si essa lenda accusa o conhecimento do poema de Virgilio. Se as lendas da *Natividade* são essencialmente populares, as lendas da *Paixão* derivam na sua generalidade de um trabalho erudito. Quando foi preciso um traidor para entregar Jesus, Judas foi moldado pela fatalidade tremenda de OEdipo tal como o representára Sophocles, e assim o assassino de um Deus, e que se suicida, na tradição medieval do *Mysterio da Paixão* será tambem o parricida e o marido da propria mãe [2]. Foi por este lado tragico do sacrificio que as raças vigorosas dos Germanos e Saxões se impressionaram e sensibilisaram acceitando o Christianismo; mas essas raças não se elevaram acima do lado humano, e d'aqui veiu a dissidencia religiosa do Arianismo, e as luctas religiosas da orthodoxia que embaraçou até á época da Renascença o seu advento completo á civilisação moderna.

Por causa da divindade de Jesus, ligada á preponderancia da Egreja de Roma, as raças germanicas trucidaram-se entre si, e o Arianismo estava do lado popular, como a orthodoxia do lado da auctoridade. A de-

---

1 *Revue des Deux Mondes*, 15 de agosto, 1862.

2 Joly, *Benoit de Sainte More*, I, pag. 10.

Digitized by Google

cadencia dos mythos polytheistas da raça germanica diante da religião official ou o catholicismo romano, fez com que elles se dissolvessem em lendas, que se conservaram nos *Pagi,* ou povoações isoladas dos campos; foram essas lendas que a Egreja, quando pôde, condemnou sob o nome de *Paganismo,* e quando quiz conciliar ou chamar a si essas populações assimilou nos seus dogmas deixando ficar a cousa, insufflando-lhe outro espirito.

Vê-se que n'este segundo periodo da elaboração das lendas christãs ou post-evangelicas, o espirito das antigas communidades se conservava nas egrejas nacionaes. De antes, a egreja de Roma assimilou a si todas essas communidades religiosas, afastou do culto o povo, entregando a liturgia á hierarchia sacerdotal, e lentamente veiu a annullar os Bispos até submetter os concilios ao infallibilismo do Papa. Afastando-se da sua origem popular desde o primado de Pedro até á infallibilidade de Pio IX, a egreja perdeu essa fonte de emoções poeticas que a vivificavam na alma do povo, e prosaica pelo atrazado ergotismo, reage pelo odio e conserva-se pela cavillação jesuitica.

As pequenas communidades ou associações que se estabeleceram em Roma entre aquelles que professavam a *doctrina arcani,* ou as crenças do Christo, já encontraram este typo de aggremiação entre as varias classes operarias, e não fizeram mais do que reproduzil-o, dando-lhe o fervor da organisação secreta. N'essas associações operarias, que os imperadores temiam como demagogicas, havia uma subordinação e disciplina rigo-

Digitized by Google

rosa, que lhes dava a sua força; quando o seu numero era avultado, os collegios dividiam-se em confrarias de Centurias e em Decurias. Diz Boissier: «O Christianismo, que imitou tantas cousas da organisação d'estes Collegios, transportou-a para os seus Mosteiros». E accrescenta em apoio d'esta affirmação as palavras de S. Jeronymo: «Os Cenobitas são distribuidos em *decurias* e *centurias*, de sorte que cada grupo de nove monges é dirigido pelo decimo, e por seu turno dez decuriões estão submettidos ás ordens de um centurião» [1]. A Egreja constituiu-se centralisando os elementos hierarchicos d'estas varias associações ou ecclesiolas; não podendo quebrar a *disciplina arcani*, porque essas associações, egualmente como as outras romanas que eram prohibidas, soffriam a penalidade de serem lançados ás feras os seus membros conhecidos, a egreja não pôde contrariar o espirito livre nem a credulidade espontanea das pequenas communidades. A beatificação da ignorancia, como vimos, era a necessidade de buscar força n'esses Collegios secretos de christãos. Quando a Egreja se pôde fazer reconhecer pela auctoridade temporal e as perseguições cessaram, então ella, avocando a si todo o regimen da religião, separou-se das pequenas communidades, as quaes foram sobrevivendo na fórma de Cenobios, Mosteiros, Conventos, reapparecendo a tradição da sua simplicidade primitiva nos esfor-

---

1 *Les Sociétés ouvrières à Rome* (*Rev. des Deux Mondes*, 1.º de dez. de 1871).

Digitized by Google

ços surprehendentes de S. Francisco de Assis na ordem dos Menores e dos *Fratricilli* (Terceiros), associados entre as classes operarias como na Roma imperial. A expansão poetica dos claustros franciscanos, nas *Fioretti*, por esta solidariedade da evolução do mesmo typo associativo, é extremamente semelhante a esses productos lendarios que se transmittiam e repetiam nas pequenas communidades christãs dos primeiros dois seculos da egreja, agrupados sob o titulo de Evangelhos apocryphos. Quem revelaria a Francisco de Assis este typo associativo com que no seculo XIII elle queria renovar a egreja que perdia o seu poder espiritual? Elle tinha-o nas proprias associações obreiras da Edade-média, nas Confrarias e Jurandas, cujo caracter religioso se conservava na iniciação secreta, no santo patrono, taes como as associações romanas de que eram as legitimas e ininterruptas representantes em todos os dominios do Imperio, como o prova Boissier.

Na propagação do Christianismo a força proselytica derivou-se exclusivamente do typo das pequenas Communidades religiosas, chamadas *Sodalidades*, que existiam em Roma, e nas quaes o banquete era o meio de unificação moral dos associados. Diz Boissier: «Todas as vezes que um culto estrangeiro se introduzia em Roma, ou ainda quando se construia um templo, instituia-se logo uma *Sodalidade*, que devia festejar o novo deus ou encarregar-se do serviço do templo». A evolução historica d'estas associações repete-se nas primeiras communidades christãs que reproduziram esse typo; e com a persistencia da fórma, os velhos mythos polytheis-

Digitized by Google

tas conservaram-se elaborando-se ao sabor da nova crença e revivificando-se nas lendas da Egreja nascente. É importante este phenomeno em que a organisação interna da Egreja e as bases da doutrina são conformes e solidarias em consequencia do ponto de partida das Sodalidades e dos seus elementos plebeus, de artifices e de escravos de differentes proveniencias que entre si syncretisavam os seus mythos polytheistas. Quando a Egreja se separou do povo, e se fez erudita para resistir pela dialectica theologica, não só se centralisou no papado, como desprezou as lendas primitivas do polytheismo redigidas nos Evangelhos extra-canonicos. A formação das lendas christãs deriva d'este processo historico de constituição da Egreja; e nas transformações do seu organismo social estão as explicações claras da variabilidade d'essas lendas, que, apesar de tudo, subsistiram sempre nas manifestações sentimentaes e artisticas da nova religião. As antigas Sodalidades romanas tornaram-se gradualmente politicas com o nome de *Collegia Sodalicia* e *Collegia Compitalicia,* tomando parte activa nas luctas eleitoraes; este caracter conservou-se nas communidades christãs, que elegiam os seus bispos, como hoje o corpo de cardeaes elege o papa, e como corporação politica é que a Egreja se fez reconhecer no quarto seculo, e dominou durante toda a Edade-média. Quando Roma teve o governo imperial, os *Collegia Sodalicia* eram considerados como perigosos para a ordem publica pelo seu radicalismo politico, e foi por este espirito que as communidades dos *Chrestos* se revelaram como temiveis ao Estado. Apesar das grandes severida-

Digitized by Google

des das leis imperiaes, foi sob essa pressão que os *Collegia Sodalicia* augmentaram de numero e de fervor; aproveitando esta fermentação social, os crentes da nova doutrina, pelo estimulo do segredo e das iniciações, conseguiram chamar a si as classes mais degradadas e os individuos mais ignorantes, como o exigia S. Paulo. A corrente associativa era tão forte, que o proprio imperador Alexandre Severo teve de modificar o rigor das leis, reconhecendo officialmente a sua existencia; e por toda a extensão das conquistas e colonias do imperio essas associações aggremiavam-se, multiplicavam-se, tanto no Oriente, como na Italia, nas Gallias e na Hespanha. As egrejas ou communidades christãs não tiveram mais do que aproveitar-se d'estes typos de associação, dando ao proselytismo provincial um pensamento, um intuito, e assim se acharam insensivelmente fundadas as Egrejas nacionaes. N'estas, como em Roma, existiam classes populares miseraveis, que facilmente foram alliciadas a quererem saber o *arcano* da nova doutrina; e no seu isolamento provincial, os velhos mythos polytheistas, que tinham um maior vigor nas crenças e nos costumes, vieram fundir-se na credulidade christã, e até certo ponto dando á doutrina uma exclusiva fórma concreta. Por esta situação se vê que á medida que em Roma as pequenas communidades se fossem centralisando na organisação hierarchica da Egreja, esta havia de collocar-se em uma intervenção absorvente e hostil sobre as Egrejas nacionaes. A Egreja de Roma, conservando esse espirito centralista ainda hoje, ao qual se dá o nome de *ultramontanismo,* reagiu sempre para des-

Digitized by Google

truir o sentimento e a independencia das Egrejas nacionaes, e fêl-o lentamente e gradualmente, como se vê pela extincção do culto ou rito *ambrosiano* na Italia, do rito *mosarabe* na Hespanha e ainda actualmente atacando o *gallicanismo* em França. O abandono dos velhos mythos polytheistas da sympathia popular, e a adopção de um outro mytho menos vulgar e que se prestasse a interpretações allegoricas e moraes, era o meio de conseguir que a Egreja de Roma se tornasse o fóco de toda a doutrina religiosa. Foi assim que os papas inventaram a tradição apostolica. As Egrejas nacionaes, formadas pelas povoações provinciaes dos *Pagi*, foram consideradas como eivadas de crenças *pagãs*. O *paganismo* foi o nome inventado para caracterisar as lendas derivadas dos mythos polytheistas, que até ao IV seculo persistiram na Egreja de Roma, e que depois d'esse seculo até hoje nunca pudéram ser extinctas nas populações provinciaes, reapparecendo na liturgia, nas imagens e obras de arte, nas festas civis e ainda nas superstições. A Egreja, destruindo o caracter nacional que tanto facilitára a sua implantação nos povos da Europa, foi-se tornando cada vez menos poetica, menos tolerante, e mais sanguinaria, como o canibalismo inquisitorial dos Dominicanos, e mais hostil á sociedade civil, como a Companhia de Jesus. Onde se conservar o espirito centralista, unitario e aristocratico da Egreja de Roma ahi se encontrará a seccura prosaica, a severidade mascarando a falta de crença; o terror dominando as consciencias, a pompa encobrindo a inanidade moral, a ambição politica fortalecendo a inefficacia do poder espiritual. Nada

Digitized by Google

ha que estudar aqui; a poesia e a arte, geradas n'estas condições, chegaram á sua fórma completa no humanismo pedante e na architectura chata e imagens tacanhas dos Jesuitas.

Onde se conservar o espirito popular, que fecundou a Egreja primitiva, ahi existe a inspiração poetica que a universalisou pelo sentimento, ahi a tradição viva que deu sempre á doutrina o lado humano, por onde as multidões se mantiveram firmes na sua crença, máo grado os escandalos dos bispos feudaes e dos papas atheus, como Alexandre VI e Leão X. As communidades christãs são a fonte de todas as lendas, e d'essa actividade de Evangelisação espontanea, que a Egreja rejeitou; o seu espirito transmitte-se, ou melhor, conserva-se nas egrejas nacionaes, antes de reconhecerem a supremacia romana, e é n'este periodo importante da sua historia interna que se formam as lendas agiologicas que determinaram as sanctificações locaes. Por ultimo, quando a Egreja se viu abalada pelos seus conflictos com a sociedade civil e a theologia ficou supplantada pelo espirito de livre exame, que ella condemnava como heresia, nasceram no seu proprio seio esforços sinceros para a sua regeneração, revocando-se á sua simplicidade e pobreza primitiva. Foi este o pensamento generoso e puro de S. Francisco de Assis, que alliciou a si todos os elementos populares, desde os operarios e burguezes até ás mulheres. O periodo da popularidade das ordens mendicantes ou franciscanas é aquelle em que a Egreja apresenta uma extraordinaria efflorescencia poetica, desde o *Hymno ao Sol* até ás phantasias do *Evangelho eterno*.

Digitized by Google

A Egreja sentiu-se perturbada na sua ambição politica e constituição aristocratica, e por isso os franciscanos tornaram-se-lhe suspeitos, muitos d'elles foram queimados e excommungados, e sobre a sua annullação triumpharam os dominicanos, bons argumentadores, mas sanguinariamente terriveis como Domingos de Gusmão. Emquanto a credulidade popular, revelada por essa renascença poetica dos franciscanos, lançou o seu ultimo lampejo na Europa, resto ainda da vitalidade das Egrejas nacionaes, creou-se a architectura gothica das cathedraes, que através da sua potente originalidade, se derivou evolutivamente da architectura romano-byzantina, como as lendas christãs se derivaram do decadente polytheismo. Veiu o tempo em que estas fontes poeticas se seccaram. Desde que a Egreja deixou de inspirar obras de Arte, é porque quebrou as suas relações com a alma popular, tornando-se no concilio de Trento exclusivamente aristocratica. Calaram-se os hymnographos, acabaram as sanctificações, não se fizeram mais cathedraes, perdeu-se a tradição architectonica, morreu a pintura, e a musica sagrada transformou-se em madrigaes e na Opera moderna. Extinctos os sentimentos, morre a doutrina que vivia d'elles.

Bem assentada historicamente esta dupla base da Egreja, a *origem popular*, ou das pequenas communidades religiosas formadas entre os proprios Collegios sodalicios romanos, e a constituição *aristocratica* ou a corporação hierarchico-canonica do sacerdocio, acha-se na manifestação da doutrina este duplo caracter. É facil conhecer de que lado está a fecundidade poetica, e

Digitized by Google

em que campo se fez a dissolução dos mythos polytheistas em lendas religiosas. Pela investigação d'este problema, se chega pelo exame dos complicados elementos mythicos que apparecem nos primeiros quatro seculos da Egreja, e pelos documentos iconographicos das catacumbas, á descoberta de que na parte cultual do Christianismo ha uma dupla corrente de idealisação e de crença:

1.º Até ao IV seculo tem uma preponderancia exclusiva o culto da *Natividade*, a que se chamava *disciplina arcani*. Aqui os mythos do Fogo transformam-se em lendas do nascimento do Menino; o *arani* védico transforma-se na Cruz sem crucificado, e tanto o flabellum como a Estrella dos Magos, Arvore do Natal e o Bastão de S. José são fragmentos de um systema religioso que se decompõe na imaginação popular. Pela Natividade se incorporam logicamente no systema novo as lendas das Deusas-Mães dos cultos chtonianos, que vieram mais tarde na Egreja a ter um desenvolvimento independente no culto da Virgem.

2.º Do quarto seculo por diante prepondera o culto e symbolisação ritualistica e iconographica da *Paixão*; a sua relação com o culto da Natividade facilmente se estabeleceu pelo que ha de commum entre o mytho solar do joven-deus que morre prematuramente e o mytho do Fogo, isto é, pela identificação entre Christo ou o Mediador e Agni ou o cordeiro do sacrificio. Tal é a fonte de todas as lendas da Paixão. A Egreja, tomando este dado como adaptado ás especulações theologicas sobre o sacrificio de um Mediador, ácerca do

Digitized by Google

qual já se tinham exercido os Gnosticos, com metaphysica seductora, achava péga na imaginação popular pela compaixão despertada pelas imagens. Assim as lendas da Paixão formando-se entre o povo pela simples personificação evemerista, dentro da propria Egreja desenvolveram-se com uma abundancia extrema:

A) Pela *imitação* de todas as situações da vida de Jesus, reproduzindo-se inconscientemente nas lendas dos Santos, como se póde vêr em Jacques de Voragine e nos Bollandistas. Alfred Maury comprehendeu lucidamente o facto da *imitação*, que exerceu durante toda a Edade-média a imaginação popular n'esse sentido. Desconheceu, porém, um outro facto capital, o espirito da *Parodia*, tão preponderante no genio satyrico grotesco da Edade-média.

B) A *parodia* ou *imitação grotesca*, revelada nas orações farsis, na missa do Asno, nos symbolos phallicos e lendas do Diabo, e da Missa negra da feiticeira, nasceu d'esse instincto de reacção popular contra a Egreja, que fundava a perfeição moral na mais material conformação ou *imitação* de Jesus.

Por este meio se consegue estabelecer um principio claro de classificação e de coordenação de todas as lendas christãs na sua incalculavel complexidade. Assim como os productos da rasão, a propria imaginação tem tambem as suas leis, apesar de um apparente capricho. Por mais liberdade de invenção, a imaginação vae, como um corpo que fluctua até que entra na corrente, cahir sempre no sulco das impressões tradicionaes inconscientes. A obra da imaginação é tanto mais sympa-

Digitized by Google

thica, vasta e universal, quanto ella se aproxima da corrente tradicional ou elabora esses elementos. Dizia Littré, assistindo n'este seculo ás admiraveis applicações do criterio historico-comparativo: «As leis do desenvolvimento da imaginação não são menos effectivas, e ellas aguardam um historiador que seja para ellas o que foi Comte para as sciencias» [1]. Este vasto problema tem sido estudado por partes, como a theoria dos mythos e da morphologia litteraria, e bem assim da evolução das religiões. É esta a parte que nos interessa em relação ás lendas christãs, que nos parece subordinarem-se aos seguintes principios:

a) As religiões começam pela parte *cultual:* organisam-se os ritos ou systema liturgico (*religio* equivale a *deligio* ou *deligencia*), e esses ritos são personificados no seu sentido popular ou decáem em praticas supersticiosas [2].

b) As religiões tornam-se *mythicas,* conforme se personificam os objectos do culto. A esta segunda phase hierologica pertence a creação dos Symbolos, Imagens e Emblemas, e a sua dissolução em Lendas populares pelo esquecimento do sentido doutrinal.

c) As religiões tornam-se finalmente *theologicas* quando uma classe sacerdotal interpreta os mythos ra-

---

[1] *Littérature et Histoire,* pag. 124.

[2] Alfred Maury desenvolveu sob o titulo de Symbolos figurados e Imagens emblematicas, tomando na significação popular a fórma de lenda, esta parte essencial do culto. (*Essai sur les Legendes pieuses,* III partie).

Digitized by Google

cionalmente. D'aqui a dupla corrente de systematisação doutrinaria em Dogmas, e de dissolução correlativa em Heresias. A esta corrente dissidente pertence uma nova formação de Lendas: pela regressão ás fontes tradicionaes; pela persistencia e assimilação das tradições locaes; pela fórma ascetica da *Imitação* do ideal divino, seja Buddha ou Christo; pela confusão do sentido figurado e litteral; pela apropriação de tradições universaes a uma religião em particular; pela conversão de Symbolos e Allegorias em realidades concretas.

Digitized by Google

CAPITULO II

As lendas da Santa Familia

A rehabilitação das classes inferiores da sociedade, antes do Christianismo já se achava reconhecida pela força das corporações obreiras que se haviam constituido em todos os pontos do Imperio romano. A propaganda christã escolhendo essas classes, e lisongeando-lhes a ignorancia, fallou-lhes ao sabor das suas aspirações. Essas corporações em Roma tinham caracteres differentes; os veteranos do imperio que regressavam á patria ao fim de muitos annos de trabalho presidiario, desconhecidos e desprotegidos ligavam-se entre si em pequenos collegios, conservando na sua pratica religiosa e nos seus banquetes fraternaes as recordações dos cultos polytheistas das Gallias e da Hespanha, da Africa, da Asia menor e Asia anterior, que elles pela vulgar ignorancia facilmente syncretisavam no seu espirito. Os

Digitized by Google

escravos e os libertos das grandes casas aristocraticas formavam tambem corporações ligadas pelo vinculo da fraternidade e pelo sentimento religioso de uma outra vida, sentimento que dava a essas pequenas communidades o destino de providenciarem sobre as sepulturas dos seus associados garantindo-lhes o cumprimento dos deveres funerarios para com elles. Nas corporações obreiras, em que se infiltrou o Christianismo, dominava uma rigorosa hierarchia, que veiu tambem a passar para a Egreja, e para os cenobios e mosteiros. As primeiras communidades christãs destinavam-se á commemoração dos seus martyres, aos deveres de conservação das suas sepulturas, e pelo banquete fraternal do *agape* conservavam o espirito de união com que mutuamente se fortaleciam. As associações operarias da plebe romana e das colonias estrangeiras que estavam em Roma tinham os seus deuses patronos; Minerva era a padroeira das associações de tecelões, pisoeiros, tintureiros, sapateiros, dos carpinteiros, dos curandeiros, essa *vili plebecula*, de que falla S. Jeronymo como creadora da Egreja. Foi entre as associações obreiras de Roma que se desenvolveu o Christianismo, servindo a sua organisação de Collegios para a primeira constituição da Egreja. A gente que constituia essas associações era os burriqueiros, os almocreves, os catraeiros e arraes de jangadas, os sapateiros, carpinteiros, tintureiros, taberneiros, pedreiros, cocheiros e actores, os padeiros e todos os escravos, libertos e estrangeiros que viviam em Roma. Entre esta gente rude foram recrutados os primeiros crentes, os *chresti*, assim chamados pela vileza da sua vestimenta.

Digitized by Google

As lendas evangelicas que se formaram entre estes *chresti,* traziam a imagem do meio em que nasciam: assim os apostolos eram pescadores, representados como *lenunculari*i e *scapharii;* o proprio S. José era carpinteiro para os *fabri tignari,* e mesmo Jesus era considerado no *Evangelho da Infancia* como *tintureiro:* « Um certo dia o senhor Jesus brincando e correndo com outros rapazes passou pela officina de um tintureiro que se chamava Salem; havia n'esta officina muitos panos pertencentes a diversas pessoas da cidade, e que Salem se preparava para tingir de diversas côres. Jesus, entrou na loja e arrojou tudo para a caldeira. Salem, vendo os panos estragados, poz-se a gritar: — O que é que fazes, ó filho de Maria? Prejudicas-me a mim e á gente da cidade; cada um queria a sua côr, e tu botaste tudo a perder. — O senhor Jesus respondeu: — Eu mudarei cada pano para a côr que tu quizeres. E começou a tirar os panos e cada um saia da côr que o tintureiro desejava ». Gustave Brunet diz que esta passagem é conhecida dos Persas, e que segundo o evangelho apocrypho *A infancia de Jesus Christo,* elle exercera o officio de tintureiro, sendo entre os Persas venerado como patrono dos tintureiros, e chamando-se ali ás officinas dos tintureiros officinas de Christo [1].

Esta lenda confirma singularmente a significação da palavra *Chresti,* a côr distinctiva dos escravos, e como

---

[1] *Evangelhos apocryphos,* pag. 106. Cita o Lexic. Persicum, de De la Brosse, Vb.º *Tinctorius ars.*

Digitized by Google

se evemerisou em um individuo manchado de tintas (*as chagas*) e coberto com uma capa vermelha (a purpura real).

Comprehende-se como é que o culto da Virgem foi em Roma, e em geral em todo o Occidente, o meio mais activo de propaganda da nova religião; os estrangeiros e escravos vindos da Asia menor, da Africa ou das ilhas do Mediterraneo, traziam os seus cultos de Anah, de Mylitta ou de Venus, e facilmente acceitavam o patronato da deusa Minerva commum a todas as corporações operarias. A transformação fez-se espontaneamente, sendo a força das cousas mais poderosa do que a intervenção individual de um S. Paulo, que teve o tino de aproveitar a corrente. Algumas outras corporações tinham por patrono Baccho, a fórma hellenica dos deuses solares que se sacrificam morrendo prematuramente. Outros eram *cultores Herculi*. Era este o campo em que se desenvolveram os mythos da *Natividade* e da *Paixão*, prevalecendo um sobre o outro, máo grado o plano doutrinario da Egreja nascente. As associações romanas conservaram sempre um caracter religioso, que as Jurandas da Edade-média foram perdendo, e de que vêmos o sentimento inicial ainda representado nos symbolos e emblemas com que os officios tomavam parte na procissão annual de Corpus Christi, até ainda ha mui pouco tempo. Como nas nossas capitaes no dia do Corpo de Deus, as corporações romanas saíam em procissão com as suas insignias. Quando a Egreja renegou as suas origens populares, não se esqueceu de condemnar e perseguir as associações operarias, onde as vestes

Digitized by Google

brancas, o incenso e o vinho eram elementos cultaes, bem como a commemoração dos mortos, de que a Egreja, saída d'essas *Scholae*, se arrogava o uso exclusivo. Para esta obra de destruição, os Papas serviram-se do fanatismo dos imperadores christãos, que entregaram á Egreja as suas dotações e riquezas.

A Egreja considerava-as depois do IV seculo como poderosos fócos de paganismo; portanto durante esses quatro seculos nas corporações de officios se elaboraram as lendas de origem oriental e occidental, que foram redigidas nos Evangelhos apocryphos.

O *Evangelho da Natividade*, rejeitado pela Egreja bem como o de *José o Carpinteiro*, representam as duas fórmas mais predominantes do polytheismo popular em Roma, o culto das Deusas-Mães, e o destino funerario das associações chamadas *Columbaria*, em que revive tambem o culto das cavernas e das lapinhas nas Catacumbas. Estas duas fórmas religiosas de associação vieram a confundir-se, ficando as Columbaria sob o patronato de Diana e de Cybele, e pela allucinação produzida pela implantação do culto da Deusa de Pessinunte em Roma, as mulheres formaram parte das novas sodalidades, e vieram a ser as agentes activas da propaganda do Christianismo pela transformação d'esses cultos no da Virgem Mãe. Hão de apparecer com certeza nos primeiros seculos da Egreja todos estes elementos polytheistas, os ritos da prostituição sagrada nos banquetes dos ágapes, e nos costumes das agapetas, nas lendas de *Anna*, de S. João Baptista, e nos emblemas da *pomba* phallica, e na *pedra* de Pedro; os ritos fune-

Digitized by Google

rarios d'essas associações transformam-se na lenda de S. José, que teve na Egreja um papel menos do que secundario. A razão d'esta ultima tendencia está no facto de que no primeiro seculo permittia-se a liberdade de associação para as corporações funerarias, de que o Christianismo soube aproveitar-se, e quando Septimio Severo permittiu essa liberdade ás provincias, a propaganda da nova religião achou as condições de se espalhar pelas colonias do Imperio.

Muitos dos costumes modernos, como as *Estreias* no começo do anno, e a commemoração dos *Fieis defuntos*, eram cerimonias das associações funerarias de Roma, conservadas na Egreja que se creou n'esse meio.

Conhecido tal meio e a influencia que exerceu na formação evangelica, vejamos este periodo activo da credulidade popular, profundamente poetico, d'onde a Arte moderna soube por intuição genial tirar os seus themas. Toda essa efflorescencia se acha recopilada nos *Evangelhos apocryphos*, que a Egreja desprezou. Gustave Brunet, no estudo que precede a sua traducção, diz d'elles: « Estas lendas eram poemas populares dos primeiros neophytos do culto novo; e a fé e a imaginação embellezaram-n'as incessantemente; ali se encontram fragmentos reconheciveis de composições em verso, e que eram com certeza cantados » [1]. Depois de nos mostrar a relação que existe d'essas lendas para com as grandes epopêas litterarias de Dante, Milton e Klopstock, o in-

[1] *Les Evangiles apocryphes*, pag. II, Paris, 1863.

Digitized by Google

telligente traductor, explicando uma popularidade sympathica de quatorze seculos, traça o quadro historico e moral em que se formaram esses Evangelhos: «Os gentios ainda imbuidos das fabulas da mythologia, os judeus convertidos, porém com a cabeça cheia das maravilhas que inventava a imaginação dos rabbinos, esses neophytos da vespera, espalhados por Jerusalem, por Alexandria e por Epheso, não podiam vencer de repente a sua tendencia para taes ficções. Foi sempre um caracteristico dos povos do Oriente o misturar o conto, a parabola ás materias as mais graves. Nas lendas evangelicas apocryphas ha o cunho profundo e notavel de uma fusão operada entre as opiniões antigas e os dogmas novos» [1]. O culto de um Mediador, o dogma da expiação propagado pelos orphicos, e até o proprio mithriacismo sobre que veiu a ser incorporado o Christianismo, eram crenças recentes comparadas com os velhos mythos populares do polytheismo. É por isso que os themas lendarios derivados do culto do Fogo, se renovaram nas lendas da *Natividade,* ao passo que o Evangelho que se refere á lenda mithriaca da descida aos infernos é o mais moderno, e pouco anterior ao quarto seculo. O estylo dos Evangelhos apocryphos condiz com o estado intellectual das classes operarias que repetiam as tradições, que pelo facto de serem escriptas se tornaram *Legendas.* «Redigidas no estylo popular das épocas e dos logares que as viram nascer, esses escriptos

---

[1] *Les Evangiles apocryphes,* pag. III.

Digitized by Google

eram de uma grande ingenuidade de estylo. Vê-se que elles foram traçados por homens sem arte; os rhetoricos da turbulenta Alexandria, da Grecia degenerada, não passaram por ali. Muitas repetições, simplicidades e particularidades tocantes e ingenuas, imagens graciosas, milagres que se podem considerar como parabolas engenhosas, ás vezes trechos verdadeiramente grandiosos e elevados», tal é o seu caracter [1]. São estes os documentos inconscientes que revelam a vida intima da primeira geração evangelica; não foram ainda submettidos a um systema de coordenação tradicional por onde se reconstituam as tradições polytheistas que entraram no Christianismo. Escriptos na época em que predominava a *disciplina arcani*, é n'elles que se encerram os elementos mythicos que se dissolveram nas lendas da Natividade.

1. As lendas de S. José, e o Culto da morte

Nos Evangelhos canonicos de S. Matheus e de S. Lucas apparecem vagas referencias a S. José, o que revela o intuito de eliminar as immensas lendas populares que circulavam nos primeiros seculos da egreja, ainda com um primitivo sentido mythico. Essas lendas persistem entre o povo da Europa, nos costumes, nos contos e até nos symbolos, taes como se encontram no

---

1 *Les Evangiles apocryphes*, pag. VI.

Digitized by Google

evangelho apocrypho de *José o Carpinteiro*. A vitalidade d'essas lendas em Roma, antes da recensão canonica da litteratura evangelica, attendendo a que se ligavam quasi todas a um sentido funerario, explica-se pela influencia que exerciam as *Columbaria*, ou associações commemorativas dos mortos nas primeiras communidades christãs. Sob este ponto de vista, o Evangelho de *José o Carpinteiro* é um documento de um valor extraordinario. Segundo Wallin, pertence esta serie de lendas a uma época anterior ao IV seculo; Gustave Brunet justifica a sua alta antiguidade pela referencia ás doutrinas do *Millenarismo*, que se propagaram na Egreja nos dois primeiros seculos especialmente pelo fervor de Cerintho, que proclamára que em uma nova Jerusalem Jesus Christo viria a reinar mil annos de festas nupciaes antes do juizo final. Estas doutrinas penetraram na Egreja por meio do Apocalypse, que se considerou obra do mesmo Cerintho. Comprehende-se que uma parte das abstracções das doutrinas do Gnosticismo não penetrasse nos primeiros christãos, mas tudo o que se ligava aos emblemas phallicos, como o *bastão de lyrios*, o symbolo da *pomba*, o *asno* da fugida para o Egypto, e as crenças funerarias e eschatologicas, eram o bastante para darem uma enorme popularidade a esse Evangelho.

O primeiro facto da *Historia de José o Carpinteiro* é a sua longevidade, adoptada pela arte christã, morrendo no mez de Ab, que entre os Syro-Chaldeus corresponde a parte de julho e agosto. É quando começa o solsticio hibernal, e por isso a morte das forças da na-

Digitized by Google

tureza, a tristeza e a desolação. O thema fundamental d'este evangelho apocrypho é o terror da morte, a agonia do velho carpinteiro e a lucta com os poderes das trevas pelos anjos que o protegem. Eis o pensamento do mytho com toda a sua clareza; este evangelho apresenta os symbolos que prendem as lendas de S. José aos mythos phallicos e aos mythos funerarios. Taes são o *bastão* e a *pomba*. Gubernatis accentua este duplo caracter: «S. José, o velho esteril, cuja festa se celebra no meio da quaresma, na estação da penitencia, representa assim como o seu asno, animal phallico e funerario, e o seu officio de carpinteiro, um personagem sinistro; a morte do velho phallus impotente foi evidentemente transfigurada na lenda christã sob a fórma do mytho de S. José» [1]. No Evangelho apocrypho se diz que exerceu o mister de *carpinteiro;* era preciso entregar a Virgem a um homem que lhe não tocasse, e o velho foi escolhido pela sorte de entre *doze velhos* de Israel. No Proto-Evangelho de S. Thiago-Menor desenvolve-se melhor o sentido do phallus impotente: «Sae, e convoca todos aquelles que são *viuvos* entre o povo, e que elles tragam cada um uma *varinha,* e aquelle que Deus designar por um signal será o esposo dado a Maria para a guardar. (Cap. VIII). José, tendo deixado a sua enchó, veiu com os outros. E tendo-se reunido foram ter com o grande sacerdote, depois de terem recebido as *varinhas*. O grande sacerdote pegou nas vari-

1 *Botanique zoologique,* t. I, pag. 192.

Digitized by Google

nhas de cada um, entrou no templo, orou e sahiu depois, e deu a cada qual a varinha que tinha trazido, e nenhum signal se tinha manifestado, mas quando deu a José a sua vara *sahiu-lhe uma pomba,* que foi poisar sobre a cabeça de José. E o grande sacerdote disse a José: Tu és designado pela escolha de Deus para receberes esta Virgem do Senhor e guardal-a ao pé de ti». (Cap. IX).

No *Evangelho da Natividade de Maria* vem a mesma lenda: «O grande sacerdote ordenou, segundo esta prophecia, que todos aquelles da casa de David que fossem nubis e não casados trouxessem cada um uma varinha para o altar, porque se devia recommendar e dar a Virgem em casamento áquelle *cuja varinha produzisse,* depois de trazida, *uma flôr,* e na ponta da qual o espirito do Senhor repousaria sob a fórma de uma *pomba*». (Cap. VII) [1].

S. José não tinha apresentado o seu bastão, e como nenhum dos outros reflorira, descobriram o seu retrahimento: «Assim José foi descoberto. Porque apresentou a sua *varinha* e que uma *pomba* vindo do céo poisou sobre a ponta, a todos foi manifesto que a Virgem lhe devia ser dada em casamento». (Cap. VIII). Tambem na *Historia da Natividade de Maria* (Cap. VIII) esta mesma lenda se acha desenvolvida encarecendo a de-

[1] Nos contos populares italianos o rei, para escolher um noivo para sua filha, deixa cair um lenço sobre a multidão; tambem no mesmo conto para escolher um papa solta-se uma *pomba* e aquelle em cuja cabeça poisa, esse é o escolhido.

Digitized by Google

crepitude de José: «Esta varinha era a de José, e elle *era velho* e de um aspecto miseravel, e não tinha querido reclamar a sua varinha com medo de ser obrigado a pegar em Maria. — E quando elle estendeu a mão para pegar na sua varinha, saíu da ponta da varinha *uma pomba* mais branca que a neve e de uma belleza extraordinaria, e depois de ter voado pelas abobadas do Templo, dirigiu-se para os céos. Então o povo felicitou o *velho,* dizendo-lhe: Na tua *edade avançada* foste feliz, e Deus escolheu-te para que Maria te fosse confiada» [1].

A arte christã acceitou apenas o emblema do ramo florido, como se vê no casamento da Virgem, de Raphael; nas vidas dos Santos este facto maravilhoso foi automaticamente reproduzido [2], e ainda hoje é o mais profundamente radicado na imaginação popular. Estas flores são chamadas o *bastão de S. José,* sendo o pensamento pudico uma reproducção da lenda biblica de José do Egypto. Em Bolonha uma flôr branca é chamada *bastunzein d'San Jusef,* e o Oleandro na Toscana tem o nome de *nazza di San Giuseppe* [3]. Por este ultimo facto vê-se claramente que o sentido funerario, que ia sendo prejudicado pelo *ramo de lyrios,* emblematico de S. José, foi restabelecido pela flôr do Oleandro (*nerium oleander*). Diz Gubernatis: «Na Italia, o oleandro

---

[1] Pepino casa tambem em uma edade avançada com Bertha, como vemos nas lendas epicas da França. Gubernatis, *Myth. des Plantes,* t. I, pag. 274.

[2] Alfred Maury, *Essai sur les Legendes pieuses,* pag. 75, nota 1.

[3] Gubernatis, *La Mythologie des Plantes,* t. I, pag. 192.

Digitized by Google

tem tambem uma significação sinistra e funeraria». Depois de citar differentes proverbios populares, accrescenta: «Na Toscana cobrem-se muitas vezes os mortos com as flôres do oleandro; na Sicilia este uso era tão frequente outr'ora, que deu logar á palavra *allannarari,* que significa cobrir com flôres de oleandro» [1]. Na Italia tambem se lhe dá o nome vulgar de *amazza-l'asino,* conforme a tradição conservada em Luciano e Apuleio, de que o asno teme a presença do oleandro; por esta relação vemos o sentido do *asno,* na lenda da fugida de S. José para o Egypto. Antes, porém, de explorarmos o sentido funerario expresso pela *pomba,* que sae da ponta da vara, vejamos o sentido phallico universalmente expresso pela *vara* ou o *bastão.*

No seu estudo sobre o mytho do Fogo, ao qual se ligam as lendas da Natividade, Adalbert Kuhn demonstrou á evidencia, que a vara ou bastão é o *arani,* o orgão masculo que produz a vida. Sobre este dado, interessa-nos aproveitarmos para interpretação das lendas de S. José dos resultados accumulados por Gubernatis: «O phallus principalmente, foi assemelhado sem difficuldade a uma especie de bastão animal. Os bastões do Natal, de que falla Ducange (vb.° *Ludus Natalis*) são uma reminiscencia do bastão phallico» [2]. É d'esta concepção mythica, que se derivam muitos costumes populares, como os divertimentos do Natal, como a usança do cêpo apaga-

---

[1] *Mythologie Botanique,* t. II, pag. 257.
[2] *Mythologie des Plantes,* t. I, pag. 49.

Digitized by Google

do que se guarda para livrar do raio, o uso de bater com páos ás portas como em Turim pela Semana Santa, na Allemanha e na Russia, e tambem na *vara que se lança* para descobrir thesouros. A *vara* de S. José deriva do *pramantha* védico, e pelo sentido funerario assimilado S. José a Mercurio, tem como elle a insignia do *caduceo*, que em Roma era conhecido na *férula* de Baccho, ou o *nartex*, a cana que apparece mettida nas mãos de Jesus. A férula ou thyrso bacchico é tambem florida na ponta, e o facto de se reproduzir na varinha florida de S. José, leva a inferir como a lenda se formou nas corporações funerarias que estavam sob o patronato do joven deus. A vara apparece-nos nas fórmas symbolicas do casamento; nos Abbruzzos o namorado que quer vêr se é correspondido, deixa á porta da sua amante um tronco de carvalho; no Piemonte o *bacialer* (de *baculos*) é o mensageiro amoroso; na Bretanha e na Hungria o medianeiro dos casamentos vae a casa da moça pedil-a com o distinctivo de uma vara ornada de laços e flôres [1].

A época do anno em que se assigna a morte de S. José, a sua festa no meio da quaresma, e a sua castidade ligada a uma extrema longevidade, são provas evidentes de que taes lendas derivam do mytho do triumpho do inverno ou da noite. Do phallus impotente sae a *pomba*, cujo sentido mythico é indubitavelmente funerario [2]. Na

---

[1] *Mythologie des Plantes*, t. I, pag. 62.
[2] *Mythologie zoologique*, t. III, pag. 318.

Digitized by Google

arte e poesia christã a *pomba* symbolisa a alma, quer no sentido da vida que se propaga (emblema do *Espirito Santo,* nas festas açorianas), quer no sentido da vida que se extingue; Du Méril cita um hymno de Prudencio e certas passagens das *Acta Sanctorum,* em que a alma se separa do corpo em fórma de uma pomba [1]. Esta allegoria funebre corresponde a uma realidade concreta: os collegios ou associações populares romanas, que se fundavam para garantirem a sepultura aos seus membros, intitulavam-se *Columbaria.* Gaston Boissier descreve estas associações funerarias sobre que se moldaram as primeiras communidades christãs: «Os collegios, que substituiam muitas vezes a familia para a gente pobre, tinham sido levados a construirem para os seus membros sepulturas communs... Eram edificios subterraneos nos muros dos quaes abriam pequenos nichos que continham uma ou duas urnas. Na sua origem estas *Columbaria* eram destinadas a reunir depois da sua morte os libertos e os escravos das casas ricas. — Ás vezes, os estrangeiros eram admittidos a contribuir para as despezas do monumento, e tinham naturalmente a sua parte de propriedade quando elle estava acabado. Aquelles que não tinham tumulo de familia julgavam vantajoso achar logar n'estes edificios que resistiam melhor ao tempo e á malevolencia, do que uma pobre sepultura isolada á beira de uma estrada; d'aqui veiu o habito de se associarem para a construcção de um *Co-*

---

[1] *Poésies populaires latines du Moyen âge,* pag. 319.

Digitized by Google

lumbarium em commum. Estas sociedades eram organisadas como os Collegios ordinarios, com os seus administradores que fazem edificar o *Columbarium*, seus questores que governam a caixa commum, seus decuriões, entre os quaes algumas vezes apparecem tambem mulheres. Acabado o monumento, distribuem-se os logares, recebendo cada um tantos nichos como a entrada dos seus fundos; no caso de lhe caber mais do que os que precisa, dá-os ou vende-os, — fazendo, como nas catacumbas christãs, um verdadeiro commercio de tumulos » [1]. No primeiro seculo da éra moderna generalisou-se o uso das sociedades funerarias, que Septimio Severo permittiu tambem ás provincias do Imperio. Estas associações herdavam terras e riquezas para cumprirem os seus encargos, taes como o banquete em commum, no anniversario da morte dos seus membros, e as grinaldas que se depositavam nas sepulturas dos *irmãos*, titulo com que se tratavam entre si, e as luzes ou lampadas que se conservam accesas. Diz Boissier: « Note-se que o Christianismo conservou quasi todos estes usos transformando-os; as proprias designações pouco mudaram. Quando nas inscripções pagãs, mulheres ou filhos nos dizem, que instituem estas fundações pias em memoria de seu marido ou de seu pae, *ob memoriam patris*, recordam-nos estas capellas levantadas acima das catacumbas onde os santos tinham sido enterrados, e que antes de Constantino eram chamadas

---

1 *Revue des Deux Mondes*, 1871 (dezembro, pag. 361).

Digitized by Google

Memorias dos màrtyres, *Mamoriae Martyrum*. Estas cerimonias annuaes, festins ou sacrificios, de que se encarregavam os collegios como garantia de se cumprirem para sempre, que outra cousa é senão isso a que a Egreja chama um serviço perpetuo? » [1] Taes analogias são um indicio da grande influencia que as *Columbaria* exerceram na primeira constituição da Egreja christã, que se apropriou do espirito de egualdade que reinava n'essas associações. Diz Boissier: « A época em que as sociedades funerarias tomaram uma maior extensão é precisamente aquella em que o Christianismo começava na sombra a conquista do Imperio. Como se caminhava dos dois lados no mesmo campo, e que se recrutavam no mesmo meio (libertos, escravos, estrangeiros), era difficil que se não encontrassem; entre sociedades tão similhantes e visinhas desde logo existiram communicações. Se se não póde indicar com segurança o caracter e a importancia das suas relações, é inteiramente impossivel negar a sua existencia. O illustre explorador das Catacumbas, M. de Rossi, que não é suspeito de fazer concessões aos inimigos do Christianismo, reconhece que os proprios christãos se aproveitaram activamente da tolerancia concedida aos collegios funerarios.

« As similhanças são com effeito numerosissimas entre as associações dos cultos. Os christãos tambem possuiam uma caixa commum formada pelas contribuições dos fieis, e estas contribuições pagavam-se todos os me-

[1] *Revue des Deux Mondes*, pag. 642.

Digitized by Google

zes; tambem não têm menos cuidado das sepulturas dos seus mortos, e a Egreja gastou uma grande parte dos seus rendimentos em construir os seus immensos cemiterios.

« De ambos os lados, o respeito religioso da hierarchia social se allia a um grande espirito de egualdade; os mortos de todas as condições são confundidos nas *Columbaria* como nas Catacumbas. É o suffragio de todos que nomeia os chefes, indo ás vezes eleger o mais humilde para o primeiro logar. Quando pobres libertos chegavam ás dignidades as mais elevadas dos Collegios, tambem um antigo escravo, o banqueiro Callisto, se assentava na cadeira de Pedro, occupada antes por um Cornelio. Finalmente os banquetes communs têm tanta importancia nas reuniões dos christãos como nas associações pagãs; a Egreja celebra em todas as festas o festim fraternal dos ágapes, e para honrar os martyres, os fieis jantam sobre suas sepulturas no anniversario da sua morte ». (*Ib.*, p. 648). A vitalidade d'estes costumes é tão profunda, que ainda hoje persistem na maior parte dos povos catholicos [1]. É certo que a Egreja, uma vez reconhecida como religião do estado, reagiu contra estes costumes; a eliminação da personalidade de S. José dos Evangelhos canonicos, e a sua larga importancia lendaria nos Evangelhos apocryphos revelam-nos o modo como estava ligado o seu culto ás praticas funerarias das *Columbaria*. Effectivamente a relação po-

[1] *O Povo portuguez nos seus Costumes, Crenças e Tradições.*

Digitized by Google

pular intitulada *Historia de José o Carpinteiro,* encerra trechos de hymnos e visões funerarias, de um alto valor historico. No capitulo XII descreve-se como o anjo veiu annunciar a José a hora da sua morte, e elle dirigindo-se para o templo prorompe na seguinte prece: «Oh Deus, auctor de toda a consolação, Deus de toda a misericordia e Senhor do genero humano inteiro, Deus de minha alma, de meu espirito e de meu corpo, eu te adoro supplicando, oh meu Deus e Senhor; se os meus dias estão já consummados, e se o tempo chega em que devo sair d'este mundo, envia, exoro-te, o grande Miguel, o principe dos teus anjos. Que elle permaneça commigo afim de que a minha alma miseravel saia d'este corpo debil sem soffrimento, sem temor e sem impaciencia, pois que um grande medo e uma violenta tristeza se apoderam de todos os corpos no dia da sua morte, quer sejam machos ou femeas, alimarias dos campos ou dos bosques, quer se rojem sobre a terra ou que vôem no ar. Todas as creaturas que estão debaixo do céo e nas quaes ha o espirito de vida, são feridas de horror, de um temor e de uma repugnancia extrema quando as suas almas saem dos seus corpos. Agora, oh meu Deus e Senhor, que o teu santo anjo preste a sua assistencia á minha alma e ao meu corpo até que esta separação seja operada. E que a face do anjo designado para me guardar desde o dia que eu fui formado, não se volte de mim. Mas que elle seja o meu companheiro até que me tenha conduzido a ti. Que o seu rosto seja para mim cheio de alegria e de benevolencia e que me acompanhe em paz. Não permittas que

Digitized by Google

os demonios cujo espirito é formidavel, se aproximem de mim sobre o caminho pelo qual eu devo ir até que chegue felizmente a ti. E não permittas que os guardas do paraiso me prohibam a entrada. E descobrindo as minhas culpas, não me exponhas ao opprobrio, na presença do teu tremendo tribunal. Que os leões se não precipitem sobre mim. E que as ondas do mar de fogo, que todas as almas devem atravessar, não submerjam minha alma antes de eu ter contemplado a gloria da tua divindade. Oh Deus, juiz equitativo que ha de julgar os mortos na justiça e que tratará cada um segundo as suas obras, assiste-me na tua misericordia, e esclarece-me a via por onde chegue a ti. Porque tu és a fonte abundante de todos os bens e a gloria por toda a eternidade » [1]. É o espirito que inspirou este cantico o que ainda no seculo XIII apparece no bello hymno do *Dies irae*; a crença dos anjos propagára-se entre as infimas camadas populares pelos cultos medo-persas trazidos para Roma com o mithriacismo.

No capitulo XVI do citado evangelho, no momento em que José expira, profere um cantico em fórma de dithyrambo: « Desgraçada a hora em que eu nasci n'este mundo! Desgraçadas as entranhas que me trouxeram! Desgraçados os peitos que me amamentaram! etc. » No capitulo XVIII, diz Jesus a sua mãe: « Oh minha mãe tão amada, esta mesma necessidade de morrer foi imposta a todas as creaturas que nascem n'este mundo, porque a morte obteve o seu direito assegurado so-

[1] *Evangelhos apocryphos*, pag. 27. Ed. G. Brunet.

Digitized by Google

bre todo o genero humano. E tu, minha mãe, e todos os restantes sêres humanos, deveis esperar pelo fim da vossa vida. Mas a tua morte, assim como a d'este piedoso velho, não é uma morte, mas uma entrada na vida que é eterna e que não conhece fim. E o corpo que eu recebi de ti está egualmente sujeito á morte ». Na elaboração poetica do culto funerario a morte recebe uma personificação, tal como se conservou durante toda a Edade-média nas lendas populares da *Dansa da morte;* no capitulo XVI vem essa representação mythica: « E voltando-me para o meio dia, eu vi a Morte que se aproximava e com ella todas as potencias do abysmo, seus exercitos e seus satellites. E suas vestimentas, suas boccas e rostos lançavam fogo. Quando meu pae José os viu vir para elle, seus olhos foram inundados de lagrimas. E ao mesmo tempo elle gemeu de uma maneira extraordinaria. Então, vendo a violencia dos seus suspiros, eu repelli a Morte e toda a multidão dos seus ministros de que vinha acompanhada, e invoquei meu pae misericordioso, dizendo: Oh pae de toda a clemencia, olho que vês e ouvido que escutas! Attende minhas supplicas e minhas orações pelo velho José, e envia Miguel, o principe dos teus anjos, e Gabriel, o arauto da luz, e toda a luz dos teus anjos, e que toda a sua ordem caminhe com a alma de meu pae José, até que elles t'a entreguem ». A tradição dos combates do Anjo da guarda para salvarem a alma na hora da morte, que se conservou na poesia e arte da Edade-média, aqui apparece com todo o seu vigor de crença religiosa.

Digitized by Google

O caracter funerario do Evangelho apocrypho de José o Carpinteiro revela-se sobretudo no espirito da commemoração das *Columbaria;* no capitulo XXVI vem: «E todo o mortal que tiver o cuidado de fazer as suas offerendas no dia da tua commemoração, eu o abençoarei e lhe retribuirei na assembleia das virgens. E aquelle que tiver dado alimento aos indigentes, aos pobres, ás viuvas e aos orphãos, distribuindo-lhes o fructo do trabalho de suas mãos *no dia que se celebra a tua memoria,* e em teu nome, elle não será privado de bens durante todos os dias da sua vida. Quando a sua alma desertar o seu corpo e lhe fôr preciso deixar este mundo, eu queimarei o *livro dos seus peccados,* pelo não atormentar com nenhum supplicio no *dia do juizo;* mas atravessará o mar de fogo transpondo-o sem dôr e sem obstaculo». A ideia de um *Livro dos peccados* é uma tradição rabbinica, e a sua referencia no Koran, que o indica como devendo ser consultado o anjo Gabriel no dia do juizo, é a prova da sua proveniencia medo-persa, que por outros caminhos veiu para Roma com o mithriacismo. No capitulo XXVII descreve-se como S. José é sepultado em uma *caverna:* «Finalmente levaram-no para junto da caverna, e abriram a porta para collocarem o seu corpo junto de seus paes». Correspondia isto ao costume das *Columbaria* e da Egreja que o imitava nas suas Catacumbas. Assim o culto das cavernas, que tinham um sentido phallico, como veremos no culto das *grutas* e *lapinhas* das Deusas-mães, coincide aqui perfeitamente com o sentido da *pomba* e do *bastão de lyrios* emblematicos de S. José. A via-

Digitized by Google

gem do Paraiso, que se liga, como acima vimos, á lenda de S. José, não foi esquecida na poesia da Edade-média, em outras viagens maravilhosas como a de Alexandre Magno e a de S. Brendan. No *Evangelho de José o Carpinteiro* cita-se de passagem a lenda do *Anti-Christo*, que era uma fórma apropriada ao Christianismo do Dualismo medo-persa.

2. Santa Anna e os Cultos eneanos ou hetairistas

O modo de propagação do Christianismo fez-se principalmente pela influencia das mulheres ou *Agapetas*, em Roma, que viram na nova religião uma revivescencia dos cultos hetairistas, reproduzindo as *Kedeschim*, da prostituição sagrada. A liberta Marcia, concubina do imperador Commodo (180-193), conseguiu abrandar as perseguições contra os crentes do novo rito secreto. Nos *Philosophumena* conta-se que por influencia d'esta amasia do imperador, o bispo Victor voltou para Roma, e como os martyres que trabalhavam nas minas da Sardenha foram perdoados. E comtudo dos *Philosophumena* não se conclue que Marcia fosse christã, ou baptisada; d'onde pois esta sympathia pelos *Chresti*, a não ser pela confusão dos antigos cultos hetairistas com os ritos praticados pelas agapetas? [1] É isto o que se torna evidente nas lendas da Santa Familia redigidas nos Evangelhos

[1] Uma Memoria de M. Aubé, *Le Christianisme de Marcia, la favorite de l'empereur Commode*, conclue que ella pendia para o christianismo.

Digitized by Google

apocryphos, e na preponderancia das lendas da *Natividade* até ao IV seculo, e ignorancia das lendas da *Paixão*.

Este lado hetairista do novo culto só modernamente tem sido investigado, achando-se ainda muitos vestigios nas superstições populares, e em numerosos ritos ligados ás cerimonias da Egreja. Este systema religioso eneano ou hetairista que precedeu no Occidente a entrada das raças áricas, e que se confundiu desde logo com o seu polytheismo meteorologico, apresenta um duplo typo da divindade feminina, a *Dea-Meretrix*, como Mylitta, Aphrodite, Venus Volgivaga, Magdalena, e a *Virgem-Mãe*, como Artemis, Astarte, Martha. As modernas descobertas da civilisação accádica vieram revelar este fundo religioso na sua unidade organica, e tornar intelligiveis os mythos confusos da época babylonica, a sua dissolução entre as raças semitas, e a mistura com os mythos greco-romanos, alguns dos quaes entraram nas creações litterarias como as lendas de Dido, ou *Elissa*, e as migrações eneanas personificadas no *pius Enéas*. Na redacção litteraria da época evangelica este elemento popular e cultual foi caracterisado com toda a evidencia; lê-se no Evangelho de S. Matheus: «Eu vos digo em verdade, que os publicanos e as *mulheres prostitutas* entrarão de preferencia a vós, no reino de Deus. — ... porque os publicanos e as *mulheres prostitutas* acreditaram» (XXI, *v.* 31 e 32). O orthodoxo Calmet, no Diccionario da Biblia, diz que: «Os nomes de *Anna* e *Joachin* não se lêem nos escriptos canonicos do Novo Testamento...» Estes nomes entraram nas lendas christãs

Digitized by Google

com os caracteres que tinham nas mythologias e tradições do Oriente, conservados nas crenças populares.

Nas *Inscripções cuneiformes,* publicadas por H. Rawlinson e Norris, vem a seguinte imprecação:

« A prostituta sagrada de coração impuro, que abandona o logar da prostituição, a prostituta do deus *Anna,* que não cumpre o seu serviço, na noite do começo do *mez incompleto,* a hierodula que culposamente falta no seu logar, que não flagella o seu peito, que não faz com a mão resoar o pandeiro. . . » [1]

Muitas d'estas allusões existem nas tradições e superstições populares européas; o caracter orgiastico de *Santa Anna,* encontra-se n'estas cantigas:

« Senhora Santa *Anna,*
Dae-me outro marido,
Que este que eu tenho
Não dorme commigo.

— Senhora Santa Anna,
Esta mulher mente,
Que eu durmo com ella
E não a contento. »

A referencia ao *mez incompleto,* acha-se no Romanceiro popular:

Era pelo mez de Abril,
De maio, *antes um dia...*

---

[1] Apud Lenormant, *La Magie chez les Chaldéens,* pag. 4.

Digitized by Google

O uso da *flagellação* appareceu na ascése christã, desde a sua origem [1], e no seculo XII, quando se generalisou a confissão, os padres flagellavam as penitentes fechando-se secretamente com ellas. Mais tarde levantou-se a monomania dos *Flagellantes,* ou procissões dos nús, que se propagou durante todo o seculo XIII [2].

O toque do *pandeiro* ou *adufe,* nos Idus de Fevereiro, era no seculo XIV prohibido em Portugal ás mulheres, com penas severas, como se vê pelo extracto de um documento publicado no *Elucidario* de Viterbo.

A lenda de Santa Anna apresenta todos os elementos essenciaes do culto da prostituição sagrada, que entre os povos semitas se prestava á deusa *Annah.* As situações da vida de Santa Anna, no *Proto-Evangelho de S. Thiago Menor,* no *Evangelho da Natividade de Maria,* e na *Historia da Natividade de Maria e da Infancia do Salvador,* condizem com os elementos cultuaes da deusa hetairista *Annah,* por fórma que esses Evangelhos populares são uma remodelação das crenças primitivas do Occidente da Europa. É em uma festa de Israel, que

---

1 Dulaure, *Des divinités génératrices,* pag. 354. Du Cange, v, *Palmata.*

2 Nas cantigas populares a S. João ha uma reminiscencia á flagellação das hierodulas, n'esta quadra:

Na noite de S. João
Muita pancada apanhei,
Por causa de uma alcachofra
Que por o meu amor deitei.

Digitized by Google

o velho *pastor* Joachin é repellido pelo sacerdote, por falta de progenitura, circumstancia que o inhibe de apresentar as suas offerendas: «A grande festa do Senhor chegou, e os filhos de Israel apresentavam as suas offertas, e Ruben levantou-se contra Joachin, dizendo: — Não te compete apresentar a tua offerenda, porque tu não tens progenitura em Israel». A festa é a das *Succoth-Benoth,* em que se entregavam á prostituição religiosa. Joachin retira-se para uma *montanha* [1].

O nome de *Joachin,* o marido de *Anna,* leva-nos a fixar o systema cultual a que pertence esta lenda. Na mythologia accádica, os deuses fundamentaes são *Anna,* que representa o céo, e Eâ, na fórma de *Zi-kia,* o espirito da terra [2]. Na grande inscripção de Khorsabad, acha-se uma referencia ao templo de *Yakhin,* cujo caracter de divindade geradora apparece nas lendas judaicas do *Livro de Henoch,* como um demonio *Yekim,* que tem o poder de seduzir as filhas dos anjos bons, fazendo-as descer á terra [3].

Pelo seu lado, *Annah,* «deplorando a sua viuvez e esterilidade», vê que é chegada a festa e que não lhe é permittido chorar, e toma o seu manto, orna a sua cabeça (á maneira de deusa, simulando uma torre) e apresenta a apparencia de uma *rainha:* «ella ornou a sua cabeça, e vestiu-se com as roupas de nupcias. E, pela

---

1 *Proto-Evangelho,* cap. I.
2 Lenormant, *La Magie chez les Chaldéens,* pag. 140.
3 Jules Baissac, *Origines de la Religion,* II, 288.

Digitized by Google

nona hora, *desceu ao jardim* para passear, e vendo um loureiro, sentou-se debaixo dirigindo a sua prece ao Senhor... Ao olhar para o céo viu sobre o loureiro [1] um ninho de pardal ». (Cap. II e III).

No *Evangelho da Natividade de Maria,* Joachin tem uma visão em que lhe é communicado que cessou a esterilidade de Anna: « Eis aqui o signal das coisas que eu te annuncio. Quando tu chegares á *porta de ouro,* que está em Jerusalem, tu ahi acharás Anna tua esposa, *Anna que virá ao teu encontro...* » (Cap. III). Feita a mesma revelação a Anna, diz-lhe o anjo: « Levanta-te e vae a Jerusalem, e quando tiveres chegado á *porta de ouro,* assim chamada porque é dourada, tu encontrarás por signal teu marido diante de ti... » [2]. Na *Historia da Natividade de Maria e da Infancia do Salvador,* torna-se a repetir a lenda da porta dourada; o anjo diz a Joachin: « Desce da *montanha* e volta para tua esposa »; e a Anna: « Vae á *porta* que se chama *dourada,* e parte ao encontro de teu marido, porque elle virá para ti hoje ». Ella ergueu-se promptamente, poz-se a caminho com as suas servas, e deixou-se ficar ao pé d'esta porta chorando: depois d'ella ter esperado muito tempo, e quando estava quasi desalentada de esperar tanto tempo, ao levantar os olhos, viu Joachin que vinha vindo com os seus rebanhos. Anna correu e lançou-

---

[1] Segundo Donato, o *loureiro* era sagrado para as mães.

[2] *Evangelho da Natividade,* cap. IV; *dourada* é uma traducção do grego *dorata,* a lança do culto eneano.

Digitized by Google

se-lhe ao pescoço, dando graças a Deus e dizendo: «Eu era viuva, e agora já não serei esteril, e eis que conceberei» [1]. A *porta dourada* pertence ao rito da prostituição sagrada, onde á entrada das cidades as mulheres se entregavam aos que passavam, principalmente estrangeiros, como se vê entre os costumes dos Amorrheos; Gustave Brunet cita o episodio de Thamar, que explica melhor o costume: «Thamar ornata sponsalibus ornamenta, *ad portam civitatis sedit.* Lex enim Amorrheorum est, nuptam præsidere in fornicatione per septem dies juxta portam» [2]. Nas superstições populares persiste o espirito d'este culto hetairista de Santa Anna, syncretisado sobre os elementos ritualisticos da Deusa Annah. Gil Vicente traz a Oração popular em que se allude á *porta dourada* e ao *loureiro:*

Estava Santa Anna ao pé do loureiro,
Veiu o Anjo por mensageiro:
— Vae-te á *porta de ouro,* acharás teu parceiro;
Tira a roca e abraça-o primeiro.
Vae Joaquim após o carneiro,
E n'aquella hora em que Deus verdadeiro
Concebeu Anna em limpo celleiro,
A Santa Maria rezou o salteiro
Que já o quebranto cahiu no ribeiro [3].

Nas superstições populares a *porta* é o logar especial onde se fazem os amavios. Em Luiz de La Penha, feiti-

---

1 *Hist. da Natividade,* cap. v.
2 *Les Evangiles apocryphes,* pag. 352.
3 Obras, t. II, pag. 13.

Digitized by Google

ceiro condemnado em Evora em 1626, «*pera que huma pessoa dê a outra tudo aquillo que lhe pedir*: pôr-se-ha huma pessoa núa sem camisa com os braços e pés cruzados e dirá o seguinte:

Portal, portalejo,
aqui me cruso e omilho,
por onde (*fulano*) entrou;
com tres enforquados,
e tres degolados,
e tres mortos a ferro por amores,
e nove varas de marmeleiro,
que lhe toquem no coração
para que me diga o que souber
e me dê o que tiver».

Depois de uma reza ordinaria, segue-se o resto da fórmula:

«não t'o dou, nem te offeresso
até me não vires fallar,
pera te eu perguntar
aquillo que eu quizer;

e isto far-se-ha nove noutes sem candea, ha de estar *á couceira da porta* em pé; e no *portal* da casa aonde isto se fizer ha de ter entrado por elle a pessoa que quizerem fazer o que quizerem» [1].

No culto de *Annah* era o elemento feminino que se consagrava; de facto Santa Anna tem uma filha, vatici-

[1] *Processo*, no Archivo Nac., n.º 8:179; ap. Positivismo.

Digitized by Google

e fazer-me acreditar que foi o anjo do Senhor que a poz gravida? Póde ser que alguem fingisse que era o anjo do Senhor, com o fito de a enganar» [1].

No culto de *Annah* apparece a fórma da *Virgem Meretrix;* no *Evangelho da Natividade de Maria,* Santa Anna vem vagamente indicada como Virgem: «havia quasi vinte annos que elles viviam em um *casto casamento,* sem terem filhos» [2]. Nas tradições da Edade-média, os mysticos continuaram a considerar Santa Anna como Virgem [3]; a virgindade de Maria só muito tarde é que veiu a tornar-se uma imposição dogmatica da Egreja, quando já os cultos femininos do Occidente da Europa, de *Annah,* de *Maria* e Martha, das deusas-mães e virgens-meretrizes, estavam esquecidos. Nos cantos populares Santa Anna ainda conserva este caracter hetairista, como já vimos, e allude-se tambem á fórma do seu templo, o *monte* ou seio maternal (*in statu pregnationis*).

A esposa adultera do romance popular intitulado o *Bernal francez,* tem o nome de *Anna,* e recebe o amante em um jardim como nas *Succoth Benoth:*

Peguei n'elle nos meus braços
Levei-o para o jardim,
Mandei lavar pés e mãos
Em águinha de alecrim...

---

1 Ibid., cap. x.

2 Cap. i.

3 J. B. Thiers, *Traité des Superstitions,* t. ii, pag. 302; ap. G. Brunet, *Evangiles apocr.,* pag. 168.

Digitized by Google

A mulher com quem casares
Seja *Anna* como a mim; etc. [1]

Nas cantigas populares o nome de *Anna* liga-se a uma tradição sensual:

Oh *Anna*, tres vezes *Anna*,
Oh Anna feita de cêra,
Quem fôra braza de lume,
Anna, que te derretera! [2]

Nas parlendas populares de Villa Nova de Gaia, ha ainda a persistencia de certos elementos do culto eneano de Annah:

Anna, Magana,
Rabo de cana,
Fita vermelha
Rabo de ovelha.

Anna Ganilha, está doente
Do mal que le dura sempre;
Mandou chamar o padre-cura,
P'ra le dar a dependura.

---

[1] *Romanceiro geral*, n.º 13.

[2] Uma cantiga andaluza personifica a mulher com o nome de *Anna*:

Entre las arboles todas
Se señorea el laurel,
Entre las mujeres *Ana*,
Entre flores el clavel.

Digitized by Google

Padre cura chegou a casa,
Arrumou-a lá para um canto,
Deitou-a em cima de um banco,
Deu-le co'a fava,
Deu-le co'a ervilha,
Deu-le co'o mal
Da Anna Ganilha [1].

N'esta parlenda, o nome de *Ganilha* e a referencia ao padre-cura explicam-se pelo nome dos sacerdotes *Salii Collini* e *Salii Aganales*, do culto de Marte Gradivus ligado ao culto de Anna [2]. A *fava* tem um sentido phallico, que persistiu nas praticas da feiticeria da Edade-média; e na Sicilia e Toscana, as raparigas que querem casar ou saber como ha de ser o seu marido mettem tres favas em um saquinho, e conforme a que sae inteira, escascada ou sem olho, assim o marido ha de ser rico, pobre ou doente [3]. A *ervilha* tem um extraordinario perstigio nas tradições indo-européas; nos costumes chinezes semeiam-se ervilhas em um vaso para grelarem, amarrando-se depois com um fio de sêda, e esta cerimonia que se faz na noite do setimo mez da lua, chama-se *plantar a vida* [4].

Alfred Maury cita a lenda de uma biblia do seculo XIII, em que um veado vem trazer de comer a Santa

---

[1] Vieira de Andrade, *Rimas populares* (Folhetim da *Aurora do Cávado*).

[2] Baissac, *Origines de la Religion*, t. I, pag. 278.

[3] Gubernatis, *La Mythologie des Plantes*, t. II, pag. 136.

[4] Idem, ib., pag. 299.

Digitized by Google

Anna [1]. No culto eneano de Astarte, ella é designada Astarte *com cornos,* Aschtharoth Karnaim; o que nos leva a inferir como na tradição se conservou o emblema da deusa Anna, já sem ser comprehendido. As pelles de gorgonas penduradas no templo de Carthago por Hannan, são representadas como emblema na arte para as figuras tradicionaes de S. João Baptista, que, como adiante veremos, é um elemento d'este culto eneano. A fórma do templo de Annah é um *tumulus* ou monte artificial, representando um seio materno [2]; em uma cantiga popular de Vianna se diz:

Senhora *Santa Anna*
Subiu ao monte,
Aonde se assentou
Abriu uma fonte.

Oh! que agua tão dôce,
Oh que agua tão bella!
Anjinhos do céo
Vinde beber d'ella [3].

Baissac faz notar, que «uma das condições essenciaes dos primeiros estabelecimentos religiosos chtonianos ou eneanos era a *visinhança da agua* e o abrigo

---

1 *Essai sur les Legendes pieuses,* pag. 170.
2 Baissac, *Origines de la Religion,* t. I, pag. 199.
3 Ap. Leite de Vasconcellos, *Tradições,* pag. 73.

Digitized by Google

da *montanha* ou de uma elevação qualquer. . . » [1] N'esta cantiga, os *anjinhos* do céo são a expressão concreta do epitheto de kourotrophes (amamentadora de crianças) dado á Deusa-Mãe Artemis do culto eneano de Epheso.

3. As lendas de Santa Isabel e de S. João Baptista

O nome de *Elisabeth,* a mãe do precursor, e prima da Virgem-Mãe, decompõe-se na fórma de *Elissa-Beit,* isto é, o templo da « forte deusa », cujo culto tambem existia além de Carthago em Epheso, como se vê no epitheto de Artemis *Elusia* [2]. O Christianismo propagou-se da Africa para a peninsula hispanica, e a necessidade de apropriar-se dos cultos eneanos das orlas mediterraneas, fez com que a lenda de *Anna* trouxesse comsigo elementos secundarios, como na lenda de Dido a tradição de Anna, que era o seu aspecto hetairista, se converteu em irmã e confidente da rainha carthagineza. Brochart dá como origem do nome de *Elissa* a fórma *El-Ischah,* significando a virago; porém Baissac segue a interpretação de Movers, no sentido da « forte deusa ». No culto da Virgem-mãe dá-se-lhe o nome de Mulher-forte, mas destaca-se o nome de *Elissa* para designar sua prima.

« As pyras symbolicas das festas eneanas orientaes,

---

[1] Op. cit., pag. 231.

[2] J. Baissac, *Origines de la Religion,* t. I, pag. 256.

Digitized by Google

em que o Sol é queimado em effigie », como diz Baissac, são as fogueiras que nas festas christãs andam ligadas a João, o filho de Elissa-bet. Nas festas das Sakea, Zakarias, o rei da agra [1], tem o nome de Zogan, (*Zoganes,* em grego, ou o *Johanes*) e trajava uma tunica vermelha, tal como é representado o Christo. Estas origens explicam-nos o caracter proprio da lenda de *D. João,* e ao mesmo tempo nos remontam ás origens accádicas de taes divindades semitas. O *Zoganes* da festa hetairica das Succoth-Benoth é logicamente filho do templo de Elissa, *Elissa-Bet;* n'este templo em Carthago, segundo a tradição referida por Silio Italico, existia uma espada (*Pun.,* I, 90): « Esta espada, diz Baissac, representava symbolicamente o *phalus*... Se se restitue o nome inteiro de Sicheu (o esposo assassinado ou mudo de Elissa) o qual, segundo Servio o scholiaste de Virgilio, era Sicharbas, tem-se um composto semita *Zekhi herb,* cujo sentido é precisamente aquelle do latim *hasta pura* » [2]. Este nome semita da lança corresponde exactamente ao de *Zacharias,* o pae mudo de João. Nas festas de S. João havia além do salto das *fogueiras* o *jogo de canas* ou de lanças, que correspondem a este symbolo do *Zakhi herb* [3]. O orthodoxo Calmet, no Diccionario da

---

[1] *Reinages,* em França; *Reinados,* no Brazil; *Imperios,* nos Açores.

[2] Idem, ibid., pag. 260.

[3] A persistencia do culto hetairista de Elissa apparece em Portugal: « No monte de Santa Luzia (Minho) ha um Santo *Elyseu*

Digitized by Google

Biblia, affirma que «tudo o que se diz do pae e mãe de Elisabeth, não tem o minimo fundamento». As fórmas do culto eneano revelam-se na fuga de Elisabeth para a *montanha*, para occultar o filho da perseguição: «A gruta que S. João tinha escolhido no meio do rochedo era em fórma de cellula natural, e onde se penetra a custo; tinha ao pé uma fonte de agua nativa, que se escapa pelas fendas do rochedo», como se relata em Calmet.

A lenda popular da degolação de S. João traz implicita a seducção amorosa e as dansas da festa hetairista da hierodula personificada em Herodiade. Ozanan conta esta lenda de S. João, tal como anda na poesia latina da Edade-média: «Contava-se que a filha de Herodes, possuida de um *amor criminoso* por S. João Baptista, não pudéra occultar a seu pae o segredo da sua paixão. Herodes, furioso, vingou-se pelo supplicio do propheta. Então a princeza mandou vir em um prato a cabeça sagrada, e tomando-a nas mãos quiz imprimir-lhe um beijo com os labios impuros. A cabeça virou-se, soprando sobre ella; e a virgem culpada, arrebatada

---

em um nicho, aonde as moças vão ás quartas-feiras, e virando o santo para ellas lhe atiram com uma pedra e dizem:

— Oh meu Santo *Elyseu*,
Casar quero eu!

Leite de Vasconcellos, que colligiu este facto, diz que a uma legua da Peneda, concelho dos Arcos, ha um penedo dos casamentos a que é costume atirar pedras. (*Vanguarda*, n.º 34, 1880).

Digitized by Google

por este sôpro, voou pelos ares. Accrescentava-se que cada noite Herodiade recomeçava a sua carreira aéria, que não deveria acabar senão no fim do mundo...» [1] A mesma morte do Baptista tiveram-na Pentheu pela mão de sua mãe e suas irmãs, Orpheu na Thracia, e Lycurgos em Nysa; vê-se que é uma apropriação dos cultos orgiasticos, em que ha tambem uma fórma de virgindade nativa. O grito bacchico da orgia *Io Evan*, parece personificar-se na fórma de *Iohanes*. As bacchantes que usavam o thyrso, eram hieródulas que faziam voto de castidade, e que segundo Euripides e Nonnus se defendiam violentamente contra os que as atacavam. É importante esta lenda de Herodiade, pelas suas relações com a lenda do *Judeu Errante*, e com a de Malco (*Malik*). Ozanam aponta como uma das redacções mais antigas da lenda de Herodiade, a que se acha nas *Præloquia*, do bispo de Verona, Rathier, morto em 974 [2]; na redacção latina do poema do *Renard* (Rheinardus, 1139-1164) vem desenvolvida, e segundo Ozanam, imitando a fórma das narrativas de Ovidio. A perdição e seducção das mulheres pelo typo lendario de *D. João* tem evidentemente origem n'estes vestigios dos cultos orgiasticos. Os banhos nas ribeiras no dia de S. João é um costume que ainda persiste em Portugal; Ozanam allude ao seu caracter cultual: «No seculo XIV, Petrarcha achando-se em Colonia, na vespera de S. João,

---

[1] *Les Germains avant le Christianisme*, pag. 72. É a judia errante Pharaylda, que se torna a Judeia.

[2] Apud Martène e Durand, IX, 798.

Digitized by Google

observou uma solemnidade que o impressionou, e que deixou descripta nas suas cartas. As mulheres da cidade, coroadas de flôres, tinham-se reunido á borda do Rheno; ali ellas se ajoelharam para immergirem na agua as mãos e os braços, murmurando palavras supersticiosas: era uma persuasão geral, que o rio levava com a ablução d'este dia todos os males que ameaçavam o anno» [1]. Por este rito se vê que a lenda do Baptista se liga ao culto dos charcos e das ribeiras, que se conhece nas fórmas de Artemis *potamia* ou *limnœa*.

Assim como nas lendas de S. José se vêem os vestigios do *culto phallico* em contraposição com o *culto hetairista* da prostituição sagrada da deusa Annah, conservado nas lendas de Santa Anna, a mesma opposição se observa nas lendas de S. João Baptista, essencialmente phallicas. Os seus caracteres conservaram-se na imaginação popular, identificando-o com os Satyros pagãos, ou vestido com o surrão de pelles ou perseguindo as mulheres como os demonios incubos. A sua morte é causada por uma mulher, Herodias, bailadeira ou hetaira, que, segundo a lenda, pede a sua cabeça em premio. Os Satyros eram chamados *ficarius*, por causa das pontas ou cornos que tinham na cabeça (*ficus, fici*). S. João Baptista tem a figueira como arvore que lhe é consagrada. Nos Contos de Pomigliano figura uma figueira temporã, que faz nascer os cornos a quem lhe come os figos [2]; a *flór*

---

1 *Les Germains avant le Christianisme*, pag. 68.

2 *Rev. des Deux Mondes*, 1.º de Nov. de 1877, pag. 149.

Digitized by Google

do feito, colhida na noite de S. João, dá um grande poder ao homem sobre a vontade de todas as mulheres. Ha aqui uma identificação do *feito* com o *fatuus*, nome que se dava aos Satyros. Os principaes philtros amorosos são celebrados na noite de S. João em todos os povos. As cantigas populares conservam situações phallicas referentes a este typo lendario da Santa Familia:

S. João por vêr as moças
Fez uma ponte de prata;
As moças não vão por ella
S. João todo se mata.

S. João foi para o mar
Com vinte e cinco donzellas;
Embarca, não desembarca,
S. João no meio d'ellas.

A lenda de S. João implantou-se nos povos indo-europeus sobre elementos polytheistas solares; d'aqui a sua vitalidade. As litteraturas e Arte européa desde o fim do seculo XVI desenvolveram em creações estheticas este typo phallico.

O modo como o culto e lendas de S. João se ligam ás lendas e ritos do Natal, reconhece-se pelo seu sentido solar; á festa do *solsticio do Inverno*, que os Persas celebravam em 25 de dezembro (*Mirrhagan*), havia a sua correlativa ao *equinocio da primavera* (Mihirgan) como indicam Creuzer e Guiguiaut. Se os primeiros christãos receberam do Mithriacismo em Roma os ritos particulares do Natal, forçosamente acceitaram o systema cultual, celebrando tambem o equinocio da pri-

Digitized by Google

mavera personificado no S. João. Em um Sermão de S. Eloy, do seculo VII, enumerando as crenças pagãs que se devem evitar, diz-se: «Que na festa de *S. João,* e em outras solemnidades dos santos, *que se não faça caso do solsticio...* » [1] O somno de S. João, e o esquecimento do seu dia, é celebrado nas cantigas populares como reminiscencia do sentido astronomico.

4. A Lenda de D. João

Nem sempre as grandes concepções litterarias e artisticas conservam as suas relações naturaes com os elementos tradicionaes primitivos d'onde ellas derivam; as creações individuaes do genio tomaram um tal desenvolvimento e intencionalidade philosophica, que o germen popular que lhe deu nascimento ficou esquecido, apagado, conservado quando muito entre o tropel das lendas indistinctas e sem sentido. O typo de *D. João,* o seductor de todas as mulheres, o heroe da epopêa do amor, acha-se universalisado nas obras primas do theatro, da poesia e da musica; mas as relações moraes com esta entidade, o interesse que se liga ás suas aventuras de balcão e de alcôva é maior e mais profundo do que a impressão produzida pelos dramas de Tirso de Molina e Molière, pela opera de Mozart e pelo poema de Byron. É porque existem raizes tradicionaes, que universalisam pela sua latente sympathia esse typo dissoluto, menos

[1] *Acta Sanctorum Belgii,* t. III, pag. 245.

Digitized by Google

poetico comtudo na obra litteraria, apesar da suprema capacidade dos genios que o idealisaram.

A tradição dom-joanesca está totalmente esquecida, os seus elementos estão desmembrados ou transformados, e só com um paciente esforço é que ella poderá ser reconstituida em todas as suas fórmas. Como na lenda do *Fausto*, ha tambem na de *D. João* os vestigios mythicos que se transformaram em contos populares; podem mesmo considerar-se estas duas tradições dilectas da Renascença, como as duas syntheses poeticas do genio septentrional e meridional da civilisação da Europa. O typo de D. João tem sido estudado unicamente na sua expressão philosophica, determinada pela arte e pela litteratura; ninguem mesmo suspeitará, que esta idealisação deriva de lendas populares, e muito menos ainda que essas lendas são os vestigios inconscientes de velhas crenças e superstições religiosas.

Assim como a Edade-média julgou a Sciencia uma suggestão orgulhosa do Diabo, tambem acreditou que o Amor era uma fascinação demoniaca, uma tentação irresistivel, contra a qual inventou as penitencias. As crenças demoniacas do poder do amor tinham condições de popularidade, e a feiticeria da Edade-média legou-nos esses philtros e esconjuros para se ser amado e para possuir o dom da sympathia, que ainda hoje se usam nas classes mais atrazadas da sociedade.

Isto, que para nós é hoje uma abusão popular, foi um systema religioso, que pela sua decadencia diante do Catholicismo da Edade-média se converteu em entidade malevola, como se vê pela crença do Diabo-Venus, e

Digitized by Google

dos demonios-incubos. Portanto podemos remontar por meio d'esses vestigios magicos á fórma inicial de que a Edade-média foi a herdeira inconsciente. Existiu na Europa uma corrente de Chaldaismo, ou transmissão erudita de cultos magicos, e mesmo nas superstições populares ha vestigios de cultos accádicos, provenientes da primeira raça asiatica que occupou a Europa antes dos Arias. É n'esses cultos, e pela revivescencia produzida pelo Chaldaismo, que vamos encontrar a entidade demoniaca da seducção amorosa. Lenormant, nas *Origens da Historia,* interpretando a tradição dos amores dos anjos pelas filhas dos homens, citada pelo Genesis, consigna a crença nos demonios lascivos, seductores das mulheres, a que o livro apocrypho de Adão dá o nome de *'Hengê:*

«A passagem mais curiosa a este respeito é a que encerra o livro de Adão, em uma declamação contra os ascetas e anachoretas: = Então as Lelioto fêmeas se aproximam d'elles e dormem com elles para receberem a sua semente e ficarem gravidas. Então nascem os *Schidê* (demonios) e os *'Hengê,* que se lançam para as filhas dos homens. — Assim da união dos incubos fêmeas com os homens, suppôz-se nas crenças sabiannas, que nasciam os demonios masculinos lascivos. Estes *'Hengue,* cujo nome significa os *Saltadores*... são equiparados aos Satyros da mythologia phenicia, e que S. Jeronymo define *incubones vel Satyros; vel sylvestres quosdam homines, quis nonnulli Fatuos ficarios vocant.* Elle lhes dá essencialmente o caracter de incubos, como tambem entre os judeus Moisés Maimonides, porque a supersti-

Digitized by Google

ção antiga acreditava que os Satyros atacavam na realidade as mulheres, crença acceite por Santo Agostinho » [1]. A superstição judeo-babylonica propagada na Europa, e a crença gauleza dos *Dusios*, ou divindades demoniacas seductoras das mulheres, vieram na época da Renascença a personificar-se em typos individuaes; a origem demoniaca dos *'Hengê* pelo coito das Lelioto com os anachoretas e ascetas, parece conservar-se n'esses typos populares de Frei João des Entomures, e do Frei João da Morena, do romanceiro tradicional portuguez.

O nome de *João* conservou sempre nas superstições vulgares um certo perstigio magico, como se vê pelo valor ligado ás missas, rezas e bençãos ditas por um clerigo com o nome de *João* [2]. Nas constituições synodaes do Bispado de Lamego, de 1639, prohibe-se a pratica supersticiosa da missa «que ha de ser dita *por clerigo, que se chame João*». (Liv. v, tit. viii, cap. iii). A lenda de S. João tambem tem relações com os demonios sen-

---

[1] *Les origines de l'Histoire*, c. i, pag. 323.

[2] Nas lendas religiosas o Evangelho de *S. João* tinha extraordinarias virtudes contra a luxuria. Eis um excerpto de um tratado de Devoção do seculo xiv: «Exenplo desto avemos daquell velho do que falla na leenda de Sancto Andre, que tanto se asenhorava dell o peccado maao da luxurya que se non podya del partir, e já cõ coyta de lhe contradizer *trazia com sigo o evangelho de Sam Joham*». (*Tratado de Devoção*, Ms. de Alcobaça n.º 265, fl. 151). Tambem no Processo de Luiz de la Penha, da Inquisição de Evora, de 1626, as Cartas de tocar tinham escripto o evangelho de S. João. (Vid. *Positivismo*, t. iii, pag. 190). «E assi tem uma devoção supersticiosa a S. João Evangelista, etc.»

Digitized by Google

suaes do amor e da seducção das mulheres; os *'Hengê*, equiparados aos *Sé' irim* (isto é, os *cabelludos*) personificam-se em S. João, vivendo no deserto envolvido em uma pelle felpuda, e por quem se apaixona Herodias. Nas cantigas populares apparece debaixo da veneração do santo o caracter do demonio seductor das mulheres:

S. João era bom moço
Se não fosse tão velhaco;
Foi com tres moças á fonte
Foi com tres e veiu com quatro.

É na noite de S. João, que as Moiras encantadas em fórma de serpente tomam a figura de *donzellas*, pondo-se junto das fontes e lagos a pentearem os cabellos; e as fogueiras do santo tambem possuem o poder magico das revelações do amor. Queimam-se as alcachofras, dizendo:

Em louvor de S. João,
A vêr se o meu amor
Me quer bem ou não.

Nos costumes populares francezes, S. João apresenta o caracter dos cultos phallicos; Dulaure descreve a seguinte cerimonia contra a esterilidade, praticada na noite de S. João: « Sobre a extrema fronteira do departamento do Allier, no bairro de Mont-Luçon, existe, no meio de uma charneca immensa situada na communa de S. Janeiro, o oratorio de *S. João* e de S. Remi. A 20 de junho, as mulheres infecundas, os moços de ambos os sexos,

Digitized by Google

para ali se dirigem dos arredores de tres a quatro leguas. Passa-se a noite em promiscuidade no deserto. No dia 24 fazem-se estações e offertas, e bebe-se o *saint-vinage*. Esta bebida é composta de agua de uma fonte chamada de *S. João* e de um pouco de vinho, e passa por um poderoso preservativo contra a esterilidade e os feitiços dos *fasciniers*, especie de bruxos que *nouent l'aiguillette*, e tornam os jovens noivos impotentes» [1].

O syncretismo entre o Precursor e o Evangelista é excusado explicar. Na lenda christã, o baptista é filho de *Elisabeth*, o que bem significa a sua proveniencia propria, porque o nome decompõe-se na designação do templo da deusa da prostituição 'Elissa (*Elissa-Bit*), cujo templo existia em Carthago, como o descreve Silio Itatico [2].

A superstição popular portugueza, de apanhar um *figo* na noite de S. João, e vêr se elle se conserva verde até ao anno seguinte como signal de que ninguem nos

---

[1] *Des Divinités génératrices*, pag. 287. Dulaure descreve como se benze o *saint vinage*, usado em muitos outros pontos da França, e apresenta uma oração latina, de um velho ritual, com o titulo: *Benedictio amoris sancti Joannis evangelistæ:*

«*Bene* + *dicere et cosse* + *crare hanc creaturam vini dextera tua dignare; omnipotens Deus, et presta ut in omnes te iredente et de potu isto bibentes a te protegantur et benedicantur; et sicut beatus Joannes de calice bibens non est lesus, ita isti homines in amore tui et Sancti Joannis, de isto potu bibentes, ab omni aegritudine corporis et animae absolvantur.*»

[2] Urbe fuit media sacrum genetricis *Elissae*... (*Pun.*, I, 80).

Digitized by Google

quer mal, liga-se a essa crença dos demonios sensuaes, os Fatuos *ficarios*, de que falla S. Jeronymo. É possivel que do nome dos Satyros *Inuus*, (Virg., *En.*, liv. VI, ℣. 775) a egreja fizesse o syncretismo com o nome grego de *Ioanes*. O sentido de oraculo amoroso ligado ao culto popular de S. João explica-se pela sua relação com os Satyros *Fatuos*, que Servio, commentando Virgilio (℣. 314, do liv. VIII da *En.*), deriva da natureza dos seus oraculos insensatos [1].

O *figo*, no oraculo amoroso de S. João, tem o mesmo sentido que o epitheto de *Ficarius* dado ao Satyro. Este nome foi empregado por S. Jeronymo (*Jerem.*, cap. L, ℣. 39), como tirado da linguagem do povo; Du Cange explicava-o como epitheto dos Satyros e Faunos, porque viviam debaixo das figueiras; porém Bochart deriva de *ficus, fici*, a verruga ou excrescencia cornea que se figurava na cabeça dos Satyros, e que Hypocrates, Aristoteles e Galeno empregam como designando uma doença especial [2]. O nome de *Fatuus* ou *Fatuellus*, dado aos Satyros, apparece em S. João, na superstição da semente do *feito*, colhida para uma pessoa se fazer amado; em algumas localidades chama-se-lhe *feitelha*. Consiglieri Pedroso descreve a cerimonia da colheita da semente invisivel da flôr do *feito* na noite de S. João: « No outro dia vae-se buscar o guardanapo com a semente, que *fica com a virtude de attrahir para o dono d'ella quem*

---

1 Berger de Xivrey, *Traditions teratologiques*, pag. 476.

2 *Ib.*, pag. 476.

Digitized by Google

lhe esteja proximo » [1]. Sobre o poder amoroso da semente do *feito,* canta-se em Lavadoz esta cantiga:

Meu amor não vás a Avintes,
Nem pr'a lá tomes o geito;
Olha que as moças de lá,
Trazem a semente do feito [2].

Na noite de S. João deitam-se as alcachofras pelos namorados. Conforme ellas pela manhã no telhado estão floridas ou não, assim o namorado é feliz ou infeliz nos amores (Mondim da Beira). Em Villa Nova de Carros, concelho de Paredes, cortam-se dois juncos muito eguaes, representando um d'elles o conversado e o outro a conversada; o junco que pela manhã estiver mais comprido, é o que denuncía maior amor. A isto allude esta cantiga:

Dizem que me queres bem
Inda o hei de experimentar,
Na noite de S. João
Junco verde hei de cortar.

Não córte-lo junco verde,
Que não é experimentação,
Se tu queres experimentar
Experimenta o meu coração [3].

O junco, a planta dos charcos, é aqui um caracteristico dos cultos eneanos, em que tanto figura a *hasta* ou

[1] *Positivismo,* t. III, pag. 337.
[2] *Ib.,* t. IV, pag. 114.
[3] Leite de Vasconcellos, *Vanguarda,* n.º 50.

Digitized by Google

hastilia, e a lança phallica. A alcachofra é a imagem do sol, que se queimava na pyra eneana, nas festas das Sakhea. Na festa das Succoth-Benoth, ia-se para as barracas com um ramo de limoeiro; nas cantigas de S. João se diz no Alemtejo:

S. João me prometteu
De me dar um bom marido,
Quando está o trigo em grão
E o *limoeiro* florido.

Já tenho a vista cançada
De tanto olhar para o *limão,*
A vêr se elle floresce
Na noite de S. João.

S. João á minha porta
Eu não tenho que lhe dar,
Dou-lhe uma *caninha verde*
Para pôr no seu altar.

A fórma orgiastica da festa refere-se n'esta outra cantiga:

Eu hei de ir a S. João
Com viola e *pandeiro,*
Se achar as portas fechadas
Hei de bailar no terreiro.

A capella do Baptista
É de *rosas encarnadas,*
A capella é do santo,
O santo é das casadas [1].

[1] A. Thomaz Pires, na *Sentinella da Fronteira.*

Digitized by Google

«Quem tem amores e quer saber se o dilecto amado lhe é affeiçoado, colhe na noite de *S. João* uma *folha de figueira,* passa-a tres vezes pela chamma, dizendo certa oração ao mesmo tempo, e vae collocal-a no quintal ou no telhado; se de manhã está orvalhada, o que é muito natural, tem amante fiel». (*Alm. de Lembr. para 1868,* pag. 244).

Por estas superstições populares se vê que a egreja tolerou uma parte, assimilando-as nas lendas e crendices das festas do S. João, e outras ficaram condemnadas por diabolicas nas praticas da feiticeria medieval, como se vê na invocação de Asmodeu, no processo da Inquisição contra Luiz de la Penha. Asmodeu é o demonio da voluptuosidade das lendas rabbinicas, que seduz todas as mulheres do harem de Salomão; no seculo v, Santo Agostinho citava como demonio da voluptuosidade uma divindade gauleza, os *Dusii,* que atacavam as mulheres durante o somno, a quem Hincmar dava o nome de *Dusiolus* [1].

Por estes factos se vê, que a crença n'estes demonios incubos, tão persistente ainda no seculo IX, é a decadencia de um culto de que a fórma especial póde ser comprehendida pela aproximação da divindade chineza *Tchang'O,* que é a personificação da lua presidindo ao amor e ao casamento. Antes da occupação da Europa pelas tribus áricas, existiu o culto lunar quasi que exclusivamente. É este fundo commum que faz com que

[1] Belloguet, *Glossaire gaulois,* n.º 147.

Digitized by Google

a tradição dom-joanesca se estenda a toda a Europa, sendo evemerisada primeiramente no frade sensual, como o Frei João, de Rabelais, e o do romanceiro portuguez, recebendo depois elementos historicos ou pretendidos taes, que tornaram D. João o galanteador irresistivel do seculo XVII. Na lenda de *D. João,* em que o nome de Tenorio ou de Maranha indicam uma tendencia para se apoiar n'uma realidade historica, ha duas partes distinctas, ligadas por um intuito moral reflectido; a primeira é o typo do *burlador,* verdadeiramente demoniaco, impenitente e temivel; a outra é a situação tragica da condemnação determinada por ter burlado os mortos nas suas aventuras.

Na tradição portugueza temos estas duas partes bem distinctas; o romance açoriano de *Joãosinho o Banido* é o typo na sua singeleza popular, antes de ser transformado pelos grandes genios litterarios e artisticos. Transcrevemos alguns traços verdadeiramente accentuados:

Joãosinho foi jogar
Uma noite de natal,
Ganhou cem libras de ouro
Marcadas e por marcar;
Matou um padre de missa
Revestido no altar,
Enganou sete donzellas
Que estavam para casar,
E furtou sete castellos
Todos do passo real [1].

[1] *Cantos populares do Archipelago açoriano,* n.º 17.

Digitized by Google

Na tradição popular Joãosinho acaba salvando-se, e

Foi acabar santamente
No adro de Nazareth.

Em um conto popular do Algarve, intitulado a *Mirra*, acha-se a aventura do convite do morto para uma ceia, tal como esta situação penetrou na litteratura, mas pelo poder da alva de um padre é que o mancebo estouvado escapou de ser arrastado para a sepultura:

Conto da mirra

«Um rapaz muito folgasão quiz dar uma grande festa no dia dos seus annos; foi por casa de todos os seus amigos a convidal-os para irem jantar e ceiar com elle. Quando voltava para casa, encontrou ainda um amigo em frente do cemiterio, e depois de o convidar tambem ficou a conversar muito satisfeito.

«Estando n'isto, deu com os olhos em uma mirra (esqueleto) ainda revestida de alguma carne, e que estava pegada a uma parede; disse-lhe mofando:

«—Se queres vir tambem ao banquete dos meus annos...

«A mirra respondeu:

«—Lá irei.

«O rapaz ficou espantado, e perguntou ao amigo se tinha ouvido alguma voz. Como este lhe dissesse que nada tinha ouvido, elle pela sua parte não se atreveu a descobrir o caso. Foi-se d'ali cheio de susto, e ao passar por casa do prior fez confissão do acontecido.

Digitized by Google

« — O que tu foste fazer, homem! Não sabes que com os mortos não se brinca.

« — E agora?

« — Agora, não tens outro remedio senão sujeitares-te ao que te acontecer. Manda pôr na mesa mais um talher, ainda que não seja senão como satisfação do convite.

« A noite correu no meio de dansas, até que os convidados foram para a mesa. Ao soar a primeira badalada da meia noite, bateram á porta. A mirra entrou vagarosamente; o rapaz que fôra abrir a porta recuou espavorido. A mirra dirigiu-se para a mesa, e sentou-se no logar que estava desoccupado. Comeu, comeu, e depois levantou-se, dizendo para o mancebo:

« — Pois bem; já que me fizeste o favor de me convidar para o teu banquete de annos, tambem aqui te convido para ámanhã a esta mesma hora ires ceiar commigo.

« Ditas estas palavras foi-se embora. O rapaz ficou ainda mais aterrado do que de antes; não pôde dormir, até que ao outro dia foi ao prior para lhe contar tudo.

« — Não tens outro remedio senão ires; saes-te mal se faltares, porque a mirra vem-te buscar de arrastos. O que te posso fazer é emprestar-te a capa com que digo missa para te defenderes com ella.

« O rapaz sujeitou-se. Lá por alta noite foi para o adro da egreja, a tremer como varas verdes. Ao dar da meia noite em ponto o rapaz bateu-lhe á porta, a mirra appareceu e levou-o comsigo para dentro:

« — Vês estas covas aqui?

Digitized by Google

«—Vejo.

«— Pois uma é a minha, e a outra seria para ti. O que te vale é vires vestido como Christo. Agora o que te digo é que nunca brinques com os que estão mortos.

«O rapaz, sem saber como, achou-se fóra da egreja, como se voltasse a si de um pesadelo; teve uma grande doença, e em todos os dias da sua vida nunca mais se esqueceu da lição» [1].

Ha uma lenda bretã, do seculo xv, em que se repete a mesma situação do conto algarvio; transcrevemol-a de um rapido estudo litterario de Rodrigues-Solis sobre D. Juan Tenorio:

«O erudito escriptor sr. Vidal affirma a existencia de uma composição bretã dos meados do seculo xv, attribuida a um capuchinho chamado Morin, que morreu em 1480, depois de ter predito aos bretãos a sua incorporação á França em castigo de seus peccados, — segundo a qual, nos dias do carnaval aconteceu em Rosperden que tres jovens dissipados, depois das bambochatas da taverna, se vestiram com pelles de animaes e botaram a correr pelas ruas, e o mais perverso d'elles se dirigiu ao cemiterio, pegou n'uma caveira descarnada, pôl-a

---

1 Este conto pertence á tradição popular do Algarve, e foi-nos communicado pelo nosso bom amigo Reis Damaso, com outros muitos que nos revelam a riqueza immensa da novellistica n'aquella provincia. No começo da nossa formatura (1862) ouvimol-o tambem a um estudante de Guimarães, d'onde inferimos a sua extensa vulgarisação. (Vid. *Annuario para o estudo das Tradições populares portuguezas,* de 1882, a pag. 38).

Digitized by Google

sobre a cabeça e collocando duas luzes nos buracos dos olhos se arrojou pelo povo, aterrando as crianças e os velhos. Este mancebo, antes de regressar a sua casa, levou a caveira ao cemiterio, dizendo: — Caveira, quem quer que sejas, vem ámanhã a minha casa e ceiarás commigo. — No seguinte dia, á hora da ceia, ouviu-se bater como gente que o chamava. O criado que fôra abrir, caíu no chão desmaiado, e outras duas pessoas que acudiram aterraram-se tanto que morreram de repente.

«Então, terrivel e a passos lentos, o morto avançou até meio da sala: — Aqui estou; venho ceiar comtigo. Vamos pois, estamos perto, e sentar-nos-hemos juntos á mesa do festim que cá está preparado na minha cova. — O mancebo aterrado deu um espantoso grito e caíu no chão, partindo a cabeça contra as lages» [1].

O mesmo escriptor allude a uma *rundalla* da Catalunha sobre esta peripecia.

Assim como a tradição portugueza apresenta todos os elementos da lenda de D. João [2], foi natural que se procurasse fixar em Portugal as origens historicas d'este typo aventureiro, que recebeu o caracter brigão segun-

---

[1] *Panorama litterario*, pag. 4.

[2] Nas tradições peninsulares tambem se encontra o diabo incubo, chamado o *Coouro* de Biscaia: «E mais dizem oje em dia hi, que *jaz com algumas molheres hi nas aldeas ainda que nom queyram, e vem a ellas em figura descudeiro*, e todas aquellas com que jaz tornam escooradas». *Monumentos hist.* (*Scriptores*), vol. I, pag. 259.

Digitized by Google

do os costumes preponderantes no seculo XVI e XVII conhecidos pelo nome de *Valentia*. A primeira base historica acha-se determinada no seculo XV, pouco antes de uma composição bretã. No artigo biographico ácerca de D. Ignez de Castro, pelo erudito Ferdinand Denis, vem uma referencia ao assassinato de D. Maria Telles pelo infante *D. João*, de cujo casamento ficára um filho orphão, D. Fernando de Eça, que viveu na Galliza, e que segundo aquelle escriptor se póde considerar como o *typo do D. João hespanhol*. — Teve uma ampla geração, pois tinha a consciencia tão larga, que casava com todas as mulheres, vivendo umas e outras — [1]. Por este trecho da velha Chronica transcripto por Ferdinand Denis, vê-se que os costumes dissolutos de D. Fernando de Eça se conglobaram com o tragico assassinato feito por seu pae. Uma lenda é sempre a synthese de desencontrados elementos tradicionaes, e o nome de *Eça* sendo dado a D. Fernando, por causa da morte de sua mãe, influiu na intervenção do morto na lenda do galanteador.

Em um artigo de J. A. da Graça Barreto intitulado *Tradições de D. João Tenorio em Portugal*, cita o facto generalisado no prologo posto por Amilcar Galli á edição da partitura da opera *D. João* (Milão, Sonzogno, 1874) «como uma das origens historicas as aventuras de um Principe portuguez, contadas n'uma chronica anonyma sobre a *Vida e morte do infamissimo Principe D.*

---

1 *Nouvelle Biographie universelle*, de Didot.

Digitized by Google

João » [1]. O fallecido Graça Barreto encontrou depois este mesmo facto aventado pelo dr. Kahlert, em um artigo sobre as lendas de D. João, attribuindo a chronica a uma ficção jesuitica intitulada *Vita et mors sceleratissimi principis Joannis,* sendo heroe o desgraçado rei Affonso VI, filho de D. João IV, que os jesuitas desthronaram e arruinaram por elle lhes ser adverso [2].

A aproximação da antiga chronica citada por Ferdinand Denis, do pretendido romance jesuitico a que allude Kahlert, leva-nos a recuar a evemerisação historica da lenda de *D. João* até ao seculo XV, sendo o infamissimo principe portuguez o assassino de sua mulher D. Maria Telles [3].

---

1 *Boletim de Bibliographia portugueza e Revista dos Archivos nacionaes,* pag. 153.

2 Eis o texto de Kahlert, reproduzido no *Kloster,* t. III, 667 e 669 : « Er sagt: die Quelle der Sage sey ein in Portugal erschienener jesuitischer Roman : *Vita et mors sceleratissimi principis Joannis.* Darunter gemeint sey König Alfons VI, Sohn des Don Juan de Braganza. Man habe ihn in einem Thurme bei Lissabon gefangen gehalten, un die Jesuiten hätten dem Volke veiss gemacht, der Teufel hätte ihn weggeführt ». Apud Graça Barreto.

3 O nome de *Tenorio,* com que se personifica a lenda de D. João, não é hespanhol, mas sim portuguez, usado no principio do seculo XV. Um prelado portuguez que occupou o archiepiscopado de Toledo, D. Pedro *Tenorio,* e que viveu na privança de D. João I de Castella, era natural de Tavira e filho de João *Tenorio, commendador* de Estepa, da ordem de S. Thiago. (Vid. *Panorama,* t. VIII, pag. 207). Este prelado foi muito odiado pelos outros bispos hespanhoes, e perseguido pelo partido contrario a D. João I de Castella, depois da morte d'este rei. O appellido de *Castro,* de sua mãe, leva-

Digitized by Google

O nome de *Tenorio,* da lenda priapica de D. João, liga-se á reminiscencia da divindade *Thunaer* ou Donar: «sempre representado com o seu emblema em fórma de cruz, pela sua dupla qualidade de divindade que quebra os gigantes do gelo, e do deus advogado dos casamentos. O seu martello era empregado como signal de consagração na união do esposo e da esposa, ligados pelo laço nupcial» [1].

Graça Barreto encontrou um Diario Manuscripto *Monstruosidades do Tempo e da Fortuna,* de Frei Alexandre da Paixão, referente aos annos de 1662 a 1680, no qual se relatam façanhas e torpezas de um fidalgo portuguez, D. João de Castro, «que deixou brado não só em Portugal, mas ainda na Hespanha, e na propria patria do lendario libertino, em Sevilha. Alternadamente valentão, devasso, seductor e covarde, tudo isto elle foi como o hespanhol» [2].

---

ria a confundil-o com o infante D. João, filho de D. Ignez de Castro, deshonrado pelo assassinato de D. Maria Telles, fazendo-se assim o agrupamento odioso dos dois nomes D. João Tenorio. A localisação da lenda no seculo XV, e a reminiscencia de um typo portuguez são factos indubitaveis. Mira de Amescua na sua comedia *El esclavo del demonio,* tem por protagonista um seductor portuguez. Na ultima metade do seculo XVII, apparece em Portugal um outro brigador e rascão com o appellido de Castro que se apropria do perstigio da lenda. Como adiante veremos, o poeta Tirso de Molina dramatisou por vezes assumptos de Portugal.

[1] Karl Blind, no *Nineteenth Century,* de junho de 1879; e *Rev. Intern.*, t. I, pag. 402. Na giria das casernas militares chama-se *revista de martellinhos* á inspecção dos orgãos sexuaes.

[2] *Boletim de Bibliographia,* pag. 156.

Digitized by Google

Com estes dados historicos procurou interpretar a tradição do principe portuguez, a que allude Nissen na biographia de Mozart, impressa em 1828. Dos extractos publicados por Graça Barreto, tomamos aquelles mais caracteristicos:

« Em novembro de 669 deixámos dicto, como D. João de Castro, faltando á fé de sua palavra, sahia da Torre de Belem, e como se passara a Castella, e se acolhera a Badajoz. Em o anno seguinte *acharam algumas pessoas em Sevilha suas memorias frescas e vivas,* em as galas de uma comediante, que representava com ellas egualmente a louca vaidade d'este Fidalgo e o papel da comedia, sendo mais celebrada pelo que dava que dizer, que pelo que dizia. N'esta Cidade, por uma desconfiança que teve em uma publicidade, desafiou a todo Sevilha; e descendo pelo rio para S. Lucas, chegando-se ao seu barco trez, de certos aduaneiros que vivem em o lugar de Coria, e registram as embarcações que sobem e descem, perguntaram que levava o barco, ao que elle puxando pela espada abriu a cabeça a um, respondendo: Levo isto. . . D'estas andou fazendo muitas, com que não parava em nenhum lugar, e fugindo a todos, voltou a buscar por valhacouto a Portugal, e chegou á côrte, representando bem as aventuras de D. Quixote, que lhe puzeram o mesmo nome em a accommodação de titulos das comedias, que se fez com muita brevidade a muitos cavalleiros da côrte, como fica dicto atraz. Fez logo publica sua chegada seu proprio desenfado, chegou á noticia de S. A., e o mandou prender, e arrecadar em o Castello da Cidade, donde esteve até ao fim d'este Fevereiro, em

Digitized by Google

que o mandou com guardas para a Torre de Belem, e com tão estreita prisão, que ordenaram ao capitão o tivesse de noite e de dia com sentinella á vista...

«D. João de Castro muitas vezes figura n'estas relações por haver representado diversas vezes diversos papeis assim em Portugal como em Castella; fazia agora o de preso, e por algumas gentilezas que abriu em credito do valor da nação (foi huma d'ellas defender que se não representasse huma comedia, em que se introduzia el Rei D. João o 4.º com o titulo de Duque de Bragança, o que conseguiu, apesar de todo hum pateo de Castelhanos, que estavam presentes para vêr e ouvir representar) o mandou S. A. soltar». O mesmo diario diz que se suspeita que morrera por envenenamento propinado por mandado de seu filho.

O retrato do valentão é excellente, mas posterior á formação do *Burlador de Sevilha* de Tirso de Molina, e não tem relação com a vaga tradição de um principe portuguez. É comtudo importante a passagem do Diario Ms., porque nos mostra, que estando em Sevilha, D. João de Castro julgou que as aventuras representadas de D. João Tenorio eram allusivas á sua pessoa. É assim que os elementos lendarios se syncretisam ás vezes em uma personalidade historica, refluindo sobre a lenda a importancia da realidade.

Tambem em Hespanha não faltaram tentativas de comprovação historica para a entidade lendaria de *D. João*. D. Eugenio Ochoa, no *Tesoro del Theatro espanol*, sustenta que D. Juan Tenorio era de uma illustre familia dos Vinte e Quatro de Sevilha, e que depois de ter sedu-

Digitized by Google

zido a filha do commendador Ulloa, o matára, refugiando-se no convento dos Franciscanos; estes o mataram, dizendo que fôra castigado pela propria estatua do Commendador, que elle insultára.

Fixados os elementos tradicionaes e populares da lenda de D. João, comprehende-se a universalidade que adquiriu este typo ideal nas grandes creações litterarias e artisticas. É como consequencia d'esta derivação que as situações fundamentaes da lenda deram motivo a obras isoladas, antes do drama de Tirso de Molina. Segundo Ticknor, na comedia de Lope de Vega *El dinero es quien hace hombre,* entra uma estatua de pedra e outros dados, como o caracter impassivel do personagem, «que fazem suppôr que Tirso se aproveitou d'ella» [1]; assi-

---

[1] *Historia da Litteratura hespanhola,* t. II, pag. 455, nota. No discurso do Marquez de Valmar na recepção de D. José Zorilla na Academia hespanhola, em 31 de maio de 1885, acha-se uma enumeração de todas as composições do Theatro hespanhol que antecederam ou precederam *El Burlador de Sevilha,* do Padre Gabriel Tellez:

— *El Infamador,* do sevilhano Juan de la Cueva, comedia representada pela primeira vez em Sevilha, em 1581. Segundo Moratin, o typo de Leucino é uma especie de D. João Tenorio; seguiram esta ideia Alberto Lista e von Schack.

— *Dineros son calidad,* comedia de Lope de Vega; n'ella se acha a intervenção da estatua do Commendador, e a intrepidez cynica de Octavio, diante da estatua que se move e lhe aperta a mão.

— *La Fianza satisfecha,* outra comedia de Lope de Vega; o typo do seductor adquire o seu maximo desenvolvimento, a ponto de attentar contra uma irmã e a propria mãe.

— *El esclavo del Demonio,* comedia do Dr. Mira de Amescua;

Digitized by Google

gnando-se á comedia de Lope, pelo menos a data da sua publicação em 1632, e 1636 a ultima data da publicação das comedias de Tirso de Molina, vê-se que elle foi precedido na exploração do assumpto, mas que só elle pôde fixar esse eterno typo de D. João Tenorio, no *Burlador de Sevilha* [1], porque era esse o caracter do poe-

---

tem por heroe um seductor portuguez D. Gil Nunes de Atouguia, que rapta uma dama por embuste, como D. João com a duqueza Isabel.

— *El Cardenal de Belén*, e *San Domingo de Alcalá* apresentam typos don-joanescos, anteriores á creação de Tirso de Molina.

— *El Rufian dichoso,* de Cervantes, idealisa tambem o typo do seductor, sympathico ao theatro hespanhol do seculo XVI e XVII, a ponto de encontrar-se ainda nas comedias:

— *No hay cosa como callar,* de Calderon.

— *San Francisco de Sena,* de D. Augustin Moreto.

Sómente a comedia do Tirso é que saiu fóra de Hespanha, sendo representada na Italia, d'onde passou para França, e d'ahi para quasi todas as Litteraturas.

— Ha ainda a comedia *No hay plazo que no se cumpla ni deuda que no se pague,* de Zamora, que apaixonou as platéas hespanholas pelo typo de D. Juan e d'onde Lorenzo d'Aponte extrahiu o seu libreto *Il convitato di pietra*, sobre que Mozart escreveu a incomparavel opera *Don Giovani.* O seculo XVIII, sensual e incredulo, idealisava-se no aventuroso seductor, e Goldoni escrevia para as platéas populares a comedia *Giovani Tenorio, ossia il dissoluto punito.*

[1] Vulgarisação do *Convidado de Pedra :*

El convidado de Piedra representou-se nos theatros da Italia em 1620, segundo Ricoboni; quatro traducções e imitações do *Burlador* apparecem apontadas por Lione Allacci na sua Dramaturgia.

Passa para Paris.

Digitized by Google

ta Frei Gabriel Tellez, do convento de Soria, cujos versos eram condemnados pela Inquisição. Segundo Pi y Margall no prologo ás obras de Tirso de Molina, o typo de D. Juan acha-se mais profundamente retratado em outra comedia do mesmo poeta *Tan largo me lo fiais.*

Em Hespanha, eram estas aventuras amorosas, em que se desbaratava a valentia, o thema favorativo dos poetas dramaticos, achando-se mais uma vez a physionomia de D. Juan no D. Juan de Mendoza da comedia de Calderon de la Barca *No ay cosa como callar*. Estas comedias passavam com as companhias ambulantes a Napoles, e d'ali os actores italianos as repetiam em Paris, estabelecendo-se assim essa influencia profunda do theatro hespanhol sobre o francez no meado do seculo XVII, que se reflectiu mesmo sobre os maiores genios como Molière e

---

Representa-se no Theatro do Arlequim (Comedia Italiana) onde se accentua o caracter do pagem que desenrola a lista das amantes de D. João. Como todas as companhias dramaticas procuravam explorar este assumpto querido do povo, a companhia de Molière tambem lhe exigiu um *Convidado de pedra,* e o grande poeta dramatico fez-lhe o *Festin de Pierre.* La Harpe cita as traducções ou imitações do *Burlador de Sevilha:*

1659 — *Le Festin de Pierre* ou le *Fils criminel,* tragicomedie par de Villiers.

1661 — *Le Festin de Pierre* de Dorimon.

1665 — *Don Juan ou le Festin de Pierre* por Molière.

1667 — *L'Athée frodouyé* par Dumesnil.

1677 — *Le Festin de Pierre,* comédie de Molière, mise en vers par Corneille de l'Isle.

É d'este mesmo anno a imitação ingleza de Thomas Shadwell, com o titulo *The Libertin.*

Digitized by Google

Corneille. A comedia de Tirso de Molina, o *Burlador de Sevilha,* foi representada em Paris em 1656, traduzida, até que Molière universalisou pela Europa a lenda na sua comedia do *Festin de Pierre* de 1665, reescripta por Thomaz Corneille em 1677 e uma das suas poucas composições popularisadas.

A Hespanha continuou idealisando esse typo do D. João, que Enfantin considerava como representando o lado amoroso do genio occidental; o poeta Zamora do principio do seculo XVIII, elaborou o thema fundamental nas duas comedias do *Convidado de Piedra* e *No ay plazo que no se cumpla,* até ao moderno drama de Zorrilla *D. Juan Tenorio,* de 1844. Mas a genealogia litteraria pela bibliographia, obriga a enumerar grande quantidade de obras mediocres, que em nada definiram a psychologia d'esta assombrosa entidade moral. As fórmas geneticas da lenda de D. João na litteratura e arte europêa são: o *Burlador de Sevilha* de Tirso, o *Festin de Pierre* de Molière, o *D. Giovani* de Mozart, com o inexcedivel libretto de Lorenzo d'Aponte, e o *Don Juan* de Byron. Existiu uma profunda relação moral entre o thema artistico e os genios que o elaboraram; o caracter de Don Juan Tenorio era no lado cynico o de Tirso, no lado aventureiro o de Molière, na seducção invencivel e na anciedade do goso Mozart, na saciedade indifferente D'Aponte, na voluptuosidade audaciosa e aborrecida Byron. O genio, como o definiu Diderot, *c'est une âme qui se tourmente;* foi por isso que estes genios souberam crear as tempestades moraes em que se envolveu o galanteador de Sevilha, e desenhando-o traçaram por ve-

Digitized by Google

zes a sua autobiographia. A analyse philosophica d'estas obras primas fundadas sobre a lenda de D. João está por fazer; seria fecunda em resultados para comprehender o genio d'esses sublimes artistas [1].

A lenda de *D. João* completa a synthese contida no *Fausto;* já Calderon na comedia famosa do *Magico prodigioso* presentira de um modo genial esta relação intima, fazendo com que Cypriano venda a sua alma ao Diabo, não pelos segredos da sciencia mas pela posse do amor de Justina. Pelo seu lado, o fogo da mocidade em Goethe fez com que a parte mais bella do *Fausto* allemão se fundasse no quadro inexcedivel dos seus amores por Margarida [2]. Assim comprehendidas na sua relação, as duas lendas representam de um modo completo o espirito da Renascença [3]. O que foi esse assombroso phenomeno historico? Para Augusto Comte foi a rehabilitação da cultura greco-romana interrompida pelo ascetismo ca-

---

[1] A historia da composição da opera de *D. Giovani* por Mozart, acha-se consignada nas *Memorias de Lorenzo d'Aponte,* auctor do libretto, poeta veneziano e um verdadeiro D. João italiano, mais limpo do que Casa Nova de Singalt. Estas Memorias foram reveladas á critica europêa por Philarète Chasles e traduzidas por Chavanne; competem dignamente com as *Memorias* de Benvenuto Cellini.

[2] Na pequena-Russia a flôr do feito, que desabrocha na noite de S. João é um *philtro amoroso,* e dá a *sabedoria suprema.* Vid. *La Mythologie des Plantes,* de Gubernatis, II, 188.

[3] O Marquez de Valmar cita o drama allemão de Dictrich Grabbe, intitulado *D. Juan und Faust,* representado em Francfort, synthetisando nos dois typos a materia e a intelligencia. (*Contestacion,* pag. 59).

Digitized by Google

tholico durante a Edade-média; com menos precisão philosophica, Michelet explica-nos como o que se passou do seculo XV para o XVI foi a rehabilitação da Natureza. Havia a sêde do saber e a sêde da vida; a escuridão claustral perdeu o seu perstigio diante da luz do ágora e do forum; o burel da penitencia pareceu hediondo e cahiu para revelar a bella musculatura, as fórmas sensuaes idealisadas pela Grecia. O *Fausto* é a intelligencia ávida de investigações e de conhecimentos, que a egreja condemnou equiparando o saber a um dom do Diabo concedido em troca da perdição da alma.

O *D. João* é a anciedade do goso de quem acorda para a vida depois de um tremendo somno cataleptico; a Egreja ligou a esse poder de seducção todas as maldições do Diabo-Venus e das superstições populares dos incubos e do contraste da morte. Mas o *D. João* não pôde subsistir na burguezia que trabalhava e não gosava, perdeu o seu caracter popular, e foi deslumbrar as côrtes devassas de Luiz XIV, de José II, e personificar-se no desvairamento do prazer do Cesarismo arrastado um dia tambem para o tribunal revolucionario pelo espectro da Demagogia. Foi ainda o resto d'esta commoção profunda de um seculo que vibrou no *D. João* de Byron como um incomprehendido. D'ahi por diante, tanto o *Fausto* como o *D. João* não inspiraram mais obras de arte, porque attingiram a expressão de uma synthese philosophica.

Digitized by Google

CAPITULO III

As lendas da Virgem-Mãe

Observando-se o desenvolvimento historico do christianismo, o typo ideal da Virgem existe quasi apagado nas imaginações que elaboraram os Evangelhos synopticos; Maria era um agente passivo da realisação das prophecias no nascimento de Jesus. Porém, á medida que a Egreja se constitue, e contra a sua severidade canonica, a figura de Maria, da Virgem-Mãe, dá logar a uma vasta idealisação poetica nos Evangelhos apocryphos da *Natividade,* do *Proto-Evangelho de Thiago,* que a Egreja não admitte no seu canon, mas cujas narrativas davam logar ás principaes festas da sua liturgia. O desenvolvimento activo das lendas ácerca de Maria fez com que se propagasse no Occidente rapidamente a religião christã, porque todos os templos das Deusas-Mães do culto da prostituição sagrada, das costas mediterraneas, facil-

Digitized by Google

mente se adaptaram para o culto da mãe de Jesus, como observou Beugnot. A facilidade com que esses templos e esses cultos se adaptaram á sanctificação de Maria, leva a inferir que alguma cousa de commum existia em essas lendas que se fixavam nos Evangelhos apocryphos, vindo por seu turno esse syncretismo a fazer reapparecer nas crenças populares os vestigios das religiões hetairistas das Deusas-Mães, Virgens-Mães, e Dea-Meretrix. O que havia de commum entre os cultos mediterraneos das Deusas chtonianas e o interesse crescente dos primeiros crentes da Egreja, determina-se pela propria origem das lendas da Virgem nos Evangelhos apocryphos e suas fórmas cultuaes. «A exageração do culto da Virgem é um facto antes de tudo syriaco»[1]. Devia portanto o typo de Maria revestir as fórmas das divindades femininas da Syria, que se estenderam na pratica dos cultos orgiasticos pelas orlas do Mediterraneo, e identificar-se na tradição e nos costumes populares com ellas.

A influencia das seitas gnosticas sobre as lendas da Virgem, conhece-se directamente pelo escripto do *Piste Sophia,* e reflexamente sobre os elementos constitutivos dos Evangelhos apocryphos. Escreve Renan: «O primeiro christianismo, ainda então judaico, era muito simples; foram os gnosticos que fizeram d'elle uma religião. Os sacramentos foram em grande parte creação sua; as suas uncções, sobretudo no leito extremo dos

---

1 Renan, *Marc Aurèle,* pag. 14[illegible]
[illegible]5, not. 1.

Digitized by Google

doentes, produziam uma grande impressão. O santo chrisma, a confirmação (então parte integrante do baptismo), a attribuição de uma força sobrenatural ao signal da cruz, muitos outros elementos da mystica christã vinham d'elles. Partido novo e activo, os gnosticos escreviam muito, arrojando-se audazmente ao apocrypho. Os seus livros a principio cheios de descredito, acabavam por entrar na familia orthodoxa. A Egreja acceitava o que tinha anteriormente amaldiçoado. Uma multidão de crenças, de festas, de symbolos de origem gnostica, tornaram-se tambem crenças, festas, symbolos catholicos. Maria, mãe de Jesus, em particular, de que a Egreja orthodoxa pouquissimo se preoccupava, deveu a estes primeiros novadores os primeiros desenvolvimentos do seu papel quasi divino. Os Evangelhos apocryphos são por uma boa metade ao menos a obra dos gnosticos» [1]. Não consideraremos estas doutrinas dos gnosticos sob o ponto de vista de uma especulação theosophica, em que predomina o capricho da phantasia individual dos sectarios das differentes escólas; mas a sua importancia historica consiste principalmente no syncretismo dos elementos tradicionaes dos mythos e superstições populares do polytheismo que se dissolvia, com os dogmas avésticos, com a eschatologia egypcia e com as abstracções neo-platonicas. Pelo fervor d'esse syncretismo, é que muitas fórmas cultuaes da religião hetairista ou chtoniana foram aproveitadas para levar a

1 *Marc Aurèle*, pag. 144.

Digitized by Google

propaganda theosophica ás infimas camadas populares. A variedade complicada das escólas dos gnosticos resultava da complexidade dos elementos tradicionaes ou dos mythos e dogmas religiosos que procuravam systematisar. De ordinario estuda-se esta manifestação da philosophia mystica que acompanhou a systematisação do christianismo, pelo seu lado especulativo ou abstracto; porém a sua influencia sobre a formação do typo da Virgem-Mãe bem revela quanto interessaria estudar essa doutrina em relação aos elementos mythicos e cultuaes das religiões orgiasticas de que se apropriou no seu eclectismo desvairado e nas suas interpretações theosophicas. Foi na Syria que esses elementos syncreticos se constituiram em corpo de doutrina, e isto põe bem em evidencia como as Divindades femininas occupariam um logar fundamental na coordenação dos dogmas christãos. «Acham-se elementos buddhistas, chinezes, indianos, persas e chaldeus nas doutrinas dos Gnosticos, como tambem se acham n'ellas elementos gregos, judaicos e egypcios; mas sómente na Syria, na Palestina é que esses elementos se tornaram um corpo de doutrina. Os Gnosticos do Egypto modificaram profundamente as doutrinas dos seus predecessores da Syria e da Palestina; etc.» [1] É pela gnose da Syria, que faz o syncretismo do *Avesta* persa com a Biblia hebraica, que entra no

[1] *Dictionnaire des Sciences philosophiques*, vb.º GNOSTICISME.

Digitized by Google

christianismo a entidade de Satan. Basilides, um dos fundadores da gnose egypcia, era originario da Syria, e misturava as doutrinas theosophicas com os ritos *magicos;* os gnosticos ptolomeanos procuravam o seu proselytismo principalmente entre *as mulheres;* os gnosticos ophites tinham por symbolo a *serpente,* que: «procurando esposos ás donzellas e identificando-se ao pae de familia, é um symbolo phallico»[1]. Algumas das escólas gnosticas, como a dos epiphanianos, que proclamava o *communismo dos bens* e *das mulheres,* as dos phibionitas e adamitas, que se entregavam ás praticas ritualisticas da sensualidade, obedeciam instinctivamente á corrente dos cultos chtonianos que elles interpretavam no seu exaltado theosophismo. Ao elaborarem os mythos das divindades femininas nas suas allegorias, davam corpo ao typo de Maria, como meio de propaganda.

Fallando do desenvolvimento das lendas da Virgem nos Evangelhos apocryphos, escreve Renan: «O Evangelho de Pedro differe pouco do Evangelho ebionita, e apresenta já esta preoccupação de Maria, que é o caracteristico dos apocryphos. Reflectia-se cada vez mais no papel que convinha á Mãe de Jesus; procurava-se ligal-a á raça de David; creava-se em volta do seu berço maravilhas analogas ás que se produziram pela occasião do nascimento de João Baptista. Um livro que mais

---

1 Gubernatis, *Mythologie zoologique,* t. II, pag. 432.

Digitized by Google

tarde foi cheio de absurdos pelos Gnosticos, mas que não saía talvez, quando appareceu, da nota média da Egreja catholica, a *Genna Marias,* pouco differia do *Proto-Evangelho de S. Thiago,* e satisfazia as necessidades da imaginação. A lenda materialisava-se cada dia. Preoccupavam-se do testemunho da parteira que assistiu a Maria e attestou a sua virgindade. Não bastava que Jesus tivesse nascido n'um curral; queriam, segundo certas ideias judaicas, que se acham na lenda agadica de Abraham, que tivesse nascido n'uma *caverna*» [1]. O desenvolvimento d'estas lendas populares apparece na sua maior florescencia no *Proto-Evangelho de Thiago:* «A mais antiga e a menos má d'estas insipidas rhapsodias é a narrativa do nascimento de Maria, do seu casamento, do nascimento de Jesus, considerada escripta por um certo Thiago, narrativa a que se deu o titulo erroneo de *Proto-Evangelho de Thiago.* Um livro gnostico, a *Genna Marias,* que parece ter sido conhecido por S. Justino, serviu-lhe talvez de primeira base. Nenhum livro teve tantas consequencias como este na historia das Festas christãs. Os paes da Virgem, Anna e Joaquim, a apresentação da Virgem no templo, e a ideia de que ella tinha sido creada como em um convento, o casamento da Virgem, o concurso das viuvas, a circumstancia das varas miraculosas, tudo isto vem d'este curioso escripto. A egreja grega teve-o por semi-inspirado

[1] *L'Eglise chrétienne,* pag. 344.

Digitized by Google

e admittiu-o á leitura publica nas egrejas, nas festas de S. Joaquim, de Sant'Anna, da Conceição, da Natividade, da Apresentação da Virgem. A côr hebraica é n'esse bem accentuada; alguns quadros de costumes judaicos lembram por momentos o livro de Tobias. Ha ali vestigios sensiveis de judeo-christianismo ebionita e de docetismo; o casamento é ali quasi reprovado. Muitas passagens d'este livro singular não são desprovidas de graça, nem mesmo de uma certa ingenuidade. O auctor applica ao nascimento de Maria e a todas as circumstancias da infancia de Jesus os processos de narração cujo germen está já em Lucas e Matheus. — O nascimento de Maria, como o de João e de Jesus, foi precedido de uma Annunciação, com acompanhamento de preces e canticos. Anna e Joaquim são a estampa exacta de Elisabeth e Zacharias. Recuou-se mesmo até bordar a infancia de Anna. Esta applicação retrospectiva dos processos da lenda evangelica, tornou-se uma fonte fecunda de fabulas, correspondendo ás necessidades que a cada instante renasciam na piedade christã. — O culto da Virgem, que devia tomar mais tarde proporções tão enormes, já se infundia por todos os lados. Uma multidão de minucias, ás vezes pueris, sempre conformes aos sentimentos do tempo, ou susceptiveis de resolver as difficuldades que apresentavam os antigos Evangelhos, disseminaram-se por estas composições, primeiramente não admittidas, ou mesmo censuradas, mas que acabavam por ter rasão. A caverna da Natividade completou-se; o boi e o asno ai tomaram definitivamente logar. Representou-se S. José como um viuvo de oitenta annos, simples

Digitized by Google

protector de Maria; quiz-se que esta ficasse virgem tanto antes como depois do nascimento de Jesus. Fizeram-na de raça real, sacerdotal, descendente ao mesmo tempo de David e de Levy. Não acceitaram que ella morresse como uma simples mulher; fallava-se já do seu rapto ao céo. A Assumpção nascia, como tantas outras festas, do cyclo dos Apocryphos» [1].

Nas lendas da Virgem Maria apparecem todos os elementos das religiões chtonianas e orgiasticas, que os Gnosticos syncretisaram ao estabelecerem a sua propaganda nas classes populares. Esses elementos separam-se segundo as camadas historicas e os respectivos caracteres religiosos. Conservam-se nas lendas da Virgem-Mãe os vestigios de um culto da Terra, ou da prostituição sagrada, de uma sociedade primitiva hetairista; d'esse culto provieram as duas fórmas essenciaes: a da *Dea-Meretrix* (vestigios dos mythos de Aphrodite, Mylitta, Magdalena) e da *Virgem* (Artemis, Astarte, Martha).

As lendas da Virgem-Mãe adquirem o seu maior desenvolvimento com o syncretismo do culto védico da producção do fogo; a origem da cruz ou *svastica,* do arani e do cordeiro de Deus, e a representação pittoresca do *presepio,* ligam-se a esta proveniencia oriental, que revivesceu pelo syncretismo christão.

As tradições helleno-italicas de Coré e dos mysterios de Eleusis, em que a paixão da Deusa-Mãe é o dogma

---

[1] *L'Eglise chrétienne,* pag. 509 a 512.

Digitized by Google

supremo, vêm conglobar-se com a *Mater-dolorosa,* que chega quasi a competir com a Paixão do filho. O grupo das divindades femininas da Mãe dos Deuses e dos Homens, como Demeter, Ma-Rhea e Cybelle, prestava-se á allegoria do eterno feminino, mystico ou theosophico, que na primeira Renascença do seculo XIII, se manifestou por uma fórma idealista na arte, na poesia, na litteratura e no culto religioso, até tornar-se um dogma theologico.

Na evolução religiosa nada se perde; tudo se transmitte pela tradição, modificando-se segundo os estados sociaes e o gráo de consciencia individual. A época do apparecimento do christianismo caracterisa-se por um extraordinario syncretismo de doutrinas religiosas em differentes centros especulativos. O christianismo formou-se com esse caracter originario, que era preponderante; é logico portanto o separar as differentes crustas tradicionaes, que umas vezes se conservaram sómente nos sentimentos da credulidade popular, e outras vezes penetraram nas interpretações doutrinarias que se tornaram dogmas theologicos. Esses elementos sentimentaes foram principalmente compilados nos Evangelhos apocryphos; não admira portanto que ao elevar-se o typo da Virgem, a ponto de ser declarado um dogma da Egreja, a arte, a poesia, emfim as grandes manifestações estheticas do genio moderno fossem buscar a esses Evangelhos populares os assumptos da nova idealisação.

Sobre a importancia dos Evangelhos apocryphos, obra das seitas judaisantes e gnosticas, diz Renan: «A Arte

Digitized by Google

christã deve a estas composições, fraquissimas quanto ao ponto de vista litterario, mas singularmente ingenuas e plasticas, alguns dos seus mais bellos assumptos. A iconographia christã, quer byzantina ou latina, tem ahi todas as suas raizes. A eschola perugina não teria tido nenhum *Spozalizio;* a eschola de Veneza nenhuma Assumpção, nenhuma Apresentação; a eschola byzantina nenhuma descida de Jesus aos limbos, sem os apocryphos. O presepio de Jesus ficaria, sem elles, privado dos mais lindos detalhes. A sua vantagem está na sua propria inferioridade. —Tambem o successo d'estas narrativas fraudulosas foi immenso. Desde o IV seculo, os Padres gregos mais instruidos, Epiphanio, Gregorio de Nyssa, adoptaram-nos sem reserva. A Egreja latina hesita, faz mesmo esforços para os arrancar das mãos dos fieis, mas nada consegue. A *Legenda aurea* extrae d'elles á larga. Na Edade-média, os Evangelhos apocryphos gosam de uma voga extraordinaria; têm mesmo uma certa vantagem sobre os canonicos, porque não sendo Escriptura sagrada podiam ser traduzidos em vulgar. Emquanto a Biblia está como fechada á chave, os apocryphos andam em todas as mãos. Os miniaturistas affeiçoam-se-lhes com amor; os romancistas apoderam-se d'elles, os mysterios mettem-nos em drama á porta das egrejas» [1]. A arte na sua intuição humana, chegava a operar a synthese affectiva entre Artemis e a Virgem.

---

[1] *L'Eglise chrétienne,* pag. 517.

Digitized by Google

No templo de Epheso existia a Virgem Artemis, denominada pelo epitheto de *kourotrophos*, a amamentadora de crianças; Murillo, na celebre imagem da Conceição, dá realidade ao epitheto, cercando-a de crianças que simulam a legião dos Anjos. A Virgem com o Filho ao collo é uma reminiscencia da representação da deusa Isis, tendo nos braços seu filho Horus. O gnosticismo egypcio podia ter vulgarisado esta similaridade. Estes factos deixam bem claro o methodo critico para o estudo das lendas da Virgem.

1. A Dea-Meretrix

A concepção das divindades femininas não se formou por uma simples especulação mental da analogia do par sexual com o Céo e a Terra, o par fecundo de toda a creação na natureza. Só muito tarde se chegou a este gráo de causalismo, representado nos emblemas chtonianos do *kteis* ou o utero, e do *phallus*, que apparecem em monumentos de civilisações rudimentares e nos mythos das raças superiores. O que se passou na religião, passou-se em grande parte na linguagem como representação verbal das concepções. Os nomes *femininos* na linguagem, que se attribuem a uma phase social em que a mulher constituiu os primeiros centros da vida sedentaria, de que resta ainda a tradição das Amazonas, revelam-nos que n'esse meio anandrico, a noção divina foi a da grande Mãe, a Terra, consagrada em todos os seus orgãos fecundos — a caverna, a montanha, a pedra, o rio, as florestas e canaviaes. *Prima Deorum*

Digitized by Google

Tullus, é verdadeiramente a synthese de uma concepção religiosa feminina, que foi apropriada pelas raças superiores kuchito-semitas e mesmo pelos Arias, que a separaram do regimen do matriarcado para uma sociedade mais avançada em que predominava o patrio poder. É preciso portanto para bem comprehender a formação das divindades femininas, separar os elementos que pertencem a uma sociedade hetairica, elementos que subsistiram na tradição helleno-italica e que por via dos gnosticos da Syria entraram na formação das lendas da Virgem-Maria. Fôra nas terras baixas e humidas, ou defendidas pelas ribeiras em pequenos deltas, que se formaram essas sociedades anandricas, como se vê pela tradição de Theseo, á busca de Perigyne, que se refugiára em um sitio onde havia muitos canaviaes: « Se se considerar bem que Theseo, o amante de Ariadne, um dos symbolos chtonianos melhor caracterisados, e o vencedor das Amazonas, com quem elle faz alliança, não é aqui senão o eponymo do periodo de compromisso entre o eupatriado dos Jonios invasores e a metrocracia dos vencidos, não se poderá deixar de reconhecer n'esta Perigyne ou Perigone, cujo nome é bem significativo, uma amante da qualidade das Ariadne e das Antiope, isto é, uma mãe chtoniana, virgem ou hetaira, segundo o ponto de vista » [1].

Os filhos da terra era o nome dado ás raças vencidas pela raça guerreira vencedora. A terra (*tersa,* sêc-

[1] Jules Baissac, *Les Origines de la Religion,* t. II, pag. 141.

Digitized by Google

ca ou enxuta, no latim; como no grego *Ksera*) era designada por essas raças foragidas pelo nome de *Apia* a ilha saída das aguas, a planicie humida [1]; quando porém a Terra começou a ser trabalhada, rasgada pelo arado, o seu nome variou para *ariatha* (a arada, lavrada com sulcos) d'onde se derivam as fórmas scandinava *Jörd*, e germanica *Irda*, e *Herta* já personificada em divindade. Os Pelasgo-gregos da Chersonese taurica representavàm a terra pelo symbolo da *mulher*, e a agua pelo symbolo da hydra ou *serpente* [2]. Aqui temos como a representação symbolica da terra ou ilha cercada de agua (*apia*) veiu a conservar-se na raça semita no antagonismo entre a *mulher e a serpente*, da lenda do Genesis, a idealisar-se na imagem de Maria, que a pintura representa calcando a cabeça da serpente. Para os Arias hindus a serpente era o symbolo das tribu-agricolas. Tacito, na *Germania* (cap. XI), descreve o culto de Hertha ou da Terra-Mãe; o seu sanctuario era em uma ilha, n'um bosque sagrado onde se guardava o carro que levava a pedra focaria; era levado por vaccas ao acaso, e na povoação onde parasse não havia mais hostilidade de guerra nem tributos; quando o carro voltava para a floresta augusta, o carro e a pedra divina eram lavados em um lago secreto e afogados immediatamente os servos d'esta purificação.

Dá-se aqui um facto que importa observar: o culto

---

1 Bergmann, *Les Scythes*, pag. 34.

2 Ibid., pag. 36.

Digitized by Google

da Terra junto com o sacrificio pela morte. A terra orvalhada ou fecundada pela chuva (*Frigg*) tomou o nome de uma divindade, *Freya*, fórma do culto da primitiva prostituição sagrada entre os Germanos: « Adorava-se *Freya* como a voluptuosidade, a bella feiticeira que se prostituia com os deuses. Ella tambem seduzia os homens » [1]. Eguaes vestigios de uma sociedade hetairica se encontram entre os povos italicos: « É permittido conjecturar, que quando as populações latinas vieram, em pequeno numero, primeiramente, estabelecer-se nas collinas romanas, ellas ali acharam na posse do solo a raça hetairica, á qual só podem ter pertencido mythos como os de *Anna Perenna*, de *Venus Murcia*, de *Venus Cloacina*, de *Venus Libitina*, dos *Penates*, da *Vesta-Mater* associado ao *fascinus*, de *Vesta Caca* e de *Cacus* opposto a Evandro, etc. É n'este primeiro nucleo, misturado já com muitos estrangeiros e os *ex-secrati* latinos, tudo que o repellia, em uma palavra, o systema social aryano puro, que deveria ter tido logar a missão Eneana cantada por Virgilio » [2]. Jules Baissac accentua a relação d'esta sociedade hetairica com a Deusa-Mãe « que em Roma sob os nomes de *Anna*, de Venus Erycina, Volgivaga, Genitrix, Murcia e Murtea, Libitina, Salacia, Verticordia, Calva, honrava particularisadamente esta plebe sem antepassados, sem paes, sem familia, cujos casamentos não eram senão ajuntamentos, e os

---

[1] Ozanam, *Etudes germaniques*, t. I, pag. 44.

[2] Jules Baissac, *Les Origines de la Religion*, t. II, pag. 4.

Digitized by Google

filhos *spurii* ou bastardos » [1]. Comprehende-se como a tradição d'este periodo social de hetairismo conservada em certas fórmas religiosas era sympathica ás infimas camadas populares de Roma, e depois de se reflectir nas suas doutrinas do communismo da propriedade e das mulheres, chegou a penetrar na moral da Egreja, que não approvava mas simplesmente tolerava o casamento, representando o estado de perfeição na virgindade. A situação de José junto de Maria não poderia admittir-se em um regimen social do patriciato, que se fundava na *justae nuptiae* e no absoluto e inquebrantavel patrio poder.

No *Proto-Evangelho de Thiago* encontram-se todos os traços caracteristicos que fazem de Maria uma Kedesch, ou serva do templo, como as Devadassi dos cultos chtonianos da India ou as Hierodulas hellenicas: « Maria tinha sido educada *como uma pomba* no templo do Senhor... » (Cap. VIII). E no *Evangelho da Natividade de Maria* desenvolve-se esta situação: « Então o grande-sacerdote annunciára publicamente que as Virgens que se educavam cuidadosamente no templo e que completaram os quatorze annos, voltassem para suas casas para se casarem segundo o costume da nação e a necessidade da edade. As outras obedeceram a esta ordem com presteza; a Virgem do Senhor, Maria, foi a unica que respondeu que não podia assim proceder, e ella disse : — Que não sómente seus paes a tinham dedicado

[1] Jules Baissac, *Les Origines de la Religion*, t. I, pag. 284.

Digitized by Google

ao serviço do Senhor, mas ainda, que ella tinha feito o voto da sua virgindade ao Senhor, e não o queria quebrar habitando com um homem. — O grande-sacerdote ficou n'uma grande incerteza, porque elle não pensava em infringir este voto... nem que fosse necessario aventurar-se *a introduzir um costume desusado na nação*». (Cap. VII). Vê-se por esta phrase final que o narrador conhecia a tradição das Kedeschoth, ou servas da prostituição sagrada, e que o voto de virgindade era a infracção de um costume do culto. Na *Historia da Natividade de Maria e da infancia do Salvador* nota-se tambem o desusado costume: «Aconteceu que Maria chegou aos quatorze annos da sua edade, e foi occasião para os Phariseus dizerem que, *segundo o uso,* uma mulher não podia mais ficar a orar no Templo». (Cap. VIII). O grande-sacerdote Abiathar responde-lhes: «Desde que este Templo foi construido por Salomão, tem contado um grande numero de Virgens admiraveis, filhas de reis, de prophetas e de pontifices; emfim, chegando á edade conveniente, ellas tomaram maridos, e agradaram a Deus *segundo o costume d'aquellas que precederam.* Mas, agora, introduziu-se, com Maria, uma *nova maneira de agradar ao Senhor,* porque ella fez a Deus promessa de perseverar na virgindade...» Este costume do sacrificio da virgindade, do culto chtoniano, que os Israelitas encontraram em Canaan, acha-se effectivamente condemnado no Deuteronomio (cap. XXIII, ỳ. 17.° e 18.°): «Não haverá mulheres prostitutas entre as filhas de Israel. Não offerecereis na casa do Senhor, vosso Deus, a recompensa da prostituta nem o preço

Digitized by Google

do cão». Apesar d'esta prohibição mosaica, ainda nos reinados de Aza e Josaphat foi preciso expulsar os ministros do chtonismo ou exterminal-os; mas o costume era tão inveterado, que segundo o livro dos Reis (liv. IV, cap. XXIII, ℣. 7.º): « Josias destruiu as barracas dos Kedeschim, que estavam na casa do Senhor, para os quaes havia ali mulheres que trabalhavam a fazer as tendas em honra de Aschera». Era a Deusa Aseroth, do chtonismo sideriano, que se propagava a Israel. Na *Historia da Natividade de Maria,* a Virgem encontra-se entre outras kedeschim, Rebecca, Sephora, Suzanna, Abigea e Zahel « e os sacerdotes lhes deram sêda, e linho, e purpura. Ellas tiraram á sorte qual seria a tarefa que caberia a cada uma. E aconteceu que a sorte designou Maria, para tecer a purpura com que fazer o véo do Templo do Senhor, e as outras virgens lhe disseram: — Como é que, sendo tu a mais nova, mereceste receber a purpura? E dizendo isto, pozeram-se como por ironia a chamar-lhe a rainha das virgens». (Cap. VIII). Comprehende-se a ironia, desde que se sabe que entre os hebreus a virgindade se tornava ignobil. Transcrevemos o facto, segundo Dulaure: « A virgindade, para as meninas nubis era entre os hebreus, como é ainda entre os hindus, uma especie de opprobrio. Jephté, antes de se deixar religiosamente degolar por seu pae, diz-lhe: Permitti que eu vá chorar durante dous mezes a minha virgindade pelas montanhas. Ella foi com suas companheiras chorar pelo motivo de que morria virgem. (*Juizes,* cap. XI, ℣. 37.º e 53.º). Segundo Mendes Pinto, as jovens indianas crêem que não podem entrar no paraiso

Digitized by Google

com a virgindade. E segundo Sonnerat (*Voyage aux Indes*, I, 123) os indios consideram a esterilidade como uma maldição » [1]. Este culto da prostituição sagrada foi evidentemente communicado por uma raça protohistorica ás raças superiores semita e árica. Herodoto (*Clio*, cap. 199) descreve a cerimonia da prostituição sagrada no templo de *Mylitta* entre os Babylonios, e na ilha de Chypre. Tanto entre os Fenicios, como entre os Judeus existiam estas festas da prostituição religiosa, chamadas *Succoth-Benoth*, que Dulaure identifica com a designação *Sicca-Veneria*, e os antigos padres da egreja traduziram por *barraca das donzellas*. N'essa barraca, feita de verdura, se recolhiam as raparigas para fazerem o sacrificio da sua virgindade á deusa syria, recebendo do primeiro que passava o preço incondicional da sua prostituição. É evidentemente um vestigio dos costumes relativos ao casamento, em que se passava de uma sociedade hetairista para o regimen monogamico prestando previamente esse sacrificio á communidade. A fórma religiosa succedeu á intenção social. Os Levitas traziam escripto sobre a fronte um rotulo com a palavra *Kedeschim*, que se traduz por uma expressão obscena. Diz Jules Baissac, ácerca da origem d'este culto entre os hebreus: « Pretendeu-se, que o culto em questão, extranho ao paiz, tinha sido n'elle introduzido por estes Gallas errantes que percorriam a Syria, tocando flauta e

---

[1] Dulaure, *Des Divinités generatrices*, pag. 187.

Digitized by Google

tamboril, ou sacudindo os seus pandeiros, e mendigando para a *Deusa-Mãe;* mas o seu estabelecimento no proprio templo de Jerusalem, d'onde o rei Ezechias, por instigação do propheta Isaias, os tinha uma primeira vez expulsado, e onde o rei Mannassé, seu filho e seu successor os restabeleceu, prova que se trata aqui de uma velha instituição, e de alguma cousa de fixo, como no sanctuario de Hierapolis, que era servido por Kedeschim e Kedeschot inteiramente similhantes » [1]. Com o desenvolvimento do prophetismo, é que estes cultos orgiasticos foram combatidos, pela influencia das suas doutrinas na realeza judaica.

Entre os Romanos as festas *Floralia* eram consagradas a uma das mais antigas divindades generatrizes; descreve-as Catullo no *Pervigilium Veneris,* e Ovidio nos *Fastos:* « a mãe dos amores debaixo das barracas verdejantes de myrto, formadas á sombra das arvores, dictará as suas leis á mocidade ». — « Durante tres noites, córos de rapazes e raparigas, coroados de flores correrão pelos bosques, e repousar-se-hão deliciosamente na barraca de myrtos ». Estas festas passaram para o christianismo nas ladainhas de maio, o mez consagrado a Maria. E Polidoro Virgilio, no seu *De rerum inventoribus,* descreve estas festas ainda no seu tempo persistentes na Italia, e reconhecendo as grandes similhanças com as descripções de Herodoto [2]. Muitos

---

[1] *Les Origines de la Religion,* t. II, pag. 299.

[2] Gubernatis, *Mythologie des Plantes,* t. I, pag. 225.

Digitized by Google

vestigios d'este culto eneano se encontram tambem em Portugal na festa popular do Maio, que é de ordinario uma criança toda cercada de verdura, e coroada de flores. Comprehende-se pela existencia de taes costumes em Roma, e pelo grande numero de escravos semitas e egypcios na triumphante capital, que essas tradições do chtonismo revivescessem e entrassem com uma grande intensidade na elaboração evangelica, e na propria organisação da egreja.

As *Agapetas,* da primitiva egreja, persistiram junto da classe clerical com o nome de *Focarias;* em um velho glossario, citado na *Hist. litt. de France* (XII, pag. 159) vem a definição: « *Focaria,* prestresse », isto é, o nome vulgar da concubina do padre era equiparado ao de presbyterisa. Tanto na Egreja franceza, como na ingleza, italiana, hespanhola e allemã, era geral o costume das *Focarias,* como se vê pelos decretos dos Concilios, pelos estatutos dos Bispos, *De focariis amovendis,* nas satyras contra os clerigos e nos protestos do proprio clero contra a repressão do inveterado costume. S. Jeronymo, no seu tratado *De custodia virginitatis,* confessa: « Não posso dizer, sem córar, tanto é a cousa deploravel, sem que por isso deixe de ser verdadeira, como se introduziu na Egreja esta peste das mulheres *Agapetas!* mulheres que com um nome supposto e sem serem casadas occupam o logar de esposas! ou antes concubinas de uma nova especie, ou mesmo meretrizes que se prostituem com um só homem ». O nome de *Agapetas,* tirado do grego, significava as Queridinhas, as amantes. No celebre versiculo 5

Digitized by Google

do cap. IX da Epistola de S. Paulo aos Corynthios, reclama-se o direito de todo o apostolo ou propagandista da religião nova a ser acompanhado por uma agapeta: «Não temos nós o poder de levar comnosco, nas nossas missões uma mulher-irmã (*adelphe gunaika*) como os outros apostolos, os irmãos do Senhor e de Cephas?» Este texto tem sido laboriosamente interpretado pelos commentadores, mas não escapa á deploravel realidade accusada por S. Jeronymo. Vê-se que as revelações do Minutius Felix no *Octavius*, ácerca das primeiras communidades christãs, coincidem com as praticas de um culto orgiastico, propagado «na escoria da plebe e entre as mulheres credulas». As praticas dos banquetes religiosos ou *dgapes*, apparecem melhor reveladas nos ritos da seita dos gnosticos Adamitas [1].

O logar em que Maria se viu obumbrada pelo Anjo, foi segundo o *Proto-Evangelho de Thiago*, quando desceu a um poço para tirar agua. É manifestamente um vestigio do eneismo chtoniano, como veremos pela lenda de Illia, filha de Eneas, que ao descer tambem ao poço no bosque sagrado de Marte, se achou obumbrada por aquelle deus. Eis o episodio tal como se narra no *Proto-Evangelho de Thiago*: «E tendo pegado em um cantaro, ella foi buscar agua, e eis que ella ouviu

[1] Sobre este ponto merece lêr-se o estudo de Emile Ferrière, *Concubines chrétiennes des Apôtres*, na obra *Les Apôtres*, pag. 248 a 379.

Digitized by Google

esta voz que dizia: Eu te saúdo, Maria, cheia de graça; o Senhor é comtigo; tu és bemdita entre todas as mulheres». Maria olhou para a direita e para a esquerda a fim de vêr d'onde vinha esta voz. E ficando assustada, entrou para casa, pousou o cantaro; pegou na purpura e assentou-se no seu escabello a trabalhar. Eis que o anjo do Senhor appareceu em sua presença dizendo: «Não tenhas medo, Maria; cahiste em graça junto do Senhor. E Maria ouvindo-o, pensava comsigo mesmo: Eu conceberei de Deus, e parirei como as outras mulheres!» (Cap. XI). Na *Historia da Natividade de Maria e infancia do Salvador* descreve-se o logar da surpreza: «Um outro dia, como Maria estivesse em pé junto de uma fonte, o Anjo do Senhor lhe appareceu dizendo: «Tu és feliz, Maria, porque o Senhor preparou uma morada em teu espirito». (Cap. IX). Jules Baissac commenta: «Estas narrativas são de tal modo cheias de eneismo chtoniano, que parece difficil não vêr n'isso um reflexo do symbolismo que inspirou egualmente a historia da annunciação do nascimento dos irmãos gemeos Romulo e Remo. A mãe d'estes gemeos, uma virgem tambem, é chamada por uns Rhea Silvia, e Illia por outros. Illia era filha de Eneas, e é quando vae buscar agua a uma fonte no bosque sagrado de Marte, que ella recebe em uma gruta, a violencia de que uma religião espiritualista devia necessariamente fazer uma obumbração divina: *et virtus Altissimi obumbravit eam*. Chegada ao pé da fonte, viu apparecer-lhe um lobo diante d'ella, que a amedrontou, e correu a refugiar-se n'uma caverna onde o deus Marte a surpre-

Digitized by Google

hendeu. Depois este deus consolou-a dizendo-lhe que seria mãe de dois infantes divinos, que excederiam todos os outros homens. O anjo Gabriel tambem amedrontou Maria apparecendo inopinadamente diante d'ella. A Virgem tambem se perturbou, e só ficou tranquillisada depois da obumbração do Altissimo, quando o anjo lhe annunciou que daria á luz um filho que restauraria o throno de David, e reinaria eternamente na casa de Jacob » [1].

O logar do nascimento de Jesus, segundo a narrativa do *Proto-Evangelho de Thiago* (cap. XVIII) foi em uma *caverna,* onde Maria se recolheu, emquanto José foi a Belem buscar uma parteira : « E a parteira foi com elle. E ella parou logo que chegou diante da *caverna.* E eis que uma nuvem luminosa cobria esta *caverna.* E a parteira diz : Minha alma foi glorificada hoje, porque os meus olhos viram maravilhas. E de repente a *caverna* foi enchida de uma claridade tão viva, que a vista não a podia contemplar, e quando esta luz se dissipou um pouco, é que se viu o menino ». (Cap. XIX). Jules Baissac, fallando da *lapinha* ou caverna de Belem, ainda hoje representada nos presepios populares, determina claramente o seu caracter chtoniano : « A santidade da caverna, ou antes do poço onde dão como nascido o filho de Deus, é tanto de origem chtoniana, que S. Jeronymo confessa-o sem mesmo duvidar. Este santo, que tinha passado tantos annos da sua vida em

[1] *Les Origines de la Religion*, II, 229.

Digitized by Google

Belem, e que melhor do que ninguem devia conhecer as tradições, diz, effectivamente, que Christo tinha soltado os seus vagidos na caverna onde era chorado o amante de Venus: *in specu ubi Christus quondam parvulus vagiit Veneris amasius plangebatur.* — Esta Venus é a Astarte syria e philistêa que os Gregos identificaram a Aphrodite e os Latinos a Venus-Urania, e que era tambem uma virgem-mãe, originariamente a grande geradora divina associada ao adolescente Adonis. Ella tinha por sanctuarios as cavernas sombrias na proximidade das fontes, e as proprias nascentes subterraneas». Temos ainda hoje nos costumes populares do Natal os *jardins* de Adonis, ou o trigo lançado em pratos com agua para grelar, e ornar com essa verdura o presepio. Junto de uma fonte é a annunciação ou obumbração; em uma caverna o parto, e aos trinta dias Maria e José offerecem, ao apresentarem o filho no templo, um *casal de pombas* (cap. xv, *Hist. da Nativ.*), o mais completo dos symbolos phallicos, que na arte antiga se representa puxando o carro de Venus [1].

Apóz estas lendas chtonianas da natividade, segue-se a tradição da *degolação dos innocentes,* contada na relação apocrypha pela seguinte fórma: «Quando Herodes viu que os Magos o tinham enganado, o seu coração inflammou-se de colera, e mandou gente por todos os caminhos; querendo agarral-os e fazel-os morrer, e como

[1] Gubernatis, *Mythologie zoologique,* t. II, pag. 321.

Digitized by Google

não os podesse encontrar, mandou a Belem, e fez matar todas as crianças de dous annos para baixo, conforme ao tempo de que elle se tinha informado com os Magos». (*Hist. da Nativ. de Maria,* cap. XVIII). A degolação dos innocentes é um d'aquelles canibalismos, que não podia dar-se na época esplendida de Augusto sem que deixasse protestos na historia. É um absurdo como facto, mas é uma verdade como reminiscencia do culto chtoniano. Junto com a prostituição sagrada dava-se tambem no chtonismo kuschito-semita o sacrificio das crianças. Depois de ter descripto o costume das festas Sakêas ou das Sucoth-Benoth, escreve Tiele na *Historia comparada das antigas Religiões do Egypto e dos Povos semitas:* «O sacrificio das crianças tinha egualmente a sua origem em motivos de uma piedade muito grosseira e puramente egoista. Sacrificavam-se os proprios filhos para assegurarem-se a si proprios uma longa vida. Lê-se: elle dava a sua progenitura pela sua propria vida, a cabeça dos filhos pela cabeça do homem. — É absolutamente a theoria e a pratica que se encontra na antiguidade em um grande numero de raças e de povos, e que nós vemos egualmente consagrada nos nossos antepassados, os antigos Germanos. Assim, não poderemos affirmar com certeza que os Babylonios e os Assyrios recebessem estas ideias e estes costumes dos povos que foram os seus iniciadores na civilisação. Porém os povos semitas conservaram-se-lhes fieis quasi até aos ultimos tempos da sua existencia. Honra aos prophetas de Israel, que foram os primeiros que se insurgiram contra estas atrocidades entre os Semi-

Digitized by Google

tas » [1]. A reminiscencia de um culto sanguinario, que ainda se praticava nos ritos da feiticeria, surgiu na imaginação dos credulos como o facto da *degolação dos innocentes,* egualmente interpretado como os deveres religiosos das *Kedeschotk.*

2. As lendas da Natividade

O culto da Terra ou o *Chtonismo* só se comprehende como uma concepção particular de uma phase social hetairista, (regimen da maternidade) que precedeu as civilisações superiores dos Semitas e dos Arias; entre estas raças, em que a constituição social se funda sobre o regimen da paternidade, a concepção religiosa deriva-se da contemplação do Céo, ou o *Uranismo.* Da influencia dos phenomenos meteorologicos e astronomicos sobre os phenomenos telluricos, era facil de estabelecer a relação entre o Céo e a Terra como um par conjugal divino, conservando a terra o caracter de um kteis ou utero que era fecundado pelas chuvas e calores do espaço celeste. Por esta relação natural, e desenvolvida allegoricamente, era facil transmittir-se ás raças superiores vestigios cultuaes do antigo *Chtonismo* hetairista, tanto mais que essas raças superiores assimilaram na sua constituição social muitas povoações, já reunidas em castas abjectas, já apropriadas como escravos e clien-

[1] Op. cit., pag. 209.

Digitized by Google

tes. O *Uranismo,* ou o culto dos phenomenos celestes, apresenta dois aspectos fundamentaes caracteristicos da situação das duas raças superiores: os Árias, que se desenvolveram nas áltas encostas, contemplaram e adoraram os phenomenos meteorologicos dos ventos, da chuva e do apparecimento da luz produzida pelo raio, e successivamente da aurora matutina e vespertina, e do Sol repellindo as trevas da noite. Representaram todos estes phenomenos *antropomorphicamente.* Os Semitas, que se desenvolveram em vastas planuras, e sob um céo sereno e matizado de estrellas, observaram os phenomenos astronomicos, principalmente o do curso do Sol nos seus dois equinocios hibernal e estival. Representaram-no como um heroe que morre e renasce, ou *antropopathicamente.* D'estas duas concepções primitivas, mas identicas em quanto á consagração religiosa da Luz, derivam-se variados systemas cultuaes, que pelo curso e conflictos da civilisação humana, se syncretisaram, apparecendo muitos dos seus aspectos na organisação do Christianismo. Nas tradições dos *Vedas,* que se referem á pratica cultual da formação do Fogo sobre o altar, encontram-se todos os elementos poeticos das lendas da *Natividade* do Menino-Deus, o Agni ou Agnus (o anho ou cordeiro) da crença christã. Nas tradições do *Avesta,* o Fogo produzido no altar é mensageiro do Fogo celeste, é o Mediador, a encarnação do deus supremo; d'aqui os elementos do culto de Mithra que precedeu em Roma a propagação do Christianismo, que facilmente veiu mais tarde a apropriar-se dos seus ritos liturgicos e mysterios dogmaticos.

Digitized by Google

Finalmente do *Uranismo* ou siderismo semita vieram esses ritos orgiasticos dos jovens-deuses solares que morrem prematuramente, são chorados pela natureza inteira, e resuscitam entre alegrias universaes. Tal é o Mysterio da *Paixão,* como o de Thammuz, de Atys, de Zagreus, de Dionysos. Estes cultos podem considerar-se em grande parte como uma transformação dos antigos cultos eneanos, em que o elemento feminino foi substituido por um Deus-homem, em harmonia com o regimen social do patriciado. Os cultos orgiasticos penetraram na Grecia, dissolvendo o genio hellenico, como uma corrente infecciosa da Asia; penetraram em Roma com as populações conquistadas e prepararam a ruina social do Imperio. Como notou Emile Burnouf, o culto da *Natividade* desenvolveu-se primeiro no Christianismo, até que depois do quarto seculo foi substituido pelo culto da *Paixão,* que se prestava a allegorias dogmaticas e ás abstracções theologicas de um corpo sacerdotal. É por isso que os ritos da *Natividade* tornaram a decahir, conservando-se na sympathia popular no automatismo dos seus costumes.

Estas duas correntes de evemerisação dos mythos conhecem-se no espirito dos dois Evangelhos canonicos de Matheus e Lucas. Nas narrativas de Matheus predominam os costumes e as crenças judaicas, taes como a paschoa, o reino temporal do Messias, Pilatos (*Belath,* o poço chtoniano), a estrella dos Magos, a degolação dos innocentes, e a figura de José, descendente de David. Nas narrativas de Lucas apparece o genio hellenico, ou antes oriental, em que todos os episodios da vida de

Digitized by Google

Jesus tomam o caracter allegorico de uma theoria de Christo. Era a influencia devida a S. Paulo. Estabelecendo a differença entre os dois Evangelhos, Burnouf encontra em Lucas o desenvolvimento do typo de Maria: «Em Matheus acham-se os Magos, a estrella, a fuga para o Egypto, a degolação das crianças; em S. Lucas não ha nem magos, nem degolação; José, o Judeu, desapparece da scena, e em seu logar vê-se apparecer no primeiro plano Maria, a galileana, de raça talvez extranha a Israel, modelo de santidade e de benção, cuja virtude purificante é sentida por todos os que se aproximam d'ella. Esta Maria é hoje reconhecida identica á Maya dos indianos, que é o principio feminino universal e que foi a virgem mãe de Buddha. A narrativa do nascimento de Jesus de madrugada, da aproximação dos pastores, dos anjos cantando em côro: — Gloria a Deus no alto céo — tudo isto fórma em S. Lucas um quadro de uma harmonia oriental e quasi védica, contrastando maravilhosamente com o espirito estreito dos saduceus e dos proprios phariseus» [1].

Nos polytheismos solares, o mytho fundamental da religião consiste na consagração da luz do sol, ao entrar no solsticio do inverno. No systema religioso do Egypto, a festa do nascimento de Osiris, ou da *Inventio Osiridis,* era celebrada no dia correspondente ao seis de janeiro. Na religião dos Accads da Chaldêa o mez que succede ao solsticio do inverno (*tebet*), chamava-se da

---

1 *La Science des Religions,* pag. 99, 3.ª edição.

Digitized by Google

caverna do levante ou do nascimento do sol. A *caverna* é o tumulo do templo de Delphos, aonde iam em uma cerimonia nocturna os Hosioi, e aos gritos de Licnites (Dionysos recemnascido) das mulheres pelos montes, apparecia o Deus-menino Dionysos deitado em um berço mystico. Entre os Sarracenos, segundo o testemunho de S. Epiphanio, o sacerdote descia a uma *caverna,* e saía de lá gritando: «a Virgem pariu; a luz vae outra vez crescer» [1]. Entre os povos áricos a reproducção do fogo celeste no altar por meio de uma faisca era o objecto da adoração do nascimento de Agni (ou *ignis,* o fogo). A pequena centelha, produzida pelo attrito de dois páos, é nos Vedas denominada *o menino* [2]. A mesma concepção dos antigos árias conservou-se entre os povos germanicos; escreve Ozanam: «Mas quando recomeçava a estação do frio, o Fogo era o unico consolador dos homens. Como não teriam elles prestado um poder divino a esta chamma activa que tinha todas as apparencias da vida, que restituia a força, que espalhava a luz? *Adoravam-no primeiramente na faisca virgem* tirada do attrito de dois pedaços de páo, depois no lar domestico, por fim nos fogos de alegria que se fazem cada anno, e que se correspondem por assim dizer, das margens da Noruega e da Inglaterra até aos ultimos valles da Suabia e da Austria; emquanto a fogueira se in-

---

[1] Lenormant, *Les origines de l'Histoire,* tom. I, pag. 258, nota.

[2] Burnouf, *La Science des Religions,* pag. 204.

Digitized by Google

flamma, a multidão dansa em roda, deitando n'ella como sacrificio flôres e corôas » [1]. A *faisca* virgem dos povos germanicos é a *savanagraha* védica. Burnouf descreve assim a natividade de Agni: « *Tvastri* é o carpinteiro divino, que prepara a fogueira, e os dois pedaços de páo chamados *arani,* cujo attrito deve produzir a criança divina. *Maya* é a personificação da potencia productora sob a fórma feminina:... Apenas a tenue faisca se soltou do seio materno, rito d'aquelle dos dois páos que é chamado a mãe e em quem sobretudo reside a divina mâyâ, toma immediatamente o nome de *menino;* acham-se nos Vedas hymnos de uma poesia arrebatadora sobre esta delicada e divina creatura que acaba de apparecer. Os paes collocam o *menino* sobre as palhas; ao lado d'elle está a vacca mystica, isto é, o leite e a manteiga... diante d'elle está um santo ministro representante de Vayu (o Espirito ou aura); tem na mão o pequeno abano oriental em fórma de bandeira, e agita-o para activar esta vida que ameaça apagar-se. D'ali é levado o *menino* para o altar, onde adquire uma força maravilhosa, que excede a comprehensão dos seus adoradores; tudo se illumina em roda d'elle; a sua luz intangivel destroe as trevas e acorda o mundo; os anjos (*devas*) e os homens alegram-se e prostram-se cantando um hymno em sua honra » [2]. Nos cantos popula-

---

[1] *Les Germains avant le Christianisme,* pag. 67.
[2] *La Science des Religions,* pag. 222.

Digitized by Google

res portuguezes os romances do Natal descrevem o nascimento da faisca virgem:

Não nasceste em palacios
Nem n'um leito de cortinas,
Foste nascer em Bethlem
Sobre umas pobres palhinhas [1].

Ai, Senhor do mundo
Tão pobre que estaes,
Deitado no feno,
E entre animaes [2].

Pastores, alviçaras
Que eu vi lo *Menino*
Nacido d'huma hora,
Do ventre divino.
Eu mesmo lo vi
Em suas carninhas,
Todo nusinho
Sobl'umas palhinhas [3].

Em um hymno dos Vedas a Agni, extractado por Burnouf, identifica-se o *arani* com a Mãe do Menino: «A joven mãe traz o menino real mysteriosamente occulto no seu seio... a rainha gerou-o... Sim, eu vi este deus de brilhantes côres... eu derramei sobre elle a uncção immortal...» Assim pela identificação da faisca com o Menino, tambem se acha a origem da Cruz, for-

1 2 3 *Romanceiro do Archipelago da Madeira,* n.º II, III e V.

Digitized by Google

mada pelos dois páos *Arani* e *Tvastri,* que produzem pelo attrito o fogo. O cruzamento d'estes dois páos é denominado *svastika,* a saudação, nome dado ao signal que se faz na testa dos jovens buddhistas, e que os christãos fazem com agua benta. A Cruz, como instrumento de supplicio, e com a fórma T, só apparece no symbolismo da egreja depois que os mythos da *Paixão* prevaleceram sobre os da *Natividade:* «O crucifixo não apparece antes do seculo v nos monumentos da Arte christã; a cruz em T, que alguns pretendem ter sido o instrumento do supplicio usado em Jerusalem, não se encontra senão uma vez antes d'esta época, com a data consular de 370» [1]. Os ritos da paixão são na egreja conjunctos com a renovação do fogo [2]. S. Jeronymo, commentando S. Matheus, diz de Christo: «Alguma cousa de igneo e sideral radiava nos seus olhos...»

Na lenda da Virgem-mãe persiste a concepção mythica da luz crepuscular que precede o sol ou que produz o sol: «ella representa a Virgem Aurora, sempre pura, mesmo depois de ter dado nascimento ao sol, como a Kuntê do *Mahâbhârata,* que fica virgem depois de ter parido Karna, o filho do sol, etc.» [3]. O que para a egreja se tornou o mysterio da encarnação, aproximado do mytho épico da India, reduz-se a uma simples reminiscencia de um culto solar, commum ás raças ári-

---

[1] Burnouf, op. cit., pag. 239.
[2] Ibid., pag. 233.
[3] Gubernatis, *Mythologie zoologique,* t. I, pag. 273.

Digitized by Google

cas. Agni (*ignis*, o fogo) é o filho de si mesmo nas concepções védicas; é o creador increato, e desce aos infernos. Como o raio, que sae das nuvens carregadas de agua, Agni é o filho da agua que se passa (o baptismo), vive no deserto, *maru*, e é seguido pela morte, *Marta*. São estes elementos mythicos que deram a universalidade á festa da Natividade ou do Natal; segundo Bergier, S. João Chrysostomo diz: «desde o começo esta festa é celebrada da Thracia até Cadiz, em todo o Occidente». Em Roma o Mithriacismo celebrava a festa do *Natalis Soli invicti*, que passou directamente para o Christianismo [1]. Comprehende-se como se espalhassem novamente as lendas medo-persas do Paraiso (*Paradeça*) e como a relação dos Magos zendicistas penetrasse no Evangelho de S. Matheus. A idealisação da Virgem no Presepio junto do Menino tornou-se um thema idyllico, cuja belleza não escapára ao evangelista S. Lucas; na poesia christã da Edade-média, Jacopone da Todi compoz um *Stabat Mater* da Natividade, bem digno de não ser esquecido:

Stabat Mater speciosa,
Juxta fœnum gaudiosa,
Dum jacebat parvulus.

Cujus animam gaudentem,
Lætabundam et ferventem
Pertransivit jubilus.

---

[1] Creuzer, *Religions de l'Antiquité*, trad. Guigniaut, t. I, pag. 363.

Digitized by Google

Ó quam læta et beata
Fuit illa immaculata,
Mater unigeniti!

Quæ gaudebat, et ridebat,
Exultabat, cum videbat
Nati partum inclyti.

Quis est qui non gauderet
Christi Matrem si videret
In tanto solatio?

Quis non posset collætari
Christi Matrem contemplari
Ludentem cum filio?

Pro peccatis suæ gentis,
Christum vidit cum jumentis,
Et algori subditum.

Vidit suum dulcem natum
Vagientem, adoratum
Vili diversorio.

Nato Christo in præsepe,
Cœli cives canunt læte
Cum immenso gaudio.

Stabat senex cum puella,
Non cum verbo nec loquela,
Stupescentes cordibus.

Eia, Mater, fons amoris,
Me sentire vim ardoris
Fac ut tecum sentiam!

Digitized by Google

Fac ut ardeat cor meum
In amando Christum Deum,
Ut sibi complaceam.

Sancta mater, istud agas:
Prone (*sic*) introducas plagas
Cordi fixas valide.

Tui nati cælo lapsi,
Jam dignati fœno nasci
Pœnas mecum divide.

Fac me vere congaudere,
Jesulino cohærere,
Donec ego vixero.

In me sistat ardor tui,
Puerino fac me frui,
Dum sum in exilio.

Hunc ardorem fac communem,
Ne facias me immunem
Ab hoc desiderio.

Virgo Virginum præclara,
Mihi jam non sis amara;
Fac me parvum rapere.

Fac ut portem pulchrum 'fantem
Qui nascendo vicit mortem,
Volens vitam tradere.

Fac me tecum satiari
Nato tuo inebriari,
Stans inter tripudia.

Digitized by Google

Inflammatus et accensus,
Obstupescit omnis sensus
Tali de commercio.

Fac me nato custodiri,
Verbo Dei præmuniri,
Conservari gratia.

Quando corpus morietur,
Fac ut animæ donetur
Tui nati visio.

Esta composição foi transcripta por Ozanam de um manuscripto da Bibliotheca nacional de Paris (n.º 7:785, fl. 109 v.); no manuscripto vinham accrescentadas por mão extranha mais duas estrophes:

Omnes stabulum amantes
Et pastores vigilantes
Pernoctantes sociant.

Per virtutem nati tui
Ora ut electi sui
Ad patriam veniant.
Amen [1].

3. Mater dolorosa

A lucta entre os elementos galileanos e hellenicos na formação do Christianismo, fez com que no typo de Maria se reunissem já os caracteres chtonianos das Gran-

[1] *Les Poètes franciscains en Italie au XIII siècle*, pag. 170.

Digitized by Google

des Deusas, já a sua posição subalterna em relação ao sacrificio do Filho. Na tentativa de restauração dos mysterios de Eleusis pelo imperador Juliano, a *paixão* passava-se com a deusa-mãe, angustiada pelo rapto de sua filha Coré. Decharme no seu livro *Mythologie de la Grèce antique,* explica o caracter chtoniano da Paixão da Deusa-mãe Demeter: « A ideia da maternidade da terra desenvolveu-se muito cedo na Grecia sob a fórma de um mytho, cujo sentido se deixa facilmente adivinhar, graças á transparencia das suas simples e poeticas imagens. A vegetação brilhante que em cada primavera desponta, é a filha da Terra, cujo seio se abre para a produzir; é Coré (a virgem infantil) a filha querida de Demeter, de quem é o orgulho e a alegria. Mas no outono este ornamento do sólo emmurchece e desapparece; Coré é arrebatada á ternura maternal » [1]. Esta desolação da natureza tinha a fórma cultual de lamentações: « Chorava-se a sua morte na pessoa de um joven adolescente, de *Linos,* que, como *Atys* e *Adonis* na Asia, tinha morrido de uma morte prematura, em todo o brilho da sua edade e da sua belleza. As vicissitudes annuaes da vegetação, o contraste do aspecto desolado da terra durante o inverno, e a alegria de que a primavera a reanima, tinham-se transformado, na sua imaginação, em uma verdadeira tragedia da natureza, de que Demeter e Persephone são os personagens principaes. Ella acha-se desenvolvida em um hymno homerico... a De-

[1] Op. cit., pag. 355.

Digitized by Google

meter, composto verdadeiramente por um poeta iniciado nos Mysterios de Eleusis... »[1] Depois de ser raptada Coré pelo deus do mundo invisivel Hades, sua mãe procura-a pelo mundo em lamentações: « Aqui começa o segundo acto do drama. É inteiramente preenchido pelas viagens de Demeter, que vae pedir ao céo e á terra novas da filha que perdeu, pela dôr da deusa que soffre uma verdadeira *Paixão* de amor maternal. Esta dôr é uma dôr muda e inconsolavel. Demeter torna-se o typo celeste da afflicção maternal; ella é segundo a interpretação dos Gregos uma mãe das dôres (*Demeter Akaia*) »[2]. Segundo o testemunho de Plutarcho, no tratado de *Isis et Osiridis,* na Beocia celebrava-se a paixão da maternidade de Demeter.

Nas festas eleusinias soltava-se o grito orgiastico *Iackoi,* como o confirma Plutarcho; era o grito de alegria dos iniciados. *Iacchus* personificou-se no Mediador dos mysterios, e identificou-se com Dionysos, em consequencia da importação dos ritos phrygios na Attica[3]. Tambem se encontra um outro personagem associado a Demeter: é *Jasios,* que é um dos organisadores dos mysterios eleusinos, que se identifica na figura de Zagreus e de Dionysos. Como um dos elementos mythicos do *Evangelho de Nicodemus,* Dionysos desce ao inferno

---

[1] Ibid., pag. 356.

[2] Ibid., pag. 357.

[3] Alfred Maury, *Histoire des Religions de la Grèce antique,* t. II, pag. 329.

Digitized by Google

(Hades) para trazer Coré; as allegorias tomam um caracter philosophico, em que se propagam as doutrinas da immortalidade da alma personificada em *Iacchus*.

A *paixão* da maternidade decahiu da sua importancia pelo syncretismo com o culto dionysiaco, em que as phallagogias e as praticas obscenas predominavam. A tentativa de restauração dos mysterios eleusinos pelo imperador Juliano foi infructifera; na egreja prevaleceu a *paixão* do Filho, em vez da *paixão* da Mãe. No emtanto na liberdade da imaginação e da credulidade popular a *Mater dolorosa* nunca deixou de influir na emoção religiosa. Diz Alfred Maury: «As lendas deram a Maria uma *paixão* como a de Jesus. Esta *paixão*, que inspirou o bello cantico do *Stabat Mater*, é a que a Virgem sentiu no seu coração ulcerado pela vista dos soffrimentos do seu divino filho» [1]. Quando Jacopone da Todi compoz a celebre sequencia do *Stabat Mater dolorosa*, o ideal da Virgem attingia o mais elevado gráo da consagração na Europa, entre os grandes doutores da Egreja, na Cavallaria andante, nas Universidades e nas canções dos trovadores. Ozanam, fallando do *Stabat*, diz: «A liturgia catholica nada tem de mais tocante do que esta elegia tão triste, cujas estrophes monotonas cáem como lagrimas; tão dôce, que se sente n'ella uma dôr completamente divina e consolada pelos anjos; tão simples, finalmente, que o seu latim popular, as mulheres e as creanças o entendem metade pelas palavras, a ou-

---

[1] *Histoire des Religions de la Grèce antique*, t. I, pag. 477.

Digitized by Google

tra metade pelo canto e pelo côro» [1]. Embora conhecido transcrevemos em seguida esse hymno assombroso, para ser comparado com o *Stabat* do presepio:

Stabat Mater dolorosa
Juxta crucem lacrymosa,
Dum pendebat Filius.

Cujus animam gementem
Contristantem et dolentem,
Pertransivit gladius.

O quam tristes et afflicta
Fuit illa benedicta
Mater unigeniti!

Quæ mœrebat et dolebat,
Et tremebat cum videbat
Nati pœnas inclyti.

Quis est homo qui non fleret,
Christi matrem si videret
In tanto supplicio?

Quis posset non contristari
Piam matrem contemplari
Dolentem cum Filio?

Pro peccatis suæ gentis
Vidit Jesum in tormentis,
Et flagellis subditum.

---

1 *Les Poètes franciscains*, pag. 169.

Digitized by Google

Vidit suum dulcem natum,
Morientem, desolatum,
Dum emisit spiritum.

Eia Mater, fons amoris,
Me sentire vim doloris,
Fac ut tecum lugeam.

Fac ut ardeat cor meum,
In amando Christum Deum,
Ut sibi complaceam.

Sancta Mater, istud agas,
Crucifixi fige plagas
Cordi meo valide.

Tui nati vulnerati,
Jam dignati pro me pati;
Pœnas mecum divide.

Fac me vere tecum flere,
Crucifixo condolere,
Donec ego vixero.

Juxta crucem tecum stare,
Te libenter sociare
In planctu desidero.

Virgo virginum præclara,
Mihi jam non sis amara,
Fac me tecum plangere.

Fac ut portem Christi mortem,
Passionis ejus sortem,
Et plagas recolere.

Digitized by Google

Fac me plagis vulnerari,
Cruce hac inebriari,
Ob amorem Filii.

Inflammatus et accensus,
Per te, Virgo, sim defensus
In die judicii.

Fac me cruce custodiri,
Morte Christi præmuniri,
Confoveri gratia.

Quando corpus morietur
Fac ut animæ donetur
Paradisi gloria.

A poesia moderna fecundava-se com o novo ideal da Virgem, o symbolo mais completo e significativo da Arte, destinado pela evolução da consciencia a representar a Humanidade em todos os seus aspectos. O hymno de Jacopone dava todo o realce á nova poesia latina, transformada pela prosodia moderna com a introducção da metrica syllabica ou da accentuação e da rima. A nova linguagem poetica fôra introduzida nos hymnos da Egreja no tempo de Santo Agostinho, e no seu periodo de esplendor no seculo XIII rivalisava com os cantos das linguas vulgares. Ao mesmo tempo que o *Stabat Mater* de Jacopone dominava todas as emoções pela *paixão* da maternidade, escrevia-se na lingua italiana, tambem em tercetos, um outro *Stabat* não menos bello, attribuido ao terrivel papa Bonifacio VIII. Aproximamol-o para o estudo comparativo:

Digitized by Google

Stava la Vergin sotto della cruce:
Vedea partir Jesu, la vera luce,
Madre del re di tutto l'universo.

Vedeva il capo che stava inchinato,
E tutto il corpo ch'era tormentato
Per riscattar questo mondo perverso.

Vede lo figlio, che la guarda e dice:
Oh! donna afflitta, amara ed infelice,
Ecco il tuo figlio: e Joan le mostrava.

Vede l'aceto, ch'era col fiel misto,
Dato a bevere al dolce Jesù Cristo,
E un gran coltello il cor le traspassava.

Vede lo figlio tutto passionato
Dicer colla Scrittura: é consumato:
Fiume di pianto dagli occhi disserra:

E Cristo pate e muor tra le flagella,
Piange la matre vergine pulcella
Il redentor del cielo e della terra.

Grandissimo dolore al cor avesti,
Vergine madre, come tu vedesti
Il caro figlio, quando era spirato.

Questo dolore fu di tanta possanza,
Che mille volte ogni martire avanza
Che fosse mai per te martirizzato.

Madre di misericordia, umile e pia,
Sola speranza dell' anima mia,
Contra 'l nimico doname vittoria.

Digitized by Google

Estes versos, coévos do *Stabat Mater* de Jacopone da Todi, são attribuidos ao papa Bonifacio VIII; foram achados em um codice da Bibliotheca do Vaticano por Girolamo Amati, e n'elle se affirma que no seculo XV ainda eràm lidos na Basilica de S. Paulo extra-muros, conservando a seguinte sigla: « *Santo Bonifazio papa, ottavo, fece la infrascritta orazione, e concesse a chi la dicerà liberazione di morte subita* » [1].

4. Nossa Senhora

O nome popular de Maria, a *Senhora,* conserva o valor tradicional, que no antigo culto hellenico das Grandes Deusas, se dava a *Despoina,* a Senhora, como epitheto de Demeter; os Pelasgos do Peloponeso invocavam-na com o nome de Hera, a *Senhora,* a Dominadora. Hera, segundo Maury: « Era o prototypo da mulher; representava o ideal da vida feminina » [2]. Esta mesma divindade indo-européa, que era a consagração da Terra, encontra-se entre os Germanos com o nome de *Hertha,* fórma antiga do allemão *Erde,* a Terra, que Tacito considera como a deusa Terra-Mãe (in commune *Hertham,* id est *Terram matrem* colunt...) [3] O caracter tellurico da Deusa conserva-se na côr negra da sua ima-

---

[1] Nannucci, *Manuale della Letteratura del primo secolo della Lingua italiana,* t. I, pag. 421.

[2] *Histoire des Réligions de la Grèce antique,* t. I, pag. 77.

[3] *Germania,* cap. XL.

Digitized by Google

gem: «Na Arcadia, o seu culto conservára-se com um caracter inteiramente pelasgico. Era denominada a *negra* (melaina), epitheto que convém inteiramente á Terra...» [1] As mais antigas representações de *Maria*, na arte christã, representavam-na *negra*: «não sómente o typo archaico da Virgem, tal como apparece nos retratos attribuidos a S. Lucas, nos reportam á ideia de Isis, mas tambem este mesmo typo egypcio reapparece em muitos simulacros reverenciados no Occidente; no Puy-en-Velay, a estatueta da Virgem representa-a *negra*, e a tradição popular diz que esta imagem viera do Egypto. Esta mesma côr negra se encontra nas estatuas de Nossa Senhora, em cedro, de Lorette, de Einsiedlen, de Chartres, de Wacour junto de Namur, de Hall junto de Bruxellas, de Kevelaer nas bordas do Rheno. — Sabe-se que Athor, a Venus egypcia, amamentadora dos Deuses, tambem era negra. — No poema composto no fim do seculo XIII em honra da Virgem por Conrad de Wurtzbourg, acham-se muitas allusões a Maria a *negra*, que é evidentemente uma Isis...» [2] A *pomba* era o symbolo das deusas telluricas Demeter e Dione. O nome de *Gemeter*, a terra-mãe, é equiparado a *Demeter* por Alfredo Maury, fundando-se em que *De* por *Ge* será uma antiga fórma pelasgica, que segundo Benfey, ainda subsiste no albanez [3]. Assim a deusa *Rhea* era invocada

---

[1] Maury, ibid., pag. 69.

[2] Maury, *Essai sur les Legendes pieuses au Moyen-Age*, pag. 38, not. 2 e 3.

[3] *Hist. des Religions de la Grèce antique*, t. I, pag. 68, not. 5.

Digitized by Google

como mãe *Ma Rhea* (Rhea formado por metathese de *Hera*, a terra) [1]. E quando se observa o alto sentido moral que na Grecia obteve o nome de *Hera*, não será absurdo considerar que essa sublime personificação passasse por via do culto de *Ma Rhea* para Maria. O culto das divindades telluricas preponderou especialmente entre os povos de raça semita, onde conservou sempre um grande colorido de sensualidade; entre os povos áricos esses typos divinos foram-se elevando como symbolos das virtudes da moralidade humana; taes são *Themis*, e *Dike*, a Justiça, e em geral a personificação das faculdades mentaes nas Musas. Vê-se portanto que a elevação do ideal da Virgem na Edade-média começou pela revivescencia das tradições helleno-italicas no Occidente, attingindo o seu maximo esplendor no seculo XIII, quando começaram os alvores da primeira Renascença. E esse grande symbolo, que na sua pureza synthetisa o genio da Civilisação occidental, tende a representar a Humanidade [2], personificando-a em todas as

---

[1] Id., ibid., pag. 78.

[2] Augusto Comte caracterisa esta phase religiosa: «ligada desde a origem ás tendencias do seculo das Cruzadas para a preponderancia da Virgem, que desde a dupla expansão da influencia e dos costumes cavalheirescos, representava melhor que Deus o unico objecto final dos votos occidentaes, a Humanidade. S. Bernardo tinha profundamente sanccionado esta aspiração decisiva, esforçando-se para a systematisar conforme uma prudente depuração do caracter mystico que compromettia a sua efficacidade social. No seculo XIII, uma tentativa mais radical preparada pelo piedoso utopista, que Dante installou no seu Paraiso como dotado do espirito prophetico,

Digitized by Google

suas virtudes e sacrificios, embora os padres a tenham destituido da maternidade, e amesquinhado em devoções beatas das grutas (Salette e Lourdes), regressando ás primitivas praticas chtonianas.

No processo critico que empregámos para determinar os elementos mythicos que se syncretisaram nas lendas da Virgem, não sahimos do rigor scientifico da connexão ou filiação historica. As conclusões a que chegamos, acham-se confirmadas pelo illustre mythographo

---

se realisou sob o digno predecessor de S. Boaventura no governo dos franciscanos. — Esta suave creação da Virgem, unico resultado verdadeiramente poetico do Catholicismo, tornou-se um producto collectivo do genio occidental, como se reconhece comparando-o com o typo byzantino, apesar das suas fontes dogmaticas. A sua elaboração, gradualmente preparada desde o começo da transicção affectiva, pertence sobretudo á terceira phase, sob o impulso da Cavalleria, que teve de procurar no céo a dama commum dos corações inoccupados. Fazendo habitualmente prevalecer uma tal adoração, tendia-se para reparar o vicio fundamental proveniente da omnipotencia do motor supremo, assim substituido por uma influencia directamente impotente e puramente medianeira, que não devia livremente desenvolver senão o amor. Esta santa idealisação do typo feminino tornou-se mais apta do que a natureza divina a preparar a concepção final da Humanidade, embora ella não podesse representar sufficientemente a intelligencia e sobretudo a actividade, que deviam de ceder ao sentimento a personificação do Grande-Sêr. Assim, apesar do abortamento inevitavel da reforma do seculo XIII, este culto precursor espontaneo da sociolatria, augmenta sempre, através da anarchia moderna, entre os Occidentaes que melhor sustentam a continuidade moral e social. (*Système de Politique positive*, t. III, pag. 485). Sobre o ideal da Virgem nas Universidades no seculo XIII, vid. a minha *Historia da Universidade de Coimbra*, t. I, pag. 93.

Digitized by Google

Alfred Maury, referindo-se á magestade e magnificencia das festas das grandes Deusas: «É notavel, que tanto na antiguidade hellenica e romana, como na Europa e na America catholicas, a sympathia e veneração populares, a maior pompa do culto, têm-se ligado de preferencia ás deusas, a sêres femininos divinisados. Tomando em conta a differença das crenças e da distancia dos tempos, acha-se *no culto de Athenea, de Demeter, de Proserpina, de Vesta, de Isis e da virgem Maria uma analogia de espirito e de fórma, que é impossivel desconhecer*. Nas manifestações publicas das adorações que lhes eram dirigidas, a humanidade procurou o ideal da mulher, e representou como attributos d'estas deusas as virtudes as mais dôces de que este sexo tem sobretudo o privilegio» [1].

[1] *Hist. des Religions de la Grèce antique*, t. II, pag. 222.

Digitized by Google

CAPITULO IV

As lendas da Paixão

A passagem das lendas da Natividade para o symbolismo da Paixão, no IV seculo, corresponde a um movimento philosophico que se operava na parte superior dos crentes. Ideias mithriacistas, orphicas e pythagoricas, tomando a fórma ascetica, renovavam esse symbolismo, que levava Tryphon, Porphyrio e outros a accusarem os christãos de terem roubado suas fórmas cultuaes e mysterios ao culto funebre de Baccho-Osiris (Vid. S. Justino, *Contra Tryphon*). Entre as doutrinas moraes, apparece no Christianismo a maxima de Pythagoras: «Nós vimos ao mundo para sermos castigados; é por isso que o trabalho é salutar, e o goso é pernicioso». Na egreja, o trabalho foi considerado como uma condemnação. O culto de Baccho-Osiris dividia-se em *nocturno*, celebrando cobertos de cinza a morte do Deus, e em *diurno*, ce-

Digitized by Google

lebrando a sua resurreição; na parte nocturna, faziam-se lamentações e terminava pela *Cêa,* em que se partia o pão, ou immolação da hostia, e se espalhava o vinho; na resurreição, o Deus descia ao Hades ou inferno, para julgar as almas, segundo as penas e recompensas que mereciam. Esta parte das Dionysiacas, verdadeiramente tomada do culto de Osiris, que Pythagoras e os Orphicos observaram no Egypto, apparece com toda a clareza no *Evangelho apocrypho de Nicodemus,* que entrou na elaboração do credo da egreja. Baccho era chamado o *auctor da Redempção,* e Deus *redemptor* ou *libertador* (Olympiodoro, ad Platon. *Phaed.,* c. 32), e Christo desce aos infernos para combater a potencia das trevas e libertar as almas. O poema de *Katabasis* ou da *Descida aos infernos* escripto por Pythagoras, não deixaria de influir na concepção do *Evangelho de Nicodemus,* como a condemnação dos poetas Homero e Hesiodo pelo philosopho se continuou na egreja pela condemnação de Virgilio e dos outros poetas da antiguidade. Os elementos philosophicos das crenças dos Orphicos e Pythagoricos, que reuniram as fórmas cultuaes mysticas do Egypto e da Persia (Baccho-Osiris e Mithra) apparecem na organisação das doutrinas theologicas e cultuaes da egreja, e este syncretismo não foi popular mas exclusivamente operado em uma classe instruida, que fez do rito da *Paixão* um completo symbolismo.

Um facto de alta importancia é a discordancia dos Evangelhos synopticos sobre a narrativa da *Paixão.* Sobre este ponto escreve Michel Nicolas: «As analogias

Digitized by Google

que apresentam os Evangelhos synopticos são manifestas; não é preciso procural-as; notam-se á primeira vista. Assentam sobre o facto e sobre a fórma. — Este accordo augmenta em geral com a importancia dos factos, salvo, no entretanto, na historia da Paixão, que fórma uma excepção assombrosa, e que é differente sob muitas relações, nos tres synopticos». Em nota accrescenta: «A narrativa da Paixão, no quarto Evangelho, differe ainda mais das narrativas dos tres primeiros, do que estes differem entre si» [1]. Vê-se por esta discordancia que o facto só muito tarde veiu a receber redacções, e pelo motivo da importancia que começaram a ligar-lhe. Isto se confirma por uma egual ausencia de referencias nos monumentos archeologicos christãos [2]. As divergencias das narrativas provieram pois das fórmas tradicionaes de outros mythos da Paixão, syro-hellenicos e mesmo egypcios, que eram conhecidos em Roma, e de que cerebros criticos se apropriaram adaptando-os á narrativa evangelica.

---

[1] *Etudes critiques sur la Bible* — Nouveau Testament — pag. 46.

[2] Sobre este aspecto da Arte christã, escreve Renan no *Marc Aurèle,* pag. 544: «A vida de Jesus que apresentam as antigas pinturas christãs é exactamente aquella que figuravam os proprios gnosticos e docétes, isto é, que a Paixão não se representa ali. Do Pretorio á Resurreição, todos os detalhes são supprimidos; Christo, n'esta ordem de ideias, não tinha soffrido na realidade. Desembaraçavam-se assim da ignominia da Cruz, o grande escandalo dos pagãos. N'esta época os pagãos apontavam por irrisão o deus dos christãos como crucificado; os christãos quasi que se defendiam».

Digitized by Google

«Bellissimas, e tambem assim pouco historicas são as narrativas proprias do terceiro Evangelho sobre a Paixão, a morte e a resurreição de Jesus. N'esta parte do seu livro, Lucas abandonou quasi o seu exemplar de Marcos e seguiu outros textos. D'ahi resulta uma narrativa mais legendaria ainda do que a de Matheus. Tudo ali é exagerado. A Gethsemani ajunta Lucas o anjo, o suór de sangue, a cura da orelha cortada. A comparencia perante Herodes Antipas é de sua inteira invenção. O bello episodio das filhas de Jerusalem, destinado a apresentar a multidão como innocente da morte de Jesus e a lançar todo o odioso sobre os grandes e sobre os chefes, a conversão de um dos malfeitores, a oração de Jesus pelos seus algozes tirada de Isaias (LIII, 12) são additamentos reflectidos. Ao sublime grito de desespero: *Elohi, elohi lamma sabacthani,* que já não estava em relação com as ideias que se fazia da divindade de Jesus, elle substitue um texto mais calmo: Pae, entre as tuas mãos entrego o meu espirito. — O Evangelho de Lucas é o mais litterario dos Evangelhos. Tudo ali revela um espirito largo e suave, prudente, moderado, sabio e rasoavel no irracional» [1].

Na *Epistola I de S. Pedro,* o auctor dá-se como testemunha dos soffrimentos de Christo, e omitte um facto essencial contado por S. Lucas em relação á Paixão (*Luc.*, XXIII, 34) «o que leva a crêr que a lenda de Jesus, quando elle a escreveu, ainda não tinha chegado ao seu

[1] Renan, *Les Evangiles,* pag. 280 e 282.

Digitized by Google

pleno desenvolvimento» [1]. Esta Epistola I de Pedro é considerada por alguns exegetas como aprocrypha, pelo fundamento de bastantes plagios das Epistolas de S. Paulo e em especial da *Epistola aos Ephesios*. A narrativa da Paixão ainda fluctuava na comparação vaga do cordeiro do sacrificio a que Isaias comparava o Propheta de Israel; e o seu desenvolvimento operava-se no intuito moralista da exhortação ao soffrimento expiatorio n'este mundo: «Póde-se duvidar que a narrativa estivesse já escripta; esta narrativa sobrecarregava-se todos os dias com novas circumstancias; mas os traços essenciaes, fixados na memoria dos fieis, eram para elles perpetuas exhortações á paciencia» [2]. O Agnus nascido nas palhas do presepio não se prestava a estes sentimentos de abnegação e de penitencia, como o symbolico cordeiro paschal identificado com Jesus expirando silencioso sob os golpes dos perversos. As lendas da Paixão tendiam pela allegorisação e commentos doutrinarios a substituirem as lendas da Natividade. Em Barnabé define-se essa intenção: «A Cruz de Christo é a palavra de todos os enigmas: elle acha-a por toda a parte por meio de extravagantes *gematrioth*. A Paixão de Jesus é o sacrificio propiciatorio de que os outros não são senão a imagem. O gosto que o Egypto antigo e o Egypto judaico teve por estas allegorias parece encontrar-se n'estas explicações, onde nos é impossivel vêr

---

1 Renan, *L'Antechrist*, pag. IX.
2 Id., ibid., pag. 117.

*

Digitized by Google

outra cousa além de artificios arbitrarios» [1]. A elaboração d'este novo facto da Paixão foi causa da primeira heresia, o *Docetismo,* em que para o acceitar, Cerintho separou a parte divina, ou o Christo, da entidade humana de Jesus, que só n'esta condição terrena soffreu o supplicio da cruz; esta mesma doutrina apparece em germen entre as familias ebionitas [2]. Pelo seu lado os gnosticos, que tanto desenvolvimento deram ás lendas da Natividade, não se conformavam com a ideia de um martyrio, e portanto a imitação da Paixão, effectuada pela separação do *Noûs* ou o principio divino de Jesus, se tornava da parte dos confessores da fé um acto de suicidio [3]. Uma vez acordada a imaginação popular, a narrativa da Paixão sob o seu aspecto dramatico tinha o poder de exaltar o sentimento dos ingenuos, e de renovar as antigas lamentações dos cultos polytheistas dos jovens deuses que morrem na flôr da edade e que resuscitam entre triumphaes alegrias. A Paixão foi desenvolvida em um grande cyclo de Lendas, que se agruparam na sua fórma mais completa no *Evangelho apocrypho de Nicodemus.*

A ideia de um soffrimento ou tortura de Deus, na sua paixão, acha-se expressa nas fórmas cultuaes de Dionysos e de Soma vedico. Alfred Maury descreve-o por esta fórma: « Durante o inverno, a vinha, parecendo

---

1 Renan, *Les Evangiles*, pag. 376.
2 Ibid., pag. 419.
3 Renan, *L'Eglise chrétienne,* pag. 161.

Digitized by Google

amortecer, prestava-se ao deus que personificava o mesmo estado de soffrimento. A póda do arbusto tornava-se a tortura e a *paixão* do deus; d'ahi outras festas com o caracter de tristeza e de dôr, as Bacchanaes ou Trietérias, assim chamadas por se celebrarem de tres em tres annos. Esta solemnidade caía na época do solsticio, no dia mais pequeno e durante a maior noite, porque era a noite que se escolhia para a sua celebração... » Em nota accrescenta: « Esta ideia do martyrio de deus lembra a dos Arias ácerca do deus Soma, e é um novo indicio da origem védica da divindade thebana. Dionysos, assim como Soma, soffria uma verdadeira *paixão*. O deus personificava o alimento divino, e recebia a morte para salvação dos seus adoradores. É o que poz em evidencia Mr. Langlois na sua *Memoria sobre a divindade védica chamada Soma* » [1].

Estes elementos vedico e hellenico entraram na parte cultual do Christianismo, onde Jesus dá a beber o seu sangue e a comer a sua carne no sacrificio do altar para obter a salvação eterna áquelle que communga. A pratica agricola da feitura do vinho já se tinha tornado uma industria vulgar, e por isso não se podiam reproduzir os velhos mythos na sua primitiva simplicidade dramatica; o trabalho da *vinha do Senhor* serviu apenas para uma parabola, e o vinho prestou-se á allegoria do sangue derramado pelo Salvador, e que se

---

[1] *Histoire des Religions de la Grèce antique*, t. II, pag. 200. — Langlois, *Mem. cit.*, Acad. des Inscript., t. XVIII, pag. 351.

Digitized by Google

dava a beber aos seus proprios crentes. A intervenção das *santas mulheres* no drama da *paixão* é um dos caracteristicos da relação de Christo com todos os deuses de natureza orgiastica; na Paixão de Dionysos: «As mulheres e as raparigas tomavam n'ella uma parte exclusiva, sob os nomes de Ménades, de Thyades, etc.» [1] Tambem na paixão de Tammuz e de Adonis, quer em Jerusalem ou em Byblos, eram as santas mulheres, em um delirio religioso, que acompanhavam o joven Deus ao sepulchro d'onde havia de resurgir.

Na Paixão de Osiris, de Atys e de Adonis, os deuses orgiasticos são chorados lugubremente e procurados por suas esposas Isis, Cybele, Astarte. A soledade, a desolação immensa em que se deixavam cahir essas deusas, já para os proprios espectadores do culto orgiastico, davam-lhes o aspecto de Mães que tinham perdido o seu filho amado. Assim o nota Minutius Felix no *Octavius:* «Isis perditum filium... luget, planget, inquirit...» No desenvolvimento do Christianismo a Esposa desolada ficou allegorisada na entidade a Egreja, e o facto concreto na fórma tão sympathica e commovente da *Mater dolorosa* e da *Pietà* michel-angelesca.

Nos funeraes de Adonis em Byblos seguiam-no as mulheres desgrenhadas ao sepulchro, em gritos e cantos funeraes; são importantes as analogias achadas por um sabio tão respeitavel, como Alfred Maury, com as nossas endoenças: «Esta solemnidade, que entretinha

---

[1] Maury, op. cit., pag. 200.

Digitized by Google

poderosamente o sentimento religioso, parece ter tido alguma analogia com os usos que se praticam na Egreja catholica na sexta-feira santa ». « A dôr de Astarte era manifestada quasi sob os mesmos traços da Virgem em presença do cadaver de seu divino filho, e os Gregos, substituindo Venus a Astarte, collocavam sobre o seu regaço o deus agonisante, nas composições que lembram a *Pietá* christã » [1]. Albert Réville descreve-nos as ceremonias religiosas da Paixão de Atys, como se passavam em Byblos, avivando-nos as emoções da infancia quando assistiamos ao officio das trevas, procissão do Enterro do Senhor, e sermão da Soledade, em que as mulheres davam largas aos alaridos e convulsões hystericas:

« Quando a primavera ia acabar, e os ardores do verão começavam a seccar os campos, celebrava-se nos muros de Byblos uma festa lugubre. As ruas, os templos retumbavam com gritos dilacerantes; a flauta plangente acompanhava-os com sons estridentes. Mulheres, de cabellos esparsos ou cortados, algumas com punhaes enterrados no peito, todas com os vestidos rasgados, dirigidas por *gallas* ou sacerdotes eunucos, corriam como loucas através dos caminhos e vinham ajuntar-se em roda de um sarcophago levantado no templo. Ali se achava a imagem de páo de um morto. A ferida que lhe tinha roubado a existencia estava visivel e aber-

[1] *Hist. des Religions de la Grèce*, t. III, pag. 221, apoiando-se sobre as comparações archeologicas de Otto Jahn.

Digitized by Google

ta;... O lucto durava muitos dias; sendo depois o idolo enterrado solemnemente. Era um lindo joven deus, apaixonadamente amado pela deusa do amor e da fecundidade... Os Gregos, que o ouviram chamar Adon, fizeram d'esse nome Adonis... Na realidade, este Adon era um deus cananeo de primeira ordem, reverenciado em outros muitos logares além de Byblos. — No outomno, quando as chuvas da entrada da estação tinham enchido o leito dos rios, julgava-se que o deus morto fertilisava com o seu sangue as terras resequidas. O barro vermelho, desligado dos cerros pelas torrentes e diluido na agua corrente, favorecia esta illusão. De novo o lucto de Adonis era celebrado durante sete dias; mas no oitavo dia rebentava uma alegria publica tão intensa, como a dôr o fôra durante os dias precedentes. O deus, diziam-no, tinha resuscitado e subido ao céo.

«Durante os dias de lucto observava-se a maior castidade, mas a vez da dissolução chegava. A bacchanal corria ás ruas, a orgia era soberana. Mulheres, raparigas, eram obrigadas a prostituirem-se e a consagrar ao templo o salario da sua deshonra. Estas alternativas de lucto e festa orgiastica parece terem sido muito do gosto das velhas povoações orientaes. Acham-se vestigios em quasi toda a parte, em Chypre, em Amathunte, em Paphos, na Phrygia, em Babylonia, em toda a Syria. Mesmo em Jerusalem, no tempo de Ezechiel, e ainda que a prostituição sagrada não fosse auctorisada em Israel como em outras partes, as mulheres iam tambem ao templo para ali chorarem Tammuz, o deus morto. Em Babylo-

Digitized by Google

nia esta immoralidade religiosa era levada mais longe...» [1].

Segundo Langlois, a *paixão* de Zagreus liga-se com os symbolos cultuaes do Rig-Veda, sobre que os Orphicos allegorisaram, bordando os mythos fundamentaes da Phrygia, da Phenicia e do Egypto, da *paixão* dos deuses (*pathemata*). Assim um dado numero de circumstancias referidas a Osiris morto, ou Serapis, a Dionysos e a Adonis ou á sua fórma phrygia de Atys, repetem-se em Zagreus, porque era commum a estas divindades o phenomeno tellurico e astronomico de que ellas foram a mythificação. Era um assumpto que tendia a destacar-se das lendas populares para as especulações mysticas, já sob a fórma cultual de Mysterios, já sob as interpretações theologicas. Quando o mytho da *Paixão* saíu da *disciplina arcani* do Christianismo, para se tornar o seu principal dogma representando o sacrificio da Redempção, já esse mytho se achava profundamente elaborado pelos orphicos e pelos poetas alexandrinos, e adquirira toda a sua expressão mystica. Diz Maury, referindo-se a esta elaboração dos orphicos sobre o sacrificio de Dionysos: «O sangue derramado pelos Titans ou os Cabiras era a imagem do principio fecundante espalhado na natureza. Dionysos era a alma universal, e as almas humanas tiravam d'elle a sua origem; este sangue tornava-se o germen dos sêres, e os homens eram então re-

---

1 Albert Réville, *La Religion des Phéniciens.* (*Rev. des Deux Mondes,* 1873, maio-junho, pag. 383).

Digitized by Google

presentados como nascidos do sangue de Zagreus; elles eram a carne, os membros, e o *vinho consagrado a Dionysos tornava-se assim a imagem da communhão dos homens* » [1]. Na formação do Christianismo corrigiu-se o defeito que fez com que a doutrina dos mysterios dos orphicos não attingisse a importancia de uma religião: retemperou-se de novo nas lendas populares, restos d'esses velhos mythos, e exerceu-se a coordenação material d'ellas sob o ponto de vista da moral.

A idéa da purificação por meio do sangue de um sacrificio [2], achava-se introduzida e praticada em Roma desde a introducção do culto de Cybelle, o typo da grande deusa. Suspendia-se um touro sobre uma cova aberta, onde o crente recebia a ablução do sangue do animal ferido; era a cerimonia da *taurobolia;* semelhantes a esta tambem se faziam as *Criobolias,* ou o sacrificio do

---

[1] *Hist. des Religions de la Grèce antique,* t. III, pag. 328.

[2] O sacrificio do proprio filho pelo pae foi um facto que a evolução religiosa teve de substituir e tornar allegorico, como se acha no Christianismo: « A offerta das primicias, e por consequencia dos primogenitos á Divindade, foi uma das idéas mais antigas dos povos chamados semitas. — O facto de immolações effectivas não foi raro entre os Phenicios, sobretudo entre os Carthaginezes. Os Hebreus ou Terachitas conspurcaram-se tambem algumas vezes com esta abominação. Nos casos de perigo constante, na Phenicia, em Carthago, no paiz de Moab, os soberanos e os grandes faziam, ao cruel preconceito popular, o sacrificio de uma pessoa querida ou dos filhos primogenitos ». (Renan, *Histoire du Peuple d'Israel,* t. I, pag. 121).

Digitized by Google

sangue do cordeiro a Atys [1]. Duzentos e noventa annos antes da nossa éra, estavam no fervor da credulidade estes sacrificios, como o provam as inscripções, medalhas e pedras gravadas. Nada mais plausivel do que modificar esta pratica material pela interpretação allegorica do sangue do innocente, equiparado ao cordeiro, derramado para purificar os crimes dos homens. O encontro de sectarios de todas as religiões dos principaes centros do mundo antigo em Roma, facilitava este natural e inevitavel syncretismo, a que obedeciam ainda os espiritos mais cultivados procurando organisar com todos esses elementos desvairados uma synthese religiosa universalista, já que n'essa época da consciencia humana lhes faltava o saber scientifico para emprehenderem a synthese philosophica. Creuzer julga com superioridade este syncretismo, de que o Christianismo foi um resultado: « Póde ser que o historiador tenha boas razões para não estimar esta mistura de tantas religiões differentes, que apresenta á sua vista a imagem do cahos; mas que a apprehensão dos esforços necessarios para fazer resaltar a verdade o não torne injusto até ao ponto de desconhecer a tendencia verdadeiramente religiosa e philosophica, que é a causa d'isso. Convimos, comtudo, que o syncretismo religioso póde ter tambem alguns motivos menos puros, quer na fria indifferença dos gregos e dos romanos degenerados, que se riam do

---

[1] Creuzer, *Religions de l'Antiquité,* t. I, p. I, pag. 75. Trad. Guigniaut.

Digitized by Google

culto simples dos seus piedosos antepassados, quer no fanatismo ávido de gosos, para quem os ritos diversos, como as producções de todos os climas, não eram senão expedientes novos proprios para renovar o gosto embotado» [1].

O syncretismo religioso, quer dos philosophos alexandrinos, dos padres da egreja, e mesmo da credulidade popular, identificava os differentes deuses que morrem e resuscitam. A phrase do propheta Ezechiel: «E elle me introduziu pela porta da casa do Senhor, que olhava para o aquilão; e alli estavam as mulheres assentadas chorando sobre Tammuz:» (VIII, 14) é interpretada pela maioria dos commentadores biblicos considerando Tammuz como o *Adon* ou Adonis phenicio; por outro lado, Flug, Sainte Croix e Sacy identificaram nos seus estudos hierologicos *Adonis* com *Osiris;* segundo Porphyrio *Atys* é o mesmo que Adonis, que na sua fórma phrygia se confunde entre os gregos com *Dionysos, Zagreus* e *Sabazius.* A sociedade romana não podia escapar a esta corrente de syncretismo, que se operava já nas classes superiores por influencia das doutrinas mysticas, já nas classes inferiores pelo contacto com os *Metragyrtes,* os sacerdotes mendicantes de Cybelle, os gallas-vagabundos que acudiam a Roma, onde se confundiam entre a ralé desprezivel. A *emasculação* dos gallas, os eunucos sagrados de Cybelle, operada no meio do delirio religioso, chegou a produzir-se no christianismo pelo acto isolado praticado por Origenes.

---

[1] *Religions de l'Antiquité,* t. II, p. I, pag. 73.

Digitized by Google

As festas de todos estes deuses orgiasticos celebravam-se em differentes épocas do anno entre os varios povos que os adoravam; mas pelo phenomeno natural, de que eram a representação hieratica, vê-se que essas differenças de época provinham dos começos do anno darem-se em varios mezes, tornando-se assim moveis, como as do Egypto, Judêa e ainda dos povos catholicos. A festa de Atys, com os seus dois periodos de lucto e de alegria, começava com a primavera em um dia de tristeza fixado em 21 de março [1]. A festa de *Adonis*, solsticial no Oriente, era equinoxial e caía em abril ou maio em Athenas, e nas outras regiões da mesma latitude.

É no equinoxio da primavera precisamente, que Christo pela sua *paixão* redime os males da humanidade; tambem em egual época do anno os judeus fixaram a sua paschoa, na lua cheia do equinoxio da primavera,

---

1 Réville apresenta assim a explicação mythica da festa: «O ponto de partida é evidentemente a lucta que se trava no fim da primavera entre o céo ardente do verão e a tepida temperatura que cobria a terra de verdura, de flôres e de vida. O javali devastador serve tambem nas outras mythologias para symbolisar os calores do verão. É então o céo da primavera morto pelo sol canicular, mas regressando com as frescuras do outomno depois de ter fertilisado o solo, que se apresenta sob a figura do joven e bello Adonis. A esposa-amante do deus morto e resuscitado, é a Terra, Baaltis, *nossa Senhora*, que fecundada na primavera, esteril no verão, abre de novo o seu seio ás influencias fertilisantes do céo do outomno. D'ahi e por imitação os desvairamentos das mulheres de Byblos». (Ibid., pag. 384).

Digitized by Google

isto é, no momento do anno em que o sol faz a passagem para o solsticio do verão, em que as forças beneficas do calor vencem as forças maleficas do frio do inverno.

Os judeus e os christãos chamam a esta festa a *passagem*, ou *paschoa*.

A universalidade d'este phenomeno foi causa de apparecer em todas as religiões solares esta fórma cultual da *Paixão;* entre os egypcios era a morte e a resurreição de Osiris; os phenicios celebravam a morte e resurreição de Adonis, e os phrygios as tragicas aventuras de Atys.

Sobretudo, na religião de Mithra, que era a adoração do sol pelos magos, é que se encontram as maiores analogias com a morte e resurreição de Christo. Mithra, que nasce, como Christo, em 25 de dezembro, morre assim como elle, e tinha tambem um sepulchro, sobre o qual os iniciados vinham fazer lamentações. Os magos levavam a sua imagem, de noite, a um tumulo que tinham preparado, e era estendido sobre um sudario, n'um esquife, como Adonis; a procissão, analoga á de sexta-feira santa, era acompanhada de cantos funebres, e de actos de penitencia, tendo acceso o cirio paschal.

O touro de Mithra acha-se substituido pelo cordeiro de Christo, porque os dois mil annos de distancia que vão da religião dos magos á dos padres, fizeram com que este phenomeno annual, pelo effeito da precessão dos equinoxios, se deslocasse do *signo do touro* para o do *cordeiro*. Tertulliano e S. Justino notaram estas intimas analogias das duas religiões, e attribuiam-nas a

Digitized by Google

obra do diabo [1]. Era um modo de illudir a continuidade historica, essa terrivel arma da critica, que tira o perstigio ás instituições.

Os mais antigos apologistas do christianismo concordam que o mithriacismo tinha sacramentos, taes como o baptismo, a penitencia, a eucharistia e as bençãos; tinha a corôa do martyrio e a consagração da virgindade, a crença nos anjos bons e máos, e as penas e recompensas.

Assim como os christãos representam Christo pregado no madeiro da cruz, os phrygios, adoradores do sol sob o nome de Atys, representavam-no na sua paixão por um mancebo amarrado a uma arvore [2], que se cortava com cerimonial. Ao pé da arvore estava um cordeiro como emblema do signo equinoxial da primavera. Estes mysterios de Atys duravam tres dias de lucto e tristeza, aos quaes se succediam os dias de alegria, ou as festas hilarias, em que o sol Atys triumphava das noites grandes.

Osiris e Baccho, ambos representados com a antiga fórma do touro equinoxial, morriam e resuscitavam como Christo.

Os padres da egreja conheceram as analogias que ti-

---

[1] Renan, *S. Paul*, pag. 269, not. 3. — « Se egual cousa se passa nos mysterios de Mithra, é porque os demonios malignos, imitando a instituição de Christo, o ensinaram a praticar; etc. » S. Justino, *Apologia*.

[2] O pinheiro, que os christãos conservam no costume da *Arvore do Natal*, e no *Trafogueiro*.

Digitized by Google

nha a paixão de Osiris com a do seu Christo; Athanasio, Agostinho, Theophilo, Athenagoras, Minucio Felix, Lactancio e Firmico fazem a comparação quando descrevem as cerimonias que se praticam no sepulchro do deus-sol Osiris, morto por causa da serpente do mal ou Typhon, e a sua resurreição unindo-se a Horus, o triumphador das trevas.

O choro de Isis é similhante ao da Virgem da soledade.

Como Osiris, Baccho tambem morria em sacrificio, descia aos infernos, resuscitava, e era chorado por sua mãe Ceres. As festas da paixão bacchica eram chamadas *Festas titanicas* ou da *Noite perfeita*. Como Christo, Baccho era egualmente chamado Salvador (*soter*), e como elle tambem fazia curas milagrosas, e os seus crentes esperavam pela sua vinda futura, como no millenarismo christão.

Macrobio notou que as ficções de Adonis, Osiris e Atys não tinham por outro objecto senão o sol e a sua marcha progressiva no zodiaco, comparada ao estado da terra nas duas grandes épocas solsticiaes. Este phenomeno annual foi o objecto de cantos lugubres e de cantos de alegria, conforme a época hybernal ou estival, em que resuscitava.

A *Paixão,* como fórma cultual solar, apparece entre outros povos, taes como entre os Tartaros o *jun,* e entre os Kalmucos o *dia branco;* os Phrygios chamavam a estas festas o *acordar do sol;* o mesmo entre os Paphlagonios.

Todas estas ficções mysticas derivaram de uma con-

Digitized by Google

cepção mythica da alternancia das victorias da noite sobre o dia ou do dia sobre a noite, e d'esta successão de actividade e de repouso da terra submettida á acção do sol; estes phenomenos annuaes eram descriptos no estylo allegorico sob as fórmas tragicas da *paixão*, do crucifixamento, da dilaceração, e por fim da resurreição.

Christo, nascido como o sol no solsticio de inverno, e triumphante no equinoxio da primavera sob a fórma de cordeiro equinoxial, reune em si o syncretismo de todos os elementos mythicos dos cultos solares. Esses elementos, como o provam os recentes trabalhos de Emile Burnouf, de Baudry, de Liebrecht, de Jacob Grimm e de Schwartz, ainda se conservam nos costumes populares em usanças, como a *serração da velha*, o *maio maiola*, a *caçada furiosa*, as *fogueiras de S. João*, e outros fragmentos, que pertencem a um systema de idéas de que o povo já não tem uma completa comprehensão.

Se as concepções mythicas já não dominam a intelligencia, nem harmonisam os sentimentos, era tempo de as substituir por claras e positivas noções scientificas.

1. As lendas da descida ao inferno

Na elaboração evangelica da Paixão, o episodio da descida ao inferno achou contradictores nos Apollinaristas, no fim do IV seculo; Santo Athanasio combateu esta negação, que resultava de uma comprehensão da natureza absolutamente divina de Christo, sendo depois condemnada como heresia no concilio de Constantinopla

Digitized by Google

de 382; a lenda da descida aos infernos foi proclamada como dogma no Credo Niceno, para acabar com essa hesitação dos crentes. Vê-se pela data d'estas controversias theologicas, que effectivamente a importancia da Paixão começou no IV seculo, e que a sua elaboração foi principalmente realisada por eruditos. A tragedia do *Kristos paskon,* attribuida a S. Gregorio Nazianzeno, compõe-se de scenas desligadas, formadas de reminiscencias dos tragicos gregos, e escriptas entre o IV e o VIII seculo [1]. Pelo seu lado Tertuliano (*Adv. Marcion,* I, 1) via na tragedia de *Prometheu* a imagem confusa da Redempção christã [2]. A necessidade da apropriação d'estes mythos de outras religiões resultava da incerteza da doutrina theologica: « A doutrina da Redempção ficou n'um plano atrazado do ensino ecclesiastico, pelo menos até ao tempo de Santo Agostinho » [3]. Embora tardia, esta elaboração tinha condições de popularidade. Duas correntes vinham suggerir a imaginação dos crentes: uma popular, proveniente dos primitivos mythos polytheicos, e outra dos philosophos e das religiões universalistas. No *Evangelho de Nicodemus* se synthetisaram estas duas correntes, que durante toda a Edade-média da Europa irromperam em lendas agiographicas, visões, poemas e representações artisticas. Tylor, na importante

---

[1] Patin, *Eschyle,* pag. 158.

[2] Id., ibid., pag. 255.

[3] Albert Réville, *Le mythe de Promethée* (*Rev. des Deux Mondes,* 1862, 15 d'agosto).

Digitized by Google

obra *A Civilisação primitiva,* esboça estas duas correntes, interessando-nos sobretudo a persistencia do mytho originario: « O espectaculo da descida ao inferno reproduz-se praticamente cada dia diante dos nossos olhos, tal como se apresentava ao antigo fazedor de mythos, quando elle via o sol descer para as trevas do mundo subterraneo, para regressar á aurora para a terra dos vivos. Estas lendas heroicas ligam-se assim estreitamente aos episodios do mytho solar. Os poetas primitivos não podiam deixar de comparar a vida humana á vida quotidiana do sol, encantadora na sua aurora, deslumbrante de gloria no meio da sua carreira, terminando emfim ao anoitecer pela morte; e foi esta comparação que determinou todas as religiões do mundo a collocar a habitação das almas ao occidente, ou em um mundo subterraneo. As particularidades innumeras que temos colligido em todas as phases da civilisação, provam-nos quão profunda influencia exerceu o mytho do pôr do sol sobre as crenças do homem relativamente á vida futura, e como por uma simples analogia, o Occidente e as regiões subterraneas se tornaram os logares indicados para a habitação dos mortos; estes detalhes provam-nos finalmente que os sonhos dos poetas selvagens se transformaram em dogmas admittidos pelos sabios da antiguidade e pelos theologos modernos» [1].

Em vastos systemas religiosos, cuja theologia é an-

---

[1] Tylor, *La Civilisation primitive,* t. II, pag. 63. (Trad. Barbier).

Digitized by Google

terior em muitos seculos ao christianismo, acha-se a relação intima da doutrina da vida futura com o mytho solar. Sobre este ponto continúa Tylor: «Na antiga doutrina egypcia da vida futura, modelada absolutamente sobre o mytho solar, o *Amenti*, a morada occidental das almas, é um mundo subterraneo ou *hades*. O morto passa pelas portas do sol ponente para atravessar os caminhos tenebrosos; elle avista seu pae Osiris. Guiados sempre pelo pensamento do mytho solar, os sacerdotes egypcios, quando elles representavam nas suas cerimonias symbolicas as scenas do outro mundo, levavam o cadaver em um batel sagrado para o conduzir ao logar da sepultura situado sobre a margem occidental do lago sagrado. O *Scheól* dos Israelitas, morada das almas dos mortos, achava-se tambem nas entranhas da terra. Os grandes systemas religiosos dos Aryas, o brahmanismo, o zarathustrismo, o budhismo, e mais tarde o islamismo e o christianismo, comportam um inferno e um purgatorio subterraneo que contrasta melancholicamente com um céo cheio de felicidade e de luz» [1]. Dos mythos religiosos passou esta crença para a idealisação dos poetas e para as allegorias dos philosophos, porque encontravam um fundo de sympathia e curiosidade popular, quando representavam os seus quadros da lucta dos heroes ou systematisavam as suas doutrinas abstractas. Na elaboração do Evangelho apocrypho de Nicodemus, o ultimo da idealisação da phantasia christã, abun-

[1] Id., ibid., pag. 87.

Digitized by Google

dam as reminiscencias das imagens philosophicas dos escriptores hellenicos, como signal de que essa elaboração fôra essencialmente erudita e com intuito de controversia; mas o *Evangelho de Nicodemus* achou um grande fundo de tradições populares da descida aos infernos, e subsistindo por essa sympathia, veiu a estimular todo esse vasto cyclo de visões da Edade-média, que, começando pelas metaphoras arrojadas do Sermão de Gregorio VII acabam na suprema idealisação da *Divina Comedia* de Dante.

A lenda da descida ao inferno não podia escapar á intenção philosophica. Platão, no *Phedon*, falla da habitação dos mortos, em que descreve a triplice divisão que veiu a prevalecer no christianismo: o tartaro corresponde ao inferno, logar das penas irrevogaveis, o lago Acherusiade ou de purificação semelhante ao purgatorio, e os elysios correspondente ao céo ou paraiso. Na *Republica* descreve a lenda do soldado de Pamphyllia, chamado Er o Armenio, que levantado do campo da batalha para ser lançado na fogueira, voltou á vida e narrou o que vira no outro mundo. Chegára a uma região onde o céo e a terra apresentavam dois buracos; alli se achavam dois juizes, que iam mandando para a direita ou para a esquerda as almas que se lhe apresentavam. O soldado de Pamphyllia espreitou por esses dois buracos e pôde notar alguns dos supplicios infligidos. Quando chegou a sua vez de ser julgado, os juizes reconheceram que não estava verdadeiramente morto, e volveu á vida.

Em Plutarcho, no I seculo do Christianismo, acha-se

Digitized by Google

a lenda de Thespesius, no tratado *Das delongas da justiça divina*. Era um devasso, natural da Cilicia, que depois de uma existencia de trapaças, morreu repentinamente de uma queda. Emquanto se faziam as cerimonias funerarias, Thespesius voltou a si e narrou a longa viagem que fez no mundo dos mortos, onde notou que os criminosos eram lançados para uma região subterranea, e os justos tinham uma fórma luminosa e transparente elevando-se para uma região etherea. Plutarcho descreve minuciosamente a visão de Thespesius, com as variadas fórmas dos tormentos infligidos aos condemnados, fórmas, que pela persistencia da tradição classica que floriu na primeira Renascença, reapparecem nas bolgias do *Inferno* de Dante [1]. Em Cicero, no ultimo livro *De Republica*, o *Sonho de Scipião* é uma visão poetica sobre o destino humano, imitativa da allegoria platonica [2]. Era um assumpto sympathico aos philosophos; Hieronymo, o peripatetico, attribuia tambem a Pythagoras uma viagem aos infernos. Os primeiros theologos christãos não podiam deixar de attribuir a Christo esta viagem, para o egualarem na importancia doutrinaria aos philosophos da antiguidade.

As descidas aos infernos tornaram-se o thema predilecto das Epopêas antigas; era um desdobramento natural do mytho-solar. Os antigos heroes contavam entre

---

[1] Labitte, *La Divine Comédie avant Dante*. (Na ed. Charpantier, pag. 93).

[2] Ozanam, *Fontes poeticas da Divina Comedia*, pag. 440.

Digitized by Google

as suas aventuras uma descida aos infernos, como Theseu, Orpheo e Pollux; e os poetas tratando este assumpto litterariamente, faziam sentir a sua incredulidade sobre esses contos phantasticos da vida futura. « Além do undecimo canto da *Odyssea*, e metade do vigesimo quarto, muitos poemas cyclicos, por exemplo o poema dos *Regressos* e a *Minyada*, de Prodicus de Phocea, contêm descripções do mundo invisivel. Foi conforme a *Minyada*, segundo Pausanias, que Polygnote tinha pintado a habitação dos mortos no lésche de Delphos. Existia tambem um poema attribuido a Hesiodo sobre a descida de Theseu e de Pirithoos ás moradas de Aidas » [1]. É conhecida a belleza do canto VI da *Eneida*, em que Virgilio descreve o interior do Averno; o poeta querido do Christianismo, que era interpretado como um propheta, impressionou profundamente a parte culta da egreja nascente, e influiria com certeza na imaginação dos theologos para converterem em dogma a lenda da descida aos infernos, como influiu nos poetas, e especialmente sobre Dante para a creação da *Divina Comedia*. Mas no seculo culto de Augusto a lenda caía no ridiculo das phantasias pueris; é assim que no poemeto *Culèx*, attribuido a Virgilio, se descreve a viagem de uma mosca ao inferno. Luciano, na *Necyomantia*, descreve uma viagem ao Tartaro com a intenção satyrica contra as cousas e pessoas de seu tempo, intenção que mesmo em Dante prevalece sobre o caracter artistico

1 Menard, *La Morale avant les Philosophes*, pag. 41.

Digitized by Google

d'aquella grande epopêa moderna. A respeito do *Hades*, escreve Luciano: «A grande maioria, isto é, todos aquelles aos quaes os sabios chamam imbecis, tem uma fé absoluta no que sobre isto dizem Homero, Hesiodo e os outros fazedores de mythos, e, considerando as suas poesias como uma lei sagrada, suppõem que existe sob a terra um certo logar profundo, o *Hades;* que este logar é vasto, immenso, triste, nunca alumiado pelo sol...» (*De luctu*). A imitação poetica tornou-se contagiosa; nas *Metamorphoses,* Ovidio acompanha ao inferno Orpheo e Juno; na *Punica,* de Silio Italico, Scipião tambem desce ao Averno a evocar as sombras dos antepassados; na *Pharsalia,* de Lucano, um morto no campo da batalha volve á vida e conta o effeito das luctas civis de Roma, no imperio de Plutão; na *Thebaida,* de Stacio, existem muitas descripções e episodios, passados no imperio das trevas, como a de Laius, Amphiaraus e Tiresias; as *Argonauticas,* de Valerio Flacco, começam por uma evocação. Entre os poetas tragicos dominava a mesma predilecção pelos espectaculos da vida futura ou do outro mundo, como se vê em Seneca no *Œdipo* e *Hercules furioso,* constituindo um genero litterario de *Necyomantias.* Eram as tragedias da quarta especie, classificadas por Aristoteles. Desde que a litteratura era um desenvolvimento dos velhos mythos polytheistas, é facil de estabelecer a transição d'esses mythos para os dogmas religiosos. Ozanam reconhece esta dependencia natural: «Desde que se penetra com alguma profundidade nos mythos gregos, reconhece-se que os deuses maiores, todos os deuses chamados *Sal-*

Digitized by Google

vadores (*soteros*) descem aos infernos. Não fallo de Proserpina, de Diana, de Mercurio, cujas funcções entre os mortos são bem conhecidas. Acho uma tradição que faz succumbir Apollo no combate symbolico com a serpente... Baccho visita o reino das sombras para arrancar Seméle sua mãe». E exemplifica com a lucta de Jupiter contra Typhon, e de Osiris e Chrichna contra as potencias das trevas, primeiramente vencidos e depois vencedores gloriosos [1]. Na poesia oriental em que prepondera o elemento mythico, vê-se que estas descidas ao inferno constituiam um fundo de crenças vivas da grande raça árica: em um episodio do *Atharva-Veda*, o joven brahmane Tadjkita é mandado perante o rei da morte; por esta obediencia a seu pae, o rei da morte tornou a mandal-o para a vida, concedendo-lhe tres dons, que o joven brahmane converte em perguntas sobre os problemas da alma e da immortalidade.

Os deuses salvadores são essencialmente deuses solares; obedecendo a esta noção instinctiva, os Padres da Egreja ao descreverem a descida de Christo aos infernos, aproximam-no sempre da comparação ou da allegoria do sol. Em uma homilia de S. João Chrysostomo, lê-se: «O inferno era um logar triste, tenebrosissimo, que nenhuma luz natural alumiava; assim permaneceu até que *o sol de justiça alli desceu*, veiu illuminal-o e fazer do inferno o céo». Alfred Maury, no seu magnifico estudo sobre o Evangelho de Nicodemus, diz sobre esta

---

[1] Op. cit., pag. 461.

Digitized by Google

identificação: «Esta imagem completamente allegorica, em que Jesus é comparado ao sol descendo aos infernos para dissipar-lhe as trevas, apresenta-se muitas vezes nos escriptos dos philosophos neo-platonicos. Proclus, no seu hymno ás Musas, serve-se de uma comparação similhante... Mas, Synesius, que associou nos seus hymnos as ideias gnosticas e alexandrinas ás crenças christãs, dá-nos uma aproximação mais frisante. Chama o Filho o typo sensivel do sol intellectual. Fal-o saír do inferno como um astro sae das trevas nocturnas, precedido da lua, a soberana das noites, marchando sobre o traço luminoso do sol... Sente-se n'esta curiosa passagem a influencia das doutrinas egypcias. O triumpho de Jesus, saindo do Hades, lembra este mytho engenhoso do Egypto, que pintava o Sol triumphante sahindo do hemispherio inferior, do *Amenti,* no qual se tinha mergulhado: expressão allegorica do phenomeno quotidiano que nos apresenta o astro em volta do qual gravitamos» [1]. Em Santo Ambrosio, no tratado *De Incarnatione Domini* persiste a allusão á claridade maravilhosa do Salvador illuminando as trevas do inferno: «*Radiabat etiam illic lux vera sapientiæ, illuminabat infernum...*» A mesma ideia da illuminação espiritual é apresentada, na Oração VII de Santo Amphiloco [2]. Renan, no *Antichristo,* reconhece que a lenda da descida aos infernos era necessaria para a concepção de um

---

[1] *Croyances et Legendes de l'Antiquité,* pag. 303.

[2] Maury, ibid., pag. 311.

Digitized by Google

Salvador: «Um ramo inteiro, uma especie de periodo de vida subterranea ajuntava-se á lenda de Jesus. Perguntava-se o que é que fizera durante os tres dias que passou no sepulchro. Pretendeu-se que durante este tempo descêra, dando um combate á Morte, nas prisões infernaes onde estavam encerrados os espiritos rebeldes ou incredulos; que alli prégára ás sombras e aos demonios e preparára o seu resgate. Esta concepção era necessaria para que Jesus fosse, em toda a força da expressão, o universal salvador; tambem S. Paulo (*Phil.*, II, 10; *Col.*, I, 20; *Ephes.*, I, 10; *Rom.*, XIV, 9) prestava-se a isso nos seus ultimos escriptos. Portanto, as ficções de que se trata não tomaram o seu logar no quadro dos Evangelhos synopticos, sem duvida porque este quadro estava já fixado quando ellas se formaram. Permaneceram fluctuantes fóra dos textos evangelicos e não acharam a sua fórma senão muito mais tarde no escripto apocrypho chamado *Evangelho de Nicodemus*» [1].

---

[1] *L'Antechrist*, pag. 58. No livro *L'Eglise chrétienne* explica esta formação: «A paixão de Jesus tendia tambem a desenvolver-se em um cyclo de lendas. Os pretendidos *Actos de Pilatos* foram o quadro de que se serviram para agrupar esta ordem de imaginações, ás quaes se associavam facilmente as polemicas acerbas contra os judeus. Foi sómente no IV seculo que os episodios, de um caracter quasi epico, que se suppunha terem-se passado na viagem de Jesus aos infernos, foram passando á escripta. Mais tarde, estas lendas sobre a vida subterranea de Jesus, reunindo-se aos falsos Actos de Pilatos, formaram a celebre obra chamada *Evangelho de Nicodemus*». (*Op. cit.*, pag. 514).

Digitized by Google

No Evangelho de S. Lucas (XVI, 26) o rico avarento que está no inferno bem desejára mandar um mensageiro á vida, para avisar seus irmãos dos tremendos castigos que soffre; mas responderam-lhe, que — quem não dava attenção á lei nem aos prophetas, tambem não era capaz de attender quem voltasse do outro mundo. Vê-se por isto que as velhas ideias do polytheismo greco-romano entravam na elaboração evangelica; Paulo, na epistola *Aos Corinthios* (XII, 4), tambem falla de um rapto ou visão do paraiso, de sorte que a redacção do Evangelho apocrypho de Nicodemus foi a concentração de todas essas lendas em um plano systematico para reagir contra a negação dos Apollinaristas. O *Evangelho de Nicodemus* é formado de duas partes distinctas, que se destacam pelo estylo; a primeira e mais antiga é formada pela relação dos primeiros tempos da Egreja, as *Acta Pilati*, cujo conteúdo, referido por S. Justino, Tertuliano e Eusebio, coincide com os elementos do apocrypho; a segunda parte, que começa no capitulo XVII, é formada por uma narrativa de Carinus e Leucius, filhos de Simeão, em que se faz a narrativa um tanto epica e grandiosa da descida de Jesus aos infernos, para libertar as almas dos patriarchas que alli o esperavam. A época da sua redacção é attribuida ao seculo V. No bello estudo sobre a formação do Evangelho de Nicodemus, Alfred Maury chegou á conclusão de que a narrativa da descida aos infernos é tomada dos auctores christãos do III e IV seculo, convertendo as imagens allegoricas e oratorias em factos concretos, desenvolvendo as figuras e metaphoras da linguagem

Digitized by Google

pittoresca em completa realidade. O seu valioso processo critico consiste em aproximar essas figuras de rhetorica empregadas pelos Santos Padres, como Cyrillo de Jerusalem, Gaudencio, S. João Chrysostomo, Synesius, Firmico Materno, Origenes, S. Hypolito, S. Epiphanio, S. Ambrosio, S. Clemente de Alexandria, S. Ephrem, Amphiloco e Eusebio de Alexandria, dos textos do pseudo-Evangelho, que muitas vezes intercala as palavras latinas no seu texto grego [1].

A narrativa de Carinus e Leucius tem a mesma disposição de todas as anteriores narrativas classicas da descida aos infernos. Elles são interrogados com curiosidade: « Se vós sabeis quem é que vos resuscitou de entre os mortos, dizei-nos como fostes resuscitados ». É no capitulo XVIII que começa propriamente a relação: « Quando nós estavamos com todos os nossos paes postos no fundo das trevas, nós fomos de repente envolvidos de um esplendor dourado como o do sol, e o seu clarão real nos illuminou. E immediatamente Adão, o pae de todo o genero humano, exultou de alegria, assim como todos os patriarchas e prophetas, e lhes disse: « Esta luz é o auctor da luz eterna que nos prometteu de nos transmittir uma luz que não terá fim ». — E o propheta Isaias exclamou, e disse: « É a luz do Pae, o Filho de Deus, como eu predisse quando estava na terra dos vivos..., e aquelles que estão na região da morte, a luz brilhará sobre elles. E agora, ella chegou, e bri-

---

1 *Legendes et Croyances*, pag. 295 a 314.

Digitized by Google

lhou para nós, que estamos assentados na morte». É grande o terror dos principes infernaes ao saberem da proxima chegada do Salvador; e quando elle se apresenta, ruindo diante dos seus passos as portas do orco, é ainda com o caracter luminoso que se impõe: «O Senhor de magestade sobreveiu sob a fórma de um homem, e alumiou as trevas eternas, e quebrou os laços que se não tinham despedaçado e o soccorro de uma virtude invencivel nos visitou... (Cap. XXIII). O principe do inferno e a morte e os seus officiaes impios vendo isto, foram tomados de assombro com os seus crueis ministros, nos seus proprios reinos, quando elles viram a deslumbrante claridade de uma tão viva luz, e Christo dominando de subito nas suas moradas, e gritaram dizendo: Tu nos venceste! Quem és tu, que o Senhor envia para nossa confusão?... Quem és tu, que libertas os captivos, que inundas de uma luz deslumbrante aquelles que são cegos pelas trevas dos peccados? — Então o Rei da gloria, esmagando com a sua magestade a morte sob os pés e prendendo Satan, privou o inferno de toda a sua potencia, e conduziu Adão á claridade da sua luz».

O *Evangelho de Nicodemus,* pela variedade dos elementos lendarios que ia acordar na tradição popular, tinha forçosamente de exercer uma profunda sympathia entre os crentes; e quanto mais a Egreja negava auctoridade canonica a essa narrativa, mais o pittoresco apocrypho despertava as creações da arte e da poesia da Edade-média, reproduzindo-se sob differentes fórmas, que tendiam outra vez á espontaneidade popular. Maury

Digitized by Google

cita alguns monumentos figurados que sahiram directamente da representação do Evangelho de Nicodemus. Gustave Brunet filia n'este evangelho, que era lido nas egrejas gregas, a melhor parte do cyclo poetico dos romances da Tavola Redonda: «É a este Evangelho de Nicodemus que é devida a introducção nas tradições armoricanas e nos romances da Tavola-redonda, do mytho celebre do *Santo Graal,* d'esse vaso sagrado, no qual José de Arimathea havia recolhido o sangue precioso do seu mestre. O romance de Merlim parece do seu lado annunciar-se como uma continuação da segunda parte do Evangelho de que fallamos» [1]. No romance de cavallaria, intitulado *Histoire du roi Perceforest,* vem incluida episodicamente uma traducção do *Evangelho de Nicodemus* «*la benoyste passion tout ainsi que Nicodemus la fist escripre mot à mot*». Duas correntes poderosas da imaginação medieval irradiam d'este Evangelho: uma é do cyclo das visões de monges que observaram as penas do inferno, visões que se relatam nas lendas e chronicas monasticas até chegar á redacção da celebre *Visão de Tundal,* sobre que se exerceram todas as litteraturas romanicas; a outra é da elaboração poetica dos goliardos e jograes que metrificaram este assumpto predilecto em obras mediocres, até chegar-se á maravilha do genio moderno, a *Divina Comedia* [2]. Não fazemos

---

[1] *Les Evangiles apocryphes,* pag. 220. Paris, 1863.

[2] Este thema tradicional acha-se tratado por Ozanam, *Les sources poétiques de la Divine Comedie;* por Labitte, *La Divine*

Digitized by Google

mais do que indicar algumas d'essas visões celebres: a historia de Sunniulfo, contada por Gregorio de Tours; a visão de Barontus [1], a lenda de Bernaldus [2]. Labitte analysa as lendas de Carpo, Saturo e Perpetua, do Soldado descripto nos Dialogos de S. Gregorio; dos tres monges, de Macario, Salvo, de Drithelm, Wettin, Bernold, Carlos o Calvo, Alberic, até á descripção do *Purgatorio de S. Patricio,* que compara com o Antro de Trophonius, que descreve Pausanias. Elle estabelece a relação do cyclo das visões com os fabliaux da Edade-média, em que o romance de *Guerino il Meschino,* é considerado como um dos antecedentes da epopêa de Dante [3]. No desenvolvimento das origens d'este thema, Ozanam determina o poema da *Descida de S. Paulo aos infernos,* e os numerosos logares das *Vitas Patrum* e da *Legenda Aurea,* que diffundiram e alargaram o cyclo das visões.

Citaremos algumas d'essas obras poeticas rudimentares, taes como: *Visão do monge Wetters,* posta em verso por Valfrido Le Louche, do seculo IX; *La Voye où le Songe d'Enfer,* de Raul de Houdan, satyra do seculo XIII; a *Voye de Paradis,* anonyma; o *Chemin du Paradis,* attribuido a Rutebeuf; o *Purgatorio de S. Patricio,* de Marie de France, *La descente de Saint Paul*

Comédie avant Dante, e por Thomaz Wright, no *Purgatorio de S. Patricio.* Sobre a *Visão de Tundal,* o dr. Mussafia nas *Memorias da Academia de Vienna,* Janeiro de 1871, pag. 157 a 206.

[1] Vid. Fauriel, *Dante,* I, 413.

[2] E. Chasles, *Histoire de la littérature française,* pag. 290.

[3] Op. cit., pag. 97 a 132.

Digitized by Google

aux enfers, de Adam de Res; o Fabliau da *Cour de Paradis;* o Conto do *Jongleur qui va en enfer,* e *Du Vilain qui gagna le paradis.* Ao terminar a Edade-média, este assumpto foi ainda querido na época da Renascença; Gil Vicente tratou-o com magestade nos Autos das *Barcas do Inferno, do Purgatorio* e *do Paraiso;* e Calderon idealisou em uma comedia famosa o *Purgatorio de Sam Patricio.* Não era simplesmente o perstigio da tradição religiosa que mantinha a sympathia d'este thema poetico; nem tam pouco a admiração das obras primas dos grandes genios, como Dante, embaraçava a livre creação da phantasia sobre um assumpto esgotado. As profundas raizes que a lenda da descida aos infernos tinha na ethnologia de todas as raças da Europa é que sempre fortaleceram a sua propaganda quer como elemento religioso quer como poema litterario.

Nos differentes povos da Europa existiam tradições da descida ao mundo das sombras, ou á região dos mortos; era facil aproveitar essa fórmula da credulidade pagã para syncretisar e fazer admittir sem reluctancia o dogma do Credo niceno. Na epopêa mythica da Finlandia, o *Kalevala,* o heroe Wainamoinem emprehende a viagem ao paiz dos mortos; depois de descobrir as palavras de encanto, e de atravessar florestas e sarçaes, chega á borda do rio Tuonela, que cercava a ilha de Tuoni, onde estava o throno do deus da morte [1].

---

[1] Runa XVI, do *Kalevala.*

Digitized by Google

Entre os Laponios, *Jabmé-Aimo* é a morada subterranea dos mortos, onde elles continuam actos similhantes aos que praticavam em vida; mas a influencia christã já aí transparece, segundo observa Cástren, porque essa morada torna-se por vezes transitoria á maneira de um purgatorio, assim como *Saiva-Aimo* é uma especie de paraiso ou morada dos deuses.

Na poesia scandinava tambem se encontra o quadro do mundo infernal descripto dramaticamente nos *Eddas*, no Canto do sol (*Solar-lied*). É um pae que torna á vida para avisar seu filho dos soffrimentos na morada da tristeza [1]. Não resumiremos o terrivel poema; basta caracterisal-o com as palavras de J. J. Ampère: «n'elle os dogmas os mais temerosos do catholicismo fazem com os mythos odinicos uma estranha alliança; vê-se n'elle um islandez do seculo XII, inspirado talvez pelas pinturas lugubres dos supplicios eternos, que desde então povoavam as imaginações meridionaes, repintal-as com as negras côres do seu céo e do sangrento reflexo das suas tradições, tomando de ambas as religiões os seus terrores, crear um inferno em que se misturam as recordações do *Voluspa* com um presentimento de Dante» [2].

---

1 *Les Eddas*, trad. de Melle Du Puget, pag. 261 a 271.
2 *Littérature, Voyages et Poésie*, I, pag. 289.

Digitized by Google

2. O fim do mundo e Juizo final

Os acontecimentos historicos são muitas vezes representados pela impressão subjectiva que produziram, e essa impressão transmittida na fórma imaginosa e poetica da lenda alarga-se tomando um caracter de universalidade para poder adaptar-se ao estado dos espiritos em outras épocas. A ruina de Jerusalém deixou na imaginação dos Evangelistas synopticos a impressão de um mundo que se extinguia, e de uma éra de justiça ou reino de Deus, que ia principiar. Lucas (XXI, 9, 20, 24) escrevia pouco tempo depois do cêrco de Jerusalem; Matheus (XXVI, 15, 16, 22, 29) escrevia quasi no momento d'esse terrivel cêrco [1]; e os judeus levados para o captiveiro de Roma forjavam os Cantos da Sibylla como fórmas de protesto contra o auctoritarismo romano, presagiando na ruina da capital do Occidente o fim do mundo e da humanidade. Estas ideias constitutivas dos apocalypses judaicos, e que se acham expressas em Daniel, occuparam a imaginação dos primeiros crentes que ligavam á propaganda das novas doutrinas religiosas a esperança de uma transformação social. Ellas influiram n'essa agitação radical, n'esse intuito anarchista que tornou os primeiros christãos uma seita ameaçadora para a segurança do estado. A expressão syriaca *Maranatha* (o

---

[1] Renan, *Vie de Jesus*, pag. 273 (ed. 11.ª).

Digitized by Google

Senhor chega) que era uma especie de senha com que os crentes se davam a conhecer [1], conservou-se na tradição popular do Occidente como uma fórmula magica que ainda hoje se encontra já sem sentido nas orações e ensalmos da feiticeria. Depois das terriveis calamidades, o Filho de Deus, rasgando as nuvens e illuminando de subito o Oriente e o Occidente, apparecerá revestido de gloria, e fazendo resurgir os mortos dará começo ao julgamento. Uns serão escolhidos, e serão apartados para a sua direita e constituirão o *Reino de Deus;* os outros irão para a esquerda, para o valle do fogo e da podridão, a *Gehena,* onde haverá choros e ranger de dentes. Á medida que estas ideias judaicas se mostravam contradictadas pelo tempo que ia subsistindo, o Reino de Deus addiava-se para um futuro não remoto de esperança, e o Fim do Mundo tornava-se objecto de calculos cabalisticos e astrologicos, prorogando-se de época em época até chegar ao nosso tempo. Assim cada geração christã, embora desilludida na sua espectativa, não abnegava totalmente das suas esperanças: é certo que o Messias não se mostrára assentado nas nuvens, nem o mundo acabára, mas operára-se uma transformação nos espiritos como consequencia das novas doutrinas. Renan descreve este estado dos espiritos, que ia ser expresso em variadissimas lendas poeticas: « Quando ao fim de um seculo de vãs espectativas, a esperança materialista de um fim proximo do mundo se tinha

---

1 Ibid., pag. 276.

Digitized by Google

esvaído, o verdadeiro reino de Deus desvenda-se. Explicações complacentes lançam um véo sobre o reino concreto que não quer chegar. O Apocalypse de João, o primeiro livro canonico do Novo Testamento, fortemente carregado da ideia de uma catastrophe immediata, é lançado para um segundo plano, considerado como inintelligivel, torturado por mil maneiras, e quasi deixado de parte. Pelo menos deixarão o seu comprimento para um porvir indefinido. Alguns pobres retardatarios que conservam ainda, em plena época reflectida, as esperanças dos primeiros discipulos, são considerados hereticos (*Ebionitas, Millenarios*) perdidos nas infimas camadas do christianismo. A humanidade tinha passado a um outro reino de Deus. — Este phantastico reino do céo, esta busca sem fim de uma cidade de Deus, que preoccupou sempre o christianismo na sua longa carreira, foi o principio do grande instincto do futuro que tem animado todos os reformadores, discipulos obstinados do Apocalypse, desde Joaquim de Flores até ao sectario protestante de nossos dias. — A ideia do *Reino de Deus*; e o Apocalypse que é a completa imagem d'elle, são tambem, em um sentido, a expressão a mais elevada e a mais poetica do progresso humano. Com certeza, devia tambem produzir grandes desvairamentos. Suspenso como uma ameaça sobre a humanidade, o fim do mundo, pelos terrores periodicos que causou durante seculos, prejudicou muito a todo o desenvolvimento profano. A sociedade não se achando segura da sua existencia, contraíu uma especie de tremor e esses habitos de baixa humildade, que tornam a Edade-média tão inferior

Digitized by Google

aos tempos antigos e aos tempos modernos » [1]. As gerações evangelicas irão passando, mas a mesma credulidade tomará novas fórmas: o *Reino de Deus* apparecerá como o reino do *Preste João,* a vaga chimera que incitou as modernas explorações geographicas do nosso planeta; a trombeta do Juizo final, de que falla S. Paulo na Epistola *Aos Corinthios,* não soará, mas far-se-ha sentir no hymno esplendido do *Dies iræ;* o fim do mundo, apesar dos calculos cabalisticos [2], ainda inspirára a imaginação de Miguel Angelo.

Desde que o Christianismo se tornou uma religião ascetica, e que o ideal evangelico não podia ser realisado senão fóra da sociedade civil, o sentimento religioso procurou o isolamento monachal, e a preoccupação da morte occupou todos os pensamentos como o estimulo para a penitencia e o escudo contra todos os peccados. O quadro do fim do mundo com o terror do julgamento final era o assumpto predilecto da poesia e das representações artisticas, recebendo mesmo um caracter popular na *Dansa da Morte,* especie de *Mesnie furieuse,* em que a morte armada de foice, levava após si reis e

---

[1] Ibid., pag. 285.

[2] Fixaram o fim do mundo no anno de 2537, porque outros tantos eram os versiculos do Psalterio; outros em 992, porque o dia da Annunciação caía em sexta-feira santa; Nicoláo Cressant fixára-o em 1734; Alliaco em 1789; Cardan em 1800; Pic de la Mirandola em 1994. Este assumpto tem preoccupado os exegetas inglezes, e de vez em quando ainda apparece como um *canard* da imprensa jornalistica.

Digitized by Google

papas, principes, sabios, ricos e mulheres formosas. Uma das mais bellas idealisações do juizo final é a *Prosa dos mortos,* que começa pelo verso *Dies iræ,* attribuida a S. Gregorio, a Thomaz Celano, ao Cardeal Ursini (Frangipani) e a Malabranca, bispo de Ostia. É como todas as maravilhas poeticas, anonyma. Os seus versos mais eloquentes encontram-se espalhados em outras composições mais antigas em que a emoção do terror da morte attingiu a maior sublimidade. Du Méril, na collecção das *Poesias populares latinas anteriores ao seculo XII,* traz um hymno alphabetico, que teve uma grande celebridade no seculo VIII, que é citado por Beda como exemplo do verso trochaico, e que foi attribuido a Santo Ambrosio. Começa:

Apparebit repentina dies magna Domini,
  Fur obscura velut nocte improvisos occupans.
Brevis totus tum parebit prisci luxus sæculi...
Clanger tubæ per quaternas terræ plagas concinens
  Vivos una mortuosque Christo ciet obvium.
De cœlesti judex arce, majestate fulgidus...
Gloriosus in sublimi rex sedebit solio; etc. [1]

Antes da Sequencia incomparavel, o terror da morte achou expressão em outros hymnos, como no *Judicium signi* da Sibylla, e no *Rithmus de die mortis,* de S. Pedro Damião. Du Méril transcreve este ultimo, de que extraimos alguns versos, para o aproximarmos do *Dies iræ:*

---

[1] Op. cit., pag. 135.

Digitized by Google

Gravi me terrore pulsas, vitæ dies ultima;
mœret cor, solvuntur renes, læsa tremunt viscera,
tuam speciem dum sibi mens depingit anxia.

Perit sensus, lingua riget, resolvuntur oculi,
pectus palpitat, anhelat raucum guttur hominis,
stupent membra, pallent ora, decor abit corporis...

A fórma do terceto ia definindo-se artisticamente, e fixando o effeito do terror de que Dante se aproveitou para a sua visão do Inferno. Leyser traz tambem um outro hymno do mesmo genero *De extremo judicio*, e Follen colligiu um rythmo *Da morte do peccador*, com essa mesma emoção:

Horrenda mors, tremenda mors, telo minax et arcu,
fatale torquet spiculum nulla quod arte vites:
ceu fumus evanescimus, eliminamur omnes...

Ha porém um hymno do seculo XII attribuido a S. Bernardo, em que apparecem alguns dos mais expressivos versos do *Dies iræ*:

Cum revolvo diem mortis
et extra me diem sortis,
sic me terrent isti dies,
ut sit mihi nulla quies.

Cum revolvo quod sim cinis,
et quod venit jamjam finis,
sine fine pertimesco
et ut cinis nihil esco.

Digitized by Google

Cum revolvo moriturus
quid post mortem sim futurus;
terret me terror venturus,
quam expecto non securus.

Terret me dies terroris,
iræ dies et furoris,
dies luctus et mœroris,
dies ultrix peccatoris.

Expavesco quidem multum
judicis venturi vultum,
cuit latebit nil occultum
et manebit nil inultum.

Et quis, quæso, non timebit,
quando judex apparebit,
ante quem ignis ardebit,
peccatoresque delebit.

Juste quidem judicabit
nec personam acceptabit,
pretia non corrumpetur,
sed nec precibus flectur.

. . . . . .

Oh quam grave, quam immite
quam sinistrum erit: ite!... etc. [1]

Du Méril encontrou a phrase de *Dies iræ, dies illa,* na estrophe de Sophonia, no primeiro capitulo das suas Prophecias:

[1] Apud Du Méril, *Poésies populaires latines du Moyen-Age,* pag. 116 e seg.

Digitized by Google

Juxta est dies Domini magnus, juxta est velox nimis,
Vox diei Domini avara, turpiter ibi ejulabit foris.
Dies iræ, dies illa, dies tribulationis et angustiæ, dies turbæ et clangoris.

Embora conhecida, não podemos deixar de transcrever aquella assombrosa Sequencia dos Mortos, que resultou da elaboração de todos estes terrores da Edade-média. No texto de Mantua existem quatro estrophes iniciaes, que parece prepararem para a abertura do quadro estupendo:

Cogita, anima fidelis
ad quid respondere velis
Christo venturo de cœlis,

Cum deposcet rationem
ob boni omissionem,
ob mali commissionem?

Dies illa, dies iræ,
quam conemur prævenire
obviamque Deo ire.

Seria contritione
gratiæ apprehensione,
vitæ emendatione!

No officio de defuntos, da liturgia catholica, começa em seguida a extraordinaria Sequencia:

Dies iræ, dies illa
Solvet sæclum in favilla,
Teste David cum Sibylla.

Digitized by Google

Quantus tremor est futurus,
Quando judex est venturus,
Cuncta stricte discussurus!

Tuba mirum spargens sonum,
Per sepulchra regionum,
Coget omnes ante thronum.

Mors stupebit et natura,
Cum resurget creatura
Judicanti responsura.

Liber scriptus proferetur,
In quo totum continetur,
Unde mundus judicetur.

Judex ergo cum sedebit,
Quidquid latet apparebit,
Nil inultum remanebit.

Quid sum miser tunc dicturus?
Quem patronum rogaturus?
Cum vix justus sit securus?

Rex tremende magestatis,
Qui salvandos salvas gratis,
Salva me fons pietatis.

Recordare, Jesu pie,
Quod sum causa tuæ viæ,
Ne me perdas illa dies.

Quærens me, sedisti lassus,
Redimisti, crucem passus:
Tantus labor non sit cassus.

Digitized by Google

Juste judex ultionis,
Donum fac remissionis
Ante diem rationis.

Ingemisco tanquam reus;
Culpa rubet vultus meus;
Supplicanti parce Deus.

Qui Mariam absolvisti,
Et latronem exaudisti,
Mihi quoque spem dedisti.

Preces meæ non sunt dignæ:
Sed tu bonus fac benigne,
Ne perenni cremer igne.

Inter oves locum præsta,
Et ab hœdis me sequestra,
Statuens in parte dextra.

Confutatis maledictis,
Flammis acribus addictis,
Voca me cum benedictis.

Oro supplex, et acclinis,
Cor contrictum quasi cinis,
Gere curam mei finis.

Lacrymosa dies illa,
Qua resurget ex favilla,
Judicando homo reus.

Huic ergo parce Deus,
Pie Jesu, Domine,
Dona eis requiem. Amen.

Digitized by Google

N'este cantico é de um immenso valor tradicional o testemunho da Sibylla, para authenticar o quadro do fim do mundo. As poesias das Sibyllas constituem um genero litterario dos primeiros seculos da Egreja da parte dos christãos judaisantes, que ameaçavam o Imperio romano com a catastrophe eminente do fim do mundo. Esse genero era uma imitação dos antigos vaticinios da Sibylla do tempo do triumpho dos Macchabeus, quando repellindo o ataque do rei da Syria, restabeleceram em Jerusalem o culto nacional. Os judeus hellenistas do Egypto, adoptando o typo das mulheres-vates ou sibyllas da tradição helleno-italica, metrificaram em nome d'ellas algumas das antigas prophecias israelitas, convencidos ou querendo persuadir que ellas se realisavam com o triumpho dos Macchabeus. Foi esta falsificação que se reproduziu nos primeiros seculos do christianismo; fôra formada dois seculos antes de Christo, e esse oraculo sibyllino manteve-se na credulidade por cinco seculos, de Ptolemeu Philometor até Constantino. Escreve Gaston Boissier: «Sob Trajano, sob Marco Aurelio, durante este periodo dos Antoninos, que nos parece tão feliz e tão bello, sob os Severos, os poetas sibyllinos annunciavam, sem se desconcertarem, o apparecimento do grande acontecimento que elles chamavam com os seus votos. Tudo lhes servia de pretexto para esperal-o e anhelal-o. No meio d'esta tranquillidade profunda da paz romana tão celebrada pelos poetas, elles acreditavam sempre ouvir o ruido medonho da machina que se desconjuntava. Os menores accidentes que perturbam a existencia dos imperios os mais firmes, uma peste, uma

Digitized by Google

derrota, uma fome, uma estiagem ou uma inundação, tudo tomava para elles significações aterradoras; algumas vezes entregavam-se a calculos cabalisticos, e achavam um sentido mysterioso no encontro fortuito de alguns algarismos; por fim, na falta de qualquer outro indicio, a propria corrupção do velho mundo romano, que estes rigidos sectarios exageravam, bastava para lhes fazer crêr que assistiam ás abominações dos dias derradeiros» [1].

Era este espirito terrorista dos primeiros christãos que levava Tacito a caracterisal-os *odio generis humani convictos*. Á força de pintar a morte e o terror do fim do mundo, os poetas sibyllinos chegavam a ser eloquentes. Transcrevemos um d'esses cantos, que é o verdadeiro commentario da Sequencia dos Mortos: «Ai das mulheres que virem esse dia! Uma nuvem negra envolverá o mundo immenso, do lado da aurora e do poente, ao meio dia e á noite. Um grande rio de fogo correrá do céo e devorará toda a terra. Então os astros celestes conflagrarão uns contra os outros. As estrellas cahirão no mar, e o mundo parecerá vasio. Alcançada por este fogo que a persegue, toda a raça dos homens rangerá os dentes quando sentir a terra inflammar-se sob os seus pés. Tudo será mudado em poeira. Nenhuma ave atravessará o espaço, nenhum peixe cortará o mar, nenhum boi fará mais sulcos no campo; ouvir-se-ha o

---

[1] *Les origines de la Poésie chrétienne* (*Revue des Deux Mondes*, 1875, julho), pag. 100.

Digitized by Google

ruido das arvores batidas pelo vento, mas todas as criaturas virão uma a uma caír na fornalha divina... Ali chorarão todos juntos, paes, mães, filhos de mama, e nunca se fartarão de chorar. Não se distinguirão os gemidos uns dos outros, mas ouvir-se-ha reboar ao mesmo tempo todo o vasto Tartaro. Todos rangerão os dentes, devorados pela sêde e dôr; chamarão a morte em seu allivio, mas a morte não virá. Não ha mais morte para elles, nem mais noite, nem mais repouso!» [1] Comprehende-se que estas impressões dos versos sibyllinos se conservassem profundamente entre os crentes da primitiva egreja; Santo Agostinho refere-se a esses «*versos côxos e pouco latinos, de algum poeta ignorante*». Nas grandes perturbações sociaes da Edade-média, invasões, pestes, fomes, nunca a reminiscencia dos cantos sibyllinos deixou de representar á imaginação popular o espectaculo do fim do mundo. É essa reminiscencia que inspira os poetas christãos, quer da Egreja do Oriente, como Santo Ephrem, quer na Egreja do Occidente, como na sequencia do genial anonymo.

Nos cantos sibyllinos tambem se pintava o futuro de esperança e felicidade para os que tinham soffrido pela sua crença, dando assim largas ao espirito communista e egualitario: «Então a terra será dividida entre toda a gente. Não a dividirão por limites, nem será fechada por muros. Não haverá mais mendigos, nem ricos, nem senhor, nem escravo, nem pequeno, nem gran-

[1] Servimo-nos da traducção d'este canto feita por Boissier.

Digitized by Google

de, nem reis, nem chefes; tudo pertencerá a todos». O egualitarismo levava-os ao sonho de Millenium ou do Reino de Deus. É por isso que o Dia de Juizo, traducção do dia de Jehovah, completa-se pelo quadro da bemaventurança.

No mesmo canto *De contemptu mundi,* attribuido a S. Bernardo, em que se acham os germens da Sequencia anonyma, vem tambem uma parte relativa ao jubilo dos bemaventurados. É nos mesmos moldes, e como que tendo em vista um certo contraste, como já vimos nos canticos de Jacopone, o *Stabat Mater* junto do presepio, e o outro junto da cruz.

Eis o *Dies vitæ,* ou o cantico dos justos:

Dies illa, dies vitæ,
Dies lucis inauditæ,
Qua nox omnis destruetur,
Et mors ipsa morietur!

Ecce rex desideratus,
Et a justis expectatus,
Jam festinat exoratus,
Ad salvandum præparatus!

Jam festinat rex cœlestis,
Judex noster atque testis;
Festinanter apparebit;
Omnis caro quæ videbit.

Apparebit, non tardabit;
Veniet ac demonstrabit
Gloriam quam mereantur
Qui pro fide tribulantur.

Digitized by Google

Oh quam pium et quam gratum,
Quam suave, quam beatum
Erit tunc Jhesum videre
His qui eum dilexere!

Tunc Jhesus, dulcis affectu
Et dulcissimus aspectu
Sic loquetur in affectu,
Omnis carnis in conspectu:

Vos in me qui credidistis
Et qui mecum permansistis,
Qui pro me passi fuistis,
Ecce bonum quod quæsistis!

Ecce regnum quod spopondi
Et quod hactenus abscondi!
Nunc videte, nunc habete,
Nunc regnate, nunc gaudete.

Tunc electi mirabuntur
Et mirantes lætabuntur,
Exultantes respondebunt
Et laudabunt quæ videbunt.

.....

Oh quam dulce, quam jocundum
Erit tunc odisse mundum,
Et quam triste, quam amarum
Habuisse mundum carum!

Oh beati tunc lugentes
Et pro Christo patientes,
Quibus sæculi pressura
Regna dat semper mansura!

Digitized by Google

Ibi jam non erit metus,
Neque luctus, neque fletus,
Non egestas, non senectus,
Nullus denique defectus.

Ibi pax erit perennis
Et lætitia solemnis,
Flos et decus juventutis,
Et perfectio salutis.

Nemo potest cogitare
Quantum erit exultare,
Tunc in cœlis habitare
Et cum angelis regnare.

Ad hoc regnum me vocare,
Juxte Judex, tu dignare,
Quem expecto, quem requiro,
Ad quem anxius suspiro. Amen. [1]

Na Sequencia dos mortos, que temos estudado, ha elementos lendarios provenientes do *Evangelho de Nicodemus,* como a referencia ao Bom ladrão, e á tradição rabbinica do Livro das culpas apresentado diante de Deus para o julgamento de cada homem. Mas, n'este reflexo da imaginação dos poetas sibyllinos, mais nos espanta como esses sonhos de uma geração atormentada vieram tomar corpo nas luctas da liberdade politica do seculo XVI da Hollanda e da Inglaterra, e nas esperan-

[1] Apud Du Meril, *Poésies populaires latines du Moyen-Age,* pag. 119 a 121.

Digitized by Google

ças messianicas do *Encoberto* e do *Quinto Imperio* em Portugal.

A tradição do *Quinto Imperio,* da qual o padre Antonio Vieira foi um dos activos proselytos, coadjuvou em Portugal a restauração da nacionalidade, e prestou um apoio maravilhoso á nova dynastia dos Braganças. A tradição provinha das crenças da primitiva Egreja sobre o Reino de Deus, ou o *Millenarismo,* no qual Jesus Christo reinaria na terra coadjuvado pelos seus Santos durante mil annos antes de effectuar-se a conflagração do fim do mundo. Na credulidade popular a tradição desmentida pelos acontecimentos não decae nem se extingue; transforma-se adaptando-se a outros successos e a novas esperanças. Assim no fim do seculo XVI, banido e arruinado o partido dos Anabaptistas hollandezes em Munster e Amsterdam, elle refugia-se em Inglaterra, e os sequazes do Millenarismo recebem a designação de *Homens da Quinta Monarchia.* A origem da nova designação provinha da predicção do Apocalypse, em que depois da ruina dos Quatro grandes Imperios do mundo, se succederia um *Quinto Imperio,* que era o reino de Christo na terra segundo os millenaristas. Em Portugal o *Quinto Imperio* teria por cabeça ou capital esta pequena nação, governada pelo rei D. Sebastião, occulto nas Ilhas empoadas para vir realisar um tão alto destino. O Padre Vieira aproveitou-se d'estes dados tradicionaes, e planeando a intriga politica da fundação de um novo Imperio no Brazil, regido pelos Braganças sob a acção immediata da Companhia de Jesus, viu n'isto um modo de realisar as prophecias apo-

Digitized by Google

calypticas do *Quinto Imperio* do mundo. Portugal era abandonado, pela sua pequeneza territorial, á Hespanha, e D. João IV fugia para o Brazil, para reger o novo mundo ou Quinto Imperio. Os successos levaram outro rumo, e o Padre Vieira, patrocinando a intriga politica que levou ao throno D. Pedro II, que desthronou seu irmão desaffecto aos jesuitas, dirigiu a credulidade popular sobre o monarcha *Encuberto,* em favor do pretendente fratricida.

A parte importante das tradições do *Quinto Imperio,* isto é, as ideias de radicalismo politico dos homens da quinta Monarchia, não figuram em Portugal, ao passo que em Inglaterra foram uma das causas que mais contribuiram para a Revolução de 1648. Esses sectarios exaltados professavam a adhesão á fórma republicana, com a representação pelo suffragio popular e em parlamentos annuaes; simplificação das leis em uma codificação geral, diminuição das despezas judiciaes, extincção dos dizimos, tolerancia religiosa, levando o seu radicalismo até á extincção da propriedade individual [1]. Na restauração de Portugal, chegou a apparecer a ideia republicana, diante das hesitações do Duque de Bragança, mas uma vez jurado rei, D. João IV tratou de acabar com as côrtes da nação, volvendo a sua dynastia ao mais crasso absolutismo.

---

[1] Ed. Huertas, *El Socialismo en Inglaterra,* pag. 41.

Digitized by Google

3. A Dansa da Morte

Na poesia e arte christã da Edade-média a par do assumpto predilecto do Dia do Juizo, representa-se a Morte levando em uma grande ronda todos os que encontra no seu caminho, attrahidos involuntariamente e impensadamente na vertigem de uma carreira fatal. «Áquem dos Alpes, a ideia da morte tem, além dos Juizos Finaes, uma outra fórma mais popular, uma fórma extravagante e grotesca; é a que se chama a *Dansa da Morte*» [1]. A personificação da Morte apparece em todo o seu terrivel aspecto no evangelho apocrypho de *José o Carpinteiro,* e no *Evangelho de Nicodemus.* Mas ainda assim esta lenda não se tornaria popular, se não tivesse nos costumes europeus raizes profundas. A apparição dos phantasmas guerreiros, que se chama *Chasse Henequin* e *Chasse Maccabée,* ou *Dansa Macabra,* é considerada por Paulin Paris como confundida com a Dansa dos Mortos [2]. Em Portugal subsiste na crença popular, e nos contos das velhas e crianças a *Procissão dos Defuntos* [3]. É conhecido o costume de Bragança, de

---

[1] Saint Marc Girardin, *Notices politiques et littéraires sur l'Allemagne,* pag. 177.

[2] M.elle Buquet, *La Normandie,* pag. 71.

[3] Transcrevemos aqui esse apagado vestigio da *Dansa da Morte* (Espozende):

Digitized by Google

andar um homem vestido com um trajo que semelha um esqueleto [1] na quarta-feira de cinza; como representando a Morte, entra em todas as casas, increpa todas as pessoas, e ameaça todos os medrosos. Este as-

---

No altar de S. João
Rezei uma noite só,
Vi cantar o sol e dó
N'essa mesma occasião.
Foi quando eu disse então
Que os meus dias que se findam;
E os Defuntos saindo
Das sepulturas celestes
E por entre os cyprestes
Cada vez com maior *frota,*
Que aqui ninguem nos derrota
Só s'for do céo o Senhor.
O cóveiro acordou
Ao som da musica bella,
Vem á sua janella
E mesmo d'ali ralhou:
— Seus Defuntos mal creados,
Esperem que eu já lá vou!
Que já ides ser fechados
Debaixo da terra fria.

Acreditem, meus senhores,
Quem tem porcos tem presuntos;
Que lhe importa ao coveiro
Com a *Dansa dos Defuntos?*

Tomem nota, meus senhores,
Tomem, se querem tomar,
Estava deitado na cama
Subi n'um balão ao ar.

J. da Silva Vieira, *Materiaes*, pag. 58.

---

[1] J. Avelino de Almeida, *Dicc. chorographico abreviado.*

Digitized by Google

sumpto da *Dansa da Morte,* que inspirou os celebres quadros do cemiterio de Dresde, e do Auvergne na egreja de la Chaise-Dieu, e no claustro dos franciscanos de Bale o quadro mural de Holbein, foi tambem objecto de poesia, como vemos nas estrophes castelhanas de Rabi-Santob, a *Dansa general de la Muerte,* e nos *Autos das Barcas* de Gil Vicente, e da musica, na surprehendente creação do *Requiem* de Mozart [1].

---

[1] Sobre este thema tradicional é digno de consultar-se o estudo de Pietro Vigo, *Le Danze Macabre in Italia.* Livorno, 1878. Entre as suas fontes de consulta cita: Peignot, *La Danse des Morts.* Dijon, 1826. — Langlois, *Essai historique, philos., et pictor., sur les Danses des Morts.* Rouen, 1851. — Kastner, *Les Danses des Morts, dissertation historique, philosophique et littéraire.* Paris, 1852. — Fortoul, *La Danse des Morts dessinée par Haus Holbein.* Paris. — Wackernagel, *Der Todtentanz.* — Dr. Masmann, *Literatur der Todtentanze,* 1840. Appenso a Masmann, por J. Heller, 1845.

Digitized by Google

CAPITULO V

As lendas do Primado da Egreja

No estabelecimento do Catholicismo e em especial da sua hierarchia ecclesiastica, as differentes Egrejas disputavam precedencias e direitos de primazia (*Proto-cathedria*), fundando-se nas suas origens apostolicas. Os chefes episcopaes, attribuiam-se por essa circumstancia o titulo honorifico de patriarchas e de metropolitas, não reconhecendo outra qualquer supremacia, porque a sua auctoridade derivava immediatamente do apostolo que fundára essa aggremiação christã. No Concilio de Nicêa, de 323, estabeleceu-se uma providencia para regular a autonomia das egrejas que se attribuiam privilegios de primado: «Que se observem os antigos costumes adoptados no Egypto, na Lybia e na Pentapole, e que, em consequencia o bispo de Alexandria tenha

Digitized by Google

auctoridade sobre todas estas provincias, como o bispo de Roma, que tem o mesmo direito. O mesmo se entende para com Antiochia e para com *as outras provincias, onde as Egrejas conservarão os seus privilegios, sua dignidade e auctoridade...* » [1]

Por esta disposição, as differentes egrejas provinciaes, para manterem os seus privilegios e independencia, procuraram por todos os meios fundamentar a origem na instituição directa de um determinado apostolo. Começou o trabalho de vulgarisação de uma lenda poetica sobre a viagem maravilhosa de um apostolo, como S. Thiago em relação á Egreja de Hespanha, José ab Arimathia, em relação á Egreja de Inglaterra, Martha e Lazaro, em relação á Egreja franceza [2]. Todas estas lendas se enxertavam sobre elementos tradicionaes populares do primitivo polytheismo indo-europeu, e algumas d'ellas, pelo seu desenvolvimento poetico tornaram-se cyclos de elaboração litteraria.

As disputas sobre o primado das Egrejas foram a

---

[1] *Conc. Nic.*, cap. VI.

[2] Tal é a ideia de Renan emquanto á origem da Egreja do Egypto: « A tradição da prédica de Marcos em Alexandria é uma d'estas invenções tardias pelas quaes as grandes Egrejas procuraram attribuir-se uma antiguidade apostolica. — Quando todas as grandes Egrejas pretendiam ter tido fundadores apostolicos, a Egreja de Alexandria, tornando-se por seu turno muito consideravel, quiz supprir os titulos de nobreza, que não possuia. Marcos era o unico entre os personagens da historia apostolica que ainda não tinha sido adoptado ». *Les Evangiles*, pag. 157.

Digitized by Google

consequencia do trabalho organico de constituição associativa: do ajuntamento dos crentes congregados pela communhão do mesmo sentimento religioso, nasceu a disciplina do presbyterado, regulando os actos cultuaes; a necessidade de systematisar a doutrina theologica estabeleceu a preponderancia do episcopado. Uma vez centralisados todos os poderes nos bispos, tinha de estabelecer-se naturalmente a primazia de um d'elles sobre os outros, como condição de ordem, tanto mais necessaria, quanto a religião se estendia pelo mundo. As ambições do primado fundaram-se em uma base exclusiva —a successão directa de um fundador apostolico. A Egreja de Roma, pelos seus fundadores Pedro e Paulo, pelos numerosos martyres, pela universalidade da lingua latina em toda a amplidão do imperio, era a que apresentava mais condições para aspirar ao primado. Santo Ireneu reconheceu estes fundamentos, dizendo que todas as Egrejas deviam recorrer a ella. Deu-se porém um facto que tendeu a limitar o primado da Egreja de Roma só ao Occidente: «Quando é que esta superioridade da Egreja de Roma soffre um ecclipse? Quando Roma deixa de ser na realidade a capital unica do Imperio, no fim do seculo III; quando o centro dos negocios se transporta para Nicêa, para a Nicomedia, e sobretudo quando o imperador Constantino cria uma nova Roma sobre o Bosphoro. A Egreja de Roma desde Constantino até Carlos Magno, é na realidade decahida do que tinha sido no seculo II e no III seculo. Ella levanta-se com a casa carlingiana, e torna-se durante oito seculos, o centro de todas as grandes negociações

Digitized by Google

do Occidente» [1]. A Egreja do Oriente disputando o primado para si, precisava da auctoridade de um apostolo cuja tradição tivesse um perstigio moral analogo ou superior ao de Pedro. A formação tardia do Evangelho de S. João, as lendas maravilhosas do solitario de Pathmos, especialmente sobre a sua longevidade destinada á esperança da realisação do reino de Deus, tudo isto nos revela o processo empregado para fundamentar o primado da Egreja do Oriente. Taes são as origens da *Lenda do Preste João,* que recebeu differentes interpretações conforme os successos historicos determinavam o aspecto d'este typo tradicional. Quando a Egreja de Roma pôde pela preponderancia politica recuperar o seu primado, a lenda do Judeu immortal é parodiada na lenda do immortal por maldição, o Judeu Errante, Ahasverus, cujo vulto passa nas imaginações europêas justamente quando a Egreja do Occidente exerce o primado universal.

1. A Lenda do Preste João das Indias

O nome de *Presbyteros,* na primeira constituição da Egreja não significava sacerdote (*cohen* ou *iereus*) mas simplesmente o antigo [2]. É esta cambiante, que se perdeu com o estabelecimento da hierarchia sacerdotal, que se conservou na tradição popular do *Presbyter Johannes,* e na lenda vulgar do Preste João das Indias, com qui-

---

[1] Renan, *Marc Aurèle,* pag. 415.

[2] Renan, *Les Apôtres,* pag. 94, ed. 11.ª

Digitized by Google

nhentos e sete annos de edade. O mesmo caracteristico de ancianidade apparece na lenda occidental de *João de Espera em Deus,* proveniente da mesma fonte poetica que elaborou os Evangelhos.

A esperança de que o apostolo João não morreria sem que Jesus tornasse a apparecer no mundo, estava ligada a essa outra esperança religiosa do começo do *Reino de Deus* sobre a terra. D'esta simples tradição da primitiva Egreja desdobraram-se differentes lendas populares, que se desenvolveram independentemente assimilando a si todos os elementos mythicos do polytheismo da velha Europa. A lenda do *Preste João* liga-se a esse reino maravilhoso descripto na celebre carta mandada ao imperador de Roma e ao rei de França, e que desde o seculo XIII suscitou a imaginação para as aventurosas expedições geographicas. A ideia do apostolo não se perdeu completamente, porque a conversão do eunucho da rainha da Ethiopia fez com que se identificasse a Ethiopia com o reino christão n'essa região mysteriosa junto de *Babylonia a deserta* [1]. Entre os povos meridionaes a lenda de *João de Espera em Deus* é a sobrevivencia da promessa de Jesus ao Presbytero Johannes, a qual tende a confundir-se com essa outra lenda, tambem tendo implicita a maravilha da longevidade, do Judeu Errante ou Ahasverus.

A duplicidade da lenda foi notada por Gaston Paris,

---

[1] Por contraposição á outra *Babylonia,* que era Roma, na linguagem secreta dos primeiros christãos.

Digitized by Google

porém o seu criterio não se exerceu em separar os elementos formativos; diz elle referindo-se ao dom da immortalidade: «póde-se considerar este destino quer como uma *recompensa,* quer como um castigo, e d'aqui vem o attribuir-se ao discipulo amado a quem elle parecia de mais a mais claramente predicto, ou ao contrario a um homem culpado de uma offensa particular para com Christo» [1]. Nas tradições orientaes apparece uma lenda de um judeu immortal, mas sem o caracter de maldição; tral-a Herbelot, na *Bibliotheca oriental:* [2] «Pelo anno 15 da hegira, um principe arabe, Fadhil, embrenhou-se por um valle dentro, onde esteve orando. Ouvindo todas as suas palavras repetidas claramente, exclamou: — Quem quer que sejas, que estás repetindo a minha oração, se és anjo, a graça de Deus seja comtigo! Se pertences aos espiritos malignos, nada quero comtigo de commum. Se és um homem como eu, apparece. — Então Fadhil viu um velho calvo, com um bordão na mão, semelhante a um derviche, que lhe disse: — Sou Zerib, o filho do propheta Elias; Jesus Christo deixou-me em vida n'este mundo, e aqui permanecerei até que elle volte uma segunda vez. Espero o Senhor (*Espero em Deus*) que é a fonte de todos os bens, e por sua ordem móro por detraz d'esta montanha. — Disse o velho, quando Fadhil lhe perguntou se Jesus tornaria a apparecer: — No fim do mundo, isto é, quando os ho-

---

1 *Le Juif Errant,* pag. 9.

2 Tomo III, pag. 607.

Digitized by Google

mens e as mulheres viverem uns com os outros sem distincção de sexo; quando a superabundancia dos viveres não impedir a carestia; quando fôr espalhado o sangue dos innocentes; quando os pobres mendigarem sem alcançar esmolas; quando houver desapparecido a misericordia; quando puzerem a escriptura sagrada em musica; quando os templos do Deus verdadeiro e unico estiverem cheios de idolos». Vê-se pela lenda arabe de Zerib, o Judeu que *espera em Deus,* e que dá os signaes do fim do mundo, que na sua origem oriental ella se liga com a tradição evangelica do discipulo amado, e principalmente, que não foi inspirada por um espirito de maldição, que a lenda do judeu immortal recebeu na Europa.

A identificação do Judeu Errante com *João de Espera em Deus* não se operou na tradição popular, que desconheceu a maldição de Ahasverus, e apenas conservou a reminiscencia da Egreja primitiva sobre a immortalidade de S. João Evangelista. O padre Bernardes, na *Nova Floresta* (t. III, pag. 134) diz que o facto de alguns prégadores affirmarem que S. João está ainda sobre a terra é opinião que tem muita probabilidade. Na tradição hespanhola e portugueza *João de Espera em Deus* tornou-se um typo comico do theatro popular, sobretudo pela sua longevidade, sabe tudo, viu tudo, foi testemunha de tudo, porque é velho. Em Italia este typo de João é caracterisado pelo epitheto de *Buttadeu* ou *Buttadiu,* que se identifica com a fórma hespanhola *Voto a dios,* especie de imprecação ou jura affirmativa. O que João affirmava em nome de Deus, é que lhe fôra

Digitized by Google

promettido que não morreria sem que Jesus lhe tornasse a apparecer. D. Carolina Michaëlis, no seu estudo sobre *O Judeu errante em Portugal* [1] interpretava o epitheto *Buttadiu* como empurra Deus, para assim achar allusão ao crime de Ahasverus; porém achando referido como personagem de uma comedia do tempo de Philippe II, junto com Pedro de Hurdemalas *Juan de Votò a Dios*, conclue: «D'ahi se póde inferir uma dupla supposição a que darei cautelosamente, a fórma de pergunta: 1.º *Juan Espera en Dios* teria em Hespanha tambem o nome de *Juan de voto a Dios?* 2.º Este nome, modificado pelo processo da etymologia popular corresponderia ao italiano Bottadiu?». No ponto de vista da mesma crença do discipulo que vive á espera da promessa de Christo [2], póde-se concluir que entre os povos meridionaes o voto e a esperança são uma mesma expressão da fé. O typo de *João de Espera em Deus*, apesar

---

[1] *Revista Lusitana*, vol. I, pag. 34.

[2] No Evangelho de João (XXI, 22) lê-se: «Se eu quero que elle viva até que eu volte, que tens com isso? *Sobre o que se espalhou entre os discipulos um ruido, que este discipulo não morreria*». No Evangelho de Matheus (XVI, 28): «Em verdade vos digo, entre os que estão aqui diante de mim, *ha quem não provará a morte antes de ter visto o Filho do homem apparecer na sua realeza...*» E segundo Lucas (IX, 27): «*antes de ter visto a realeza de Deus*». E segundo Marcos (IX, 1): «*antes de ter visto a realeza de Deus vinda no seu poderio*». Gustave Brunet, no *Moniteur de la Librairie*, 1.º de outubro de 1842, pag. 13, fundava sobre o supracitado versiculo de S. João a origem da lenda do Judeu Errante.

Digitized by Google

de popular a todo o Occidente, não póde coadjuvar a assimilação da lenda da maldição de Ahasverus.

Transcrevemos da grande obra de Renan, alguns dos principaes trechos por onde se póde vêr o processo formativo d'esta lenda: « Admittimos como provavel a opinião tradicional segundo a qual o apostolo João, sobrevivendo á maior parte dos discipulos de Jesus, escapou successivamente ás borrascas de Roma e da Judeia, veiu refugiar-se em Epheso, e ali viveu até avançada edade, cercado do respeito de todas as egrejas da Asia. — Aproximando as palavras em que Jesus tinha annunciado, que a geração d'aquelles que o escutavam não se extinguiria, sem que elle tornasse a apparecer nas nuvens, da avançada edade a que chegára o unico apostolo de Jesus que ainda vivia, chegou-se logicamente a esta ideia que este discipulo não morreria, isto é, veria a inauguração do *Reino de Deus* sem ter préviamente passado pela morte. João contava ou deixava crêr, que Jesus resuscitado tivera a este respeito uma conversa enigmatica com Pedro. D'aqui resultava para João, ainda vivo, uma especie de auréola maravilhosa. A lenda começava para elle muito antes do tumulo » [1].

As lendas sobre a geração apostolica espalhadas pelos discipulos que cercavam o velho discipulo amado e que lhe attribuiam factos e testemunhos contemporaneos para darem á Egreja de Epheso uma auctoridade maior do que a da Egreja de Roma, essas lendas repre-

[1] *Les Evangiles*, pag. 412.

Digitized by Google

sentam o antagonismo entre a Egreja do Oriente e a Egreja do Occidente. E este antagonismo é que fez com que por muito tempo as tradições do *Presbyter Joannes* fossem quasi ignoradas, espalhando-se na Europa pelo seculo XIII, quando se propagam os germens da dissolução catholica.

Entre os padres da Egreja confunde-se ou distingue-se o *apostolo* João do *presbyteros Johannes;* sobre este ponto escreve Renan: «Ha ainda um personagem duvidoso, este *presbyteros Johannes,* especie de socio do Apostolo, que perturba como um espectro toda a historia da Egreja de Epheso, e causa aos criticos bastantes embaraços. Posto que a existencia d'este personagem tenha sido negada, e que se possa negar peremptoriamente a hypothese d'aquelles que vêem n'elle uma sombra do apostolo João, tomada como uma realidade, inclinamo-nos a crêr que *Presbyteros Johannes,* tem effectivamente sua identidade á parte... Se *Presbyteros Johannes* existiu foi um discipulo do apostolo João na extrema velhice d'este; Papias parece tel-o conhecido de perto ou pelo menos ter sido seu contemporaneo. Admittimos mesmo que por vezes escreva sob o ditado do mestre, e consideramos como plausivel a opinião que lhe attribue a redacção do quarto Evangelho e da primeira Epistola chamada de João. A segunda e a terceira Epistola chamadas de João, em que o auctor se designa pelas palavras *ó presbyteros,* parecem-nos sua obra pessoal e como tal confessada. Mas, certamente, suppondo que *Presbyteros Johannes* entre por qualquer cousa na segunda classe dos escriptos johannicos (em que se

Digitized by Google

comprehende o quarto Evangelho e as tres Epistolas, nada lhe compete na composição do Apocalypse. Se ha alguma cousa de evidente, é que o Apocalypse de uma parte e as tres Epistolas de outra, não sahiram de uma mesma mão» [1].

O caracter polemico e heterodoxo ligado ao nome de *Presbyteros Johannes* fez com que ficasse abandonado á imaginação popular: «A rasão que levou Caino, Diniz de Alexandria e tantos outros a negarem que o Apocalypse fosse realmente do apostolo João, é justamente aquella que nos leva á conclusão contraria. O livro é judeo-christão, ebionita; é producto de um enthusiasmo ebrio de raiva contra o imperio romano e o mundo profano; exclue toda a reconciliação entre o christianismo de uma parte, e o imperio e o mundo da outra; o messianismo é ali inteiramente material; o reino dos martyres durante mil annos é ali affirmado; o fim do mundo é declarado muitissimo perto» [2]. Toda esta litteratura de obras dos illuminados, dos visionarios do primeiro seculo da Egreja foi desprezada pelos espiritos hellenistas que a contar do terceiro seculo deram systematisação doutrinaria ao christianismo. É por isso que muitos germens tradicionaes, abandonados á espontaneidade da transmissão do povo se desenvolveram em novas concepções, como a busca do Santo Graal, a descida aos infernos ou a Visão de Tundal, o Reino do Preste

---

[1] *L'Antechrist*, pag. XXIII.

[2] Ibid., pag. XXXVIII.

Digitized by Google

João das Indias, e o João de Espera em Deus, cuja immortalidade o leva a confundil-o com o Judeu Errante. Depois que a esperança do advento do Reino de Deus era frustrada pela successão do tempo, cheio de calamidades e ruinas, contrariando as prophecias, nem por isso essa esperança deixou de allucinar os espiritos, porque a imaginação mudou de processo para sustentar a credulidade ingenua: o Reino de Deus existiu já, mas em uma parte desconhecida do mundo. Era preciso descobrir essa parte do espaço terrestre, onde, como um novo paraiso, estava estabelecido o *Reino do Preste João*. A persistencia d'esta ideia corresponde a uma preoccupação dominante anterior mesmo ao christianismo, em que a imaginação se comprazia no achado de um logar maravilhoso ou imperio phantastico: na época grega e romana procurava-se o ponto mysterioso da terra onde nascia o rio Nilo, e foi esse pensamento um dos estimulos das emprezas audaciosas de Alexandre; durante a Edade-média, entre os povos de raça celtica actuou a preoccupação da descoberta das *Ilhas Fortunatas*, de cuja existencia eram titulo de prova as viagens phantasticas de S. Brendan; depois que estas provocaram as expedições maritimas no Oceano Atlantico, a ideia da exploração geographica do Oriente, á falta de interesses economicos ou scientificos, concretisava-se na vaga tradição do *Presbyter Joannes*, das lendas evangelicas, que não morria porque gosava o millenio do Reino de Deus, e d'ahi a crença da existencia effectiva do Reino do *Preste João das Indias*, comprehendendo sob esta fluctuante designação geographica ora o Cathay ora a

Digitized by Google

Abyssinia, quando os exploradores do seculo XIII e XIV procuraram a sua realidade historica. D'aqui resultou que este phantasma lendario, tomando diversas fórmas e localisações, segundo os tempos, e segundo a assimilação de elementos maravilhosos, foi interpretado como um facto real, difficil de determinar, apesar de toda a systematisação de plausiveis apparencias. Vamos seguir as miragens da phantasia dos seculos XII a XV sobre esta lenda, ligando ao nosso trabalho os subsidios fornecidos pelos modernos criticos Gustav Oppert, Friederich Zarnecke, Avezac, Pauthier e outros que esclareceram quanto possivel este problema.

É por 1122 que apparece em Roma, no pontificado de Calixto II, um certo sacerdote oriental, a quem chamam *João, patriarcha dos Indianos,* e tambem *arcebispo da India,* contando historias maravilhosas sobre as missões do apostolo S. Thomé, na India, e como os *christãos de S. Thomé* deviam a sua conversão religiosa a uma catechese directa de um discipulo de Christo. É tambem um arcebispo da Armenia, em 1228, que em Inglaterra conta a lenda phantastica de outro personagem, o Judeu Errante. O typo do *Rei-Padre,* que governava um estado christão no Oriente, segundo a narrativa do tal patriarcha dos Indianos em 1122, propaga-se na imaginação da Europa no meado do seculo XII como um ideal que vinha substituir a theocracia que decahia na civilisação occidental. Alludem a esse patriarcha que viera a Roma, Odo de Reims, abbade de S. Remy, (1118-1151) em uma carta, que pouco differe de uma outra que não foi copiada d'esta. A primeira referencia

Digitized by Google

ao *Preste João,* apparece na Chronica de Otto, bispo de Freisingen, em que consigna, que em 1145 na côrte papal o Bispo de Gabala (de *Zibal,* na Syria) contára que João *rex et sacerdos,* habitava com um povo christão para além da Persia e Armenia, era da raça dos Magos e tinha um sceptro de esmeralda e outras cousas extraordinarias, e que fôra derrotado pelos persas. A lenda era segunda vez trazida para a Europa por um bispo da Egreja do Oriente, que a revestia com as creações de uma irrepressivel phantasia. Começou então um trabalho litterario sobre esse thema predilecto e mysterioso, e pela Europa circulou com a maxima intensidade por 1165 um escripto apocrypho, do qual ainda hoje se contam nas bibliothecas publicas mais de cem exemplares, a *Carta do Preste João ao Imperador* grego Manoel, fazendo a descripção do seu reino estupendo e incomparavel, onde existia a *Fonte da Vida,* bem como a *salamandra* que vive no fogo, o *espelho magico* que descobre os inimigos do reino e os successos futuros, como veremos repetir-se nas lendas de Virgilio e na outra obra analoga a Carta de Alexandre. A lenda estava no ponto mais fervoroso da sua elaboração, decahindo da credulidade publica, para fixar-se em algum simples elemento historico. A *India* tanto podia ser na Asia como na Africa, segundo a confusão geographica já do tempo dos romanos. Os rumores que circularam na Europa de que os Mahometanos seriam destruidos por um neto do Preste João, e o terror da invasão dos Tartaros na Europa oriental, determinaram a localisação da lenda no Kara-Cathay no seculo XIII.

Digitized by Google

As noticias da propagação do Christianismo na India foram baseadas sobre a ideia que attribuia a cada apostolo uma parte do globo para a diffusão da doutrina, e principalmente á similhança do Buddhismo com o Christianismo. Escreve Renan: «A India sobretudo, pela indecisão geographica do nome que ella tem, e a analogia do Buddhismo com o Christianismo, produziram singulares illusões. — O emprego da palavra *India* era extremamente vago; todo aquelle que embarcava em Clysma e navegára no Mar Vermelho, julgava ter estado na India. O Yémen é muitas vezes designado por este nome. — Tudo o que os manichéos contam das missões de S. Thomé na India é fabuloso, e é artificialmente que se relacionaram mais tarde com esta lenda as christandades syrias que se estabeleceram, na Edade-média, sobre a costa de Malabar. Porventura misturaram-se a este tecido de fabulas alguma confusão de *Thomé* e de *Gotama*» [1]. Antes da redacção dos *Actos de S. Thomé,* pelos manichéos, o apostolo, segundo Origenes, andára pela Parthia, e segundo S. Jeronymo, tinha a sua sepultura em Edessa. A necessidade de explicar as anologias do Christianismo com o Buddhismo produziu a missão de Thomé na India, invertendo a successão historica. Laboulaye na introducção ao estudo sobre o Buddhismo, de Vassilief, accentua essas analogias: «Não é sómente em si que o Buddhismo nos interessa; toca-nos tambem pelas parecenças exteriores com o Catholicismo. Ninguem

---

1 *Marc-Aurèle,* pag. 462 e nota.

Digitized by Google

ignora que se encontram entre os Buddhistas conventos de homens ou de mulheres; a mendicidade praticada como uma virtude religiosa; o celibato e a tonsura dos monges, o uso dos sinos e das camandulas, o culto das reliquias, a confissão publica, a intercessão dos santos, os jejuns, as procissões, as ladainhas, a agua benta, finalmente no Tibet uma hierarchia completa de grandes Lamas, empunhando o baculo, com mitra e dalmatica, tendo á sua frente o Talé-Lama, eleito por um conclave depois da morte do seu antecessor, e representando sobre a terra a incarnação viva de Buddha» [1]. Assim como as analogias doutrinarias dos Therapeutas do Egypto fizeram com que os denominassem *christãos de S. Marcos,* as analogias cultuaes do Buddhismo fizeram com que os considerassem como *christãos de S. Thomé,* (*Gotama* = *Thomé*). Os negociantes banianos pareceram aos companheiros de Vasco da Gama em tudo similhantes a christãos.

O facto da existencia de christãos nestorianos na China, desde o seculo VII, fundamentado pela celebre inscripção do *Si-ngan-fu,* era rejeitado pelos criticos mais peritos na lingua chineza, como Schmidt e Stanislas Julian, que consideraram essa inscripção como apocrypha. Pauthier, tambem conceituado nos estudos sinologicos, procura demonstrar esse facto pela seguinte fórma: que os christãos nestorianos da Syria se tinham refugiado na Persia, que em 638 estava sob o dominio dos Sassani-

[1] Op. cit., pag. VII.

Digitized by Google

des, e d'esses nestorianos persas é que alguns tinham penetrado até á China, pois em uma descripção de Tchang-gan do seculo XI cita-se um *templo persa,* erecto por concessão do imperador Tai-tsung em 638, a que se refere a discutida inscripção. Quando em 845, por edito do imperador Wu-sung os nestorianos e jacobitas foram expulsos da China, eram aproximadamente tres mil. D'este facto conclue Pauthier: «Um tal numero espalhando-se na Mongolia visinha da China, e no Tibet, poderia chegar, no espaço de quatro seculos, a converter ao nestorianismo muitas tribus mongolicas e a crear no meio d'ellas uma geração mestiça de sangue syrio e de um typo mais bello que o typo mogol» [1]. No capitulo LXXIII do livro de Marco Polo, do fim do seculo XIII, trata-se *Da provincia de Tanduc e dos descendentes do Preste João,* d'onde proveiu para a Europa a primeira noticia d'este personagem, que veiu acordar as lendas do *Presbyter Joannes.* Os problemas difficeis contidos n'esse capitulo acham-se hoje plausivelmente explicados. Transcrevemos as passagens necessarias para o estudo da lenda:

«Tanduc est une province vers Levant en laquelle a villes et chasteaux assez. Et son au grant Kaan, car touz les descendans du preste Jehan sont au grant Kaan. La maistre cite nomme Tanduc. Et de ceste province en est roy un du lignage au prestre Jehan. Son nom est Jorge; et tient la terre pour le grant Kaan,

---

1 *Revue de l'Orient,* pag. 315, nota.

Digitized by Google

mais non pas toute celle que tenoit prestre Jehan; mais aucune partie. — Et la Seigneurie est aux Crestiens, ainsi comme je vous dirai. Mais il y a idles (idolatres) assez e Sarrazins. Ils ont une generation de gens, ces Crestiens qui ont la Seigneurie, qui s'appellent *Argon*, qui vaut à dire *Gasmul*, et sont plus beaux hommes que les autres mescréans et plus sages. Et pour ce ont il la Seigneurie et son bons marchans.

« Sachiez que en ceste cite de Tanduc estoit la maistre cite ou prestre Jehan tenoit son maistre siege quant il seigneurioit les Tatars. Et encore y demeurent ses hoirs; car cestui Jorge que je vous ai nommé est du lignage au prestre, si comme je vous ai compte et dit. Et est le VIe Seigneur depuis Prestre Jehan ».

O paiz de *Tanduc*, de que falla Marco Polo, onde era o governo ou vice-realeza dos descendentes do Preste João, é o territorio do departamento de *Ta-thung*, descripto na geographia imperial da China, segundo a opinião de Pauthier. N'este territorio, que já desde 843 da nossa éra tinha o nome de Ta-thung (d'onde o *Tanduc* de Marco Polo), existia um grande numero de templos e mosteiros buddhicos, consagrados ao *Rei do Céo* ou Rei celeste (*thiản vâng*) [1]. O grande fetiche das raças amarellas, o Céo (*Thian*) tomava sob o influxo buddhico um aspecto moral, (*vang*, rei) e era adorado nos templos e mosteiros de Tanduc; d'ahi foi natural provir

[1] G. Pauthier, *Revue de l'Orient*, nouvelle série, t. XIII, pag. 301.

Digitized by Google

a noticia vaga de um Reino celeste, onde effectivamente os ritos buddhicos, anteriores seis seculos ao christianismo, tinham analogias profundas com os d'esta religião, como o monachismo, os sinos, os rosarios, as jaculatorias.

Esta senhoria territorial que pertencia a christãos, que tinham o nome de *Argon*, o que significa *Gasmul*, acha-se empregada pelo chronista Rachid-ed-din, morto em 1318; dá-lhe a fórma *Arkhaim* ou *Arkaon*, nome da dignidade administrativa do Inspector do Divan. Pauthier aproxima a palavra *hergen* e *hergem*, que no manddchu e mogol significa cathegoria, dignidade, da palavra *tusimel* ou *dusemeul*, que identifica com *Gasmul*, que no mogol significa funccionario publico. A belleza e superioridade d'estes christãos, *Argon* ou *Gasmul*, é tambem explicada por Pauthier pela sua origem syria, e como mais intelligentes preferidos pelos chinezes para as cousas administrativas. Assim elucida o texto de Marco Polo relacionando-o com a concessão do templo persa pelo imperador Tai-tsung.

Quando a fama dos feitos de Gengiskan chegou á Europa, e se espalhou o terror de uma invasão de Tartaros [1], começou a repetir-se o nome do *Preste João*, como

---

[1] O terror da invasão dos *Tartaros* na Europa apparece-nos consignado em uma canção do trovador portuguez João Soares Coelho, de 1225, que o relaciona com os terrores do fim do mundo:

> Joham Fernandes, o mund' é tornado,
> e de pram cuydamos que quer fiir,
> veemol-o emperador levantado
> contra Roma, e *Tartaros viir*...

Digitized by Google

de um rei christão de um estado em que se professava o monotheismo occidental. O seu caracter sacerdotal fez com que identificassem o Preste João com o Gram-Lama; porém pelo testemunho dos historiadores arabes, sabe-se que este personagem historico era Togrul, chefe de uma tribu dos Keraitas, que recebera o titulo de rei (*wang*) dado pelo imperador da China por ter repellido varias tribus das fronteiras do imperio. A tribu dos Keraitas fôra convertida no seculo XI ao christianismo; segundo Pauthier, fundado na celebre carta do Bispo de Khanbalich ou de Pekin, do fim do seculo XIII, os missionarios christãos davam *ordens menores* aos principes que convertiam: «tal é a origem provavel do nome de *Preste João* dado ao Khan da tribu mogol dos Keraitas pelos nestorianos» [1]. Nas luctas de Togrul, denominado o *Preste João*, com Gengiskhan, esse foi vencido, ficando os territorios do seu dominio e a tribu dos Keraitas sob o dominio do seu vencedor em 1203.

Na relação do frade dominicano Rubruquis, que fôra á Tartaria por ordem de S. Luiz, lê-se:

«Este Cara-Cathay está para além de certas montanhas que eu passei, e alli existia outr'ora um grande padre (*prestre*) nestoriano, que era senhor de um povo

---

E sempr' esto foy profetizado
por *dous e cinco* sinaes do fim,
seer o mundo assy como é miscrado,
e a tornar-s' o mouro cruzado...

(*Canc. da Vaticana*, n.º 1:013).

1 *Revue de l'Orient*, t. XIII, pag. 319, nota.

Digitized by Google

chamado Nagman, que era de christãos nestorianos. Todos os nestorianos chamavam ao rei *Prestre Jean*, e diziam d'elle cousas maravilhosas, muito mais do que era na realidade». Segundo Pauthier, Rubruquis confunde em um só typo Togrul e seu irmão Ergué Kara, chefe dos Naimans. Na *Historia de S. Luiz*, por Joinville, tambem se falla no *Prestre Jean* conforme com as chronicas chinezas e tartaras. No livro de Marco Polo falla-se dos descendentes do *Prestre Jean*, que ao seu tempo (1291) estavam na sexta geração e reinavam em Tanduc, onde então governava Jorge. É a este principe que se refere a carta de João de Monte-Corvino, bispo de Khanbalich ou Pekin, escripta a Clemente v, em 1305; n'essa carta diz que convertera o principe Jorge que era nestoriano ao catholicismo, dando-lhe ordens menores e chamando ao filho João [1].

---

[1] «Quidam rex illius regionis Georgius, de secta Nestorianorum Christianorum, qui erat de genere illustri Magni Regis, qui dictus fuit *Presbiter Joannes* de India, primo anno quo huc ego veni, mihi adhaesit, et ad veritatem veræ fidei catholicæ per me conversus *minores ordines suscepit*, mihique celebranti regiis vestibus indutus ministravit. Sed quidam alii Nestoriani ipsum de apostasia accusaverunt; tamen ipse magnum populi sui partem ad veram fidem catholicam adduxit, et ecclesiam pulchram secundum regiam munificentiam construxit... Qui rex Georgius ante sex annos migravit ad Dominum verus Christianus, relicto filio haerede ferme in cunabulis, qui nunc est annorum novem. Fratres tamen ipsius regis Georgii, cum essent perfidi in erroribus Nestorii, omnes quos ille converterat, post regis obitum subverterunt, ad schisma pristinum reducendo. — Et filius dicti regis vocatur *Joannes* propter nomen meum; et spero

Digitized by Google

Esta Carta do bispo de Pekin, continuou a impressão que produziu na Europa a celebre Carta do Preste João ao Imperador de Roma e ao Rei dos Francezes. Louandre dá-nos uma curiosa noticia d'este documento:

« Dois velhos livros muito procurados e desconhecidos do publico, a *Carta do Preste João* [1] e a pretendida *Carta de Alexandre a Olympias,* resumem de uma maneira bem pittoresca as principaes noções da Edade-média sobre a zoologia phantastica. Como estes soldados romanos, que salvos das tempestadas da Germania, no regresso fallavam de aves desconhecidas, de peixes gigantescos, de sêres indecisos entre o homem e a alimaria, e de tudo quanto tinham visto ou julgado vêr sob o terror, o *Preste João* e Alexandre evocam nas suas narrativas todos os sêres maravilhosos. Póde-se dizer, que em todas as épocas o homem se sentiu acanhado sobre esta terra, e que a immensidade da creação não bastou á sua curiosidade vagabunda. Na antiguidade, quer alongar os limites do mundo procurando a *Athlantida;* na Edade-média, cria mundos novos para povoal-os com phantasmas. A multidão, sempre attrahida pelo mysterio e pelo desconhecido, segue as margens de todos os paizes de sonhos, e a *Terra do Preste João* permanece até aos primeiros annos do seculo XVII como

---

in Deo quod ipse imitabitur vestigia patris sui ». etc. Esta carta foi pela primeira vez publicada por Moshein, na *Historia Tartarorum Ecclesiastica,* pag. 114-117.

[1] Vem no livro de Ferdinand Denis, *Cosmographie et Histoire naturelle phantastique du Moyen-Age.*

Digitized by Google

sos. Tudo suscitava a imaginação para a exploração da terra com a espectativa n'um imperio celeste.

A famosa Carta do Preste João, que começou a correr a Europa por 1165, motivou uma outra Carta do Papa Alexandre III, datada de Veneza a 27 de setembro de 1177 dirigida ao Preste: *Alexander episcopus, servus servorum Dei, carissimo in Christo filio Johanni illustre et magnifico Indorum regi, salutem e apostolicam benedictionem.* Referem-se a esta carta differentes chronistas como Benedict of Peterbraugh, Roger Havedon e Matheus de Paris. O papa refere-se ás informações que recebera d'esse estado christão, apresentadas pelo seu medico Mestre Filippe *physicus et familiaris noster.* Parece deduzir-se d'esta Carta que se tratava já de um Rei christão da Abyssinia, pela circumstancia de pretender conformar as doutrinas e fórmas cultuaes com as de Roma, e possuir uma capella junto do santo sepulchro em Jerusalem. Pelo seu lado Matheus de Paris confunde a Egreja da Abyssinia com os Nestorianos. Vê-se portanto que a localisação do *Reino do Preste João* na Ethiopia em 1177 foi perturbada pela impressão das invasões tartaras e victorias de Gensgiskan, e fixado no Cathay, conforme as noticias espalhadas pelo livro de Marco Polo, e pela Carta de Rubruquis (1253) em que se faz menção de Gur-Khan com o titulo de Preste João, rei dos Naimans. Mas esgotada esta influencia, a imaginação voltou-se para a Abyssinia outra vez. Simon Sigeli, que visitou o Cairo em 1384 falla do *Presto Giovanni* da India, confins dos dominios de Soldão do Egypto; vê-se que a designação da India se confundia com

Digitized by Google

a Abyssinia, como na Carta de Alexandre III. Da localisação do Reino do Preste João na Ethiopia falla tambem Ariosto:

> Senapo detto è dui suddetti suoi;
> Gli diciam *Presto* o *Prete Jannis* noi.

No seculo XV todas as attenções estavam voltadas para a Abyssinia; o celebre Mappa de Fra Manico (1459) é explicito: *Qui il Preste Janni fa residentia principal*». Era esta fórma a que seguia Ariosto. Estas noticias chegaram a Portugal, e supplantaram as noções recebidas do livro de Marco Polo. D. João II (1486-1495) mandava expedicionarios descobrir o Reino do Preste João na Africa Oriental, e desde a *Verdadeira Informação* do Padre Francisco Alvares a Abyssinia ficou sendo chamada o Reino do Preste João. A lenda do Preste tornou-se para o genio aventureiro dos portuguezes um dos estimulos para a descoberta do caminho da India por terra.

Em uma carta de D. João III, de 27 de agosto de 1546, dirigida ao seu embaixador em Roma, Balthazar de Faria, para obter a nomeação de um patriarcha para a Ethiopia, vem um resumo das noticias do Preste João, desde o tempo do rei D. Manuel: «E que antre os outros reinos e provincias que no principio do dito descobrimento (India) pelos capitãis e armadas del Rey meu senhor foram descobertas desejou e trabalhou muito de ter conhecimento e communicação com El Rey da Ethiopia que se chama o Preste Joham e lhe enviou seu embaixador que por El Rey foi recebido com grande prazer e alegria e os informou dele e dos que com ele

Digitized by Google

hião com todo fervor e devoçam das cousas da fee e dos costumes destes reinos louvando-os muito e desejando de os seguir. E com este desejo depois de os ter comsiguo alguns annos os despachou, e enviou com eles seu embaixador que chegou a mim depois do fallecimento del Rey meu senhor, pelo qual enviou sua obediencia aa Santa See apostolica e hũa cruz douro em sinal de sua fee, a qual obediencia e cruz como Sua Santidade será lembrado foi apresentada ao sancto padre Clemente 7.º por Francisco Alvarez meu capellão que foi na companhia do dito embaixador e la faleceo em Roma pesoa virtuosa e dina de credito pelo qual e pelos que com ele vieram da dita embaixada, por que o embaixador faleceo antes que chegasse a mim, eu fuy muy particularmente enformado de todas as cousas da christandade do dito reino e grandeza dele e de como são verdadeiros christaãos, e sómente carecem da doutrina por que em muitas cousas guardão as cerimonias da ley velha, a saber, circumscidarense todos asi homens como molheres e guardarem os sabados, e algũas outras, e asi tem outros erros, a saber, que em cada egreja ou mosteiro se não diz mais que hũa missa no dia soo, e esto ao meio dia ou mais tarde, e todos os que estão a ela tomão o Sancto Sacramento, e alguns ou muitos sem se confessarem, e os que se confessam he brevemente e a seu modo muy desviado do que convém a suas almas e consciencias, e batizarem-se geralmente em cada hum anno de maneira que quantos annos cada hum vive tantas vezes he batizado, e outras muitas cousas de que hão mister emmendados e corregi-

Digitized by Google

dos. E sempre do dito tempo ateeguora trabalhey muito por conservar esta communicação e amisade para que por ela mediante a graça de nosso Senhor o dito Rey e seus vassalos podessem ser doutrinados e ensinados na fee e corregidos dos ditos erros, mandando a todos meus governadores e capitãis das ditas partes da India que em tudo o que se offerecesse trabalhassem de favorecer e ajudar o dito Rey». N'esta carta descreve-se como o rei de Zeila atacou o Preste João, e como D. Estevão da Gama foi em seu auxilio em 1542, morrendo n'essa campanha; e porque o Preste João era já velho, falleceu succedendo-lhe seu filho Glaudios, lhe recommendou que não pedisse Patriarcha para Alexandria, mas sim de Portugal «para que podessem ser milhor ensinados e doutrinados nas cousas da fee e costumes de cá» [1]. A noticia de um rei poderoso *Ogané,* dada a D. João II pelo embaixador do rei de Benim, levou aquelle monarcha a suspeitar que se tratava do *Preste João,* mandando-lhe emissarios, taes como Fr. Antonio, Pero da Covilhã e Affonso de Paiva, de que fallam os chronistas João de Barros e Damião de Góes. Depois da descoberta do caminho maritimo da India, ainda a lenda do *Preste João* teve importancia para os navegadores portuguezes, como ponto de apoio das descobertas, por isso que a Abyssinia occupava uma das margens do mar Roxo [2].

Dizia um ethnologista, que ainda nas mais elevadas

---

1 *Corpo diplomatico,* vol. VI, pag. 69 e seguintes.

2 Oliveira Martins, *Revista do Centenario de Colombo,* pag. 66.

Digitized by Google

civilisações existem elementos de uma primitiva barbarie, cuja persistencia constitue como que uma outra sociedade menos activa e que se oblitera lentamente. É assim que na historia de um povo os actos heroicos e deliberados das altas individualidades, os sacrificios conscientes do dever, com que se entretecem os annaes mais gloriosos de uma época, coexistem com essa outra actividade ficticia da imaginação popular, que repetindo ás vezes antigas tradições transmittidas inconscientemente, tira d'ellas o estimulo para novas manifestações do genio nacional. Na Historia de Portugal podem determinar-se as causas naturaes e as voluntarias que destacaram esta nação do organismo peninsular, levando-a a procurar no Atlantico e no Oriente o equilibrio para a sua exiguidade continental, mas não é menos importante definir qual a parte que a imaginação portugueza, pelas ficções e lendas da antiguidade classica, christã e medieval, exerceu excitando os grandes navegadores ás vastas e temerosas descobertas geographicas desde o seculo XV. A lenda do *Preste João das Indias* foi um dos principaes estimulos das nossas expedições geographicas, tendo por objectivo o reconhecimento da Ethiopia.

2. A lenda do Judeu Errante

Uma das causas que favoreceram a crença e propagação da lenda do *Judeu Errante* na Europa, foi a impressão das aventurosas peregrinações por promessas de penitencia. Nos Costumes da Edade-média davam-se

Digitized by Google

factos para excitar a credulidade em uma certa existencia vagabunda: estava então na sua maior e mais terrifica preponderancia a pena canonica das excommunhões, e sobretudo a penitencia das peregrinações e romagens. S. Gregorio de Nyssa falla contra este abuso, e allude á excessiva alluvião de gente que ia visitar os santos logares. Santo Agostinho condemnou tambem esses errores expiatorios: « O Senhor não disse — Vae ao Oriente e procura a justiça; navega até ao Occidente para receberes o perdão das tuas culpas ». O seculo XI foi o seculo das *peregrinações;* faziam-se votos cavalheirescos em accessos de devoção, que tinham de ser cumpridos, e que eram herdados pelos filhos, como se herdava um crime na penalidade heroica. A volta dos peregrinos do Oriente trouxe bastantes lendas que se diffundiram na Europa. Ainda no testamento do reitrovador D. Diniz, se encontra a clausula: « Item, mando que hum cavalleiro, que seja homem de boa vida e de verguença, que vá por mi aa Cruzada Santa d'Ultramar, e que estee hi per dous annos cumpridos se a cruzada for servindo a Deos, por minha alma... » [1]. Este costume acha-se referido em differentes canções dos trovadores portuguezes do fim do seculo XIII; Pero da Ponte assim chasquêa de uma peregrinação por conta de D. Maria Perez:

Maria Perez, a vossa cruzada
quando veo da terra d'Ultra-mar,

1 *Provas da Historia genealogica,* t. I, pag. 101.

Digitized by Google

assy veo de perdon carregada,
que se non podia con el' emerger;
mays furtam-lh'o cada hu vay maguer,
e do perdon já nom lhi ficou nada... [1]

E escreve Pedro Amigo, de Sevilha, satyrisando o mesmo costume, dos palmeiros:

Quem mh'ora quizesse cruzar,
ben assy poderia hyr,
ben como foy a Ultra-mar
Pero d'Ambroa deus servir,
morar tanto quant'el morou
na melhor rua que achou,
e dizer: Venho d'Ultra-mar [2].

A lenda do Judeu Errante propagada pelo espirito de hostilidade contra o primado da Egreja do Oriente, não podia logicamente desenvolver-se entre as tradições d'essa Egreja. Gaston Paris, no seu estudo sobre *O Judeu Errante,* consigna o facto, sem comtudo explical-o: «não se acha nenhum vestigio do Judeu eterno nem no vasto montão dos apocryphos gregos e slavos, *nem nas tradições do christianismo oriental,* nem nas lendas tão abundantes da Edade-média latina» [3]. A narrativa pela primeira vez relatada pelo chronista Matheus de Paris, na *Historia major,* localisa-a em 1228, com a

---

1 *Cancioneiro da Vaticana,* canç. n.º 1:176.
2 Ibidem, n.º 1:195.
3 Na *Encyclopédie des Sciences réligieuses.*

Digitized by Google

veracidade do narrador garantida por um breve do Summo Pontifice. A transição da lenda do Discipulo amado, que espera que Jesus volte segunda vez, para a lenda do Judeu Errante, cuja immortalidade é um castigo, operou-se como uma remodelação da lenda de Malco, já popular no seculo XII, como se vê da gesta de *Fierabras.* Diz Gaston Paris: «Entre a lenda do discipulo amado e a historia do castigo de Malco, que batera no Salvador, a extravagante narrativa do arcebispo armenio sobre Cartaphilo parece uma transição ou antes um compromisso...» E em outro logar chega á affirmação cathegorica da origem da lenda: «Nascida verosimilmente de uma narrativa apocrypha relativa a *Malco,* alterada mais ou menos intencionalmente pelo arcebispo armenio do seculo XIII, completamente refundida pelo novellista allemão do seculo XVII, ella *compõe-se de um elemento tradicional bastante antigo,* e de embellezamentos que accumulou a imaginação uma vez despertada sobre este assumpto». (Op. cit., pag. 19). É este elemento tradicional *bastante antigo,* que importa determinar, e é por elle que chegamos á identificação de Malco e Ahasvero em uma mesma divindade, de que Khidhr é o representante nas lendas koranicas.

No seu livro *Origines de l'Histoire* (I, pag. 527), Lenormant prova como a theurgia chaldaica se manteve durante a Edade-média em estado de seita secreta, dando logar a producções apocryphas, que tanto interessavam no seculo XI a Miguel Psellus. A propagação das doutrinas do Neo-platonismo veiu confundir-se com estes elementos, mas nem por isso alterou os traços es-

Digitized by Google

senciaes dos elementos religiosos da antiga Chaldêa transmittidos inconscientemente. A traducção dos livros da Magia accádica tem fornecido elementos comparativos para o estudo das superstições populares européas, e essa intima similaridade dos processos da feiticeria leva a determinar uma unidade primitiva da civilisação das raças amarellas, cuja influencia ainda persiste nas infimas camadas da credulidade. Segundo a religião dos Accads, os mortos podiam tornar-se em espiritos malignos, e divagar pelo mundo em fórma de espectros, phantasmas ou vampiros, para atormentarem os homens; os Semitas da Mesopotamia deram a estes espiritos que receberam das superstições accádicas, o nome generico de *Achcharu* [1]. Esta denominação que entre os Hebreus era dada aos falsos deuses, é a que mais justifica a proveniencia semita do nome de *Ahasvero*. Porém a lenda não é de origem semita; os seus elementos mythicos pertencem á religião chaldeo-babylonica, e persistem ainda entre as tribus mongoloides [2].

---

[1] Tiele, *Histoire comparée des anciennes Réligions*, pag. 168.

[2] Cástren encontrou nas lendas populares da Carelia russa uma fórma da tradição do *Judeu Errante*, identificado com o velho Wäinamoinen, da epopêa finlandeza do *Kalevala*. Eil-a como a resume Geffroy: « O deus supremo amaldiçoou-o por causa do seu orgulho, e determinou a sua morte. Permittiu-lhe comtudo que vivesse até gastar tres pares de sapatos de ferro. Decorreu um longo tempo, até que o deus mandou por muitas vezes os seus mensageiros á terra para saber onde se acha Wäinamoinen; responderam-lhe que como heroe experto, elle caminhava descalço. O creador irrita-se e profere esta sentença: — Vae para onde te desterro, para os abys-

Digitized by Google

O mytho do *Caçador feroz,* que os modernos criticos têm identificado na lenda do *Judeu Errante,* deriva-se do mytho accádico do «*grande Caçador diante de Deus*», a que ainda se refere o Genesis. Esse caçador é chamado no Genesis, Nemrod, nome que se acha na fórma primitiva no poema de *Nanrutu* (conhecido primeiramente pelo titulo de *Isdubar*). Segundo Rawlinson, o caracter mythico de Zoroastro, como iniciador da astronomia e do culto do fogo, é o que distingue Nemrod, que no Talmud tambem apparece como adorador do fogo. Segundo a tradição conservada por S. Clemente de Alexandria, Nemrod ensinou aos Assyrios a adorar o fogo. Jules Baissac, aproximando-o das lendas homericas, conclue: «Nós sabemos finalmente, que o *grande Caçador* do Genesis foi identificado com Orion, o *caçador celeste,* que, arrebatado pela Aurora, foi morto ás frechadas por Artemis, na ilha de Ortygia, e cuja sombra, descida aos infernos, se occupava ainda ali a caçar com uma clava de bronze, nos prados de asphodelos, as feras que elle matára outr'ora nas montanhas incultas. A assimilação com o sol do hemispherio inferior, primeiro, e depois com o sol do dia, é evidente» [1]. As lendas da descida ao inferno, explicadas pelo seu caracter de mytho solar, e a lenda da existencia sub-

---

mos, onde o turbilhão redemoinha no seio do oceano. Ahi ficarás eternamente, e ahi acharás um escadorio sem fim, que nunca acabarás de subir». *La Finlande et le Kalevala* (*Rev. des deux Mondes,* de 1871, pag. 307).

[1] *Les Origines de la Réligion,* t. I, pag. 190.

Digitized by Google

terranea de *Malco* (*Malku, Malik,* epitheto do Sol nas religiões palestinianas) levam-nos a determinar o verdadeiro ponto de partida para o estudo da lenda do Judeu Errante.

Entre as lendas musulmanas relativas a personagens biblicos, encontram-se algumas que não provieram de fontes judaicas nem christãs, mas da tradição chaldaica. No Koran (XVIII, 59-81) figura o Propheta ignorado, na confluente de dois rios, o qual sabe o mysterio da perpetuidade da vida. Guyard considera esta tradição koranica como um vestigio da epopêa babylonica de *Nanrutu:* « Segundo o Koran, Moysés diz ao seu servo: — Eu não deixarei de caminhar, até que chegue á confluente dos dois rios. — Chegado á confluente dos dois rios, Moysés encontra ali um homem com o qual tem diversas aventuras, e que os commentadores arabes identificam com Khidhr. Ora, este Khidhr é precisamente o Propheta immortal, que na lenda de Alexandre, conduz o heroe á fonte da agua da vida. A anologia é tão frisante, que é inutil insistir mais. Ajuntarei sómente que a palavra Khidhr não é outra cousa mais do que a contracção da fórma grega de Xisuthrus ». Lenormant, que acceita este ponto de vista, deriva o nome de *Khidhr* da fórma babylonica *Hasis-Adra,* transformado directamente pelos arabes sem passar pela fórma grega [1]. No poema de *Nanrutu,* o heroe sente-se mortal-

[1] *Les Origines de l'Histoire,* t. II, pag. 13. A transformação do nome de Alexandre no arabe *Iskander* aproximava-o de *Hasis-adra.*

Digitized by Google

mente doente, e aterrado por visões; decide ir pedir a cura e o *segredo da vida* a *Hasis-atra* (tab. VIII); e depois de chegar á embocadura dos rios, para lá das aguas da morte, onde habita *Hasisatra,* que ficou immortal, propõe-lhe as suas questões (tab. X). Diz Lenormant: «Sabe-se que segundo os exemplares da epopêa de Uruk (dos quaes o Museu britannico possue muitos, mais ou menos mutilados) este nome apparece escripto phoneticamente sob as duas fórmas *Adra-'hasis* e *'Hasis-adra.* — E não hesito em traduzil-os por — aquelle que obedece ao deus Sol, o que honra o Sol» [1]. Reconhecido que Xisuthrus é a fórma grega do nome chaldaico *Hasis-adra,* pelo seu caracter mythico do sêr immortal, temos o fio que nos explica o sentido da lenda de Glauco; d'esse nome *Hasis-adra* [2] é que proveiu a fórma rabbinica escripta na Allemanha no fim do seculo XVI, de *Ahasvero.* O nome de *Khidhr,* da lenda koranica, é derivado da outra fórma chaldaica *Adrá-hasis.* Vê-se por tanto que a lenda de um sêr errante que procura as fon-

---

[1] *Les Origines de l'Histoire,* t. II, pag. 7, nota.

[2] Na *Encyclopedia britannica* lê-se, que o nome babylonico *Hisiarsa,* que significa: veneravel rei, tinha a fórma em velho persa *Khshayarsa,* de que os judeus, usando-o como nome appellativo de differentes pessoas reaes, fizeram *Ahashverosh,* e que foi latinisado em *Ahasueros.*

Em uma noticia do *Dictionnaire des Legendes:* «outras tradições chamam ao Judeu Errante *Richab-Ader*». Referindo-se a esta affirmação, Gaston Paris declara desconhecer essas tradições. (Op. cit., pag. 18).

Digitized by Google

tes da vida, e que se torna immortal, apparece entre os arabes na fórma de *Khidhr* e nas lendas musulmanicas de Alexandre.

Uma das fórmas da lenda do Judeu maldito e immortal é a de *Malco*. Os deuses de Sepharvaim (*Reis*, XVII, 31) são denominados *Adrammelech*, transcripção hebraica da fórma assyria *Adru-malku*. Este epitheto *malku* tornou-se um nome proprio nas religiões cananêas e palestinianas, *Malkam*, *Milkon*, *Molech*, que é uma das designações do deus Sol. Na lenda popular italiana *Malco*, é o judeu que deu uma bofetada em Jesus com um guante de ferro, sendo por isso condemnado a viver debaixo do chão girando sempre em roda de uma columna até ao fim do mundo. Na canção de Gesta de *Fierabras* (ỳ 1:186 e seg.) [1] *Malco* tinha sido curado da lepra por Christo, circumstancia que o aproxima da doença do heroe da epopêa chaldaica. Na tradição portugueza, a phrase vulgar: *Ainda não se acaba o mundo* é uma reminiscencia da queixa de Malco, soltada de vez em quando no seu giro subterraneo.

A lenda de *Khidhr* espalhou-se na Europa sob differentes fórmas; Clermont-Gameau aproxima-lhe o mytho grego de *Glaucos*, o velho pescador, que, acabrunhado pela velhice, se precipita no mar para provar a sua immortalidade, ficando assim propheta, que apparece sempre aos navegantes como annuncio de desgraças [2].

---

[1] Gaston Paris, *Le Juif Errant*, pag. 6.

[2] Decharme, *Mythologie de la Grèce antique*, pag. 298.

Digitized by Google

Nas lendas da Edade-média christã o celebre conto da viagem do *Eremita em companhia do Anjo,* que Voltaire reelaborou no seu conto de *Zadig,* é uma das fórmas vulgarisadas pela preoccupação do destino humano e da sancção moral, que se liga ao grande episodio de *Adra-hasis* ou do *Khidhr* arabe. M. Gaston Paris publicou um excellente estudo sobre a lenda do *Anjo e o Eremita,* [1] na sua propagação através da Edade-média occidental, aproximando-a das narrativas rabbinicas: « Mas, como observou Lenormant, desconheceu a origem chaldeo-babylonica do personagem de *Khidhr,* origem que estou disposto a attribuir ao proprio conto em que elle entra em scena. Porque a ideia do peccado ignorado e das suas consequencias, que é o dado fundamental e generativo, é uma ideia essencialmente chaldaica » [2].

Tanto pela via das tradições rabbinicas como pelas lendas musulmanicas de Alexandre, penetraram na Europa os elementos mythicos de um personagem que escapou á lei da morte, ou que procura as fontes da vida para remoçar-se e tornar-se immortal. Ao epitheto de *Adra* (Khidhr), *Malku, Malik, Milkon,* ligamos os nomes dos typos lendarios immortaes de *Malco,* de *Glauco* e de *Helequin,* que andam errantes debaixo do chão, nos mares ou nas caçadas furiosas.

A primeira vez que apparece na Europa a noticia de

---

1 *La Poesie du Moyen-Age,* pag. 151 a 187.

2 Op. cit., t. II, pag. 14, nota.

Digitized by Google

um Judeu immortal, testemunha da Paixão de Christo, é na *Historia major* de Matheus de Paris, monge de Saint-Alban. Pelos elementos da sua narrativa se poderão explicar alguns factos que determinam a sua origem chaldaica. Diz elle:

«Um arcebispo da Grande-Armenia, recommendado pelo papa, e cuja veracidade era garantida por um breve do Summo Pontifice, veiu em 1228 ao bello paiz de Inglaterra, para visitar as santas reliquias e os logares consagrados. Ora, durante a sua permanencia no mosteiro de Saint Alban, interrogaram-no sobre o famoso Joseph, o qual estava presente na occasião da Paixão do Senhor, lhe fallou e vive ainda como testemunho da fé christã (*qui adhuc vivit in argumentum fidei Christianæ*). Um cavalheiro de Antiochia, do séquito do prelado, que lhe servia de interprete, disse em lingua franceza: — Meu senhor conhece bem esse homem, e antes que partisse para o paiz do Occidente, o dito Joseph comeu, na Armenia, á mesa do senhor Arcebispo, que o tinha já visto e ouvido fallar muitas vezes. Como se lhe perguntára o que se passára entre Nosso Senhor Jesus Christo e o dito Joseph, elle disse: — No tempo da Paixão, quando Jesus Christo, agarrado pelos Judeus, era conduzido ao Pretorio perante Pilatos, para ser por elle julgado, e que os judeus o accusavam com furor, Pilatos não achando n'elle nenhum motivo para o mandar matar, disse-lhe: — Levae-o e julgae-o segundo a vossa Lei. — Emquanto os Judeus arrastavam Jesus para fóra do Pretorio, *Cartaphilo,* porteiro do Pretorio de Poncio Pilatos, deu-lhe um murro nas costas, dizendo em tom

Digitized by Google

sarcastico: — Vae, Jesus, vae-te depressa; porque esperas tu? Jesus voltou-se, e encarando-o com ár severo, disse-lhe: — Eu vou, e tu esperarás até que eu volte! — conforme ao que fôra dito mais tarde pelo evangelista: O Filho do homem, vae, como está escripto; mas tu esperarás até á sua segunda vinda. Então, conforme a palavra de Christo, este *Cartaphilo* espera. Elle tinha pouco mais ou menos trinta annos, no tempo da Paixão do Senhor; cada vez que elle faz cem annos, é accommettido de uma doença que parece incuravel, cae em uma especie de extasis, depois do que melhora e torna á edade que tinha no tempo em que o Senhor foi suppliciado. No entretanto *Cartaphilo* depois da morte de Christo foi baptisado por Ananias, o mesmo que baptisou Paulo, e recebeu o nome de *Joseph*... Hoje habita ordinariamente as duas Armenias, e outros paizes do Oriente; vive no meio de bispos e prelados».

N'esta narrativa, o que primeiro salta á attenção é a pessoa do Arcebispo da *Armenia*, e a affirmação de que *Cartaphilo* vive nas duas Armenias. É nas montanhas da Armenia, em Arârât, que se localisa a tradição da barca de Hasis-Adra ou Xisuthrus, das lendas diluvianas; nos Targumim do Pentateuco e dos prophetas o nome de Arârât é traduzido por *Qardu*, interpretação seguida na versão syriaca do Genesis e adoptada pelos santos padres Ephrem e Epiphanio [1]. O nome dos habitantes de Arârât ou dos montes Gordyeus, tem as fórmas clas-

[1] Lenormant, op. cit., t. II, pag. 3.

Digitized by Google

sicas *Kardakes,* (Polyb.) e *Kardoukoi* (Xen., Strab., Plin.). De sorte que o nome de *Cartaphilo* se resolve em uma designação geographica, que nos particularisa a tradição no cyclo das lendas chaldaicas do diluvio; a doença incuravel que o proprio *Cartaphilo* soffre periodicamente é a mesma do heroe da epopêa de *Nanrutu,* a mesma doença de Malco e de Glauco, e até do proprio Alexandre.

O nome de *Joseph,* com que na narrativa de Matheus de Paris é baptisado Cartaphilo, deriva da lenda rabbina do Josue ben Levi, que desejava vêr o propheta Elias, que percorria incessantemente a terra; conseguiu vêl-o e obter o favor de acompanhal-o nos seus errores. A lenda de Josue ben Levi é em tudo similhante á lenda de *Khidhr* e Moysés, e do *Anjo e o Eremita.* Da lenda rabbinica escreve Gaston Paris: «Rabbi Josue ben Levi, que é o heroe de um grande numero de lendas rabbinicas, vivia na Palestina no seculo III da nossa éra. — O personagem desconhecido, que sem duvida, na fórma mais antiga da narrativa, acompanhava Elias (*Khidhr,* segundo os commentadores do Koran), foi substituido em uma versão pela figura popular de rabbi Josue ben Levi, em outra pelo proprio Moysés» [1]. Vê-se portanto, que mesmo a substituição do nome de *Cartaphilo* [2] pelo de José obedecia a uma reminiscencia do

---

[1] *La Poésie du Moyen-Age,* pag. 176.

[2] A etymologia de *Cartaphilo,* do grego *karta* e *philo,* muito amado, com que Schœbel na *La légende du Juif Errant,* o quiz identificar com S. João, só se admitte nos processos populares, mas

Digitized by Google

typo immortal que acompanha ou procura o propheta desconhecido. O nome de *Ananias,* que baptisa *Cartaphilo* em Joseph, é ainda uma reminiscencia chaldaica de *Anunit,* a esposa do Deus *Malku* ou Malik [1].

A narrativa do Arcebispo da Armenia deu logar a uma outra redacção; elle fôra a Colonia, e demorára-se em casa do bispo de Tournai, onde repetiu a mesma lenda. Na *Chronica rimada* de Philippe Mousket, [2] escripta em Tournai por 1243, vem essa narrativa, onde estão as modificações de um assumpto imaginario: «O Arcebispo contou que vira um homem que tinha assistido ao crucifixamento de Deus. Quando os perfidos judeus levaram Deus á morte, este homem lhe disse: — Esperae por mim, que eu tambem vou, para vêr pregar na cruz o falso propheta. O verdadeiro Deus voltou-se, e fitando-o, lhe disse: — Elles não esperam por ti, mas tu me esperarás. E com effeito elle ainda está á espera; de ha muito que não acaba de morrer. Todos os cem annos vê-se remoçar. Conta-se que foi baptisado por Ananias: assim poderá expiar os seus erros. Elle não morrerá até ao dia do juizo». N'este segundo texto, o judeu não tem nome, nem a deshumanidade de Cartaphilo; mas a lenda encontrava um terreno, em que podia radicar-se e florir esplendidamente; na Inglaterra tinha os elementos tradicionaes do rei Arthur, e na Allemanha o

não para base de um trabalho critico. Em geral todo o seu estudo é phantasmagorico e mystagogico.

[1] Lenormant, ibid., pag. 8, nota.

[2] *Ed. Reiffenberg,* t. II, pag. 491.

Digitized by Google

typo popular do *wargus* ou banido e do *Caçador feroz*, resto dos mythos odinicos. O producto da imaginação popular sobre o Judeu immortal, que adquire o seu caracter errante, veiu a condensar-se em fórma de Carta, (como a celebre Carta do Preste João), sob o titulo de *Relação maravilhosa de um Judeu chamado Ahasvérus*, contendo uma carta allemã datada de 29 de junho, de 1547, com o testemunho de um estudante de Wittemberg Paul d'Eitzen, em que descreve essa extraordinaria figura vista em uma egreja de Hamburgo. A carta é assignada por Chrysostomus Dudulaeus, aproveitando-se alguem da respeitabilidade do nome do discipulo de Melanchton, já fallecido quando se publicou a alludida relação em 1602. É n'esta redacção que apparece o nome de *Ahasvérus*, e em que o Judeu em vez de ser porteiro do pretorio é um sapateiro de Jerusalem, que vendo passar Jesus pela sua porta sob o peso da cruz, o repelliu no momento em que parava para descançar. É aqui que predomina o caracter de maldição, já fixado nas lendas de Malco; e se, segundo Lenormant, *Adra-'hasis* deu logar á fórma arabe de *Khidhr*, tambem da fórma *Hasis-adra* proveiu a designação *Ahasvérus*, porventura através das lendas rabbinas espalhadas pelos Judeus da Allemanha, e que foram personificados pelas perseguições que soffriam n'esse judeu amaldiçoado [1].

---

[1] Gaston Paris demonstra que, embora a lenda de Ahasverus seja de elaboração protestante, foi derivada da *Historia major* de Matheus de Paris, publicada em Londres em 1571, e em Zurich em 1586. Faz o confronto da redacção de Dudulaeus, concluindo pela

Digitized by Google

As penas do direito feudal e germanico na terrivel fórma da *banição,* eram tambem espontaneamente identificadas com a figura phantastica do Judeu Errante e maldito. Segundo estabeleciam os Codigos barbaros, o criminoso não podia ser tocado; era lançado fóra da garantia civil, dava-se-lhe o mundo para correr livre como o lobo nocturno, era o *wargus,* que podia ser morto pelo primeiro homem que o encontrasse. No solo germanico, onde nasceu este direito do *banido,* floresceu melhor do que em outra qualquer parte a lenda do Judeu Errante. Gaston Paris tambem observa este facto, sem referil-o á indole da penalidade germanica do *banido,* admittido no direito consuetudinario de muitos povos europeus: «A popularidade do Judeu Errante é restricta a algumas regiões do noroéste da Europa, á Allemanha, Scandinavia, Paizes-Baixos e á França». O bibliophilo Jacob attribuia esta assimilação ao grande numero de judeus que existia na Allemanha, mais do que em nenhum outro estado da Europa, o que é contraproducente. As lendas germanicas do *Caçador eterno,* como já o observára Schœbel, naturalmente se adaptavam ao espirito de maldição catholica identificando-se com o Judeu Errante. Jacob Grimm colligiu uma lenda popular na Allemanha, em que o *Judeu eterno* nos apparece com o caracter exclusivo de longevidade de *Kidhr,* da lenda arabe:

similaridade dos traços fundamentaes do personagem. (Op. cit., pag. 13 e 14). O theologo Martin Dröscher, escreveu em 1668 uma dissertação para sustentar a distincção entre os dois Judeus immortaes *Cartaphilo* e *Ahasvero.*

*

Digitized by Google

«O Judeu Errante passou uma vez por uma cidade e disse: — Quando eu passar por aqui uma segunda vez, aonde agora ha casas e ruas, não haverá senão arvores e pedras; e quando eu passar por aqui uma terceira vez, não haverá mais do que nevoa e gelo. E ao presente, em Matterberg só se vê nevoa e gelo» [1]. Na lenda de Kidhr o annuncio toma a fórma da realidade. Assim, as tradições sobre o fim do mundo syncretisavam-se entre o povo com as noticias sobre o apparecimento do Judeu eterno. A lenda do *Caçador eterno,* essencialmente germanica, inspirada pela decadencia do culto odinico e pela penalidade heroica do *banido,* tendia a transformar-se na de Ahasverus. Eis como Jacob Grimm a colligiu de um canto do velho troveiro Michael Beham: «O conde Eberhard de Würtenberg foi um dia sósinho fazer uma cavalgada na Floresta Verde, para gosar o prazer da caça. De repente ouviu uma forte explosão e um grande ruido, como se passasse um caçador; tomou-o certo pavor, e depois de se apear, trepou a uma arvore e perguntou ao espirito, se lhe queria fazer mal? — Não, respondeu o phantasma; eu sou um homem como tu, e estou diante de ti inteiramente só; eu era antigamente um fidalgo. Tinha uma tamanha paixão pela caça, que pedi a Deus para me deixar caçar até ao fim do mundo. O meu voto foi desgraçadamente cumprido, e já decorrem quatrocentos e cincoenta annos que ando atraz de uma só e mesma antilope. Ninguem conhece

[1] *Tradições allemãs,* t. I, pag. 535. Trad. franceza, 1838.

Digitized by Google

agora a minha raça e minha nobreza. O conde Eberhard disse-lhe: — Mostra-me o teu rosto para vêr se reconheço o ár da tua familia. Então o espirito se patenteou: o rosto não era maior do que um punho; estava resequido como uma folha, e rugoso como uma esponja. Passado isto, continuou a seguir o mesmo caminho e desappareceu » [1]. A ideia do *voto a Deus,* que apparece na lenda germanica, personifica-se no nome de *Buttadaeum,* (na Bretanha *Boudadio,* e na Italia *Buttadio*) com o qual o celebre chimico allemão Libavius, combatendo a immortalidade de Paracelso, affirma preferir a crença no Judeu Errante: « *alius ipsum apellat* Buttadaeum, *alius aliter* » [2]. A crença em um voto, com o caracter de maldição, apparece na tradição germanica, por fórma que exclue toda a etymologia de *bouter* ou *botar,* no sentido de arremeçar ou repellir, com que se procurava ligar esta interpretação á lenda de Ahasverus.

Na collecção de Bladé, *Contes d'Armagnac,* o Rei Arthur é considerado na tradição da Gasconha como um

---

[1] *Tradições allemãs,* t. I, pag. 478. Nas tradições populares da Allemanha tambem persistem as reminiscencias da penalidade heroica; diz Grimm: «Acredita-se que aquelle que commetteu um crime digno de pena de morte e a quem não cortaram a cabeça em vida, é condemnado a andar errante depois da morte com a cabeça debaixo do braço». (Ibidem, pag. 479).

[2] *Praxis Alchymiæ,* pag. 637. Francf., 1604. Ap. Gaston Paris, *Juif Errant,* pag. 17.

Digitized by Google

grande caçador. Estando-a ouvir missa um dia, ouviu a sua matilha que ia perseguindo um javali; sae immediatamente da Egreja atraz da preza, mas em castigo do seu peccado foi arrebatado para as nuvens, onde até ao dia de juizo segue os seus cães em uma caçada através dos áres. O caracter astronomico de Arthur (*Arcturo*) explica esta identificação do rei immortal das raças celticas com o *Caçador feroz* [1]. Segundo Gould, no *Curious, Myths,* opinião admittida por Brueyre, a tradição allemã do *Caçador feroz* confunde-se ás vezes com a do Judeu Errante. «Em certos paizes o *Caçador feroz* passa por ter sido um judeu, que quando Nosso Senhor teve sêde, lhe offereceu com ár de desprezo a agua que se achava na poça formada pela pégada do seu cavallo» [2]. O nome de *Gregorio,* dado ao Judeu Errante na dissertação de Schultz, *De Judeo non mortali,* de 1689, parece ligar-se na tradição popular á crença do Caçador feroz; segundo Henderson, quando os habitantes de Durham e de Yorkshire ouvem de noite o grasnar agudo dos patos

---

[1] Southey deriva o nome de *Arthur* de *Arcturo,* a grande Ursa ou o Carro, á qual os celtas chamavam o *Carro de guerra de Arthur,* e ás vezes a *Charrua de Arthur.* Tambem no paiz de Galles a Constellação da Lyra chamava-se a *Harpa de Arthur.* Brueyre, de quem tomamos estas designações, accrescenta que tambem entre os Egypcios a Grande Ursa era chamada o *Carro de Osiris,* e em uma velha tradição sueca o *Carro de Thor.* (Op. cit., pag. 12).

[2] *Contes populaires de la Grande-Bretagne,* pag. 217, nota.

Digitized by Google

bravos que voam por cima das casas, dizem: *São os cães de Gregorio* [1].

Como um caçador eterno, Arthur tambem não póde morrer. Em uma chronica de Gervasio de Tilbury escripta por 1211, vem a lenda do rei Arthur occulto no monte Etna: «Na Sicilia acha-se o monte Etna, que os habitantes chamam *Mont Gibel*. Contam elles que no nosso tempo, o grande rei Arthur appareceu nas solidões d'este monte. Um certo dia, dizem elles, o moço da estrebaria do bispo de Catana, tendo apparelhado o palafrem confiado á sua guarda, elle gordo e anafado escapou-se-lhe e botou a fugir para o monte Etna. O creado tendo-o seguido, procurou-o por muito tempo através dos precipicios e sitios selvagens da montanha, mas não o tendo encontrado, e redobrando de inquietação, pozse a procural-o nos sitios escuros, e procurando sempre acabou por achal-o em um caminho estreitissimo, mas direito, e por este caminho chegou a uma vasta planura cheia de delicias de toda a sorte; e ali, em um palacio construido com uma arte maravilhosa, viu Arthur estendido sobre um leito de uma magnificencia real.

---

[1] Apud Brueyre, op. cit., pag. 216. O nome de *Isac Lequedem,* dado ao Judeu Errante, em umas endexas de origem belga de 1774, e que Schœbel explica pela palavra *quedem* — oriente — parece-nos provir de uma má leitura do titulo de um folheto de Car. Antonius, publicado em Helmistad, en 1756: *Diss.* IN QUA LEPIDAM *fabulam de Judæo immortali examinat* C. Ant. etc. Facil foi para algum versejador illitterato tomar o judeu immortal como *Isaq Laquedem,* das palavras não comprehendidas.

Digitized by Google

Arthur apercebeu o estrangeiro, e perguntando-lhe o motivo da sua vinda, apenas informado mandou trazer o palafrem perdido, e entregal-o ao moço para que o levasse ao bispo. Arthur contou então que se achava ali desde muito tempo, doente das feridas que abriam todos os annos, e que elle recebera na batalha contra seu sobrinho Modred e contra Childeric, chefe dos Saxões »[1]. Nos Contos populares da Sicilia, a tradição vaga do Judeu Errante é designada pelo nome de *Buttadeo;* o *voto a Deus* feito pelo caçador da lenda germanica, colligida por Grimm, e a caçada até ao fim do mundo por Arthur, segundo a lenda de Gasconha, dão-nos o verdadeiro sentido d'este nome e o sentido do mytho de Arthur. As lendas são elaboradas pelo syncretismo popular. O typo do rei Arthur, como sympathico ás raças celticas, não podia desenvolver-se nas lendas da maldição, e foi encontrar todo o seu relêvo nas novellas de cavalleria celeste ou de Santo Graal.

O typo do Judeu Errante tomou realidade na imaginação popular, e durante o seculo XVII cartas e testemunhos oraes, em todos os paizes da Europa, affirmavam terem-no visto passar. Os theologos discutiram a serio a sua existencia, e vivificaram com auctoridades patrologicas esse sêr imaginario. No seculo XVIII, o Judeu Errante recebeu a luz do illuminismo theosophico dos grandes aventureiros da côrte de França, identificando-se com o Conde de Saint-Germain, e com o seu imita-

[1] Apud Fauriel, *Dante,* t. I, pag. 289.

Digitized by Google

dor du Marais, conhecido pelo nome de *milord Gower* [1]. Goëthe hesitou entre a escolha dos themas do Fausto e do Judeu Errante; no nosso seculo inspirou algumas obras litterarias notaveis [2].

Recapitulando o estudo sobre as differentes lendas agrupadas em volta dos dois typos o Preste João e o Judeu Errante, vêmos que além do intuito theologico que as transformou nos conflictos do *primado* entre a Egreja do Oriente e a do Occidente, essas lendas têm por thema fundamental o segredo da longa vida, uma das maiores preoccupações do espirito humano:

a) A vida é prolongada por um premio ou graça divina (*Presbyter Johannes* e *Reino de Deus*);

b) A vida é prolongada indefinidamente por castigo ou maldição (*Malco, Cartaphilo, Ahasvero*);

c) A vida é tambem prolongada por um segredo magico ou pacto demoniaco (*Fausto*).

Determinado entre a variedade das suas fórmas este thema fundamental, vêmos que o segredo da vida immortal é a base do culto solar. Acha-se representado na sua fórma mais antiga em *Hasis-Adra*, (*Xisuthrus*, na fórma grega) o que obedece ou venera o sol (*Adra*), o varão justo da epopêa babylonica, que escapa da morte no Diluvio. A descoberta d'este importante documento da bibliotheca de Assurbanipal, esclarece os differentes fragmentos do mytho primitivo, entre os Semitas (*Khidhr*,

---

[1] *Annuaire de la Bibliothèque royale de Belgique*, v année (1844), pag. 196.

[2] Klingemann, Horn, Jemond, Quinet, Grenier e Scribe.

Digitized by Google

Malco, Cartaphilo, Ahasvero, Iskander) e entre os Arias (*Xisuthrus, Badur, Arthur, Brendan*). O varão que tenta as primeiras emigrações pelo mar, o eterno errante, segue o curso do Sol (diurno e nocturno); a allegorisação christã apropriou-se de todos esses vestigios persistentes do passado, em que Christo como uma personificação do Sol conduz á *fonte da vida,* que é o baptismo e a resurreição das almas no Reino de Deus.

3. A lenda de Santo Graal e da Tavola-Redonda

A popularidade do Evangelho aprocrypho de Nicodemus, assim como veiu estimular a vasta producção do cyclo de visões e descidas ao inferno, continuou tambem a suggestão tão poetica das raças celticas pela narrativa da viagem de Joseph de Arimathea á Inglaterra, onde implantou o Christianismo, e onde deixou o vaso sagrado por onde Jesus bebeu na ultima cêa com os seus discipulos, ou em que o decurião colheu o sangue do martyr-salvador. Em volta d'estes dados agruparam-se elementos mythicos provenientes quer da corrente mithriacista que precedeu o Christianismo no Occidente, quer das tradições celticas que se obliteraram pela decadencia da theologia druidica. O vaso mystico do *Graal* reune estas duas correntes: em Persepolis ou Istakhar achou-se, segundo a crença dos Magos, um vaso mystico *Dscham,* em que existia o licor da salvação e o espelho do mundo. Nas lendas de Alexandre, o heroe emprehende a expedição á Asia á procura d'esse vaso de Salvação, como veiu a organisar-se o cyclo da cavalle-

Digitized by Google

ria celeste destinada á Demanda de *Santo Graal*. O espelho do mundo, que já apparece na lenda do Preste João e nas lendas de Virgilio, figura ainda nas superstições populares europêas da adivinhação pela Caldeira. A elaboração d'estes e outros elementos mythicos desenvolvidos nas novellas da Tavola-Redonda, obedeceu a um interesse religioso muito vivo. Esse grande numero de lendas celticas e christãs, que se agrupou no cyclo das novellas da Tavola-Redonda, deveu este trabalho de systematisação ás pretenções da Egreja de Inglaterra ao *primado* e independencia da Egreja de Roma, por ser de origem apostolica. Paulin Paris, na introducção ás Novellas da Tavola-Redonda, parte d'este dado historico: « N'esta ordem de composições, um certo numero de tradições religiosas, particulares á Egreja gallo-bretã, tornaram-se o tronco d'onde parecem derivar-se as narrativas primitivas como outros tantos ramos e galhos » [1]. Os redactores da *Encyclopedia britannica* acham plausivel esta theoria. A Egreja da Bretanha insular, resistindo á auctoridade com que se lhe queria impôr a Egreja de Roma, continuou a elaboração do Evangelho de Nicodemus, para assim fundamentar a sua origem apostolica. Diz Paulin Paris: « eu chamaria voluntariamente a esta tradição o Evangelho dos Bretãos, e que remontaria porventura ao terceiro ou quarto seculo da nossa éra. O piedoso decurião, que puzera Christo no sepulchro, tinha-se tornado, sob a mão dos legendarios, o Apostolo

1 *Les Romans de la Table Ronde*, t. I, pag. 4.

Digitized by Google

da ilha de Bretanha. Passára miraculosamente o mar, e tinha vindo fundar sobre o Saverne, no Sommersetshire, o celebre mosteiro de Glastonbury e o seu corpo ahi fôra depositado. Tal é a antiga crença bretã, e póde-se vêr quanto ella se tornou cara a este povo, reportando-nos aos ultimos annos do seculo VI, quando o papa S. Gregorio, a pedido do rei saxão Ethelbert, enviou padres romanos para trabalharem na conversão dos novos conquistadores. Os velhos bretãos indignaram-se com esta intervenção do bispo de Roma, que acabava de abrir as portas do Paraiso á raça detestada dos seus oppressores. E este facto foi ainda peor, quando Agostinho, chefe da missão, se lembrou de censurar as fórmas consagradas da sua liturgia: = Com que direito, diziam elles, vem o papa desapprovar as nossas cerimonias e contestar as nossas tradições? Nós nada devemos aos romanos; nós fomos outr'ora christianisados pelos primeiros discipulos de Jesus Christo, miraculosamente vindos da Asia. Elles foram os nossos primeiros bispos; elles transmittiram áquelles que lhes succederam o direito de sagrar e ordenar os outros. = A animosidade tomou então mais largas proporções, porque os enviados de Roma foram accusados pelos clerigos bretãos de terem provocado a ruina e o incendio do celebre mosteiro de Bangor, centro da resistencia da nova liturgia » [1]. Eguaes luctas se passaram na Hespanha para o rito *mosarabe* da egreja nacional ser substituido pelo rito romano. O Veneravel Beda falla dos ritos da Egreja bretã

[1] Op. cit., pag. 93 e 94.

Digitized by Google

que em muitas cousas eram contrarios á unidade da Egreja, «tradições que os bretãos e scotts antepõem ás de todas as outras Egrejas». O Conde de Montalembert, descrevendo vivamente esta lucta da Egreja bretã pela sua autonomia, na obra *Os Monges do Occidente,* aponta essas differenças de ritual na data para a celebração da festa da Paschoa, fórma da tonsura monastica, e cerimonias do baptismo. O direito de nomeação dos bispos, que Roma avocava a si, era attribuido ao metropolitano da Egreja de York. Foi para tornar mais fundamentado este direito, que se elaboraram visões e sequencias introduzidas nos livros liturgicos da Egreja bretã. Paulin Paris encontra os primeiros vestigios d'este trabalho poetico, que se desenvolveu no cyclo do Santo Graal e da Tavola-Redonda, nas palavras da Chronica de Helinand, que chega até 1209, as quaes se acham transcriptas no *Speculum historiale* de Vicente de Beauvais: que em 717 um certo monge tivera a visão de Joseph de Arimathea, e do celebre vaso que se chama *Gradal,* ou *Graal* [1].

---

[1] «Anno 717. Hoc tempore, cuidam eremitæ monstrata est mirabilis quædam visio per Angelum, de sancto Josepho, decurione nobili, qui Corpus Domini deposuit de cruce; et de catino illo vel paropside in quo Dominus cœnavit cum discipulis suis; de qua ab eodem eremita descripta est historia quæ dicitur *Gradal.* Gradalis autem vel Gradale dicitur gallicè scutella lata et aliquatulum profunda in qua pretiosæ dapes cum suo jure (sc. jus) divitibus solent apponi, et dicitur nomine *Graal*... Hanc historiam latinè scripta invenire non potui; sed tantum gallicè scripta habetur à quibusdam proceribus; nec facilè, ut aiunt, tota inveniri potest». (Apud Paulin Paris, op. cit., pag. 90).

Digitized by Google

A composição latina a que se refere o texto da Chronica de Helinand, e da qual tambem falla com grande mysterio Robert de Boron no desenvolvimento da novella do Santo Graal, era segundo Paulin Paris uma relação historica da vinda de José de Arimathea á Bretanha, introduzida no breviario da Egreja bretã: «pelo anno de 720, que um clerigo do paiz de Galles, padre ou eremita, se lembrára de inserir em uma collecção de lições ou cantos liturgicos a antiga tradição do apostolado de Joseph de Arimathea e do precioso vaso de que fôra depositario. Para dar a este *Gradual* (vid. Du Cange, vb.° *Gradale*) uma incomparavel auctoridade, elle annunciou que Jesus Christo escrevera o original, e lhe ordenára de o copiar palavra por palavra, sem alteral-o em cousa alguma. Que obedecera e transcrevera fielmente a historia do amor particular do Filho de Deus por Joseph, do longo captiveiro d'este, da sua libertação maravilhosa, devida ao filho do imperador Vespasiano, que fôra curado da lepra pela vista da imagem do Salvador impressa no sudario da Veronica. Joseph, primeiro bispo sagrado pela mão de Jesus Christo, recebera o privilegio de ordenar os outros bispos e de dar começo á hierarchia ecclesiastica. Chegára maravilhosamente á ilha de Bretanha, casára os seus parentes com as filhas dos reis do paiz novamente convertidos, e ao morrer deixou o deposito do vaso precioso a Bron, seu cunhado, que mais tarde o confiou á guarda de seu neto, o Rei-peccador [1]. Esta relação conservou-se secreta, porque temia-

[1] Op. cit., pag. 102.

Digitized by Google

se que ella determinasse um schisma, separando a Egreja bretã da de Roma. Comtudo na chronica *De antiquitate Glastoniensis Ecclesiæ,* de Henry de Blois, abbade de Glastonbury (1129) vem por extenso a lenda de Joseph de Arimathea [1], bem como se acreditava que o seu tumulo existia n'aquelle mosteiro.

Porventura, quando novas luctas rebentaram entre a Egreja de Roma e Henrique II, que chegou a querer separar-se d'ella, é que a memoria d'esse livro *Gradual,* escripto em latim revivesceu, dando então logar á elaboração novellesca de Robert de Boron e Gautier Map. Do caracter secreto d'esse Gradual falla-se na paraphrase portugueza da *Demanda do Santo Graal,* escripta no tempo de D. João I: «Mas esto nom ousou mudar Robert de Boron de francez em latim, *porque as puridades da santa Egreja nom nas quiz elle descobrir;* cá nom convém que as saiba homem leigo. E doutra parte *avia medo de descobrir a Demanda do Santo Graal, assi como a verdadeira storia o conta de latim...*» (Fl. 21). Esta confissão do traductor ou paraphrasta só se explica pelo perigo que a tal relação do seculo VIII, em latim, junto do livro liturgico ou Gradual, poderia causar se fosse conhecida, motivando por isso algum scisma. Na sua redacção poetica, escripta antes de 1199, Robert de Boron diz isto mesmo no poema de *Joseph d'Arimathie:*

Je n'ose parler ni retraire,
Ni je ne le porroie faire,

[1] Encycl. britannica, vb.º *Grail.*

Digitized by Google

(Neis se je feire le voloie)
Se je le grant livre n'aveie
Où les estoires son escrites,
Par les grans clercs feites et dites,
Là sont li grant secré escrit
Qu'on nomme le Graal...

Paulin Paris entende que Robert de Boron é que applicou o nome do livro liturgico *Gradale* ao vaso ou reliquia onde Joseph de Arimathea aparou o sangue de Christo [1]. Vamos vêr que uma grande parte das lendas feitas sobre a taça da guild, nasceram de interpretações etymologicas.

O nome do vaso mysterioso chamado *Graal* foi submettido pelos poetas que elaboraram os poemas da Tavola-Redonda a um certo numero de interpretações etymologicas, que deram logar a nova florescencia le-

---

[1] Em um canto popular do Alemtejo existe uma manifesta referencia ao *Santo Graal:*

Já os anjos vão p'r'ó céo,
Ston dispostos em procissão,
Sam Pedro leva a Cruz,
Sam João leva o Pendão.
Dentro d'aquelle Pendão
vae moimento armado;
Dentro d'aquelle moimento
Vae Jesus Crucificado,
Morto de pés e mãos,
Seu sangue lhe vae cahindo
Para o Calix consagrado;
P'ra que todo homem que o bebesse
N'este mundo seria rei,
No outro será coroado.

(S. Vicente — Alemtejo. Collig. por *A. Thomaz Pires*).

Digitized by Google

gendar. A crença em um vaso ou taça mysteriosa era persistente entre as raças celticas; era o vaso de Taliesin, guardado pelo Gwion, o anão. As etymologias dos letrados deram-lhe singulares aspectos. De *gradualis* ou *gradalis,* o livro dos officios divinos, tirou Paulin Paris o nome de vaso *Graal,* de que se fallava como reliquia em uma prosa ou relação d'esse livro. — Outros mais ingenuos disseram, que por ter contido esse vaso o *Sangue real* de Christo, lhe chamaram *Santo Graal.* — Um dos redactores da fórma franceza d'estes poemas «diz, fallando do vaso miraculoso, que se chama *Graal,* porque ninguem o vê sem que á vista lhe *agrade:* parce qu'il est pour tous une chose que tous *agréent*» [1]. O proprio Fauriel que se ria d'estas etymologias poeticas, considera as fórmas *Graal* e *Gréal,* como «fórmas particulares da de *Grazal,* que significa vaso em geral, e mais estrictamente escudella» [2]. Fauriel, apesar de negar a origem celtica dos poemas da Tavora-Redonda, apresentava em 1832 o seguinte principio critico: «Bom será determinar a relação das tradições celticas com o fundo e dados geraes dos Romances da Tavola-Redonda». Vamos vêr como o *Grazal* era o copo com que se faziam as saudes da confraternidade. Na *Chronica britanum,* de Geoffroy Monmouth, em que se apropriou de noticias tradicionaes da chronica latina de Nennius (822), lê-se que o rei Wortigern convidado

---

1 Fauriel, *Hist. de la Poésie provençale,* t. II, pag. 441.
2 Ibid.

Digitized by Google

para um sumptuoso banquete, a filha de Hengist, a bella Rowena entrou na sala com um copo de ouro cheio de vinho, e aproximando-se do rei disse inclinando a cabeça: *Wevs heil!* O rei namorou-se d'ella, bebeu e tomou-a por esposa: «e desde este tempo, costume é estabelecido em Bretanha, quando se bebe á saude de alguem, de lhe dizer: *Wevs heil*». No poema de *Merlin* ha ainda a reminiscencia d'este uso: «Vortiger tomou uma sua filha (de Hengisto) por mulher, e sabem todos os que este canto ouviram, que foi ella que primeiramente disse n'este reino: *Garsoil*». Paulin Paris, diz que d'esta tradição veiu a antiga expressão tão famosa de *vinho de Garsoi*, ou *Guersoi*, isto é, para fazer saudes no fim dos banquetes [1]. Que se passou da phrase *Wevs heil* para a sua contracção *Garsoil* é evidente pelo texto citado do Roman de Merlin; e da persistencia d'esta nos banquetes veiu a identificar-se *Garsoil* com *Grazal*, fórma apontada por Fauriel como anterior á de *Graal* e *Greal*. No inglez ainda se escreve *Grail*. Fazemos este processo para que pelo sentido primitivo da palavra se veja, que ella significava a taça da união entre as raças celticas, symbolo da liga de uma raça opprimida pelos saxões e que luctava pela sua independencia. O vaso sagrado que recebe o sangue de Christo tambem tinha o nome de *Vaissel*, o que o aproxima da phrase de saudação *Wevs heil*. Vê-se portanto que o respeito religioso pelo Santo Graal teve uma origem po-

---

1 *Les Romans de la Table ronde*, t. I, pag. 55.

Digitized by Google

litica; e que a transformação christã que esse symbolo recebeu começou por uma allegoria, em que o Graal era a taça por onde Christo bebera na ultima ceia com os discipulos, pela analogia com a symposia bretã. E submettida de vez a raça bretã á saxonia, que lhe restava senão vivificar os seus symbolos e mythos queridos pelas esperanças messianicas, que o christianismo popular desenvolvia, e em que o vulto apagado do rei Arthur se conservava immortal em uma ilha encantada para vir realisar essas esperanças [1].

As tradições druidicas do vaso de Taliesin, guardado por Gwion, o anão, harmonisavam-se com a crença do *Santo Graal;* era facil o confundirem-se entre si. A existencia do rei Arthur era vaga, phantasticos os seus paladins; prestava-se melhor do que nenhuma outra lenda a esta assimilação do espirito ecclesiastico, e ás allegorias mysticas. Em vez da altivez heroica dos senhores feudaes no cyclo de Carlos Magno, os cavalleiros do *Santo Graal* iam pelo mundo á busca do maravilhoso talismã, esse vaso sagrado que recolhera o sangue de Christo, quando lhe trespassou o peito a lança de Longuinhos; são como sombras fluctuando em um nevoeiro confuso, proseguindo um ideal intangivel, que não é d'este mundo; é uma cavalleria casuistica na sua

[1] Na lenda de Bran, o Abençoado, apparece um vaso ou calix mysterioso, recebido como signal de hospitalidade, e quando faz as pazes com Martholouc'h, principe da Irlanda, é n'um banquete que se reconciliam, bebendo pelo calix, que tinha o poder de curar as feridas. Villemarqué, *Les Romans de la Table ronde,* pag. 143.

Digitized by Google

fidelidade, não tem o ponto de *honra,* mas o escrupulo divino: se perdem o deslumbramento diante do *vaso* sagrado tornam-se indignos da sua guarda; se não procuram comprehender o mysterio que elle encerra, nunca lhe ha de ser revelado. No *Evangelho de Nicodemus* se lê: «Um soldado, chamado Longuinhos, tomando uma lança, lhe feriu o lado d'onde correu agua e sangue». (Cap. x). Tal era o conteúdo no Vaso precioso que se mostrava aos cavalleiros errantes, ao cabo de longas peregrinações, só quando chegavam a attingir a summa perfeição na terra.

O romance francez de cavalleria, *Histoire du Roi Perceforest,* traz como um episodio o *Evangelho de Nicodemus.* A lenda da lança do soldado ia ampliando-se na tradição; acha-se já mais definida e circumstanciada em um livro impresso em 1497: *Passion de N. S. Jesus Christ, faicte et traicté par le bon maistre Gamaliel et Nicodemus son neveu, et le bon chevalier Joseph Dabrimatie translatée du latin en français.* Eis a traducção do Evangelho: «Comme apres que Ihesucrist fut trespasse Annas et Cayphas allèrent autour de la croix veoir si estoit mort. Et tantost Annas et Cayphas et plusieurs aultres des Juifz allèrent enuiron la croix pour veoir si Ihesucrist estoit mort et les aultres non, et Cayphas dist à Centurion quil faillit percer le costé dune lance, et Centurion dist que riens non feroit pour tout le monde, car il auoit veu les plus grands merueilles que onques ne vit ne ouyt dire pour mort de nul homme, et tantost ung Juif que auoit nom Longis et estoit aueugle et si estoit un gentilhomene do Romme

Digitized by Google

qui le prit par la main et luy dist: Veulx-tu recouurer la veue; oui, dist il, sil se peut faire, et le Juifz print une longue lance et fist toucher le fer de la lance au coste de Ihesucrist et lui dist quil boutast fort, et tantost en yssit sang et eaue meslee et descendit du long de la lance iusques aux mains de ce Longis et il en toucha ses yeulx, or tantost apres quil touchè à ses yeulx, il vit clèrement et tous ceulx qui uirent le miracle cheurant par terre et disoient que mal leur estoit pris, car il auoient livre á mort Jhesucrist, et Joseph Dabrimathia prist ung vasseau là où il retint le sang de Jhesucrist et retint la lance et la mist en la cite de Hierusalem» [1]. Esta glosa contém a summa de toda a lenda do *Santo Graal;* as imaginações da Edade-média liam assim no Evangelho aprocrypho; cada palavra era uma situação nova que a phantasia ia bordando no fervor da crença. Nos capitulos XIV e XV do *Evangelho de Nicodemus* vem a historia de José de Arimathea, que sepultou Jesus, que o veiu livrar do carcere, e lhe mostrou acima dos áres, aonde o arrebatou, coberto de orvalho, o lençol em que o discipulo o tinha envolvido.

Assim a grande lenda popular do *Santo Graal,* confundida mais tarde no cyclo da Tavola-Redonda, para occupar as imaginações e distrahil-as das façanhas dos guerreiros do cyclo carlingiano, teve origem no *Evangelho apocrypho* de Nicodemus.

---

[1] D'après G. Brunet, pag. 224, aonde cita algumas passagens pela rasão da extrema raridade.

Digitized by Google

Foi d'este mesmo Evangelho popular que saíu a lenda da descida aos infernos, que a raça celtica adoptou no *Purgatorio de Sam Patricio,* que encheu de visões o mundo, até se fixar na fórma épica da *Divina Comedia.* O *Santo Graal* era uma pedra preciosa, de um brilho maravilhoso, que havia caído da corôa de Lucifer. Fez-se d'ella o vaso que José de Arimathea possuia no tempo de Jesus; n'elle se guardou o cordeiro pascal, e se recolheu o sangue caído da ferida da lança de Longuinhos no lado de Jesus. A guarda d'este vaso dava todas as felicidades possiveis; quem o contemplava ficava joven; guardal-o, era o mais alto favor que se podia obter no mundo, só concedido aos que se distinguiam por sua humildade, pureza, bravura e fidelidade.

José de Arimathea trouxe-o do Oriente; esteve seculos inteiros sem guarda, pairando nos áres, nas mãos dos anjos e das virgens. *Titurel* encontrou-o e construiu o castello na floresta do Monte Salvaz, aonde o entregou á guarda dos cavalleiros do Templo. Depois de corrompida a christandade, os anjos arrebataram outra vez o *Santo Graal* e o seu templo para o reino do Preste João das Indias. Tal era o ideal dos cavalleiros errantes, milicia celeste e solitaria, que viera no meio das tradições energicas do cyclo de Carlos Magno, espalhar o langor mystico na alma popular. Como todas as grandes lendas do christianismo, é esta tambem de origem oriental. Julga-se que lhe dera a primeira redacção em prosa arabe na Hespanha Flegtanis; em França, Guyot no seculo XII lançou mão d'ella, tendo encontrado a lenda de Flegtanis n'um mercado de Toledo; foi o primeiro

Digitized by Google

que a revestiu de uma fórma poetica no Occidente. Chrestian de Troyes confundiu-a com a lenda de Arthur e da Tavola-Redonda. Vilmar, na sua *Historia da Litteratura germanica,* faz o paradigma das situações que se encontram entre a lenda e os mythos orientaes. O monte Meru indiatico, e o Albord dos Persas, d'onde Ormuz vê partir o sol e a lua, correspondem ao Monte Salvaz da lenda do *Santo Graal;* Sanyasi, o brahmane que attingiu na terra a mais alta perfeição, corresponde ao guarda de *Santo Graal.* Os *Chiliastas,* ou *millenarios,* que idearam o reinado de Christo, fundiram na religião as lendas do Paraiso. Assim a lenda oriental veiu assimilando a si os differentes elementos do christianismo, modificando-se pelas ideias de cada época; os christãos não lhe poderam tirar o colorido oriental, apagando-lhe as ideias arabes; os Normandos popularisam-na mudando-lhe o caracter cavalheiresco, vindo pelos trovadores a formar a grande epopêa religiosa da Edade-média.

A lenda do *Santo Graal,* no seu desenvolvimento allegorico, tem por fundamento o mysterio da Eucharistia; tal é a fórma que lhe deu o minnesänger Wolfran d'Eschenbach, no *Titurel,* em que representa o ideal da cavalleria christã, e no *Percival* o typo moral do homem que perdeu a perfeição, e ao cabo de longos errores a alcançára como limite dos seus trabalhos. No romance de *Percival,* mais do que em nenhum outro, se vê a tendencia das lendas celticas a tomarem successivamente um caracter christão [1]. O christianismo adoptára

[1] Demonstrado por M. Hersart de Villemarqué.

Digitized by Google

todas as crenças divinisando-as. Roma, no paganismo, tambem assim se tornára o Pantheon dos povos vencidos. *Peredur*, o que anda á procura da urna, torna-se um heroe christão. O vaso celtico, que *Taliesin* diz que estava collocado no templo de uma deusa, patrona dos bardos, resumia em si o thesouro dos conhecimentos humanos, a sciencia do futuro, a poesia, a prudencia, e o mysterio do mundo; tal veiu a ser o *Santo Graal* de José de Arimathea, de que o christianismo se apropriou no druidismo. A lança de Longuinhos, que no *Evangelho apocrypho* de Nicodemus trespassa o lado de Christo moribundo, era a mesma lança sangrenta, que no periodo da grande lucta entre os bretãos e saxões, symbolisava a guerra eterna contra os invasores, sobre a qual o iniciado bardico dava o juramento [1]. Gwion, o anão, maioral dos anãos da Bretanha, de origem cabirica, é que guarda esse vaso mystico, que encerra a agua da adivinhação e da sciencia; o vaso apresenta analogias profundas com a taça mystica dos Cabiras, attribuida a Dschemschid, que a descobriu quando abriu os alicerces d'Istakhar, tambem attribuida a Baccho, a Hermes, a José, a Salomão e a Alexandre, espelho magico do mundo, e vaso da salvação [2]. Em muitas outras circumstancias se vê sempre o espirito do christianismo adaptando as lendas populares pagãs, tornando-as suas. O culto das fontes era tambem das crenças celti-

---

[1] Aproximações de M. Alfred Maury, *Fées*, pag. 62.

[2] Creuzer, *Symbolica*, trad. de Guigniaut, t. I, pag. 440; Strabão, x, 472. D'après Maury, op. cit., pag. 84.

Digitized by Google

cas; a antiga fonte sagrada (holywell) da abbadia de Glastonbury, foi sanctificada, dedicando-a a S. José de Arimathea, que veiu substituir a divindade celtica [1].

A decadencia do lyrismo trobadoresco que coincide com o fim das Cruzadas, e a decadencia das Gestas heroicas pela queda do feudalismo e predominio do poder real, determinaram uma corrente de sympathia para os *Lais* ou canções lyricas bretãs, e para as Novellas de aventuras da Cavalleria celeste e da Tavola-Redonda. As Cruzadas extinctas nos interesses europeus foram continuadas nas novellas com a procura do Santo Graal; as côrtes de amor acharam um succedaneo nas situações dos torneios amorosos da Tavola-Redonda. A falta de caracteres de nacionalidade d'essas novellas, fazia com que ellas fossem admittidas em todos os paizes; é assim que pela sua origem religiosa o cyclo das novellas da Tavola redonda nos apresenta um periodo latino-ecclesiastico em Nennius, Geoffroy de Monmouth, Robert Wace e Chrestien de Troyes, em que ha o syncretismo da chronica historica com a ficção; um periodo francez, em Robert de Boron, Gautier Map, Luces de Gast, Gace le Blond, Elie de Boron e Rusticien de Pise; uma corrente ingleza, em Thomaz Erceldune; allemã, em Eschenbach; em Portugal, o paraphrasta da côrte de D. João I, que escreveu em prosa a *Demanda do Santo Graal*. Os dois themas mythicos das raças celticas, o

[1] Maury, ibid., pag. 42.

Digitized by Google

vaso mysterioso e a *lança sangrenta,* desenvolveram-se em um vasto cyclo novellesco, contrapondo á cavalleria terreste a cavalleria celeste, obedecendo ao mesmo antagonismo que na esphera civil se expressava pelos symbolos das duas Cidades, a terrena ou do peccado e a de Deus. Discutindo esta categoria de novellas, conclue Villemarqué, que ellas proclamam o triumpho definitivo da egreja.

4. As lendas de S. Thiago e do Tributo das Donzellas

Sabe-se que a propagação do christianismo se fez na peninsula hispanica por missionarios vindos da Egreja de Africa; e não deixou este caracter de origem de influir no culto *mosarabe,* ou o culto christão conservado tradicionalmente entre as populações que acceitaram o dominio dos Arabes. O nome de *mosarabe* estendeu-se a essa grande classe trabalhadora, que aproveitando da tolerancia religiosa e politica dos Arabes, imitavam os progressos d'essa esplendida civilisação; por isso se chamavam *most'arabe.* Na reconquista christã, as mesquitas arabes transformaram-se em egrejas, e as praticas cultuaes mantinham-se na fórma tradicional, tomando o povo parte na liturgia. A Egreja de Roma procurou impôr a sua auctoridade á Egreja de Hespanha, determinando-lhe o rito. Houve mesmo um ordalio, ou prova de fogo, para saber qual era mais santo se o *missal mosarabe* se o missal romano. A unidade do po-

Digitized by Google

der monarchico, para obter a submissão dos bispos, especie de condes-feudaes com concilios soberanos, e chegando a depôr reis, lisonjeou o Pontifice, facilitando o reconhecimento do primado da Egreja de Roma. *Alla van leyes onde queren reyes,* adagio attribuido a este successo. O rito romano prevaleceu em todas as egrejas da peninsula hispanica, conservando-se apenas na Egreja de Toledo o rito *mosarabe* a titulo de memoria historica. O fundamento do primado da Egreja de Hespanha e da independencia do seu rito fundava-se na tradição, então unanimemente admittida, da vinda do apostolo S. Thiago á peninsula. A par da sua religião, a Hespanha devia-lhe a libertação do poder dos arabes, porque nas luctas da reconquista elle apparecia armado de cavalleiro em um corcel branco para decidir da sorte da batalha a favor dos christãos. Têm um duplo aspecto as lendas de S. Thiago; sob o ponto de vista religioso, a Egreja de Hespanha tinha um primado independente de Roma; pelo lado politico ou social, ella, pelos *Votos de S. Thiago,* podia exigir tributos pelo feudo constituido para obter os milagres do santo, entre os quaes era o mais brilhante o da extincção do *Tributo das Donzellas* aos sarracenos.

As donzellas raptadas ou exigidas em tributo são o desenvolvimento de uma fórma mythica primitiva que revive, tomando uma apparencia historica. As vaccas, os pômos de ouro, as nymphas Hesperides da tradição classica, são como as âpas e apsaras indianas a personificação das aguas celestes ou das nuvens, que o sol liberta, do ladrão ou o vento que as arrebata, ou do

Digitized by Google

dragão que as tem presas. D'aqui nasceu um cyclo de lendas, umas que tiveram o vasto desenvolvimento épico do *Ramayana* e da *Illiada*, outras que se fixaram na fórma do conto popular, como o de Nikita que derrota depois de uma lucta a serpente alada que exigia aos habitantes do Kief o *tributo de uma donzella por cada casa* [1]; outras vezes toma a intenção do facto historico para caracterisar a barbaridade de um conquistador, como em Khosroes II, que entre as condições da paz que concede ao imperador Heraclius, exigia-lhe além do tributo annual de mil talentos e outros tantos vestidos de sêda, tambem mil cavallos e o *tributo de mil donzellas* [2]. Do facto historico era facil tomar outra vez o caracter maravilhoso do milagre, em que S. Thiago ajuda a libertar a Hespanha do *tributo das cem donzellas*, pago por Aurelio e Mauregato aos sarracenos. Aqui, como diz D. Joaquin Costa, apparece o mytho syncretisando-se com a historia nacional: «a lucta cosmogonica dos aryas tendia a confundir-se com a lucta entre mouros e christãos. Deu-se isto com outros povos: a Persia transubstancia o mytho nas suas luctas historicas com os turcos...» [3]. Em todo o trabalho da imaginação, em que se fundem elementos tradicionaes e se adaptam a novas situações, ha sempre um motivo que

---

[1] D. Joaquin Costa, citando Antonovitch, que o communicára ao Congresso de Kazan em 1877.

[2] Em Gibbon, *Historia da Decadencia do Imperio romano*.

[3] *Poesia popular española*, pag. 312.

Digitized by Google

estimula essa revivescencia e syncretismo. Formulámos sobre este principio a rasão poetica das lendas de S. Thiago em Hespanha: «A Egreja de Hespanha procurava derivar a sua origem da tradição immediata de S. Thiago; assim não tinha que reconhecer a supremacia papal. No culto *mosarabico*, o christianismo está desligado das affectadas fórmas liturgicas: não existia a confissão auricular, com que Roma tem adquirido o imperio das consciencias e aspirado á realeza do mundo; na sagração não se partia a hostia. O povo cantava nas egrejas, tomando parte nos officios ecclesiasticos com as suas prosas e sequencias, unico modo do sentimento religioso se tornar vivo e se não perder na abstracção. — O *mosarabismo* era o christianismo sentido por uma raça poetica que o amoldára a si; Roma, banindo-o com as censuras dos seus legados, impunha-lhe uma religião cuja força não residia na divindade do dogma, mas na auctoridade do sacerdote que a professava» [1]. Quando Affonso, o Sabio, escrevia a *Historia geral de Hespanha*, e que a unidade monarchica se achava muito adiantada, já o rito mosarabe se achava restringido a seis egrejas em Toledo, ultimo reducto de uma autonomia conservada como monumento archeologico pelo Cardeal Ximenez. A lucta doutrinaria entre theologos sobre fórmas ritualisticas e primazias jurisdiccionaes, não interessava ao povo se se não prendesse a questão com o

---

1 *Introducção á Historia da Litteratura portugueza*, pag. 64.

Digitized by Google

sentimento da nacionalidade. É assim que os velhos chronistas da reconquista christã, Lucas de Tuy e Rodrigo Ximenez, e o falsificador do Diploma do *Voto de S. Thiago,* apropriando á lucta da Hespanha contra os sarracenos a lenda de Khosroes II do *tributo das mil donzellas,* fixaram em Mauregato o odioso tributo, em consequencia da paz que teve com os sarracenos emquanto reinou. O arcebispo Rodrigo Ximenez foi o primeiro que attribuiu a Mauregato o *tributo das donzellas* sem lhe determinar o numero. No celebre diploma do Voto, em que o Rei Ramiro, depois da batalha de Clavijo, se obrigava a pagar um tributo annual a S. Thiago, por ter intervindo pessoalmente e feito pender a victoria para os christãos, descreve-se o *tributo de cem donzellas,* cincoenta nobres e cincoenta plebeias. A mesma lenda da batalha de Clavijo é transferida para a batalha de Simancas dada pelo rei Ramiro II um seculo depois, e o tributo é fixado em *sessenta donzellas,* que ficaram para sempre resgatadas. Como a nacionalidade portugueza se separára da castelhana, tambem foi difficil vencer a repugnancia ao pagamento dos dizimos dos *Votos de S. Thiago.* O processo da propagação da lenda do tributo das donzellas veiu actuar na imaginação popular da Galliza e de Portugal, não só nos cantares transmittidos oralmente, como nas etymologias dos nomes de terras que se prestavam a explicações romanescas. Pelos principios do seculo XIII foi vulgarisada na Galliza e em Portugal a celebre *Canção do Figueiral,* em que o tributo das donzellas se restringe a seis, talvez como contingente local. Importa não desconhecer

Digitized by Google

as superstições referentes á *figueira phallica* [1], que tanto persiste nas lendas locaes e genealogicas de *Figueiredos* e *Figueiroas*. Se o thema da Canção é mythico, como já observámos, a fórma estrophica em verso de arte maior, é da mais alta antiguidade. Transcrevemos os primeiros versos, para se apreciar a sua estructura:

No figueiral figueiredo,
  A no figueiral entrei,
Seis niñas encontrara
  Seis niñas encontrei;
Para ellas andara,
  Para ellas andei,
Lhorando as achara,
  Lhorando as achei;
Logo lhes pescudara,
  Logo lhes pescudei
Quem las maltratara
  E a tão mala lei?

Esta disposição dos versos repetidos em rima diversa, revela que o canto se executava entre duas pessoas ou dois grupos. Tal é a fórma como ainda na Finlandia são cantadas as *runas*, como descreve Léozon le Duc, traductor da grande epopêa o *Kalevala*: « Para cantarem os seus *runot* os bardos finlandezes escarranchamse n'um banco, dous a dous, em face um do outro, tendo as mãos agarradas de um nas do outro, bamboando-

[1] *O Povo portuguez nos seus costumes, crenças e tradições*, vol. II, pag. 70, 71 e 138.

Digitized by Google

se brandamente, na direcção horisontal. Um dos dois começa cantando uma estrophe, que o outro repete e depois diz a sua, que o primeiro repete a seu turno, e assim por diante, emquanto dura o canto, isto é, muitas vezes dias e noites inteiras» [1].

Sobre a tradição *runica*, já notamos no Romance açoriano da *Pobre Viuva* os versos:

Toma lá tinta e tinteiro,
Escreve n'essa bengala...
(*Cant. do Arch.*, n.º 50 e 51).

Tambem em uma variante do romance de *Florbella* ha uma referencia ao *bastão runico*:

Pastores que andaes aqui,
Escrevei isto a mi madre;
Se não tiveres papel
No bastão d'esta bengala.

Crêmos portanto que ha uma persistencia tradicional da raça iberica, que precedeu os Arias na peninsula, e que essa fórma estrophica é uma sobrevivencia da fórma generativa do Romance, como se póde reconhecer pela recitação das runas, tal como ainda se usa na Finlandia. D. Carolina Michaëlis, que estuda tão carinhosamente a poesia popular da peninsula, liga um interesse extraordinario a esta fórma de alternancia, notando:

---

[1] *Kalevala*, pag. 2, nota 2.

Digitized by Google

« que o parallelismo foi primitivamente completo, e que dois grupos de pessoas que cantavam, alternativamente uma especie de canto amebeo, acompanhado das evoluções da dança, um se servia do texto em *ia*, emquanto o outro empregava os versos em *ara* (ou em *er* e *ara*, etc.) repetindo quasi com as mesmas palavras as ideias enunciadas pelo primeiro grupo. É claro que n'este caso o parallelismo (do que ha restos em muitos romances) e a alternação entre as duas rimas devia abranger todo o romance construido, se a minha hypothese tiver fundamento, sobre o typo seguinte:

Por sua bocca dizia
  Por sua bocca fallava:
Esta agua benta fica
  Esta agua fica sagrada.
(L. Vas., *Rom.* III).

« Este antiquissimo e interessante typo, representado nas Asturias pelo celebre texto: *Ay! un galan d'esta vila* e *Ay Juana, cuerpo garrido*, recolhida em Portugal da tradição popular pelos trovadores da côrte de D. Diniz nos seculos XIII e XIV e aproveitado para bailados e cantigas palacianas, e imitado ainda nos seculos XV e XVI pelos musicos das capellas reaes e por Gil Vicente, admitte e merece um estudo mais amplo... » [1] Ha nas judiciosas observações a confusão das fórmas lyricas da *Serranilha* com as fórmas épicas do *Romance*.

[1] *Revista Lusitana*, vol. II, pag. 215.

Digitized by Google

Menendez Pidal, que colligiu o romance de *Ay un galan d'esta vila,* diz d'elle: «É entre todos os que conhecemos, o romance das Asturias mais divulgado e de maior extensão. Tomando por base as ultimas palavras do verso com que começa, chamaram *estavillar* o acto de entoar o romance que commentamos» [1]. «Esta original estructura adapta-se perfeitamente á fórma dialogada que predomina na composição, e ao modo que empregam no recitado: divididos em dois córos, homens e mulheres, formando uma especie de *dança hebrea,* entoavam uns um verso e replicavam outros com o seguinte». Esta descripção é bastante esclarecida pelo que se usa na recitação das *runas* finlandezas, como o balanço dos recitadores das runas é um vestigio do rithmo de uma dansa que se extinguiu. Pidal ainda explica como a separação dos versos do romance vão constituir variantes, simples em differentes localidades em que se recita sem estavillar. As differenças das rimas em *ia* ou *ava* condiz com os dois grupos de homens e de mulheres, em que as vozes se alternam com agudos e graves; o nome de rima *masculina* e *feminina,* da poetica franceza, condiz com esta origem da cantilena. Á medida que o romance se separou do canto e da dansa, a narrativa prolongada pelo *estavillar* abreviou-se, ficando prevalecendo só uma vogal na assonancia.

Como já notamos no estudo sobre a Canção do Figueiral, esta poesia tinha notação musical no Cancionei-

---

1 *Viejos romances asturianos,* pag. 303.

Digitized by Google

ro do Conde de Marialva, d'onde a transcreveu Soriano Fuertes. A fórma do *estavillar* apparece na Canção lyrica de Pero da Ponte:

Se eu podesse desamar
A quem me sempre desamou,
E pudesse algum bem buscar
A quem me sempre mal buscou [1].

Nos romances portuguezes e hespanhoes que se fizeram sobre o rapto das donzellas, o verso em octonarios corresponde a uma recitação rezada, e sem dansa; foi talvez a causa da alteração do verso de cinco syllabas, que era imposto, como no canto asturiano da *Dansa-prima*. Levámos um pouco adiante estas observações sobre a estructura do romance, porque nos define a antiguidade do thema tradicional n'ella contido.

As lendas locaes sobre o tributo de que S. Thiago libertou a Hespanha accusam um artificioso trabalho erudito. A terra de *Simancas* era assim chamada, porque as sete donzellas que pagava de tributo aos mouros, cortaram as mãos para não serem levadas, e apesar d'isso os mouros tratavam de as levar comsigo dizendo *Asi mancas* as queremos. O povo compadecido do heroismo das donzellas revoltou-se e libertou-as. Gonzalo de Berceo que tratou este episodio na *Vida de Sam Milan*, que veiu substituir S. Thiago talvez para desviar da

1 *Cancioneiro da Vaticana*, n.º 567.

Digitized by Google

lenda o espirito protocathédrico, tambem fixa o numero em *sete donzellas*. Na Veiga de Carrião, a Egreja da Victoria é attribuida a homenagem á Virgem, que libertou as donzellas do tributo, fazendo que umas touras bravas desbaratassem os mouros. O nome de *Valdoncel*, serviu para, pela analogia com *Vale de donzellas*, localisar esta lenda; como o do logar da Galliza entre Corunha e Betanços, chamado *Peito Bordello*, dissolvendo-se na phrase explicativa *Peita* ou tributo de *bordel*, estendeu até áquella provincia a obrigação do reconhecimento dos Votos de S. Thiago. A mesma lenda se localisou em *Chacim*, da chacina ou mortandade nos mouros repellindo o infame tributo; n'esta batalha andava a Virgem com uma ambula de *balsamo na mão*, e d'aqui veiu o titulo para o Mosteiro de *Balsemão*, que lhe erigiram, em reconhecimento. A toponymia prestava-se a estes caprichos da phantasia, por uma fórma facil de actuar na imaginação popular. O sitio de *Figueiredo das Donas*, a tres leguas de Vizeu, foi tambem fundamento da lenda com que o phantastico Frei Bernardo de Brito enfeitou a historia de Portugal na sua *Monarchia lusitana*. O interesse religioso não é menos inventivo na justificação das suas antiguidades e primazias, do que a vaidade individual nobiliarchica. É por isso que na poetica linguagem symbolica dos brazões, onde appareciam folhas de figueira em campo de ouro, era a affirmação de que essa familia pertencia ao heroe que libertára as donzellas do tributo aos mouros. Mal suspeitavam que a *figueira* era um symbolo phallico, resto de um culto eneano, ou da prostituição sagrada, cuja pratica cultual em

Digitized by Google

outras situações sociaes tomou o caracter odioso de um tributo [1].

5. As lendas de Martha, Magdalena e Lazaro

Subordinadas ao mesmo intuito contra o primado de Roma, as lendas de Martha, Magdalena e Lazaro substituiam na Egreja franceza meridional a auctoridade da propaganda apostolica necessaria para lhe dar as isenções da protocathedria. Esses tres personagens não pertenciam ao grupo dos doze apostolos, mas eram as testemunhas immediatas da passagem de Jesus pelo mundo. Montalembert, na obra *Os Monges do Occidente,* fallando do primado da Egreja bretã, que attribuia a sua origem á vinda de José de Arimathea á Inglaterra, aproxima-o d'este outro facto: «e é assim que o meio-dia da França fazia remontar as suas origens christãs a Martha, a Magdalena e a Lazaro» [2]. A lenda da prédica de Martha acha-se referida na vida dos Santos da Provença do bispo de Mayense, Raban Mauro, do seculo XIII. Jules Baissac analysou essa lenda, aproximando-a da lenda de Leandro e Hero, e mostrando além do sentido eneano do nome de Martha, o seu evidente caracter chthoniano: «O nome de Martha, que se acha historicamente em veneração ao longo do Rhodano e do Durance dois seculos antes do pretendido apostolado da Mar-

---

[1] Sobre esta lenda publicámos um extenso estudo nas *Epopêas mosarabes,* pag. 173 a 207.

[2] Op. cit., t. III, pag. 87.

Digitized by Google

tha evangelica, qualificava então uma divindade virgem e mãe conjunctamente. — O culto de S. Victor, associado em Marselha ao de Magdalena, tem o ár de se ter substituido ao da denominação de Victoria e que qualificava um dos aspectos representados por Martha. Considerando o caracter symbolico das grutas, que eram, como já dissemos, os uteros divinos, sômos auctorisados a conjecturar que a crypta dedicada a Santa Magdalena e a S. Victor conjunctamente em Marselha, correspondia aos dois aspectos da Mãe divina, o aspecto virginal e o aspecto hetairista, dos quaes sabemos que as denominações de Martha e de Magdalena eram uma figura »[1]. O nome de *Magdala*, nas linguas semitas significa a Torre, o symbolo da Mãe divina, *Mater turrigera*, e apparece applicado aos seus sanctuarios, como em *Migdal-El*, e *Medjdel*. Conclue Baissac: « Os Massaliotas semitas conheceram a denominação de *Magdala* para designar uma Torre, porque se acha applicada a uma das suas colonias ao oéste da metropole »[2]. O nome do deus masculino Adar, que se acha junto a Magdal, como emblema da fecundação, tem a fórma completiva *El-Azar*: « nada nos impede de vêr um vislumbre d'este *Magdal-Azar* a associação de Magdalena e de Lazaro da gruta de S. Victor em Marselha ». Baissac fortalece a sua demonstração com os outros symbolos chthonianos da gruta, a mão bi-sexual e a mão phallica que se acham nos Santos da Provença. Este processo repete-se em outras lendas.

---

[1] *Les origines de la Religion*, t. II, pag. 114.

[2] Ibidem, pag. 119.

Digitized by Google

A reconciliação dos apostolos Pedro e Paulo, nas lendas da Bretanha é substituida a um fundo mythico popular, que encontramos repetido em outros paizes. Transcrevemol-o da exposição de Renan:

« A condição fundamental do successo do christianismo estava posta. Nem Pedro nem Paulo podiam triumphar separadamente. Pedro era a conservação. Paulo a revolução: ambos eram necessarios. Conta-se na Bretanha, que quando S. Pedro e S. Paulo vieram prégar o christianismo á Armorica, chegarám diante de um braço de mar estreiro e profundo. Postoque estivessem de accordo em muitos pontos essenciaes, resolveram estabelecer-se um de um lado e o outro do outro, para ensinarem o Evangelho cada um á sua guisa; porque, ao que parece, apesar da sua intima confraternidade, não podiam viver bem juntamente. Ambos elles, segundo os habitos dos santos da Bretanha, puzeram-se a edificar a sua capella. Tinham os materiaes tanto de um lado como do outro; mas não tinham senão um martello, de sorte que, cada noite, o santo que trabalhára durante o dia lançava o martello ao seu companheiro por cima do braço de mar. Graças a este trabalho alternativo, resultante d'este arranjo, a obra avançou e as duas capellas que se vêem ainda foram construidas » [1]. Em Portugal achamos localisada esta lenda nas proximidades de Penella, em dois montes elevados onde residiam os dois ferreiros Mello e Jurumello, que atiravam o ma-

---

1 *L'Eglise chrétienne*, pag. 337.

Digitized by Google

lho um ao outro [1]; e no Minho, nos dois montes da Arcella e de Guisande [2]. Vê-se, que é um mesmo fundo mythico, desenvolvendo-se em fórma da lenda com os differentes aspectos segundo a espontaneidade popular ou os interesses da propaganda religiosa, que assim se apoderava da credulidade.

---

[1] *Positivismo*, t. II, pag. 452. Porto, 1880.

[2] *Epopêas mosarabes*, pag. 102, Porto, 1871. — *Contos tradicionaes do povo portuguez*, t. II, pag. 163.

Digitized by Google

CAPITULO VI

As lendas da Controversia theologica

(Petrinistas e Paulinistas)

Dois elementos poderosos e contrarios se debateram na constituição theologica do Christianismo: o elemento judaico ou *semita,* representado pelos discipulos de Pedro, era dogmatico e arrasoado, subordinando a perfeição religiosa ás praticas cultuaes, e proclamando a eternidade irremissivel das penas; o outro elemento, o hellenico, o mais alto representante do genio *arico,* communicoú-lhe a universalidade pelo sentimento, pela imaginação e enthusiasmo, pela sympathia da alma popular invocando a compaixão para todas as dôres, foi representado pelos discipulos de Paulo, que acima da Lei proclamára a supremacia da Graça. Estas duas correntes entrecruzam-se em toda a historia do Christianismo; uma é canonica e orthodoxa, a outra é mystica e suggestiva. Os Petrinistas só admittem como fundamento

Digitized by Google

para a salvação o merito das obras, isto é, a vida ascetica; os Paulinistas estendem a salvação a todos os sêres racionaes, porque o mal não poderá subsistir eternamente a par do supremo bem. Se qualquer d'estes partidos predominasse exclusivo no Christianismo, a nova religião não passaria de uma seita de fakires ou de illuminados. As luctas entre os Petrinistas e Paulinistas foram violentas, como se vê pelos escriptos do primeiro seculo apostolico; Paulo chegou a ser personificado em Simão Mago, e designado como o destruidor da Lei, o homem inimigo. Essa litteratura hostil continha-se no *Cerygma* ou Pregação de Pedro, nos *Periodos*, ou Viagens de Pedro, e nos *Actos;* era redigida pelos sectarios ebionitas, que no seu espirito judaico detestavam o genio revolucionario de Paulo. Mas o instincto natural fez comprehender que sem a concepção generosa e universalista de Paulo, a religião nova em vez de ser uma synthese social tornava-se uma parcialidade como os nazarenos, essenios e alkasaitas. Foi a conciliação dos dois espiritos dos Petrinistas e Paulinistas que deu a victoria ao Christianismo sobre o mundo antigo; e como os grupos ou pequenas egrejas de Paulo é que mais cederam nas luctas do primeiro seculo, assim tambem triumpharam, vindo a doutrina da *Graça* a dar á consciencia e ao sentimento uma nova orientação, substituindo a concepção aristotelica da Natureza, que se impunha á rasão e á investigação scientifica. Este antagonismo das duas syntheses entre a Natureza e a Graça, só se nos manifesta depois do seculo XIII, e na sua maior intensidade na época da Renascença. Synthetisa-

Digitized by Google

se esse antagonismo na *Lenda do Fausto*. Mas o que interessava immediatamente era a transição do mundo polytheico para o christão. Como fazel-a?

No quadro da theologia paulinista o problema eschatologico da eternidade da culpa não tem relêvo; apenas faz consistir a reprovação eterna na ausencia perante a face do Senhor. Ás imagens da morte e da condemnação sobrepõe-se os sonhos da felicidade, da graça, da gloria, do reino de Deus. Alguns theologos, baseados sobre estas doutrinas, chegaram a deduzir d'ellas a salvação futura de todas os reprobos; dentro da egreja foi combatida pelo espirito rigido da orthodoxia, que representava a antiga corrente petrinista. Fallando d'este sonho de salvação universal, escreve Reuss na *Historia da Theologia christã no seculo apostolico:* «Esta doutrina, recommendada por muitos dos grandes pensadores da antiga Egreja, mas proclamada tambem por diversos enthusiastas cujo suffragio a tornava suspeita, foi combatida com mais vehemencia do que ella merecia pela orthodoxia rigida de todas as confissões, para a qual a eternidade das penas foi sempre um dogma predilecto» [1]. O genio de Paulo achára assim um meio de estabelecer uma transição natural do velho mundo polytheico para o Christianismo. Pois, por não terem conhecido a doutrina de Christo, seriam condemnados para sempre todos os grandes espiritos da antiguidade, que crearam as noções moraes, as instituições, a poesia,

[1] Op. cit., t. II, pag. 237.

Digitized by Google

as sciencias, a philosophia? Segundo a logica implacavel dos Petrinistas, tudo era reprobo irremediavelmente: fóra da egreja não havia salvação. Paulo creára a grandiosa concepção da *Graça*, ou o arbitrio do omnipotente dando a salvação segundo o seu insondavel designio. Elle reduzia as manifestações da vida christã não aos actos formaes de um cultualismo pharisaico, simultaneo em muitos individuos com a prática dos crimes, mas synthetisava-as na fé, na esperança e no amor. Paulo salvou a religião nova da esterilidade sacerdotal, dando ao amor um logar superior á fé e á esperança. N'esse foco se inspiraram os grandes mysticos: *In fuoco amor mi misi*, como dizia Francisco de Assis; os grandes visionarios, como Abailard e Joaquim de Flores sonharam o reinado do espirito em que o amor era o Evangelho eterno. Foi pela concepção christã do amor que Virgilio pareceu um propheta aos padres da Egreja, e que serviu de guia e de mestre ao maior poeta do Christianismo.

I. As lendas de Virgilio

A Egreja condemnára irremissivelmente o velho mundo e as civilisações antigas, proclamando a maxima de que fóra de si não havia salvação; a mente popular antecipando a philosophia foi lenta e obscuramente rehabilitando as intelligencias supremas da antiguidade, por isso que via n'ellas o genio como uma manifestação divina.

Como pagão, Virgilio fôra condemnado pela egreja

Digitized by Google

á perdição eterna. Porque não havia de salvar-se uma alma que cantava como os anjos, perguntavam os monges dos claustros bretãos? Os meios artificiosos, como a compaixão natural foi illudindo a severidade canonica, são curiosos, levam ao enternecimento. Foi um processo lento, como todos os costumes abusivos que vão a pouco e pouco dominando a lei inabalavel. O Cyclo dos romances de *Santo Graal* apropriou-se de *Alexandre*, typo dos romances com fórma erudita da Edade-média, e fal-o ir bater ás portas do paraiso, já fatigado de conquistar o mundo. Quer tambem conquistar o céo e impôr-lhe tributos. Ninguem lhe responde de dentro. Ao fim de tanto bater, apparece-lhe de dentro um velho, que lhe dá em resposta uma pedra de cevar: «Esta pedra pesa menos do que qualquer pedaço de terra, comtudo alevanta o ferro: É assim o homem que revolve o mundo, mas que, depois de morto, um punhado de terra vale mais do que elle». — Com esta comparação Alexandre Magno sente-se abalado e converte-se; assim alcançou o perdão e entrou no gremio da bemaventurança [1].

Que inventaria a imaginação ingenua e creadora da Edade-média para salvar Virgilio? Como pagaria com o céo, áquelle que lhe suavisára tantas dôres, que lhe explicára a fatalidade das lagrimas? Ávida por explicar tudo, tendo diante de si a natureza inteira, apenas co-

---

1 Gervinus, *Geschichte der deutschen Poesie*, t. I, pag. 221; d'après Ozonam, *Obr. compl.*, t. V, pag. 360.

Digitized by Google

nhecida pelas impressões, e ainda não submettida á observação e á analyse, a Edade-média pairava em uma especie de encantamento; querendo explicar o que era, volvia-se ás relações exteriores das cousas. Tal foi a causa do symbolismo architectural, e da maior parte das lendas agiologicas, formadas ás vezes sobre uma simples interpretação de nomes.

Na lenda popular primitiva, Virgilio é o typo da candura e pureza da alma; a melancholia de seus numeros, a poesia radiando todos os sentimentos maviosos presentidos por elle antes do christianismo, dão-lhe uma auréola de virgindade. Como conciliar a contradicção; qual a origem d'este ideal? Funda-se por certo no *horoscopo do nome,* como se usava na Edade-média. Nas vidas dos santos vêmos muitas vezes os factos construidos sobre a interpretação do nome do personagem penegyricado.

De um hymno da egreja a S. Christovão [*Christo ferens*] se formou a lenda, cujo fundamento é a significação do nome:

O sancte Christophore,
Qui portasti Jesum Cristum
Per mari rubrum;
Nec franxisti crurum,
Et hoc est non mirum,
Quia fuisti magum virum.

Tambem a resurreição de S. Renato é fundada sobre o sentido litteral do nome; o baptismo era considerado como segundo nascimento, *nativitas secunda.*

Digitized by Google

Ulgar, Bispo de Angers, n'um hymno composto em 1125 assim o descobre:

De morte: puer revocatus
Nec mora, fœcundam sacrat Maurilius undam
Et quasi bis natum, vocat hunc de fonte *renatus.*

A S. Vicente, nome que, como o de S. Victor Martyr [1], vem do radical *vincere,* visitado na prisão, uma voz bradou: *O Vicenti invictissime!* trocadilho sobre o nome, que origina e inspira aos hagiographos a lenda do transito. O mesmo processo se encontra na origem do caracter magico attribuido a Virgilio, proveniente, segundo Bayle, de um avô que se chamava *Magus* [2].

A virgindade de Virgilio, o ideal da candura de sua alma, é tambem fundado na etymologia do nome; em Napoles, pela suavidade e pureza de seus costumes, chamaram-lhe virginal, do nome grego *parthenias* [3]. Nas mythologias antigas, mesmo no christianismo, os grandes homens nasciam sempre de uma virgem; a lenda

---

[1] A S. Victor de Marselha, vem Christo visital-o á sua prisão: «Pax tibi, Victor noster; ego sum Jesus qui in sanctis meis injurias et tormenta sustineo. Viriliter age et esto robustus, ego enim tecum sum fortis adjutor in prœlio et fidelis post pugnam et victoriam, remunerator in regno etc...»

[2] *Dicc.* vb.º Virgilio, d'après Naudé, pag. 621, combatendo a pretendida vida de Virgilio, attribuida a Donato.

[3] Cetera sane vita et ore et animo tam probum fuisse constat, ut Neapoli Parthenias vulgo appellatur. — Donato, *in vit. Virgil.*

Digitized by Google

de Homero é o modelo da de Virgilio; o poeta mantuano devia tambem nascer de uma virgem. O bispo de Avranches suppõe a confusão do nome de Virgilio com o de Virginio [1]. A sua modestia condiz com a inspiração das eclogas, a vida simples, descuidada, innocente, a despreoccupação de todas as formulas cerimoniosas, a infancia esquecida nas alegrias do campo, educada pela amenidade d'elle.

Uma das lendas mais bellas da Egreja, é a da vinda de S. Paulo á Italia; o Apostolo revolucionario e imaginoso, que espalhou o christianismo por uma eloquencia do coração, apaixonada e viva, alma de poeta, genio grego que despiu o christianismo da estreiteza judaica, e com a sua theoria da *Graça* o alargou pelo mundo, e, em vez de seita philosophica e abstracta, o tornou communicativo e popular, veiu um dia cansado sentar-se no Pausilippo, no devaneio saudoso que inspira o ruido do mar; sentou-se sobre a sepultura veneranda de Virgilio e chorou sobre ella dizendo:

---

[1] Cur Virgilius Napolitanis dictus sit Parthenias, caussam hanc esse suspicari quis possit; nom quod virginali esset modestia, ut vulgo fertur, sed quod virgine natum, perinde ut Homerum, credi vuluerint. Probabile sane hoc est, sed ne quidem dissimulem, longe est probabilius ac simillimum veri, sic dictum esse a Græcis, pro eo quod romana lingua apellatum eum putabant Virginium, non Virgilium, cum ignorante nominis hujus significationem et originem, a Virgilis hoc est ramis seu surculis, pelitam; unde et virgetá Cicerони; dicuntur arborum seminaria; prioris vero nominis vim notionemque probe callerent. — Huet, Alnetam, *Quæst.*, lib. II, cap. XV, pag. 239.

Digitized by Google

«Não ter eu vindo mais cedo, para salvar esta alma tão pura, tão apta para receber a semente do Evangelho! Uma alma que nas trevas do mundo pagão teve primeiro do que ninguem o presentimento do christianismo». É bello o hymno da Egreja de Mantua aonde se canta a tradição do Apostolo; formou-o a multidão em um verso *accentuado*, segundo o genio das linguas romanicas, e fez com que fosse recebido na liturgia canonica:

Ad Maronis mausoleum
Ductus, fudit super eum
Pium rorem lachrymæ.
Quem te, inquit, reddidissem,
Si te vivum invenissem,
Pœtarum maxime?

A bondade popular não supporta a maldição; Judas, o discipulo traidor, condemnado ao soffrimento eterno, encontrou no coração do povo um sentimento de perdão, n'aquella lenda que se aproveitou de uma acção boa da sua vida. Judas havia dado a um pobre um pedaço do seu manto para se cobrir; mergulhado nos tormentos infernaes, esse acto unico faz com que venha em cada semana refrescar-se nos gelos do pólo, consolando as carnes requeimadas com o retalho do manto humedecido [1].

O *Fausto*, que nas lendas representa o livre exame,

[1] Vide du Méril, *Poesias populares latinas*, pag. 326.

Digitized by Google

condemnado pela Egreja, antes de encontrar a remissão da tolerancia, dada pela philosophia do seculo XVIII, na lenda portugueza do seculo XIII salva-se por intercessão da Virgem. Já Dante procurava salvar Homero, Lucano e Silio Italico, na *Divina Comedia*. No primitivo romance de *Santa Iria*, a creação do povo differe da lenda ecclesiastica, principalmente pelo sentimento do perdão:

— Oh santa Iria, meu amor primeiro,
Se me perdoares serei teu romeiro.
« Não te perdôo, ladrão, carniceiro,
Que me degolaste que nem um cordeiro.
Da minha garganta fez um picadeiro,
Da minha cabeça fez um malhadeiro.

Entrára p'ra dentro mui apaixonado,
Saíra p'ra fóra, já *bem perdoado:*
Vestes-te de verde, tambem de amarello,
Assim Deus me queira, como eu te quero [1].

Foi tambem este sentimento de bondade, que tornou S. Francisco um segundo Jesus, o Christo da Edade-média. Elle cantava o hymno a *seu irmão sol*, com a enchente e effusão de um brahmane cantando um hymno védico a Surya. Fallava com a natureza, fazia-se entender por ella; era a pobreza o seu ideal, a dama que servia. Ninguem como elle, fallou com tanta poesia; ninguem soube como elle servir-se de uma lingua

[1] *Cantos populares do Archipelago açoriano*, pag. 364, n.º 71.

Digitized by Google

rude e informe para exprimir os sentimentos mais apaixonados da alma. Este solitario poeta da Ombria deu ao christianismo a feição poetica que o sustentou por mais alguns seculos. Como não saberia defender Virgilio da maldição canonica, se não tivesse a ignorancia dos grandes creadores! Falle por elle o genio celtico.

A poesia celtica, toda suavidade e amor, o genio do lar e da concentração da familia, está caracterisada profundamente nas lendas ecclesiasticas, como na de S. Keivin e a andorinha, que veiu fazer o seu ninho na mão do santo que estava adormecido. S. Bonifacio compadece-se da alma de Aristoteles; S. Patricio chora, commiserando-se dos antigos poetas da Irlanda mortos sem a graça do baptismo [1]. E Virgilio? Virgilio que cantava como os anjos, como não havia de ser perdoado? a sua melancholia fôra um presentimento do christianismo. *Sunt lacrymæ rerum!* Kadok, scismando sobre a peninsula de Rhuys, enlevado na contemplação da graça divina com S. Gildas, sentindo a melancholia religiosa dos mares, tinha debaixo do braço o Virgilio que o acompanhava e que ensinava de cór aos seus discipulos. As lagrimas foram-lhe cahindo silenciosas dos olhos. — Porque choras? « Choro porque o auctor d'este livro, que eu amo e que me causa um prazer tão vivo, está talvez na eterna dôr. — Talvez? com certeza! insistiu S. Gildas. É dos reprobos, sem duvida. Julgaes

1 Villemarqué, *Legende celtique*, pag. 202.

Digitized by Google

que Deus pesa estes fabuladores differentemente dos outros homens?» A este tempo uma rajada impetuosa levou o livro de Kadok para o mar.

Era como a justificação da severidade do santo. Kadok permaneceu mudo, consternado, e prometteu na escuridão da sua cella não comer, nem beber, emquanto não soubesse como Deus recompensava aquelles que cantam no mundo como cantam os anjos no céo. Suspirando, adormeceu. Então uma voz argentina segredou-lhe nos áres: «Ora, ora por mim; não te canses de orar, para que eu cante eternamente as misericordias do Senhor» [1]. Ao outro dia o santo encontrou em um salmão, trazido por um pescador de Belz, o livro de Virgilio que o mar escondera. Esta tradição suavissima da Armorica, e a do santo que tudo abençôa, são uma incarnação da alma candida da poesia celtica.

A estupidez monachal da Edade-média era a consequencia do desprezo systematico da cultura greco-romana. A leitura dos livros classicos, das obras dos poetas latinos tornava-se para os monges uma manifestação de heresia. Sabe-se como S. Jeronymo fallava contra os *ciceronianos*, e como elle mesmo se penitenceia por ter imitado o latim de Cicero; como Santo Agostinho nas *Confissões*, se arrepende de ter chorado sobre o episodio da rainha Dido na epopéa de Virgilio. Estes exemplos não podiam deixar de influir no espirito da ociosidade monachal. Na Chronica de Radulphus Glaber,

---

[1] Rees, *Vita S. Cadoci*, fl. 80, d'après Villemarqué.

Digitized by Google

monge do seculo XI, falla-se de uma heresia secreta que se espalhára na Italia, a qual tinha por objecto lêr e estudar Virgilio. Segundo o supersticioso monge, que deixou consignado na sua Chronica o estado dos espiritos sob o terror da espectativa do Anno mil, os italianos desprezavam todos os conhecimentos preferindo as letras humanas. Tal era o espirito da heresia, que foi combatido com as fogueiras do intolerantismo; e esse saber da antiguidade classica, que determinou na Italia a primeira Renascença, apparece-nos ainda acordando o genio de Dante sob uma certa fórma de segredo. Glaber conta assim o facto d'essa heresia do culto litterario de Virgilio:

«Vilgardus dedicava-se ao estudo da grammatica e dos poetas antigos, quando uma noite lhe appareceram os diabos sob a figura de Virgilio, de Horacio e Juvenal, felicitando-o pelo seu estudo e pela sua rehabilitação perante a posteridade, affirmando-lhe que teria uma gloria egual á d'elles». Refere Glaber: «Enganado pelos artificios dos diabos, Vilgardus poz-se a ensinar com insolencia, doutrinas contrarias á santa fé, dizendo que era preciso crêr nas palavras d'estes poetas. Foi preso e condemnado por heretico por Pedro, bispo de Ravena. Descobriu-se então na Italia, que muitas pessoas professavam esta crença pestilencial, as quaes foram mortas a ferro e fogo».

Pobre Vilgardus, que preparavas com o teu sangue o inicio da Renascença, que levou Dante a dizer de Virgilio: «Por ti eu fui Poeta, por ti eu fui christão». O facto consignado pelo chronista Glaber é fortalecido por

Digitized by Google

outros analogos, em que se apoia o fanatico monge. Conta a lenda do Abbade de Cluny, S. Odon, que tivera a imprudencia de lêr Virgilio quando era estudante; n'uma noite elle teve um sonho terrivel em que lhe appareceu uma taça esplendida de dentro da qual saíam serpentes, que symbolisavam as doutrinas do Poeta. Quando o arrependido escholar chegou a dirigir a grande abbadia benedictina de Cluny, prohibiu a leitura dos escriptores pagãos em absoluto aos seus noviços; o mesmo ordenou o seu successor S. Mayoul, que nas escholas de Lyon tambem lêra na mocidade os antigos philosophos «*e as mentiras de Virgilio*», chegando a rasgar pelas suas mãos os pergaminhos em que se fallava de amor ou das cousas mundanas. Gervin, chefe da abbadia de Saint-Riquier, imputava os desvairamentos da sua organisação á leitura dos poetas latinos, que elle mandou destruir na sua phase de ascetismo.

Os *Goliardos,* ou escholares vagabundos, é que na sua vida dissoluta parodiavam o mundo polytheico e o mundo christão, confundindo-os com o espirito sarcastico, e restabelecendo por instincto a sua intima continuidade historica; a missa era parodiada em consagração a Baccho, e segundo um documento da época «acreditavam mais em Juvenal do que nos Prophetas, liam Horacio e Virgilio em vez de S. Marcos e S. Paulo» [1].

As *Eclogas* de Virgilio, mais lidas do que a *Eneida,* por isso que as encontramos mais imitadas, deram

---

[1] Apud Gelhart, *Un Moine de l'An 1000.*

Digitized by Google

origem a quasi todas as lendas em que o poeta nos apparece como andromaniaco, apaixonado por Alexis, esse amor da fórma, puramente grego, voluptuoso mas não lascivo, que a Edade-média como asceta não comprehendia.

A Ecloga II de *Alexis* deu origem á lenda da noite da Natividade de Jesus, em que morreram todos os sodomitas, sendo Virgilio tambem d'esse numero [1].

A Ecloga III dá origem a outro conto desenvolto, em que Virgilio expande uma certa ironia fina, que não era da sua época, e menos do seu caracter. Varus, poeta tragico, era casado com uma dama muito erudita, com quem Virgilio tinha conferencias particulares. Virgilio offereceu-lhe uma tragedia, que ella apresentou como sua ao marido. Varus apropriou-se da obra e recitou-a em publico. Os commentadores, que espremem todos os textos, e querem achar uma intenção em cada palavra para personalisar o auctor, descobriram n'estes versos da Ecloga III uma referencia á aventura licenciosa:

> An mihi cantando victus non rederet ille,
> Quem mea carminibus meruisset fistula, caprum?
> Si nescis, meus ille *caper* fuit [2].

---

[1] Naudé, *Apologie*, cap. XXI, pag. 628 e 629, onde cita a auctoridade de um famoso jurisconsulto, Emmanuel de Moura, lib. *de Ensalm.*, sec. III, cap. IV, n.º 12.

[2] Servius, *in Virg.*, Ecl. III, vs. 20: « Aiunt hoc; Varus tragediarum scriptor habuit uxorem litteratissimam, cum qua Virgilius adulterium solebat admittere: cui etiam dedit scriptam tragediam,

Digitized by Google

Virgilio, considerado como padre da Egreja, tem a sua lenda fundada na Ecloga IV, especie de *Cumeum carmen*. Nem sempre a palavra selvagem e aspera de Tertuliano se ergueu para abafar a harmonia dispersa das lyras do paganismo. Nem sempre o architecto da *Cidade de Deus* soltou dos labios o *dulcissime vanus* [1] para stigmatisar a poesia antiga! Lactancio e Santo Agostinho procuraram na Ecloga natalicia de Virgilio o presentimento do Messias. Quizeram reconhecer a incarnação do Verbo n'aquelles versos sybillinos:

Ultima Cumaei venit jam carminis ætas;
Magnus ab integro sæclorum nascitur ordo.
Jam redit et Virgo, redeunt Saturnia regna,
Jam nova progenies cœlo dimittitur alto.

E quando Santo Agostinho [2] perguntava, se aquelle Poeta fecundissimo, ao falar da *nova progenies*, não dava um testemunho de Christo, mostrava a affectividade do coração humano, renovando o culto que lhe fizera soltar uma lagrima sobre o episodio doloroso da rainha Dido. Tambem S. Basilio procurava nas harmonias profanas de Hesiodo a verêda que leva á perfeição e virtude; S. Fulgencio estuda Menandro; S. Gregorio

---

quam illa marito dedit tanquam a se scriptam. Hanc recitavit pro sua Varus: quam rem Virgilius dicit per allegoriam. Nam tragædiæ præmium *caper* fuit». — Servio rejeita a hypothese da allegoria.

[1] S. August., *Confess.*

[2] Contra Judeus.

Digitized by Google

Nazianzeno medita sobre esses monumentos, restos de uma civilisação extincta. Muitos hymnos da Egreja nasceram dos córos das tragedias gregas. Dante, que tambem apparece na penumbra da Edade-média com a mesma altivez de um Doutor da egreja, *eximio theologo*, volta-se na sua viagem mysteriosa para Virgilio dizendo: — Por ti eu fui poeta, por ti eu fui christão. — A Ecloga IV, que salvou Virgilio da barbaridade palimpsestica dos monges da Edade-média, foi o motivo da sua sanctificação.

Na Ecloga VIII parece ter a Meia Edade encontrado o elemento para todas as lendas de feiticeria de Virgilio. No seculo XVII ainda Virgilio era com calor accusado de magia; Naudé procurou defendel-o contra todos os ataques de Bodin e Lancre. A magia de Virgilio não era a goetica tenebrosa, era a fascinação da harmonia, como Naudé presentiu, que ia fazendo esquecer o dogma evangelico dos livros canonicos pelos codices dos poetas antigos. Virgilio era a alma da Renascença.

A origem d'esta diversidade de lendas de magia encontra-se em um livro de Gervais, chanceller do Imperador Othão IV, intitulado *Otia Imperatoris* [1] em que conta como Virgilio fez uma mosca de bronze e a collocou sobre uma das portas da cidade de Napoles, e durante os annos que lá permaneceu nenhuma outra mosca pôde entrar na cidade; como fez um açougue onde a carne se não corrompia; como collocou sobre as portas

[1] Acha-se nos *Scriptores rerum Bronswicarum*, de Leibnitz.

Digitized by Google

da cidade duas estatuas de pedra, uma chamada Alegria e bella, outra Tristeza e feia, com tal poder, que o que entrasse pelo lado em que estava a primeira todos os negocios lhe corriam bem, e o contrario pela opposta. Tambem sobre uma montanha de Napoles levantou uma estatua de bronze com uma trombeta na bocca: resoava com o vento do septentrião, afastando para o mar o fogo dos vulcões. Fez os banhos, cujas inscripções mysteriosas destruiu a eschola de Salerno; inventou um brazeiro commum; fez uma enguia de ouro, que deitou n'um poço para livrar a cidade de Napoles de uma praga de sanguesugas; fez um jardim onde não chovia, e um palacio cercado de ár immovel que lhe servia de muro, onde construiu uma ponte de bronze pela qual ia aonde queria; e um campanario em que a torre se movia com o sino.

Attribuia-se-lhe as estatuas chamadas *Salvação* de Roma, que sacudiam uma campainha, quando se meditava algum ataque á republica. Raro é o escriptor da Edade-média que nos não apresente Virgilio como feiticeiro; era o terror que preoccupava todos os espiritos. Naudé resume os principaes: Layer falla do seu Ecco [1]; Paracelso, das suas imagens e figuras magicas [2]; Helmoldus da representação de Napoles, que encerrou n'uma garrafa de vidro [3]; o auctor da *Imagem do Mundo*,

---

1 Liv. I dos *Spectres*, cap. VI.

2 Tom. I, *Op. trat. de imaginibus*, cap. XI.

3 Lib. IV, *Hist. slav.*, cap. XIX.

Digitized by Google

da cabeça que fez para saber as cousas futuras [1], Petrarcha [2] e Theodorico á Niem [3] da gruta de Napoles feita a pedido de Augusto; Vignere falla do seu alphabeto [4]; Trithemio do seu livro das taboas e calculos para conhecer o genio das pessoas [5]; Marlow, no *Fausto inglez,* allude ao sepulchro construido pelo poeta.

Com as tendencias polytheistas a antiguidade não podia deixar de adorar Virgilio; o cantor da natureza era celebrado no *Loureiro,* que fôra o horoscopo do seu nascimento. O loureiro, segundo Donato na vida de Virgilio, era sagrado para as mães.

A *individualidade* syncretica dos espiritos, na Edade-média, foi a causa das creações diversissimas de lendas, de ritos e superstições, do grutesco, das suzeranias feudaes e dos symbolos juridicos. Era o primeiro acordar da consciencia. Sempre a lei eterna descoberta por Vico: *Quando o espirito do homem se acha mergulhado na ignorancia, faz de si mesmo a norma do universo* [6]. As lendas de Virgilio são um corollario d'este principio; o poeta apparece-nos como um cavalleiro em um velho romance de Hespanha, punido por haver

---

1 *Peropén. quæst.,* decada III, cap. II, quest. 3.

2 *In itinerario.*

3 Lib. II, de *Schiemat,* cap. XIX.

4 Pag. 330 das *Chiffres.*

5 *Antipal.,* liv. I, cap. III.

6 Vico, *Sciencia nova,* liv. I, principio XXXII, pag. 50 da traducção franceza.

Digitized by Google

abusado dos sentimentos da filha do rei [1]. O terror da feitiçaria, que se apossára das imaginações da Edade-média, e as levára á formação do ideal completo do Diabo, que via como uma maravilha tudo o que não era usual e comprehensivel, perseguindo os sabios e philosophos como feiticeiros, fez tambem de Virgilio um encantador [2]. As *sortes virgilianas,* em que interrogavam o poeta ácerca do futuro, abrindo ao acaso os seus versos, era a vontade de reduzil-o á imagem dos crédulos, assimilhal-o, confundil-o até [3]. Conta-se de Falkland e Carlos I, quando visitaram a bibliotheca de Oxford, que abriram a *Eneida,* e a *sorte virgiliana* (liv. IV, vers. 614; livro IX, vers. 152) foi o presagio das desgraças futuras [4]. Tambem os padres da Egreja, que reprovavam estas superstições feitas em Homero e Virgilio [5], as usavam nos psalterios e vidas dos santos.

O espirito da Edade-média tinha já sanctificado Virgilio n'aquella lenda profunda de S. Paulo, tão popular na Italia, como diz Ozanan [6], cantada em uma sequencia da Egreja de Mantua, na qual o apostolo das

---

[1] Mandou el-rey prender Virgilios (*Romancero,* 550). Vid. Ticknor, *Hist. de la Litter. Hesp.,* t. I, pag. 114 sq.

[2] Alfred Maury, *Magie et Astrologie,* pag. 192, corroborado por Graesse e Wright.

[3] Idem, pag. 156.

[4] Ludovic Lalanne, *Curiosités des Traditions,* pag. 19, nota 2.

[5] *Spartien,* cap. II; *Lampridius* cap. XV; *Trebellius Pollion,* 10.

[6] *Sources poétiques de la Divine Comédie,* pag. 137.

Digitized by Google

gentes, visitando o sepulchro do poeta em Napoles, chora por não ter vindo mais cedo, porque o teria convertido á fé. Procurando destituir o polytheismo antigo, o christianismo dera a sanctificação a todas as cousas; o proprio *Fausto,* cujo espirito na lenda é o stigma da rasão que procura submetter tudo aos seus processos, salva-se, não pelo pantheismo artistico de Goëthe, mas pela tolerancia do povo; a lenda mais verdadeira do *Fausto* é a nossa de Frei Gil de Santarem, que se salva por intercessão da Virgem. A Egreja, que invocava tantas vezes a auctoridade dos escriptores profanos, tinha remorsos de condemnal-os ao fogo eterno; salvava-os pela casuistica. Perguntavam se o peccado original era motivo para a pena do fogo? S. Thomaz negava; as almas do limbo no fim do mundo haviam de vir povoal-o novamente depois do juizo [1]. Dante põe Homero e outros poetas pagãos no limbo; a Stacio no purgatorio; pouco faltava para entrar na gloria celeste. Nos versos de Virgilio consultava-se o futuro, como nos versiculos da Biblia; era a sanctificação do poeta pela sua alma. Todo o caracter da Edade-média se reflecte sobre o poeta de Mantua; a Renascença tem por elle uma sympathia viva, identifica-se com elle, retrata-se no seu dilecto. Dante faz-lhe dizer: «Se eu fosse um vidro estanhado não reflectiria melhor a tua imagem». Esta *individualidade,* que formava o grutesco, o ridiculo objectivo,

---

1 Ozanam, *Sources,* onde cita S. Anselmo, Guilherme de Paris, Cajetan, A Lapide e Tirinus, pag. 431, nota.

Digitized by Google

palpavel, proveniente da exageração do terror incutido pela Egreja (*ubique daemon*), que invertia as cousas mais santas, e as encarava pela face comica, como a festa dos *Loucos* e do *Asno* na liturgia, as *goteiras* nas cathedraes, e a penalidade symbolica e risivel no direito costumeiro, ridicularisava tambem os objectos que mais amava, sacrificando tudo ao genio da parodia.

Aristoteles e Virgilio são macaqueados pelo instincto grutesco que inspira as lendas [1]. Esta antiguidade moderna, como se póde chamar á Edade-média, lia Virgilio tambem a seu modo. Como periodo de infancia, essencialmente symbolico, interpreta-lhe o pensamento como um symbolo. Nos periodos poeticos a humanidade não podia deixar de usar o symbolo: era a poesia que dava fórma aos sentimentos do *verdadeiro* e do *justo*, fórma contingente e limitada, mas profunda, porque o *bello*, esta harmonia entre o ideal e a realidade, mostrava-se-lhe nas cousas. As fórmas eram concretas, um meio de revelação. Ao mundo chamavam *cousa bella;* no ideal religioso *mundus* significa o que é puro. Assim a Edade-média commentava Virgilio segundo o seu espirito. Bernard de Chartes [2] explicava a descida de Eneas ao inferno pela insufflação da alma no corpo, onde as paixões a atormentavam, e onde os sentidos, como mais tarde o julgava S. João da Cruz, eram a *noite escura* em que estava mergulhada: « Et quia

---

[1] Montfaucon, *Antiguid. expliq.*, t. III, pag. 111.

[2] *Frag.* de Cousin à la suite *d'Abailard*, pag. 462.

Digitized by Google

profundius philosophicam veritatem in hoc volumine declarat Virgilius... etc.». Era esta tambem a intelligencia de Dante, porque elle dá a mesma chave da allegoria do seu poema em uma carta a Can-Grande della Scalla.

O apparecimento de Virgilio na *Divina Comedia* tem sido julgado geralmente como um symbolo; não faltam hypotheses dos eruditos e commentadores. Dante, para os interpretes politicos, ama o poeta imperial, porque elle representa a fórma de governo aspirada pelos gibellinos [1]; representa tambem o ultimo limite a que a rasão do homem póde chegar sem o auxilio divino da revelação e da graça. Virgilio era julgado como o poeta mais sabio do mundo; os seus versos resumiam a sciencia antiga; para Macrobio é como um *pontifex maximus* do paganismo moribundo [2], é o depositario dos velhos costumes, tradições e ritos da Italia [3]; os jurisconsultos invocavam tambem a sua auctoridade [4] no fôro e na lei. Um grammatico de Ravenna, Viglar, chegou a sustentar a infallibilidade de Virgilio; os Padres e Doutores da Egreja pertenderam achar n'elle um propheta in-

---

1 Fiorentino, trad. introduc., pag. 7.

2 «Virgile puisa largement, pour son *Éneide,* dans les annales des pontifes». Victor Leclerc, *Dissert. sur les annal. des pontifes,* I parte, pag. 14. Bannier, *Mytholog. expliqués par l'hist.,* t. I, pag. 416.

3 Ozanan, *Origines de la Divine Comédie,* pag. 437.

4 Sicut cum *poetam* dicimus, nec addimus nomen, sub-auditur apud græcos egregius Homerus, apud nos *Virgilius.* Justinian., *Inst.,* I, 2, §. 2.

Digitized by Google

spirado. Dante formava esse ideal de Virgilio; dil-o n'aquelles tercetos, que põe na bocca de Stacio:

«Foste o primeiro que me guiaste ao Parnaso, para beber em suas nascentes, e o primeiro que me esclareceste ácerca de Deus.

«Tu fizeste como aquelle que caminha de noite, levando atraz de si uma luz que lhe não aproveita, mas que mostra aos outros o caminho.

«Quando disseste: — O seculo se renova, a justiça volta com os primeiros dias da humanidade, e uma raça nova desce do céo.

«Por ti eu fui poeta, por ti eu fui christão. Foste tu que me levantaste o véo que me occultava a verdade» [1].

Virgilio é ali o symbolo da rasão humana, que dirige o poeta perdido na floresta, imagem da humanidade [2], accommetida pelas paixões. Virgilio é a passagem natural, evolutiva da arte classica para a arte romantica, a união mysteriosa do sentimento vago e da fórma, de um modo que não desvaira a imaginação mas a eleva a um outro ideal. Dante determina o enlace, a transição, imprimindo-lhe o seu *eu* altivo, arrojado, sentenciando os reis e os pontifices, evocados ao som da trombeta que arranca ao terror dos dogmas. Dante foi o primeiro que deu á arte romantica a *individualidade* que a caracterisa.

---

1 *Purgatorio*, XXII.

2 Sigalas, *Dante*, etc., pag. 655.

Digitized by Google

Virgilio, em um *Mysterio* do seculo XI fundado na parabola das *Virgens loucas,* apparece entre os prophetas da antiga lei, que vêm, como o Oceano e as forças da natureza no *Prometheu,* testemunhar o dogma novo. O vate canta no côro dos prophetas o *Benedicamus* [1].

Como não havia o christianismo de receber no seio o poeta, quando se fôra abrigar na sua cidade, a Roma que naturalisou o orbe, essencialmente assimiladora e unitaria:

Quella Roma onde Christo é Romano, [2]

tambem sanctificada no hymno que Prudencio pôz na bocca de S. Lourenço martyr: «Oh Christo, concedei aos vossos romanos que a sua cidade seja christã, já que por ella déstes a mesma fé a todos os povos da terra. Todas as provincias estão unidas em um mesmo symbolo; o mundo se ha submettido; que a cidade senhora se submetta por sua vez. Que Romulo seja fiel; e que Numa creia em vós». Era este o pensamento da Egreja, o espirito do christianismo, todo sanctificação. Nas lendas piedosas, Trajano, Plinio e Stacio alcançam a salvação eterna, já pela intercessão de Gregorio Magno, já pelo martyrio e expiação [3].

O espirito byzantino das velhas lendas de feiticeria mostra vestigios sensiveis na lenda de Virgilio feiticei-

---

1 *Théâtre français au moyen-âge,* pag. 2.
2 *Divina Comedia,* Pur. XXXII, pag. 102.
3 A. Fleury, *Senèque et S. Paul.*

Digitized by Google

ro, principalmente na apropriação da historia de Thalia, mulher de Heraclida, que perseguia Heliodoro Mago por mandado de Constantino Copronymo e Constantino Prophyrogeneta. Segundo a lenda, Virgilio encerrou debaixo de uma porta de ferro todas as serpentes dos arredores de Napoles; postou um caçador de bronze diante do Vesuvio armado de uma seta, e logo que a desfecharam, o vulcão começou a derramar lava; fez uma mosca de bronze que devorava todas as outras; bahias e pontes suspensas nos seus jardins [1]. Virgilio é o centro dos typos mais notaveis da magia; Elingsor, sobrinho de Virgilio, segundo o verso 1:965 do poema de *Percival*, é a lenda com a côr cavalheiresca.

As raças confundem-se, as civilisações succedem-se, como n'uma metempsychose interminavel. Cada progresso na fórma que revela o sentimento religioso, é um producto de esforços anteriores: ao *naturalismo* succede-se o *antropomorphismo* e o dogma *abstracto*, com a mesma fatalidade de uma deducção de principios. É assim tambem na arte, ao ideal da plastica, segue-se a contemplação subjectiva do lyrismo. A poesia do christianismo é a synthese da abstracção hebraica e da sensualidade grega. Na Renascença, periodo de formação, estes elementos apparecem-nos distinctos.

A poesia de Dante, toda dramatica, na rudeza lendar, é como um dialogo de Platão acordado do somno do mundo antigo no seio do christianismo, dialogo a

[1] Görres, *Mystica*, t. III, pag. 128.

Digitized by Google

que respondem S. Boaventura, e o philosopho mais profundo do seculo XIII, S. Thomaz. As veredas que elle ás vezes toca, as proposições que avança e que só foram descobertas e confirmadas em seculos posteriores, entreviu-as no acaso da inspiração dotado quasi sempre do caracter prophetico do extasis. A *Divina Comedia* é o producto da alliança entre a Mystica e a Scholastica, duas grandes scisões da actividade do espirito na Edade-média. Dante recebe a inspiração poetica das lendas religiosas. A lenda do inferno tinha-se desenvolvido successivamente desde o *Purgatorio de S. Patricio,* e a visão de *Œnus* e *Tundal,* até á visão do monge Alberic. Foi Dante que descobriu na selva escura o *ramus aureus* de Virgilio, que dava entrada no reino das sombras; é justamente na mesma nuvem da rainha Dido que lhe apparece essa creação pura e sublime da Francesca de Rimini. Virgilio entra frequentemente nas lendas da Edade-média; é elle que dirige o poeta ao encontro de Homero, o *poeta soverano,* e que lhe mostra a pleiada brilhante ante a qual se prostra de admiração. Era o espirito da Renascença dirigido por Virgilio; vem retemperar de novo a alma humana na contemplação da natureza; é como a *dolce color d'oriental zaffiro,* de que falla o gibellino. A lenda popular da descida ao inferno, que já apparece no Evangelho apocrypho de Nicodemus, parece provir do canto sexto da *Eneida.* A Edade-média sujeita, como o pobre jumento de Buridan, á argucia do celebre dilemma escholastico, fluctua incerta entre a possessão e o extasis. O diabo é o seu ideal mais completo. Nas lendas, Virgilio tem todos

Digitized by Google

os caracteres da Edade-média; é egualmente adorado e ludibriado.

Cada seculo tem o seu poeta, uma alma que é a synthese dos sentimentos de que está possuido. Como Dante, que é hoje o poeta grandioso e profundo adoptado pelo seculo XIX, Virgilio foi o querido, o eleito na Edade-média. Na confusão dos sentimentos novos, na incerteza da vida, na desolação das grandes pestes, no retiro austero mas silencioso dos claustros, os versos de Virgilio foram um desabafo da alma entristecida. Era a biblia do coração, que curava um pouco a terrivel acedia da monotonia claustral. Aquelles que deviam as consolações intimas procuraram agradecer-lhe com a bemaventurança. Como poderia perder-se uma alma que cantava como os anjos? dizia a lenda celtica, repassada de bondade. Á força de viver com o poeta da melancholia, a Edade-média fel-o á sua imagem, como tudo aquillo que se adora. Enlevada por uma unica sciencia, que algemára a rasão, a theologia, fez de Virgilio um Padre da Egreja, vindo annunciar o Verbo, como um propheta, a par da Sibylla; impellida pelos grandes sentimentos cavalheirescos da *honra* e do *amor*, fez de Virgilio um galanteador da côrte, sete annos preso pelo amor de uma dama. Agitada pelas superstições terriveis da magia e da astrologia judiciaria, pelas lendas tenebrosas do diabo, fez de Virgilio um feiticeiro, um encantador, que encheu o mundo de maravilhas; quando tambem começou a Edade-média a dominar todos estes terrores e a afastal-os com o riso do sarcasmo e da desenvoltura, que apparecem nos contos decameronicos

Digitized by Google

da burguezia, communicou a Virgilio, ao poeta immaculado, esse caracter mordente e sensual, fel-o uma especie de Aretino. As lendas são como stalactites; crescem por juxtaposição em volta de um unico ponto. Vejamos d'onde partiu o instincto que rodeou o nome de Virgilio de tão desencontradas tradições, e quaes os factos que dariam elemento para a formação das lendas.

Na festa do *Asno,* assim designada por apparecer entre os prophetas da Lei velha Balaam montado na sua jumenta [1], Virgilio era tambem invocado para vir testemunhar o Messias: « *Vocatores:* Maro, Maro, vates Gentilium, da Christo. — *Virgilius in juvenili habitu, bene ornatus, respondeat:* Ecce polo demissa solo ». O nome de *Vates,* designa perfeitamente a ideia que formavam de Virgilio, propheta e poeta. Com elle era tambem invocada a Sibylla: « Tu, tu Sibylla, vates illa. — *Sibylla coronata, et muliebri habitu ornata, dicat:* Judicii signum tellus sudore ». A Edade-média unia o ridiculo aos sentimentos mais sublimes; Virgilio agora é representado com as côres do grotesco e com esta licença chasqueadora da nova burguezia animada pelas Universidades e Communas, que se nota em todos os velhos fabularios com que satyrisava os senhores feudaes e a Egreja. Albert de Eib na segunda parte da sua *Margarita poetica,* conta a historia de uma meretriz romana: « laquelle ayant suspendu Virgile à my estage d'une « tour dans une corbeille, il fit esteindre pour s'en van-

[1] Opinião de Du Cange, *Glossarium,* vb.º *Festum Asinorum.*

Digitized by Google

« ger tout le feu qui estoit à Rome sans qu'il fust pos-
« sible de le rallumer si l'on ne l'alloit prendre ès par-
« ties secretes de cette mocqueuse, et ce encore de telle
« sorte, que ne pouvant se communiquer chacun estoit
« tenu de l'aller veoir et visiter, etc. » [1]. Seguindo Gabriel Naudé, Gratian du Pont imprimiu em Toulouse em 1534 um poema sobre esta anedocta:

« Que dirons nous du bon Virgile,
Que tu pendis si vray que l'Evangile,
Dans ta corbeille jadis en ta fenestre,
Donc tant marry fut qu'estoit possible estre.
A luy qui estoit homme de grand honneur,
Ne fis pas un tres grand deshonneur,
Helas si feis, cas c'estoit de dans Rome,
Que lá pendu demeura le pauvre homme,
Par ta cautolle et ta deception,
Un jour qu'on fit grosse procession,
Parmy la ville, donc dudit personnage
Qui ne s'en rit ne fut estimé sage » [2].

Este facto tem uma grande analogia com a lenda de Heliodoro, já observada por Görres na *Mystica diabolica*. A tradição de Virgilio n'um cesto, segundo Baret, parece provir de uma origem oriental; o *Vizir sellado e enfreiado* tem analogias com a lenda de Hippocrates pendurado em um cesto por uma bella gauleza; acha-se re-

---

[1] Naudé, *Apologie pour les grands hommes*, cap. XXI, pag. 614.

[2] D'après Naudé, op. cit.

Digitized by Google

petida no *Lai d'Aristote,* pelo troveiro Henri d'Andeli. Da situação caricata de Virgilio escreve o Arcipreste de Hita nas suas Poesias (est. 251) e o Arcediago de Toledo Affonso Martinez, no *Corbacho*. Em Portugal referem-se a ella os versos de Antonio Prestes:

Ó delicto tão nefando,
tão molesto,
Abominavel doesto,
que póde estar affrontando
mais a Virgilio n'um cêsto.

O caracter amoroso com que Virgilio apparece nas lendas populares acha-se sentidamente representado em um romance hespanhol dos fins do seculo XV:

Mandó el rey prender Vergilios
Y á recaudo le poner,
Por una traicion que hizo
En los palacios del rey.
Por que forzó una doncella
Llamada Doña Isabel.
Siete años lo tuvo preso,
Sin que se acordasse dél;
Y un domingo estando en misa
Vinole memoria dél:

— Mis caballeros, Vergilios
¿Qué se habia hecho dél?

Alli hablo un caballero
Que á Vergilios quiere bien:

Digitized by Google

«Preso lo tiene tu alteza,
Y en tus carceles lo tien.
— Via comer, mis caballeros
Caballeros via comer,
Despues que háyamos comido
A Vergilios vamos ver.

Alli hablára la reina:
— «Yo no comeré sin él.

A los cárceles se van
Adonde Vergilios és.

— Que haceis vos aqui, Vergilios,
Vergilios, ¿ que aqui haceis ?
« — Señor, peino mis cabellos,
Y las mis barbas tambien:
Aqui me fueran nacidas,
Aqui me hande encanecer.
Que hoy se cumplen siete años
Que me mandaste prender.
— Calles, calles tu, Vergilios,
Que trés faltan para dez.
« — Señor, si manda tu alteza
Toda mi vida estaré.
— Vergilios, por tu paciencia
Comigo irás a comer.
« — Rotos tengo mis vestidos,
No estoy para parecer.
— Yo te los dare, Vergilios
Yo dártelos mandaré.

Plugole a los caballeros
Y á las doncellas tambien;

Digitized by Google

Mucho mas plugo a una dueña
Llamada Doña Isabel.
Lhaman luego un arzebispo
Y la desposan con el.
Tomárala por la mano,
Y llóvasela á un vergel.

Este vergel é o jardim magico das lendas de Virgilio. Escreve Gubernatis, na *Mythologia das Plantas:* «em uma lenda da Edade-média encontramos Virgilio transformado em um medico inspirado pelo diabo, que conhece o segredo de todas as hervas, e possuidor de um *jardim magico* sobre o *Monte Vergine* (confusão proveniente entre as palavras *Virgo, Virgilius, Virginius* e Virgilio, o *propheta da Virgem,* Mons Virgilianus)» [1]. O romance popular hespanhol, como o provou Comparetti, proveiu do folheto popular *Les Faictz merveilleux de Virgile.*

No seu admiravel livro intitulado *Virgilio nel medio evo,* Comparetti, depois de ter estudado o grande poeta romano, tanto na tradição classica das escholas dos rhetoricos e grammaticos da decadencia como nas tradições populares medievaes, conclue ácerca do romance hespanhol de *Virgilios:*

«L'avventura colla figlia del Soldano affatto diversa nell' indole sua da tutte le altre, nelle quali Virgilio figura alle prese colle astuzie femminili e in guerra col bel sesso, è in questo libretto (*Les Faictz merveilleux de*

[1] Op. cit., vb.º *Jardin.*

Digitized by Google

Virgile) un' aggiunta presa certamente, come le altre aggiunte d'altro genere, da altri racconti popolari e forse da qualche romanza spagnuola. Certo, benché da lontano, non ad altro che a questo dei racconti virgiliani può ravvicinarsi il *Romance de Virgilio,* che troviamo nel Romancero del 1550. In esso il Virgilio della leggenda è appena riconnoscibile; il mago potente e prepotente s'è dileguato, non però per cedere il posto al profeta, all' enciclopedico e molto meno al poeta. L' unica caratteristica che rammenti il Virgilio leggendario in questa romanza è quella dell' innamorato. Virgilio in essa è un buon *hidalgo* che punito per una colpa amorosa, supporta la pena con santa pazienza, ed in premio della sua rassegnazione ottiene l' oggetto dei suoi desideri, da cui è riamato, e con cui si marita in grazia del re e di monsignore arcivescovo ». (T. II, pag. 157). Em nota accrescenta Comparetti:

« Il sig. Braga (*Historia da Poesia popular portugueza,* Porto, 1867, pag. 176, segg.) trova rapporti fra questa romanza spagnola di Virgilio, e la romanza portoghese di *Reginaldo,* (Almeida Garrett, *Romanceiro,* t. II, pag. 163, segg.) secondo la quale questo paggio avendo sedotto la figlia del re, viene condannato a morte; il re però lo ode mentre canta nella torre, gli fa grazia e lo marita colla propria figlia ».

Por aqui se vê que a grande auctoridade de Comparetti acceita a modificação portugueza do romance de Virgilio. A origem do romance hespanhol deriva-se, segundo Comparetti, dos elementos tradicionaes do folheto popular do primeiro seculo da imprensa *Faictz mer-*

Digitized by Google

veilleux de Virgile; por uma observação de Roth, que julga que este folheto popular não é anterior ao anno de 1435, e que allude á dominação hespanhola em Napoles (Vid. Comparetti, *ib.*, pag. 156) podemos concluir:

1.° Que o romance de Virgilio, publicado pela primeira vez em Anvers em 1550, nasceu de uma origem erudita, da mesma corrente que punha em verso a historia romana e a Biblia; e portanto de uma tradição então corrente em Napoles nos opusculos populares.

2.° Que a occupação hespanhola em Napoles fazendo reviver as lendas do patrono como resistencia popular, estas entraram assim na elaboração poetica dos Romanceiros para uso dos soldados que estavam fóra de Hespanha.

Eis as relações da lenda dos *Faictz merveilleux* (II, pag. 276) com o romance hespanhol, achadas por Comparetti:

« Lors prit Virgile sa femme en haine et autrefois avoit ouy parler dune damoiselle qui estoit fille du souldan et la tenoit on la plus belle du monde. Si fist tant Virgile quelle se consentit à sa vonlonté, et si ne lavoit veu que de nuyt... *Et la tint Virgile longtemps en son vergier*. (O vergel é ainda citado no romance hespanhol). La demoiselle fist ainsi comme son pere luy avoit commendé, et Virgile fut pris, lyé et gardé... » (A circumstancia da prisão, é resultante de um syncretismo com o romance do *Prisioneiro*). Nos Autos de Antonio Prestes cita-se a lenda popular de Virgilio pendurado n'um cesto por uma vingança de Lanuce, do alto de uma *torre*.

Digitized by Google

Em volta do nome de Virgilio agruparam-se numerosos elementos mythicos, como a producção do *fogo,* o caracter licencioso e *pederastico,* a floresta ou *bosque sagrado,* a *torre,* que bastam para definir as origens orgiasticas d'esta tradição que sobreviveu á custa de um grande nome.

Este caracter desenvolto da Edade-média encontra-se até nas lendas da Virgem. Umas vezes ella visita na solidão da cella o pobre monge, limpa-lhe as chagas, dá-lhe o leite de seus peitos [1]; protege tambem dous amantes, que se evadem da prisão, onde deixa dous demonios em vez d'elles, que levam a honra e o dinheiro do pobre marido [2]; compassiva, de outra vez vem tocar vesperas e matinas pela sacristã que foi correr aventuras amorosas fóra do mosteiro. O *Fabliau* é essencialmente licencioso e sarcastico; o que mais se respeita, é justamente o que apóda e moteja. Era a reacção da liberdade burgueza revolucionaria, chasqueando o clero e os senhores feudaes que largo tempo a trouxeram na servidão.

2. Formação da lenda do Fausto

Na elaboração do dogma christão, o espirito estreito e afferrado á letra ou o *semitismo,* e a larga interpretação do genio *ariico,* manifestam-se em conflicto nas dissidencias dos petrinistas e dos paulinistas. Os secta-

---

[1] Gautier de Coinsy, *Les Miracles de la Vierge.*

[2] Lenient, *Satyre en France au moyen-âge,* pag. 103.

Digitized by Google

rios de Pedro consideravam Paulo o *homo inimicus*, e ridicularisavam-no por se dar por apostolo, elle que não vira Jesus em pessoa, e que phantasiára visões. Um dos documentos mais curiosos d'esta lucta é o romance conhecido pelo titulo de *Clementinas*, cujo texto antigo em grego e em latim era conhecido pelo titulo de *Recognitiones* ou reconhecimentos. O pae do joven heroe chama-se *Fausto*; este nome já apparece envolvido nas lendas da magia, porque elle segue como discipulo Simão Mago, o inimigo de S. Pedro. O episodio das *Clementinas* baseia-se sobre o perstigio magico de que Fausto fôra victima: «Fausto, o pae de Clemente, que se julgava morto de ha muitos annos, tornára-se discipulo fiel de Simão Mago. Depois de ter tido por longo tempo a mais cega confiança n'elle, começou a conhecer que fôra logrado por um charlatão, e dispõe-se a abandonal-o. Simão, que sabe d'isso, antecipa-o e deixa-o, mas deixando-o, procura vingar-se. Muda-lhe a physionomia emquanto elle dorme e dá-lhe a sua propria figura. O desgraçado Fausto, a quem todos tomam por Simão, é perseguido com injurias e ameaças de todos aquelles que o falso propheta tinha enganado. No seu desespero, vae ter com S. Pedro e implora o seu soccorro. O apostolo accolhe-o bem, mas, antes de restituir-lhe o seu rosto, quer voltar as imposturas de Simão contra elle mesmo em proveito da verdade. Então, envia Fausto a Antiochia, onde o falso propheta tinha muitos sectarios; ordena-lhe de fallar á multidão sob a physionomia de Mago, e fazer confissão completa dos seus embustes. Sómente, depois que o povo está convencido que

Digitized by Google

Simão se accusa a si proprio e reconhece os seus crimes e se converte á doutrina de Christo, é que S. Pedro restitue Fausto á sua verdadeira figura» [1]. N'este romance das *Clementinas,* em que se descreve as luctas theologicas de S. Pedro com Simão Mago, a figura do feiticeiro é descripta com todas as allusões maliciosas referentes a Paulo [2]: « Póde alguem chegar á doutrina por uma visão? Se isso fosse possivel, para que se daria Deus ao trabalho de viver e conversar comnosco durante um anno inteiro? »

A tradição da magia de Simão e de Apolonio de Thyane conservou-se no christianismo, e identificou-se com o nome de *Fausto,* recordado pela existencia successiva de differentes heresiarcas que tiveram este nome, desde o *Fausto,* de que falla Santo Agostinho, até ao *Fausto* italiano da Renascença, que proclamára a negação da trindade, e ainda do *Fausto,* inventor da imprensa.

As lendas da Edade-média, e as obras da litteratura moderna, relações historicas e composições theatraes, occupam-se da personalidade de um demiurgo chamado *Fausto,* que pelo estudo da cabala chega a evocar o diabo e a participar dos seus poderes por meio de um pacto firmado com sangue. O Doutor Fausto consegue fazer reviver na sua presença os personagens da

---

[1] Boissier, *Les origines de la Poésie chrétienne,* pag. 85. (*Rev. des Deux-Mondes,* Julho de 1875).

[2] Opinião de Baur e de Higenfeld.

Digitized by Google

historia antiga, renova a sua mocidade, e chega a surprehender os processos da reproducção artificial da vida. Tem-se estudado largamente as vastas ramificações tradicionaes e litterarias d'esta grande lenda europêa, e mais ainda, discutido as interpretações já da realidade historica, que possa ter, já dos intuitos philosophicos a que ella tem sido submettida.

A verdadeira base do estudo critico d'esta lenda ainda não está determinada. A extensão da lenda do Fausto, quer na fórma ou no espirito, na Italia, na Allemanha, na Polonia, na Inglaterra, França, Hespanha e Portugal, leva a inferir immediatamente que uma tal propagação se não deu pela corrente litteraria, mas subsiste e transforma-se porque existe um fundo commum na tradição de todos os povos da Europa. Esse fundo, desde o momento que nos remontarmos aos seus elementos mais simples, não póde deixar de apparecer com um caracter exclusivamente mythico. É este o criterio ainda não seguido. Para a Edade-média o Doutor Fausto foi um *feiticeiro,* porque era essa a crença preponderante, mas em uma época mais primitiva, o Fausto tinha de ser forçosamente um *demiurgo*. As relações entre estas duas phases podem ainda determinar-se.

Existem mythos áricos e hellenicos, e portanto subsistindo em fórmas obliteradas nas superstições populares dos ramos indo-europeus, em que os *demiurgos* possuem em toda a sua força alguns dos poderes do Fausto, que só os obtem por uma relação magica com um diabo (segundo o christianismo, um deus decahido do paganismo). Essas relações hão de ser mais ou menos

Digitized by Google

profundas, conforme as alterações que os mythos dos demiurgos tiverem soffrido para se *evemerisarem* em personagens historicos de hereges atrevidos, que a Egreja condemnou, tornando-os odiosos pela confusão da sua vida com os elementos tradicionaes conservados entre o povo como superstições credulas egualmente condemnadas. Portanto, por esta simples indicação da critica, o estudo da lenda do Fausto deve ser feito: 1.º determinando o elemento mythico do caracter demiurgico do personagem, por onde se explica a persistencia e generalisação da lenda; 2.º determinando os elementos historicos que serviram, segundo o interesse da Egreja que dirigia a orientação mental dos espiritos, para evemerisar essas tradições, tornando-as assim conjunctamente odiosas e propagadoras da sua condemnação do livre exame. De facto, os deuses demiurgos, decahidos nas superstições populares, como os Kobolds, foram substituidos na crença commum pelos theosophos ou pelas lendas dos sabios que conhecem os segredos da natureza, como Salomão, Aristoteles, Virgilio, Trithemio, Silvestre II, Aggripa, e até o proprio Palma Cayet. Gabriel Naudé reagiu contra esta crença da Edade-média defendendo os sabios da accusação de magia. 3.º As differentes lendas populares propagadas na época terrivel dos processos da feiticeria, taes como os pactos de sangue com o diabo, o desapparecimento das pessoas, a identificação de alguns ritos polytheistas com praticas de feiticeria, formam um fundo em volta do qual se creou o typo faustiano tal como se fixou nas relações em prosa allemã do fim do seculo XVI, desprendendo-se do syn-

Digitized by Google

cretismo de outros personagens tradicionaes. « Assim Fausto na Allemanha, diz um escriptor que estudára largamente esta questão, por muitos annos na imaginação do povo, não abstrae bem a sua entidade da de Eulenspiegel e Hans Wurst, cuja menção mais antiga é a de Luthero nos escriptos sobre o duque de Braunschweig » [1]. Esta confusão primitiva dos typos tradicionaes é uma prova indirecta da falta de realidade historica do Fausto, hoje provada pelos principaes criticos; portanto é scientifico procurar os elementos mythicos que tenham relação com a lenda, e determinar as causas historicas que provocaram o desenvolvimento de evemerisação que se deu no seculo XVI, e que se reflectiu em uma elaboração litteraria e artistica no seculo XVII e XVIII. Graça Barreto, que como Emilio Sommer e Ed. Boas, estudára esta lenda, em um trabalho inedito, que intitulava: *Do trabalho de tres seculos na elaboração de um Poema: Investigações e observações sobre o caminho percorrido desde as tradições anteriores á lenda do Fausto, commentada por Widmann até a tragedia de Goëthe,* lançou as verdadeiras bases da critica, quando diz dos diversos typos faustianos: « A nacionalisação de cada um d'estes typos é tanto mais fixa e definitiva quanto mais tradições populares absorve » [2]. E anteriormente: « Mas por isso mesmo que é um typo ge-

---

[1] Graça Barreto, *Lição a um Litterato a proposito do Fausto*, pag. 11.

[2] Ibid., pag. 10.

Digitized by Google

nerico, que pertence a todos os povos, cada um hade acceital-o e sentil-o, em fórmula particular, consoante as suas tradições e as condições do seu meio social». Em vez de seguir estes bellos principios, Graça Barreto restringe a origem da lenda do Fausto a uma tradição particular: «A concepção historica da lenda principia no pacto de Theophilo em a sexta edade do mundo (seculo VI) no tempo do papa Virgilio. — Até aqui o personagem universal onde todos se inspiraram» [1]. Com certeza a lenda do monge Theophilo, que faz um pacto com o diabo, entrou por muito na evemerisação do *Fausto*, como a lenda de Cypriano de Antiochia, em Hespanha; mas essa universalidade da lenda e a persistencia do typo demiurgico, como na lenda wallona de Tamines, obrigam a procurar-lhe as origens mythicas. Antes das aventuras de Theophilo existe esse typo phantastico meio theosopho e quasi theurgico do Fausto manicheista, revelado nas *Confissões* de Santo Agostinho. É portanto necessario seguir uma evolução progressiva da transformação dos mythos primitivos, que produziram a sua universalidade na Europa, e determinar os accidentes historicos que provocaram a evemerisação e o desenvolvimento litterario da lenda.

Na mythologia da raça árica apparece *Tvashtar*, o artifice dos deuses, o que fabrica os raios para Indra, e o seu principal poder consistia em crear as fórmas, os aspectos e o corpo de cada cousa. Segundo as lendas

---

[1] Ibid., pag. 10.

Digitized by Google

indianas, *Tvashtar* apaixona-se por Saranya, a quem seduz. *Tvashtar* é o fogo, que se produz no *Arani*, e quando na redacção do *Fausto* de Marlow vêmos apparecer o typo de *Elena*, que Goëthe conservou tambem na sua obra, não podemos deixar de explicar esta concepção apparentemente fortuita com elementos tradicionaes conservados inconscientemente.

A allusão a este mytho árico serve-nos apenas para estabelecer o caminho da propagação do deus demiurgo para a civilisação hellenica, e d'esta para as tradições que a Egreja propagou na Europa, ou veiu interpretar segundo o seu interesse. Na mythologia grega, *Hephæstos* é o fogo terrestre «representando como o grande organisador, o grande artifice do universo, o demiurgo» [1]. Segundo as ideias de Zenon, o fogo era considerado como o agente immediato da creação. Maury compara-o a *Tvasth'ar*, partindo dos mesmos caracteres: «É uma ideia vedica, *Tvasthri*, a personificação do raio, é tambem um deus demiurgo e creador. Elle é como *Hephaistos*, o patrono e o prototypo dos artifices» [2]. A antiguidade do culto de *Hephaistos* na Grecia leva a induzir a sua transmissão da Asia; como *Tvasthar*, *Hephaistos* apaixona-se tambem por Athenea, (*Arani?*) divindade que presidia ás artes mechanicas. (Odyss., VI, 233). Tanto nas festas de Athenea, em Athenas e

---

[1] Alf. Maury, *Hist. des Religions de la Grèce antique*, t. I, pag. 103.

[2] Ibid., pag. 104.

Digitized by Google

Corytho, como nas de *Hephæstos,* era caracteristico as corridas com fogaréos, ou fachos accesos, costume que se conservou entre alguns povos christãos na sexta-feira santa. « O culto de *Hephæstos* não teve quasi desenvolvimento algum na Grecia; a sua acção limita-se, pouco mais ou menos á do heroe, de um semi-deus que passára por auctor das maravilhas de arte, e sob este caracter é muitas vezes posto em relação com Prometheu » [1]. Em outro logar do seu livro, Maury expõe algumas d'essas relações com o demiurgo que reproduz artificialmente a vida: « O mytho de Prometheu, conforme a observação de Wölcker, é a imagem da civilisação nascente no seio da sociedade primitiva. Prometheu é o que rouba o fogo do céo, e o fogo é o symbolo dos primeiros conhecimentos que o homem alcançou, e que provocaram o seu desenvolvimento intellectual, moral e politico; tal é o emblema das sciencias e das artes, assim como o faz notar o epitheto de *pantechnon,* que lhe deu Eschylo. O mytho de *Hephæstos* apresenta-nol-o com esta mesma attribuição symbolica: o deus do fogo era tambem o pae de todas as artes » [2]. Em todos estes mythos a sciencia demiurgica é combatida pelos deuses, *Tvashtar,* por Indra, *Hephaistos,* e Prometheu por Zeus ou Jupiter. Nas lendas evemerisadas do *Fausto,* o typo tradicional apresenta-os dous aspectos, uma vez de apaixonado, como o personagem de Calderon, ou o amante

[1] Ibid., pag. 498.
[2] Ibid., pag. 365.

Digitized by Google

de Helena e de Margarida, outras vezes de sabio, como as lendas conservadas por Santo Agostinho e nas chronicas monasticas de Portugal. Na lenda popular do paiz wallon, o personagem do ferrador Tamine ainda conserva o caracter de artifice, bem como na lenda polaça de *Tvardowski,* este nome conserva tambem a significação de *punho,* do demiurgo obreiro [1]. Sabendo-se que os *Cabiras* se chamavam tambem *Hephæstos* ou Vulcanos [2]

---

[1] Jules Baissac, nas *Origines de la Religion,* (t. II, pag. 206) pelo valor mythico da *mão,* estabelece a relação entre o sanskrito *Hasta* e o allemão *Fausto:* «Pela analogia com o que precede, seriamos tentados a ligar ao Gandharva *Hasta* e ao Centauro Chiron a lenda germanica do Doutor *Fausto,* o famoso magico encantador, cujo nome encerra a mesma ideia de *mão,* como acabamos de vêr, e que ficou na Allemanha um typo do sabio universal. D'esta maneira, a belleza de uma Hellena e a dôce figura de uma Margarida, na narrativa de Wiedmann e no drama de Goëthe, corresponderiam á Gandharvi do *Hasta* ou *Suhasta* vedico, á Philyra e á Charicle do Chiron grego. O narrador que primeiro escreveu, com um intuito de edificação, a lenda do Fausto, lenda cuja remota antiguidade não nos parece duvidosa, alterou singularmente ou reproduziu em um estado de grande alteração, é certo, este traço saliente do mytho; comtudo, é difficil desconhecer, nas circumstancias em meio das quaes faz apparecer Helena, uma reminiscencia d'essa graça feminina que, sob a fórma das Gandharvis vedicas e das donzellas consagradas (*Kourai aguai*) do Centauro, attrahia a mocidade do paiz ao ensino da guha ou da gruta dos bosques. É a jovens estudantes, que visitam Fausto, que a arte magica do sombrio doutor, evocando a bella Tyndaride = a fez vêr pessoalmente em sua fórma e estatura. = Este ponto é caracteristico». Op. cit.

[2] Creuzer, *Religions de l'Antiquité,* trad. Guigniaut, t. II, part. I, pag. 316.

Digitized by Google

torna-se evidente a significação do *punho* como representação dos deuses demiurgos: « em grego *pygmé* significava o *punho,* e os gregos concluiram que os pygmeos eram anãos, do tamanho do *punho.* — Eram os architectos, os formadores do mundo, e extensivamente os fautores da civilisação » [1].

Desde que o mytho dos demiurgos se ligava ao combate dos deuses contra o poder da sciencia, esse mytho prestava-se a que o espirito de condemnação se servisse d'elle em qualquer época de perturbação moral, na fórma accommodada a uma sociedade mais avançada. Assim se propagaram os Contos, Exemplos e comparações buddhicas na época em que esta nova doutrina procurava destruir a organisação do brahmanismo, altamente especulativo. Nos *Avadanas,* apologos buddhicos vulgarisados na China, acha-se um typo faustiano com a sêde insaciavel de saber, e da qual se deriva a sua desgraça.

O mytho de *Hephaistos* decaíu muito cedo na Grecia, por falta de desenvolvimento cultual; esta circumstancia influiu na liberdade da transformação em lendas. Como o christianismo teve o seu principal desenvolvimento philosophico e litterario na Grecia, recebeu alli essa tradição demiurgica, que havia de apparecer em qualquer época de critica dos dogmas (*hereseos*). O christianismo teve de soffrer difficeis comparações do seu fundador com outros theurgos, como Appolonio de Thyane

---

[1] A. Reville, *La religion phenicienne,* na *Rev. des Deux-Mondes* de 1873 (Maio-Junho), pag. 385.

Digitized by Google

e Simão Mago; foi por isso que os que primeiro dissentiram dos dogmas christãos foram representados pelo christianismo como entes phantasticos, dados á magia, e com poderes influidos pelo Diabo. Na evemerisação da lenda do *Fausto,* acham-se phases de transformação conforme as luctas da Egreja. Santo Agostinho, condemnando nas *Confissões* a seita dos Manicheos, falla do orgulho de um certo Fausto, que pretendia saber e explicar tudo. A lenda do Monge Theophilo [1], representa já o espirito aggressivo do catholicismo, mostrando os perigos da ambição e intimidando com as fórmas dos pactos de sangue. No seculo XVI, quando se dá a lucta religiosa da Reforma, a condemnação do livre-exame torna a fazer reviver a lenda do *Fausto,* motivada sobre a simples analogia do nome de um dos descobridores da Imprensa, Faust, e do heretico Fausto Socino, (n. 1539) que proclamava *a força do Verbo creador,* por onde Goëthe começa a fazer despontar a duvida no espirito do seu heroe. A agitação da Reforma não foi extranha a esta segunda evemerisação da lenda; diz Weber: « A lenda do Fausto remonta á época da Reforma, época de agitação febril » [2].

Quando vêmos o Doutor Fausto, do poema de Goëthe, occupar as suas locubrações sobre a essencia do Verbo, immediatamente se estabelece no espirito uma connexão tradicional com a heterodoxia do Manicheismo.

---

[1] *Le miracle de Theophile,* par Routebeuf; *Theophilus,* de Hrotsvitha.

[2] *Histoire de la Littérature allemande,* pag. 203.

Digitized by Google

Diz Fausto: «Eu me sinto attrahido para o texto, eu quero abril-o e traduzir uma vez, com a simplicidade do meu sentimento, o original sagrado na minha cara lingua allemã. (*Abre um volume e prepara-se*). Está escripto: = No principio era o Verbo. = D'aqui em diante, estaco. Quem me ajudará a ir mais longe? É-me impossivel dar tanto valor ao Verbo; eu devo traduzir d'outra fórma, se o espirito me illumina. Está escripto: = No principio era o espirito. = Reflecte bem n'esta primeira linha, e não deixes a tua penna precipitar-se. Não é então o espirito o que faz e ordena tudo? Deveria aí haver: = No principio era a força. = E comtudo, escrevendo isto alguma cousa me diz de não ficar aqui. O espirito vem em meu auxilio; emfim, eu começo a vêr claro, e escrevo com confiança: = No principio era a acção» [1]. Foram os manicheos, que no seculo III começaram novas especulações sobre a Natureza do Verbo, considerando-o como uma porção da substancia luminosa de que compunham o seu bom principio na concepção ditheista; no IV, quando o joven e exaltado Santo Agostinho abraçára a doutrina manicheista, cheia das tradições dualistas da Persia e da India, como revela nas suas *Confissões*, (liv. V, cap. III, VI e VII) conheceu um bispo sectario d'essa doutrina, chamado o *Doutor Fausto*, que pela sua eloquencia gosava de um extraordinario perstigio. *Fausto* era então o chefe do manicheismo, e os seus conhecimentos da Cabala e da Astrologia,

[1] *Fausto*, part. I. No Gabinete de estudo. Na mythologia vedica, *Vatch* é o *Verbo* personificado em uma deusa de seducção.

Digitized by Google

que lhe deram o assombro da multidão, diante da Mathematica e da Astronomia das escólas gregas como as estudára o joven Agostinho, é que o fizeram decahir aos olhos do rhetorico de Carthago. *Fausto* era considerado como o que resolvia todas as duvidas, era esperado com anciedade desde longo tempo em Carthago, chamado publicamente Doutor e seguido pela multidão; Santo Agostinho, negando o seu saber positivo, reconhece-lhe uma extraordinaria eloquencia e uma grande modestia. Esta analogia entre o Fausto, da época da Reforma, e o Fausto do IV seculo, da lucta do Manicheismo, tem uma intima connexão, além da homonymia, e das especulações sobre o Verbo, por que, segundo os modernos theologos, o Manicheismo penetrou na Italia no seculo X, perpetuando-se apesar de todos os combates nos Albigenses e Catharos, que, como precursores de João Hus, e de Wiclef se prendem ao protestantismo do seculo XVI. Mas antes de examinarmos este ponto, extractemos as proprias palavras das *Confissões*, em que Santo Agostinho faz o retrato do *Doutor Fausto:*

«Fallarei agora, na presença do meu Deus, do que se passou durante o vigesimo nono anno de minha edade. Havia já algum tempo que era chegado a Carthago um certo bispo dos Manicheos, chamado *Fausto*, verdadeira armadilha do demonio, na qual se deixavam caír seduzidos pela elegancia e doçura dos seus discursos. Ainda que eu proprio não fosse insensivel a isso, comtudo eu sabia muito bem não confundir a eloquencia d'este homem com a verdade das cousas que eu desejava saber, e eu ligava menos importancia aos vasos ar-

Digitized by Google

tisticamente trabalhados nos quaes elle me servia as iguarias de que eu era ávido, do que essas proprias iguarias e sua verdadeira natureza, em uma palavra, mais attento á solidez do seu raciocinio, do que tocado do feliz artificio de suas palavras. Porque elle tinha-me sido annunciado como um personagem versado em todos os bons conhecimentos, e principalmente instruidissimo de tudo o que diz respeito ás artes liberaes ». — Em seguida fallando dos seus conhecimentos das sciencias positivas da Grecia, a Mathematica e a Astronomia, Santo Agostinho prosegue: « Comtudo eu havia conservado muitas d'estas verdades que elles souberam descobrir sobre as cousas creadas; eu lhe reconhecia a evidencia calculando eu mesmo o curso das estações, e as revoluções dos astros que eram as provas visiveis e incontestaveis; depois, ao compôr os seus raciocinios com os de Manicheo, que escreveu muitas phantasmagorias sobre semelhantes assumptos, eu não achava nas fabulas extravagantes d'aquelle, nada que me pudesse dar a explicação dos solsticios, dos equinoxios, dos eclipses, nem de semelhantes phenomenos que me haviam explicado perfeitamente os livros d'esses philosophos. Comtudo, queriam-me obrigar a dar fé a estas loucuras, apesar de não concordarem nem com o que eu aprendera ácerca de todas estas cousas, pelas regras do calculo, nem com o que eu via pelos meus proprios olhos » [1].

« Durante estes nove annos de desvairamento que eu passei ouvindo os Manicheos, eu nunca deixára de

[1] *Confissões*, liv. v, cap. III.

Digitized by Google

desejar com a maior impaciencia a chegada de *Fausto*. Porque todos aquelles sectarios, que eu até então havia encontrado não podiam satisfazer ás objecções que eu lhes apresentava sobre taes questões, e me mandavam para *Fausto* como para um homem que, desde que eu o visse e que fallasse commigo, me satisfaria inteiramente sobre estas difficuldades e me resolveria mesmo ainda maiores se me approuvesse propôr-lh'as.

« Vi-o finalmente, e encontrei um homem agradavel, de uma conversação dôce e polida, expondo com mais facilidade e graça do que os outros estas cousas que estavam acostumados a contar-me. Comtudo, que prestavam, eu que me sentia devorado, estes vasos preciosos mas vazios, dispostos assim elegantemente diante de mim? Desde muito tempo que os meus ouvidos estavam fartos de taes cousas: estas cousas não pareciam nem melhores por serem melhormente ditas, nem mais verdadeiras por serem mais eloquentes; e aquelle que me as dizia não me parecia mais habil e atilado por ter um semblante composto e mais artificial nos seus discursos. Mas aquelles que m'o haviam elogiado tanto, eram gente de pouco discernimento; elles o julgavam prudente e habil por isso mesmo que era fallador, eloquente e agradavel ».

« Este desejo extremo que eu tinha desde remoto tempo de conhecer *Fausto*, foi de alguma maneira satisfeito pelo ardor e vivacidade que brilhavam nos seus discursos, e pela facilidade extrema com a qual elle sabia escolher immediatamente as expressões as mais proprias para transmittir elegantemente os seus pensamen-

Digitized by Google

tos. Eu achava tanto encanto n'isso como todos os outros que o ouviam, e porventura, n'esta parte, eu lhe dava mais elogios e o fazia valer mais do que nenhum outro, mas eu supportava com custo o não poder, no meio d'esta multidão de ouvintes de que andava rodeado, expôr-lhe as minhas duvidas e discutil-as com elle; isto reclamava a tranquillidade e a desprevenção de uma conversa particular, na qual depois de ter ouvido, se póde fallar por sua vez. Tendo por fim achado occasião, e aproveitando um momento em que as conveniencias me permittiam encetar uma conversa com elle, eu a comecei em presença de alguns dos meus mais intimos amigos.

« Mas, mal lhe havia proposto algumas questões d'entre as que me pareciam as mais importantes, quando reconheci logo, que de todas as sciencias este homem não sabia senão a grammatica, e isso mesmo fracamente. E porque elle lêra algumas orações de Cicero, uma pequena parte das obras de Seneca, algumas passagens dos poetas, e d'entre os livros da sua seita aquelles que eram mais elegantemente escriptos em latim, que demais se exercitava a fallal-o, e acabava por alcançar essa facilidade de linguagem, tanto mais agradavel e mais propria para seduzir os espiritos quanto lhe ajuntava muitas graças naturaes e uma presença de espirito que não o abandonava nunca [1].

« Logo que eu reconheci esta ignorancia de *Fausto* nas sciencias em que julgava que elle primava, perdi

[1] Ibid., cap. VI.

Digitized by Google

a esperança de encontrar n'elle o auxilio de que precisava para esclarecer e resolver as duvidas que me atormentavam; e certamente bem podia ignorar todas estas cousas e nem por isso ser menos instruido na verdadeira piedade, se elle não fosse manicheo. Mas isto não póde ser para estes sectarios, porque misturam com as suas doutrinas um numero infinito de fabulas concernentes ao céo, ás estrellas, á lua e ao sol. Assim eu já não esperava alcançar d'elle o que eu desejava tão ardentemente; isto é, que comparando de combinação commigo o que eu havia aprendido sobre estas materias pelos principios das sciencias mathematicas com o que haviam escripto os Manicheos, me demonstrasse de uma maneira satisfatoria, em que o systema d'estes era preferivel, ou que pelo menos havia de parte a parte uma egual verosimilhança.

« E com effeito, apenas quiz entrar com elle n'este exame, logo me declarou por uma modesta recusa que uma tal empreza estava acima das suas forças; porque sobre taes assumptos elle não dissimulava a sua ignorancia e mesmo não córava de a confessar. Não era como estes palradores infatuados que eu tantas vezes tive de supportar, e que nos seus longos discursos nada diziam apesar de todos os seus esforços para me ensinarem alguma cousa; este homem tinha juizo... finalmente não era tão ignorante que não conhecesse muito bem a sua ignorancia; assim pois como acabo de dizer, elle não quiz comprometter-se temerariamente em uma discussão em que previu que lhe seria impossivel saír. Estimava-o cada vez mais; e, com effeito, esta mode-

Digitized by Google

ração com a qual reconhecia a sua insufficiencia estava muito acima mesmo do que eu desejava saber; e em todas as questões para elle muito subtis ou muito difficeis que eu lhe propunha, nunca o vi proceder d'outra fórma.

« Comtudo o grande ardor que eu tinha pela doutrina dos Manicheos arrefeceu muitissimo; e perdendo cada vez mais a esperança de encontrar junto dos *outros doutores* da sua seita as soluções que eu procurava, por isso que elle era o mais celebre de todos e se me revelava tal como o acabo de dizer, tomei o partido de não conferir com elle senão em cousas agradaveis e que tivessem relação com a rhetorica, que eu então professava em Carthago. Nós liamos juntos, e n'estas leituras eu escolhia o que elle desejava mais ouvir ou o que me parecia mais conveniente a um espirito tal como o seu. De resto, todas as resoluções què eu tomava para me instruir profundamente da doutrina d'estes sectarios se esvaeceram pelo meu encontro com este homem, comtudo não de um modo que eu me separasse d'elles completamente; mas, tendo abraçado a sua seita e não achando ainda nada que lhe fosse preferivel, julguei propositado o conservar-me aí e contentar-me ao menos emquanto se me não apresentasse cousa melhor e mais propria a determinar a minha escolha. Assim este *Fausto* que fôra uma armadilha de morte para tantos outros, sem o saber, e sem querer, começou a libertar-me d'aquella em que eu havia caido » [1].

---

[1] Ibid., cap. VII.

Digitized by Google

Sobre este typo do Fausto do manicheismo póde-se já applicar o aphorismo do theologo Stapleton: « Cresce com a magia a heresia, e com a heresia a magia » [1]. Isto que o theologo formulava no seculo XVI, começou no primeiro seculo da Egreja, como vêmos pela lenda de S. Cypriano. O Manicheismo, como as diversas seitas gnosticas, era derivado do mazdeismo, e por elle se propagava a concepção do dualismo, em que o principio do mal ou o diabo eram adorados com um ritual magico [2].

A lenda do monge Theophilo pertence a esta cathegoria de racionalistas precoces, a que a Egreja dava todo o relêvo para fazer temivel o exercicio do livre exame. N'esta lenda apparecem dois factos conservados em outras lendas faustianas, a circumstancia do pacto, e a salvação pela intercessão da Virgem, como na lenda portugueza de Frei Gil de Santarem, e na lenda polaca de Twardowski. O colorido dramatico d'esta tradição agiologica não podia escapar á litteratura claustral e á actividade dos troveiros da Edade-média; o poema latino de Hrôstsvitha, os versos de Rutebeuf e de Gonçalo de Berceu, do seculo XIII, e as versões allemães de Bruns e Ettmrüler, do seculo XIV, generalisam este typo do magico, a que continuaram a ser equiparados os herejes que a Egreja condemnava, e os homens de sciencia durante o seculo XVI accusados de feiticeria.

---

1 Alfred Maury, *La Magie et l'Astrologie*, pag. 192.
2 Ibid., pag. 200.

Digitized by Google

Algumas circumstancias historicas provocaram uma maior condensação da lenda em nome do *Doutor Fausto;* essas condições foram de um lado a revivescencia de uma monomania geral da Europa, a Feiticeria, que a Egreja aggravou com a Inquisição e com as perseguições judiciaes, e por isso a propagação da crença em typos demiurgicos, restos dos mythos de Tvasthar e de Hephæstos. Por outro lado o facto da descoberta da Imprensa, e o perstigio do impressor João Faust, bem como a celebridade do heresiarcha Fausto Socino, correspondem ao desenvolvimento da lenda na Allemanha e na Polonia, signal de que estes elementos evemeristas não foram sem acção na fixação da lenda popular no seculo XVI. As relações do typo do *Fausto* com o inventor da typographia, apontadas pela primeira vez por Dürr no seculo XVII, têm apenas o absurdo de pretender *interpretar* a lenda do Doutor por uma determinada realidade historica; mas uma vez conhecida a natureza lendaria d'este typo, é indispensavel considerar, que a condemnação da Imprensa pela egreja, e as tradições aventurosas de João Faust provocaram uma maior fixação de elementos da lenda. E n'este mesmo caso está a personalidade historica de Fausto Socino, o heresiarca da Polonia, que ajudaria a accentuar mais os contornos do magico Doutor.

Voltemos á primeira questão. A descoberta da Imprensa foi mal vista pela Egreja; a reproducção da Biblia, quer em latim quer nas linguas vulgares, facilitava a leitura d'esses livros, reservada só aos theologos. Assim a Imprensa contribuia para estimular o exercicio do

Digitized by Google

livre exame, exercicio manifestado no protestantismo, que facultou a leitura da Biblia nas linguas vulgares, facilitando a independencia dos crentes nas suas interpretações. Não fallaremos aqui da perturbação que a *arte maravilhosa* veiu causar aos interesses monachaes, que especulavam com a paciencia dos seus copistas e illuminadores, porque muito cedo apparecem os mosteiros exercendo a nova industria da typographia. É certo porém que a reproducção dos escriptores classicos provocando essa admiração da antiguidade que produziu o movimento scientifico e litterario da Renascença, desviava as attenções dos livros sagrados para as obras do genio pagão; e demais, a publicação de pequenos tratados secretos sobre alchimia e magia, ou sobre mathematica considerada tambem como um ramo da Cabala, havia de fazer com que apparecessem pretendidos theurgos, tendo a Egreja no seu estreito canonismo de condemnar os livros pelos seus Indices expurgatorios, os homens pelos processos de feiticeria, e a descoberta como uma arte do diabo para corromper a humanidade. Bodin, na *Demonomania dos feiticeiros,* accusa a Imprensa da propagação dos livros e práticas da magia: «feiticerias e invocações dos diabos, que por toda a parte se imprimem com privilegio dos principes, que é uma das mais perigosas pestes das Republicas» [1]. E o jurisconsulto protestante Godelmann, no seu *Tractatus de magis, beneficiis et lamiis,* tambem lamenta que se pu-

[1] Op. cit., pag. 30. — Graça Barreto, *A questão do Fausto,* pag. 35.

Digitized by Google

bliquem impunemente livros de magia, e que se leiam os livros de João Trithemio, abbade de Spanheim, e de Cornelio Aggripa, abusando-se assim da optima arte typographica, para tentar a cubiça humana [1].

Trithemio, quasi contemporaneo da descoberta da Imprensa, conservou nos seus Annaes (1450-1514) algumas tradições ácerca dos seus tres inventores, que por muito tempo a exploraram com certo mysterio: «Todos tres *guardaram algum tempo secreta esta maneira de imprimir*, até que foi divulgada pelos seus operarios sem o auxilio dos quaes não podiam praticar esta arte, primeiro em Strasburg, e depois nos outros paizes do mundo». Esta primeira circumstancia não deixaria de influir na confusão da *arte admiravel*, como então se denominava a Imprensa, com outros processos da nigromancia. As pretenções dos descendentes dos tres inventores em attribuirem aos seus antepassados o merito exclusivo da invenção da typographia, foi uma segunda causa para dar á personalidade de Fust, e de Pedro um aspecto lendario; nos Annaes de Trithemio, descrevendo a descoberta de Guttemberg, accrescenta: «João Faust, unindo a habilidade á prudencia, inventou

---

[1] «Venales præterea prostant magici libri, et impune leguntur Johannis Trithemii, abbatis Spanheimensis, necromantica Stenographia, et Cornelii Agrippa, de occulta philosophia. Quorsum autem tam perditus optimæ artis typographicæ abusus, humani generi, maxime juventuti, disciplinarum cupide, perniciosus tentant, intelligentes facile percipient...» Op. cit., pag. 101. — G. Barr., *Quest.*, pag. 35.

Digitized by Google

uma maneira mais facil de fundir os caracteres, e completou a arte, levando-a ao ponto em que hoje está». Todo o maravilhoso popular que se liga á industria metallurgica, maravilhoso especialmente concentrado nos demiurgos, envolveu com o tempo a figura de João Faust, cuja vida aventurosa e perseguições coadjuvaram a formação de um typo generico. A descoberta da Imprensa era equiparada á obra do templo de Salomão, e os aperfeiçoamentos introduzidos por Pedro Schœffer explicados por allusões ao Evangelho de S. João (xx, 3, 6) e ao hymno *O filii et filiæ:*

Sed Johannes
Cucurrit Petro citius
Ad monumentum venit prius.
Alleluia.

Nos versos que se lêem no fim das *Institutas* de Justiniano, de 1468, é que se acham estas fórmas allegoricas de dizer, considerando como excedendo em merito o gravador Pedro Schœffer, postoque viesse mais tarde do que os dois Joões. As cidades que se disputaram as honras de terem dado o berço aos inventores da imprensa tambem contribuiram para a formação de lendas diversas, como se vê pelo poema de Bargellanus, impresso em 1541:

Annalesque tuos quidam, Germania, torquent,
Bullatas nugas hac quoque parte vomunt.
Sed te fallat *mendacis opinio vulgi;* etc.

As relações de João Fausto com o heroe das lendas magicas só foram estabelecidas no seculo XVII, por

Digitized by Google

João Conrado Dürr, em carta datada de Altorf, em 18 de junho de 1676 a Jorge Sigismundo Führer [1].

Estabelecer a identidade do Doutor Fausto com o typographo João Fausto, como procurou fazer Dürr, opinião seguida depois por Klinger, Mahncke, e outros, é uma violencia de interpretação; mas nas tradições do typographo, nos seus processos judiciarios, nas suas viagens e suppostas perseguições, nas relações industriaes e parentesco com Schœffer, existem elementos que se reproduzem em fórmas de *bullatas nugas* no typo do Doutor. A parte de João Fust no aperfeiçoamento da Imprensa, depois que se separou de Guttemberg, consistiu na intelligencia com que soube associar a si o talento de Schœffer, que havia estudado na Universidade de Paris. Segundo as tradições conservadas pelo abbade Trithemio, Schœffer fôra primeiramente empregado de Fust «*tum famulus*»; [2] o grande talento d'este artista, que com uma certa modestia deixava figurar o nome de Faust nas suas edições, não deixaria de influir no typo de Mephistopheles, se é que este nome do espirito demiurgico que acompanha o Doutor Fausto não foi formado das palavras Meister-Schoffer. Este artista, habil gravador, introduziu os novos processos das letras impressas a vermelho, e com estampas. No Psalterio de

---

[1] Impressa no t. v das *Amenidades*, de Schelhorn, a pag. 50 e seg.; Peter, «Catalogo, n.º 28»; G. Barreto, *A questão do Fausto*, pag. 16.

[2] *Annales Hirsangienses*, t. II, pag. 421 e seg. Ap. Bernard, *Origine de l'Imprimerie*, t. I, pag. 256.

Digitized by Google

1457, acha-se um colophão com a allusão a estas novas maravilhas realisadas depois da dissolução da sociedade com Guttemberg: «Presens spalmorum (em vez de psalmorum) codex, venustate capitalium decoratus, rubricationibusque sufficienter distinctus, *adinventione artificiosa* imprimendi ac caracterisandi absque calami ulla exaractione sic effigiatus, et ad Eusebiam Dei industrie est consummatus per Johannem Fust, civem Moguntiorum, et Petrum Shoffer, de Gernszheim, anno Domini millesimo. CCCCLVII. in vigilia Assumptionis» [1]. Na edição dos *Officios* de Cicero, acham-se tambem no colophão caracterisados os novos processos da typographia como «*arte quadam perpulchra*». A morte de João Fust em Paris, em 1456, de uma grande peste, segundo se julga, e o seu casamento com uma dama chamada *Margarida*, que lhe sobreviveu sete annos [2], são pequenas circumstancias que contribuiram insensivelmente para que a lenda popular se constituisse até á época da redacção de Spies, e que no seculo XVII se procurasse confundir o typo do Doutor com o do typographo allemão.

João Conrado Dürr, em 1676 é que alludiu pela primeira vez a esta identificação, que achou um ecco facil em toda a Allemanha [3]; mas na sua Carta elle pro-

---

[1] Ap. Bernard, op. cit., pag. 228.

[2] Bernard, op. cit., pag. 255.

[3] Copiamos aqui os trechos da Carta de Dürr, taes como se acham extractados no opusculo de G. Barreto: «Vixit circa annum Christi 1440... Johannes Faustus Germersheimensis Palatinus,

Digitized by Google

prio confessa, que é uma conjectura pessoal e particularmente sua, que o leva a identificar o Doutor Fausto da lenda com o Fausto da historia da typographia. (Pag. 76). Dürr explica o episodio da lenda do Doutor Fausto, quando na côrte de Maximiliano I evocou a alma de Alexandre Magno, como proveniente da intelligencia popular comprehender assim a publicação feita por Fust da *Doctrinalia Alexandria*, propriamente a obra de ALEXANDER Gallus de Villa Dei, *Grammatica metrice scripta* [1]. Contra este facto oppõe Graça Barreto

---

(pag. 71)... demum Moguntiam venit:... Ibi cum occulte, ims administris artis suæ sacramenti religione ad silentium adstrictio, aliquod operis antehac nec visi, nec audite, in Germania specimina edidisset mirum non est, quod suspensos admiratione cum aliorum animos tum inprimis monachorum in se converterit, imo etiam in suspicionem magiæ et incantationis inciderit, quod viderent, ab uno homine uno die tantum litterarum imprimi, quantum vix uno anno scribi a pluribus posset... Cumque a multo jam tempore scribendi opera magnum quæstum facerent monachi et moniales non potuit non in acerrimum odium et indignationem nec non calumniam incurrere, cum et offas suas attenuari, et culinas frigefieri, et luculentos ignes extingui paulatim sentirent. (Pag. 72)... Ita miser Faustus in magum est transformatus, et omnes ejus socii intra septa privatorum parietum latentes et ad silentium juramento adacti diabolici pacti sunt insimulati. (Pag. 73)...

[1] «In hac sententia confirmat me etiam illud, quod laudatur supra Meterateranus memorat inter prima artes typographicæ specimina, a Fausto edita fuisse *Doctrinalia Alexandria:* quæ autem temporum eorum fuit stupiditas, fuerunt fortasse, qui opinarentur et in vulgus spargerent, a Fausto Alexandrum M. arte præstigiatoria in lucem produci». Dürr, *Cart.*, pag. 73 e 74.

Digitized by Google

a negativa; que a Grammatica de Alexandre de Villa Dei nunca foi dada a publico por este impressor [1]; é certo que João Fausto imprimiu em 1466 uma *Grammatica vetus rhithmica,* onde ao seu nome apenas se allude em um verso do fim do livro:

Hinc Nazareni sonet oda per ora *Johannis;* etc.

É esta a opinião de Bernard na sua excellente obra da *Origem da Imprensa:* «O nome de *João,* que se acha no terceiro verso, allude ao de Fust, diante do qual Schoiffer se elimina por deferencia, desde que se apparentou com elle» [2]. A vaga allusão ao nome de Fausto no apparecimento da *Grammatica* de Alexandre era mais um estimulo para a formação de uma lenda popular, por isso mesmo que o nome de Alexandre era circumdado de tradições como um dos *Nove da Fama,* os heroes legendarios da Edade-média, e esse nome era considerado, e a figura do heroe egualmente, como um dos mais efficazes talismans ou amuletos. Acceitando o facto parcial indicado por Dürr, tomamol-o como collaborando na formação da lenda do Doutor Fausto, sem comtudo admittirmos a identificação com o typo historico.

A ideia de Dürr é uma evemerisação forçada; foi seguida em 1726 pelos redactores da *Acta eruditorum*

---

1 *Questão do Fausto,* pag. 32.
2 Op. cit., t. I, pag. 252.

Digitized by Google

de Leipzig, (n.º IX, de setembro), depois por Klinger, por assim lhe convir ao seu romance, e por Mahncke em uma narrativa dialogada sobre a invenção da imprensa, e especialmente por Gustavo Jorge Zeltner nas Biographias dos theologos de Altorf, onde diz: Fausti Magi vita, tot fabulis consuta ficta est ex typographo Fausto». (Pag. 508). A publicação da Carta de Dürr no tomo V das *Amenidades*, de Schelhorn, é attribuida á communicação feita por Zeltner [1]; a mesma opinião foi seguida por Prideaux, Baring Misson, e depois propagada em França pelos traductores do romance de Klinger, por Gerard Nerval e ultimamente por Francisco Victor Hugo.

A falta de estudo da formação da lenda é que póde levar primeiramente a admittir uma pretendida *realidade historica* do Doutor Fausto, e em segundo logar a confundil-o com o Fausto de Moguncia. A personalidade historica do Doutor é rejeitada pela sciencia moderna [2], e portanto o que ha a fazer com verdadeiro espirito critico é determinar os elementos historicos e tradicionaes que se agruparam em torno de um typo lendario em que se unificaram todos os contos da feiticeria que se narravam durante o longo pesadelo do seculo XVI.

No movimento theologico do seculo XVI, um dos

---

[1] Graça Barreto, *Questão do Fausto*, pag. 34: Amænitates litterariae, t. V, pag. 50.

[2] Idem, *Lição a um litterato*, pag. 19 e 20.

Digitized by Google

vultos mais extraordinarios pela audacia das suas doutrinas e pelos odios que provocava no campo catholico e no protestante, era Fausto Socino, herdeiro e propagador das doutrinas de seu tio Lelio Socino. Este heresiarcha fundára em Vicenze uma academia critica para discutir os assumptos sobre que versavam as polemicas entre catholicos e protestantes: era uma actividade mental que a egreja sempre condemnou com o nome de philosophismo. Os adeptos d'essa academia chegaram a importantes conclusões historicas, como a humanidade de Jesus, e derivação dos dogmas da trindade e da consubstancialidade do Verbo das theorias metaphysicas dos gregos. Os catholicos e os protestantes insurgiram-se contra estes resultados, e Fausto levou ainda mais longe a doutrina do tio, rejeitando a redempção e não vendo mais do que o exemplo moral em Jesus, e considerando o peccado original e a predestinação como chimeras gratuitas, e os sacramentos sem efficacia. Emfim, procurou expurgar a noção de Deus-padre de um certo numero de attributos, que elle entendia repugnarem á razão humana. A lucta que Fausto Socino teve a sustentar com os protestantes e com os catholicos, explica-nos como este audacioso pensador podia provocar na malignidade do combate essas lendas tenebrosas do condemnado Doutor. De facto a lenda do Doutor Fausto acha-se tratada diversamente por catholicos e protestantes; n'uma, o Fausto salva-se por intercessão da Virgem, e na outra perde-se irremissivelmente; e se é certo que o movimento theologico da Reforma foi a causa principal da fixação da lenda do Fausto, como

Digitized by Google

querem muitos escriptores allemães, como Lindner, o typo do Fausto Socino, que se occultou do bulicio dialectico e proselytico nos ultimos quatro annos de vida em Cracovia, não foi extranho na definição dos contornos lendarios do Doutor Fausto [1]. Dá-se aqui o mesmo caso, que observamos com o impressor João Fust; não estabelecemos uma relação typica para concluir por uma identificação da lenda com o personagem historico, mas sim para deixar em relevo as circumstancias historicas que provocaram do seculo XV para XVI uma mais activa evemerisação da lenda, a ponto de se chegar a redigir a celebre relação historica que andou manuscripta até 1587, e que se considera como a redacção mais antiga. A acção de Fausto Socino na Polonia tambem não se deve julgar indifferente sobre a persistencia de uma tradição faustiana entre o povo, conhecida pelo nome

---

[1] Na biographia do Doutor Fausto, de Gustavo Brunet (Nouvelle Biographie générale, de Didot) se lê que o Fausto professava as sciencias occultas em *Cracovia;* e que *herdeiro de um de seus tios,* dispendera em orgias com os estudantes de Wittemberg esses haveres. Aqui estão duas circumstancias particulares do Fausto Socino, como acima indicamos, e que a lenda se apropriou. Swift no *Canto do Tonel* ridicularisando alguns livros e tradições populares, diz: «O segundo é o *Doutor Faustus,* escripto por Artephias; elle o publicou no seu centoctingentesimo quarto anno; este sabio procede inteiramente pela via da *reincrudação,* ou pela via humida. O casamento entre Faustus e Helena não serve senão para espalhar luz sobre a *fermentação do Dragão macho e do Dragão femea*». *Le Conte du Tonneau,* t. I, pag. 70, ed. da Haya, 1757.

Digitized by Google

de Twardowoski [1]. Se na lucta do manicheismo apparece em Carthago um Fausto, se na época das heresias dos Catharos e Albigenses é que se fórma a tradição portugueza de Frei Gil Rodrigues, a grande época da Reforma, não só pela publicação dos livros da antiguidade como pela reacção violenta contra a feiticeria, não podia deixar de definir mais profundamente esse typo do magico Doutor, na Chronica de Spies, de 1587, e na relação de Widmann, de 1599.

Vamos vêr em que condições a lenda do Doutor Fausto foi elaborada por catholicos e protestantes, e como cada um d'estes campos lhe imprimiu um caracter particular.

A condemnação da Egreja contra o renascimento das doutrinas neo-platonicas no seculo XV e XVI, fez com que os philosophos e os investigadores da natureza, como Aggripa, Cardan e outros fossem considerados como magos; nas côrtes da Europa os soberanos acercavam-se de astrologos, e os horoscopos, presagios e sortes dos santos governavam as determinações da politica. Mas a propria Egreja havia adoptado muitas praticas do polytheismo greco-romano, e quando no seculo XVI se estabeleceram os sanguinarios processos contra a feiticeria, o Protestantismo envolveu tambem Roma n'essa accusação, e póde-se dizer que nos paizes protestantes é que os processos da demonologia foram

[1] Vid. a sua lenda na *Revue des Deux Mondes,* 1874, 1 de novembro, pag. 226. Ha tambem um Fausto byzantino, no poema de Cypriano, por Athenais. Vid. *Revue des Deux Mondes,* 1871, t. V, pag. 721.

Digitized by Google

mais duradouros e violentos. A sorte do Doutor Fausto apresenta os dois espiritos em lucta; na fórma catholica o Fausto é arrebatado pelo diabo em corpo, mas a sua alma salva-se. Na elaboração protestante o animo da condemnação é implacavel, porque se andava no fervor da lucta contra a nova Babylonia, e o Fausto perde-se irrevogavelmente. Esta distincção foi já observada por Lindner, e reduzida a uma explicação natural por Graça Barreto: «nas lendas não se dá a condemnação; nas lendas, digo, não se confunda com os Puppenspiele. A estrangulação do corpo do Fausto não importa a sua condemnação; esta não se póde inferir da leitura meditada do ultimo capitulo da Chronica de 1587, dada por Spies, em Francfort, que é talvez a lição mais remota da lenda. A estrangulação tem de explicar-se por outras tradições, de que as *Tischreden* dão conta, como as historias do musico de Mohlbourg e do musico de Eisenach. Luthero affirma-nos ainda nas suas Conversas: = Os homens ficam possessos por duas fórmas, uns no corpo, outros no espirito como os impios todos. Em respeito aos furiosos de quem o diabo se apossa corporalmente, com a permissão de Deus, elle governa-lhes o corpo, que agita e infama; mas nada póde sobre o espirito que é obrigado a deixar illeso. = (*Propos de Table,* pag. 49). Ora as duas narrativas sobre os musicos são a exemplificação d'esta lei; e o ultimo capitulo da Chronica de 1587 é apenas uma variante mais dramatisada d'aquellas lendas» [1]. A interpretação da morte

[1] *A Questão do Fausto,* pag. 38.

Digitized by Google

do Fausto estrangulado por Mephistopheles como o abandono voluntario do corpo em expiação dos crimes do espirito é lucida, sobretudo por se apoiar nas crenças theologicas dos demonographos do seculo XVI. Foi n'estas salvações que se desenvolveu o papel de medianeira da Virgem; a tolerancia não vinha das doutrinas catholicas, mas do espirito conciliador com que o culto da Virgem veiu assimilar ao christianismo os restos dos sectarios do polytheismo. Na celebre lenda do Monge Theophilo, onde apparece o pacto com o diabo, é a Virgem que o salva, como se lê na chronica citada por Meibomio: «Por estes tempos salvou-se Theophilo, que fizera pacto com o diabo, como se lê no milagre de Santa Maria». A mesma salvação pela Virgem se lê na lenda portugueza de Frei Gil de Santarem, e na tradição polaca do Twardowoski. Depois do Concilio de Epheso, o culto da Virgem propagou-se nas Egrejas do oriente e do occidente, onde assimilou a si as divindades femininas, as Deusas-Mães; foi assim que os cultos polytheistas, que ainda sobreviviam, se deixaram penetrar por esse novo culto que tinha o seu tanto de orgiastico. A Sicilia resistira sempre ás predicas de Santo Hilarião, e depois do concilio de Epheso oito templos pagãos são convertidos espontaneamente em sanctuarios da Virgem [1]; era n'este culto que os ritos pagãos mais facilmente se confundiam. Na crença popular

[1] Beugnot, *Hist. de la destruction du Paganisme en Occident*, t. II, pag. 271.

Digitized by Google

da intercessão da Virgem, o Fausto salva-se antes do apparecimento do espirito philosophico moderno em Goëthe.

A fórma protestante da lenda revela-se no espirito da condemnação do Fausto; porque foi no protestantismo que com mais fervor se combateu durante todo o seculo XVI e XVII contra essa entidade imaginaria do Diabo, por meio de livros, tribunaes sanguinarios e fogueiras. A feiticeria foi uma doença collectiva da Europa, que teve duas manifestações: da parte dos povos era uma revivescencia de antigos cultos magicos, que se deve attribuir á entrada de um poderoso elemento mongolico na Europa depois da queda de Constantinopla, e de tartaros na Polonia, tendo já alguns seculos antes penetrado na Russia; da parte dos que tinham o poder espiritual na Europa, os theologos, era uma deducção subjectiva, uma reacção contra o dualismo originario que apparecia no monotheismo christão, que se punia como crime de lesa-divindade, como os revolucionarios que attentavam contra a auctoridade eram punidos com supplicios atrozes reservados aos crimes de lesa-magestade. Na sua virulencia contra a feiticeria, a Reforma atacou tambem a Egreja como cumplice de praticas supersticiosas, e Luthero sentia-se sempre affrontado pelo Diabo, contra o qual atirou uma vez o seu tinteiro. Na apreciação justa do espirito protestante da lenda, Graça Barreto apresenta alguns factos bem caracteristicos, como o poder de Mephistopheles attribuido ao poder da palavra talismanica *hocuspocus*, que tambem apparece empregada na evocação de Usiel, espirito

Digitized by Google

dos thesouros, e na condemnação da pratica dos exorcistas como praticas de esconjuros magicos: «Determinada a influencia diabolica immediata, o protestantismo accusou logo a propria Egreja de magia, increpando todos os mysterios que elle não acceitava; Heerbrand, theologo da universidade de Tubingen, n'uma dissertação especial apresenta esta these: = Prolatione quinque verborum: «h. e. e. c. m.» cum halitu facta se panis substanciam mutare, corpus Christi de coelo detrahere, et in hoc illum convertere, plane magice sibi et alliis persuadem. = Este texto é tanto mais importante quanto a ideia que elle apresenta foi aproveitada pelo proprio Goëthe, pois Siebel na taverna de Auerbach, referindo-se ao perstigio de Mephisto, chama-lhe *hocuspocus*, corrupção visivel do *hoc est enim corpus meum*» [1]. E um pouco abaixo fundamenta com outro facto importante: «O *Verus Jesuitarum libellus*, reproduzido por Scheible, no vol. II do *Kloster*, dá-nos a evocação de Usiel, espirito dos thesouros, onde se lê: = Etiam juxta efficatia spiritualia verba, cum forma panis et vini ad Dei corpus transmutatur verbo: H. e. e. c. m. +». Na Allemanha a perseguição da feiticeria pelos tribunaes excedeu em numero e em crueldade as perseguições da inquisição hespanhola contra a heresia; se no meio dia da Europa as povoações arabes e judaicas eram o pretexto para estas hecatombes humanas em nome da religião, no norte o contacto com elementos

[1] *A Questão do Fausto*, pag. 43.

Digitized by Google

turanianos, onde persistiam as antigas superstições caracteristicas da raça tornavam a feiticeria o pesadelo geral, augmentado péla excitação das grandes carnificinas que se estendem até ao ultimo quartel do seculo XVIII. Esta barbaridade dos juristas allemães caracterisa a reacção da Reforma contra a feiticeria, e por isso a condemnação do Fausto passa da lenda vaga para os espectaculos populares das Puppenspiele e para o drama de Marlow, do theatro inglez, sem remissão possivel. Só quando Goëthe, possuido do genio critico da philosophia moderna, não aproveitou essa feição protestante da lenda, é que o Fausto se salva pelo feminino eterno, uma idealisação mais abstracta da Virgem.

Depois de havermos discutido as varias fórmas da lenda do Fausto e as condições moraes em que ella se aproximava da unificação, vamos indicar os vagos indicios da sua *personalidade historica*. Muitas vezes existe um typo real perfeitamente destacado do typo lendario, como vêmos no Carlos Magno das Chronicas e no Carlos Magno *à la barbe fleurie*, das numerosas Canções de Gesta onde elle é heroe; outras vezes o typo lendario é o unico que subsiste á falta de documentos com caracter historico como em Jesus ou em Buddha. Alguns escriptores decidem-se pela existencia pessoal do Fausto, taes como Edelestand Duméril, Neumann, de Stieglitz, Raumer, e Köhler [1]; os testemunhos d'essa existencia são o de Melanchton, cuja auctoridade Manlio invoca na

[1] Graça Barreto, *Lição a um Litterato*, pag. 19 e 20.

Digitized by Google

sua *Colectanea,* mas os criticos não acceitam esta affirmação attribuida gratuitamente a outrem; Schelhorn considera essas narrativas ácerca do Fausto como meras fabulas; a citação, á primeira vista tão importante de Luthero, revela o syncretismo lendario, porque n'ella se confunde Fausto com o typo tradicional de Eulenspiegel, pondo-os na mesma linha de respeito. O testemunho de Trithemio, em Tentzel, é uma tradição popular; Neumann acha os factos obscuros, e similhantes ás aventuras de outros magicos; Widmann trata a tradição como uma narrativa novellesca, e Pfitzer na sua redacção disserta com amplificações gratuitas e já sem poesia; Paulini considerava essas tradições da personalidade do Fausto como vãs. Os livros attribuidos ao Doutor Fausto, como a *Praxis magica,* dada como impressa em Passau em 1527, e outros opusculos são producções do principio do seculo XVIII, que simularam essa data, e que foram produzidas pelo interesse crescente da lenda popular.

Graça Barreto, que chegou a accumular preciosos estudos sobre a lenda faustiana, formulou esta conclusão: « o exame das fontes mais antigas e o confronto das velhas dissertações allemãs e latinas adiantará apenas sobre a antiguidade das tradições, porém nada sobre o fim proposto (a personalidade historica do Fausto) ». E termina: « Além d'isto a affinidade do Fausto com todos os genios da Allemanha durante tres seculos não é para desprezar. Successivamente reproduzem-se n'elle Aggripa, nas tradições sobre o cão que o acompanha sempre e desapparece por occasião da sua morte, e na paga ao hospedeiro; Tritheim, na evocação da princeza Maria pe-

Digitized by Google

rante Maximiliano, que confronta perfeitamente com a de Alexandre Magno na presença de Carlos v, etc. » [1].

Rejeitada a personalidade historica do Fausto, consideramol-o como um typo generico do sabio da grande época da Renascença, meio theurgo, como Cornelio Aggripa, Pic de la Mirandola, Marsilio Ficino, Paracelso ou Cardan, e ligado com o Diabo por um pacto terrivel, como Sixto v, ou Bonifacio viii, Silvestre ii, Gregorio vii e Paulo ii. O estudo d'este typo deve limitar-se á determinação dos elementos populares tradicionaes que entraram na elaboração da lenda faustiana; e, successivamente estabelecer a sua unificação nas relações escriptas, as anonymas, d'onde procedeu a de Spies de 1587, e de Widmann de 1599, d'onde provém a folha volante popular do seculo xviii. Então é que se poderá apreciar como esta funda tradição europêa resultante das nossas transformações intellectuaes, se tornou a base para as grandes creações litterarias e philosophicas de Calderon, Marlow, Lessing e Goëthe.

Dissemos que o Doutor Fausto era o typo ideal do sabio, no fim do seculo xv e xvi; de facto certos traços da sua physionomia são tirados das biographias de alguns alchimistas que tiveram realidade historica. O uso dos livros era no fim da Edade-média um poderoso indicio de relações sobrenaturaes; João Trithemio, que tanto se parece com o Fausto pela evocação que fez da defunta Maria de Borgonha diante de seu marido o im-

---

[1] *Lição a um Litterato,* pag. 20.

Digitized by Google

perador Maximiliano, era considerado pelo seu saber como tendo relações com potencias invisiveis, e esse saber era attribuido á apparição que tivera em sonhos do Missal de Westenhrül, que elle na infancia tanto desejára conhecer. Nas lendas de Nicoláo Flamel, copista do seculo XV, o seu saber e riqueza são attribuidos ao estudo de um livro que lhe foi revelado em sonhos, livro escripto em papyrus, com letras de ouro e figuras diversas, com um sentido mysterioso que só elle chegou a descobrir. Com a maravilha da multiplicação dos livros pela Imprensa muitas d'estas lendas se ligaram á pessoa de João Fausto, e não é portanto sem fundamento a relação poetica entre o aperfeiçoador da Imprensa e o Doutor.

Os sabios, que precederam a disciplina scientifica da observação e da experiencia, eram theurgos com um caracter mais ou menos demoniaco conforme a reacção da Egreja contra as doutrinas heterodoxas. Ou pela sua proveniencia na Europa, pelos Arabes de Hespanha, ou pelo fim unicamente temporal da descoberta das riquezas, ou pelos seus resultados, como a emancipação da consciencia da auctoridade theologica, a Sciencia foi considerada pela Egreja como uma suggestão do diabo para desviar a alma humana da submissão mystica. Os sabios vivem nas lendas populares propagadas pela Egreja como anjos rebeldes que procurando surprehender os segredos da natureza aspiram a imitar ou contrafazer as obras de Deus. Este caracter deriva-se da concepção mythica dos deuses obreiros, Tvashtar, Hephaestos, Prometheu ou Veland, que pela sua persisten-

Digitized by Google

cia nas superstições chegaram até uma época de evemerisação, em que de deuses decaídos ficaram diabos ou sabios. Nas biographias de Alberto Magno, de Bacon, de Pedro Apona, de Paracelso e de Raymundo Lullo, de Jeronymo Cardan, João Trithemio, Nicoláo Flamel e Cornelio Aggripa, acham-se elementos bastantes para constituir uma biographia ideal do Sabio, tal como era concebido pela credulidade geral; se a lenda do Doutor Fausto se não formasse com toda esta riqueza de elementos deveria essa omissão considerar-se como um phenomeno de depressão intellectual, o que era realmente inexplicavel, conhecendo-se a actividade mental da época das duas Renascenças. A lenda formou-se inconscientemente com todos os elementos transmittidos pelo passado, deuses theurgos, hereticos condemnados pela Egreja, inventores ou descobridores das maravilhas da natureza, e póde-se dizer, que o que na lenda pertence como proprio ao seculo XVI é a feição particular da feiticeria, porque era essa a apprehensão exclusiva da época. O Doutor Fausto dá-se ao estudo como um sabio, interpreta o Evangelho de S. João como um hereje, tem riquezas como um alchimista, mas o seu poder deriva-se de um pacto com o diabo, como se usára na feiticeria do seculo XVI.

As relações do Doutor Fausto com o Diabo começam pelo encontro do cão, no seu passeio. É este um caracteristico geral, e portanto um elemento commum; acha-se como facto biographico de Cornelio Aggripa, astrologo do fim do seculo XV, cujo typo não foi extranho á formação lendaria do Doutor Fausto. Como Aggripa, o

Digitized by Google

Doutor fazia alarde do seu poder sobrenatural, á maneira dos empalmadores; Aggripa andava sempre acompanhado de um cão negro, com uma colleira guarnecida de pregos, e que era considerado como o seu espirito familiar. Paulo Jovio conta que quando estava nos paroxismos, Aggripa dissera para o seu cão: — Vae-te, desgraçada alimaria, foste tu que me perdeste. A tradição da moeda com que Aggripa, na sua vida airada costumava pagar a hospedagem, reproduz-se tambem na lenda do Doutor Fausto. A moeda tinha a apparencia de legal e corrente, porém passados dias tornava-se em sola, em conchas, em folhas de arvores. As duas particularidades que apontamos não pertencem exclusivamente a Cornelio Aggripa.

A identificação do diabo com o Cão é ainda hoje popular; nas superstições do archipelago açoriano o diabo é denominado *cão sujo;* e o demonio da hora do meio dia ou a Empusa, ali conhecido pelo nome de Entreaberto, é considerado nas superstições europêas como apparecendo na fórma de um cão. Nas reuniões do sabbath, como se vê por documentos judiciarios do seculo xv, o diabo mostrava-se muitas vezes na figura de cão [1]; além de Aggripa e do Doutor Fausto, outros magos e feiticeiros se acham relacionados com o Cão. Como comprovação citaremos Simão Mago, a quem apparecia

---

[1] Sentença de Arras, de 1460. Ap. *Curiosités des Traditions*, de Lalanne, pag. 97.

Digitized by Google

n'esta fórma, como diz Gabriel Naudé [1]; o alchimista Bragadini andava acompanhado de dous cães negros, que como seu dono foram executados na praça publica; o cardeal Crescencio foi assistido na sua ultima hora pelo diabo em fórma de cão negro, que o estrangulou, como conta João de Chassanion (*Des grands et redoutables jugements*, pag. 66); no nascimento do visionario allemão Holzhauser, appareceu-lhe o diabo em fórma de cão negro; era n'esta figura tambem que apparecia durante o dia á velha feiticeira do seculo XVI Maria Lescorière. Estes elementos lendarios não são restos exclusivos da Edade-média, já se encontram na época da transformação do polytheismo greco-romano. Conta Luciano que em Coryntho, a um certo Arignote, ao lêr os livros magicos egypcios, lhe apparecera de repente um espectro na figura de cão; era esse espectro que infestava uma casa, como aconteceu segundo a celebre anecdota de Athenodoro, que reapparece tambem na casa onde morreu o Doutor Fausto.

A moeda magica pertence ás lendas da feiticeria européa; em geral o dinheiro do Diabo, segundo o celebre demonographo Del Rio, converte-se em carvão ou em estrume. Nas superstições populares dos Açores, o dinheiro contido nos thesouros descobertos pelo demonio da hora do meio dia converte-se em carvão se se não derramar sobre elle algumas gotas de sangue. Roguet, nos *Discursos dos Feiticeiros* conta um successo

[1] Ap. *Dict. des Sciences occultes*, mot: Apparition.

Digitized by Google

de uma compra feita em uma aldeia de Franche-Conté, em que o dinheiro no dia seguinte se achou convertido em placas de chumbo.

Á lenda popular do dinheiro magico fixado com o sangue liga-se tambem a dos pactos com o diabo fixados por uma escriptura firmada com o sangue do braço; a extensão d'esta crença é vastissima, e por assim dizer tornou-se a parte obrigada da biographia tradicional do Fausto. Guibert de Nogent, no livro *De vita sua* (liv. I, cap. XXVI), conta o pacto de um monge com o diabo; a vulgarisação d'estas lendas data principalmente do monge Theophilo, e tornaram-se frequentes entre a classe sacerdotal, chegando muitos Papas a serem considerados como ligados por estes vinculos com o diabo. Um Doutor e Prior de Saint-Germain en Laye, Guilherme de Alluie, foi condemnado a prisão perpetua por se ter julgado que fizera pacto com o diabo; chamava-se a este crime no seculo XV *Vauderie,* que tambem significava o Sabbath. A lenda do papa Sixto V, contada por de Thou, na *Historia Universal,* em que o diabo tinha vindo reclamar a sua alma ao fim de um certo praso marcado por um contracto, revela-nos a mesma corrente do espirito protestante, que na Allemanha se generalisou no typo ideal do Fausto. O proprio Palma Cayet, que traduziu para francez a primeira redacção litteraria da lenda do Fausto, foi julgado pelos huguenotes como tendo feito um pacto com o diabo, para que este lhe ensinasse differentes linguas. No fim do seculo XVI ainda o cura de Marselha Gaufridi, fazia um pacto em regra com o diabo para alcançar o poder de sedu-

Digitized by Google

zir as mulheres com o seu bafo; elle usou esse poder, da mesma fórma que o Doutor Fausto, para seduzir Magdalena, filha do cavalleiro de La Palud, a qual como a Justina do *Magico prodigioso* de Calderon, se refugia em um convento para escapar ao poder do cura feiticeiro.

A crença popular do Sabbath é a que está ainda mais arreigada no vulgo; é um resto dos cultos polytheistas, que a Egreja condemnou, e que por isso adquiriram o caracter magico. Filinto Elysio, nas notas da sua traducção das Fabulas de Lafontaine, descreve este rito da antiga feiticeria: «Eu ouvi algumas velhas chamar *senzala* ao conciliabulo e sitio em que (segundo a crença do vulgo) se ajuntam na noite do sabbado as bruxas e feiticeiras, e onde aprendem os arcanos mais reconditos da bruxaria; dos quaes é ali lente da borla preta o Cão-tinhoso, a quem ellas adoram, e a quem em signal de adoração, beijam (segundo a narração das velhas) o trazeiro. E perguntando-lhes eu, porque razão lhe chamavam *senzala*, me responderam, que pela muita parecença que tinham ellas negras e os demonios tambem negros com as casas dos pretos, que no Brazil se chamam *Senzalas*». (Op. cit., pag. 302).

Os prodigios operados pelo Fausto, nas lendas litterarias do fim do seculo XVI, uns pertencem aos prestidigitadores das feiras, como o do vinho que se derrama pelo chão e se incendeia; outros são a reproducção de lendas da antiguidade classica ou do fim da Edade-média. Como Aristoteles nos fabliaux, e como Virgilio, não ficava mal ao Fausto apaixonar-se por Margarida,

Digitized by Google

ou então pelo Diabo-Venus personificado na apparição de Helena. Era-lhe tambem indispensavel produzir o *homunculo,* especie de androide, como os que fabricavam os sabios da Edade-média, Alberto Magno, Bacon, Silvestre II, Alexandre de Paphlagonia, Arnaldo de Villa-Nova e João Muller; o androide era representado nas crenças populares pela Mandragora, que Del Rio descreve como demonios familiares em fórma de bonecos, feitos de raizes duras, que possuiam grandes poderes magicos, como predizer o futuro, livrar de perigos, etc. O prodigio da evocação de Alexandre por Fausto pertence a um fundo de crenças supersticiosas muito remoto; a pythonisa de Endor faz a evocação de Samuel, e Appolonio de Thyane faz a evocação de Achilles; Alexandre, tão profusamente celebrado nas Gestas da Edade-média, e possuindo no seu nome um grande poder talismanico, era o personagem adaptado a esse typo, que é a synthese popular do sabio da Renascença, como vêmos pelas relações do heroe com o sabio Aristoteles, conservadas nos lais populares.

Finalmente, a morte do Fausto pelo arrebatamento é tambem commum a varios personagens, como Appolonio, como o papa Bento IX e João Ivan Basilosvitz. A somma dos elementos tradicionaes era tão forte que o povo no seu syncretismo não podia deixar de dar á sua elaboração um certo effeito de realidade; e este effeito chegou a causar impressão a alguns dos grandes theologos da Reforma. Muitos d'estes elementos tradicionaes foram renovados nas virulentas polemicas entre os reformadores e os papistas, e o typo do Fausto formou-se

Digitized by Google

quasi que espontaneamente entre aquelles que procuravam caracterisar as superstições que viciavam a Egreja e contra as quaes reagiam. É n'este sentido que o Fausto era uma resultante da agitação da Reforma, e n'este sentido privativamente allemão; na Allemanha conservou todas as suas raizes tradicionaes nas relações em prosa de folha-volante, e nos espectaculos populares dos Puppenspiel, d'onde se elevou até inspirar as bellas creações individuaes da litteratura e da arte moderna; em Portugal e Hespanha ficou em rudimento no *Escholar das nuvens.*

A redacção mais remota da lenda do Doutor Fausto é anonyma, e foi publicada pela primeira vez em Francfort, em 1587; intitula-se *Historia von D. Johann Fausten, den weithechreyten Zauberer und Schwarzkünstler.* É n'esta redacção que se encontram os elementos tradicionaes menos arbitrarios e menos submettidos a um intuito moralista [1].

D'esta relação data o novo interesse popular pelo magico Doutor, interesse que foi aproveitado por Jorge Rodolpo Widmann em uma extensa ampliação publicada em Hamburgo em 1599, com o titulo: *Drei Theile der wahrhaftigen Historien von den grewlichen und absche-*

---

[1] Esta relação foi traduzida para inglez, em 1590, com o titulo: *History of the damnable Life and deserved Death of John Faustus.* Em 1598 publicou Palma Cayet a traducção franceza com o titulo: *Histoire prodigieuse et lamentable de Jean Fauste, magicien, avec son testament et sa mort épouvantable.*

Digitized by Google

wlichen Sünden und Lastern, auch von vielen wunderbarlichen und seltzamen abentheuren so D. Johannes Faustus hat getrieben.

Depois d'esta redacção de Widmann, que os criticos costumavam confundir com a relação anonyma de Francfort, seguiu-se a publicação posthuma de uma nova redacção litteraria de Pfitzer, de 1674, com o titulo: *Das ärgerliche Leben und schrekliche Ende dess vielberüchtigten Ertz = Schawartzkünstlers D. J. Faust.*

Da elaboração individual de Widmann saíu para a corrente popular uma folha-volante, no primeiro quartel do seculo XVIII, com o titulo: *Des durch die gauze Welt berufenen Ertz = Schwartzkünstlers und Zauberer D. Johann Faust suit dem Teufel aufgerichtetes Bündniss.* (Francfort, 1728).

Depois d'estas elaborações lendarias, que precederam as creações artisticas, citaremos a fórma dramatica que lhe deu o tragico inglez Marlow, em 1604: *The tragical Histories of the Life and Death of Dr. Faustus.* Julga-se que a obra de Marlow foi inspirada por algum drama anonymo dos theatros de bonifrates; mas a tragedia ingleza representada na Allemanha por actores ambulantes veiu por seu turno a inspirar esse texto popular dos Puppenspiel, que se achou e imprimiu em 1850.

D'aqui em diante a lenda do Doutor Fausto torna-se elemento exclusivo de creação artistica, e as obras do poeta e pintor Müller (1778), de Lessing, de Klinger, de Soden, e de Goëthe, fazem d'essa tradição de um seculo de actividade mental a grande synthese da emancipação da consciencia.

Digitized by Google

O ideal da humanidade é a synthese dos sentimentos que a agitam; representa-se em creações successivas, que symbolisam cada progresso, cada uma das suas faces mais profundas, nas lendas eternas do Prometheu, Ahasverus, Fausto e Don Juan. O primeiro esforço do homem para submetter a natureza, animal-a por si, reduzil-a á sua imagem, segundo essa fatalidade mysteriosa da metaphora instinctiva, pertence á vida heroica, está representado na acção. *Prometheu* rouba o fogo celeste para animar a argilla, relucta, estorce-se sobre os fraguedos a que está agrilhoado, á espera de quem o liberte. Emquanto o abutre lhe róe as entranhas, cria-se uma outra força, que os deuses mais tarde hão de tambem amaldiçoar, porque não a poderão prender — é a actividade do pensamento.

A lenda do *Fausto* é a segunda jornada de Prometheu. De um acto ao outro do grande drama da vida, representa-se um longo intermedio, é o homem vencido na lucta material, deixando-se levar, arrastar pela fatalidade. Ahasverus prosegue em seu giro interminavel; passa em uma noite tempestuosa, e interrompe a vigilia do sabio sob a fórma de Mephistopheles, traz-lhe as agonias de seu irmão do mundo antigo, e n'um abraço communica-lhe a sentença do seu fadario, deixa-lhe no espirito a ideia, que se evolve e desenvolve n'uma actividade incessante. Fausto precipita-se impellido pela vertigem do infinito; prescruta todas as cousas, toca os problemas insoluveis; a rasão audaciosa não é supplantada pelo raio, e prosegue destruindo, para conhecer aquelle que o fulmina. A força da causalidade serviu-se

Digitized by Google

do braço e do raciocinio; um verga prostrado na fadiga, o outro eleva-se; sente mais vigor, á medida que o absoluto, o impossivel, procuram interromper-lhe o vôo.

A Egreja, nos primeiros seculos, apodava de inutil a sciencia, pela bocca de S. Paulo; era a esterilidade semitica communicada ao christianismo, em cujo seio nascera. Mais tarde, quando a grande raça creadora e poetica dos *aryas* o absorveu, e lhe deu um caracter de humanidade, as tendencias mysticas do velho pantheismo oriental, de que elle se reveste, levam-no ainda a desprezar a sciencia como um orgulho e vaidade do homem, como destruindo a simplicidade de espirito que só o póde elevar até Deus; o christianismo, então, préga o abandono da actividade, da vontade, procura aniquilar a rasão como principio de todo o erro.

Atacada nas controversias religiosas, a Egreja, para salvar o dogma contra as seitas que se alevantam, dá um pouco de liberdade a esta escrava, a rasão, a *ancilla Theologiæ*. Teme a sua força, e tral-a sempre agrilhoada; quer dar-lhe o embrutecimento da inercia. Ella espera quem a liberte, na sua impaciencia de Euménide. Foi Aristoteles o seu redemptor; os arabes haviam recolhido a tradição scientifica, perdida no mundo antigo, cultivavam a Astronomia, a Algebra, a Optica e a Medicina, sciencias de observação das leis physicas do mundo, o criterio mais seguro para a verdade. A alchimia, abstrahindo das praticas supersticiosas dos tempos da rudeza e do maravilhoso, é este primeiro ensaio da analyse dos corpos, cuja synthese, mal determinada, se

Digitized by Google

dirigia, através das variadas descobertas, ao ponto unico da transformação dos metaes em ouro. A Egreja anathematisa este esforço da rasão; no canon 36 do concilio ecumenico de Laodicêa estigmatisou os que se dedicassem ao estudo da Mathematica e da Astrologia. No seculo IX, quando as escholas dos judeus e arabes de Hespanha vulgarisavam os livros de Aristoteles, o canon 42 do concilio de Tours obrigava os padres a ensinarem a inefficacia das praticas da magia para dar saude aos homens e aos animaes. A Medicina era a sciencia mais detestada, porque reagia contra a vontade de Deus, de cuja mão vinham os bens e os males.

A Hespanha longo tempo foi olhada como o foco da nigromancia; o ouro e as riquezas, alcançadas pela industria de Pisa, Genova, Florença e Veneza, em troca das especiarias ricas do Levante, os capitaes que o espirito de empreza e o genio especulativo dos judeus accumularam, para a sociedade feudal e theocratica que não comprehendiam o trabalho livre, tinham a sua origem nos pactos diabolicos. O que a rasão descobria era estigmatisado como embuste; a sciencia uma atrocidade, com que o pae da mentira procurava ensoberbecer-nos. Silvestre II, Alberto Magno, Rogerio Bacon tiveram a reputação de feiticeiros. Ainda no seculo XVI, Gabriel Naudé escreve a apologia dos grandes homens accusados falsamente de feiticeria.

Para radicar no espirito do povo o terror pela liberdade de pensar, a Egreja propaga a lenda do *Fausto;* de origem particular, desenvolve-se, generalisa-se a ponto

Digitized by Google

de symbolisar não só os perigos do livre exame, mas até esta fatalidade da natureza dupla, o pensamento activo e incessante, transpondo o tempo e sendo limitado por elle.

O maior impulso para a emancipação da rasão, depois do apparecimento de Aristoteles na Europa moderna, foi a descoberta da Imprensa. João Fausto reproduz a Biblia com uma promptidão sobrehumana; os copistas espantam-se, as Universidades inquirem, os monges pachorrentos verificam letra por letra a identidade dos exemplares. O artista dera vida ás linhas cabalisticas nos typos. Proclamaram-no um feiticeiro; elle desapparece na confusão egoista de uma grande peste. É por certo sobre a vida do pobre emprehendedor de Mayence, que começa a *localisar-se,* a particularisar-se a lenda. O povo tem sempre necessidade de localisar os factos; era assim para o sentimento da Egreja, longo tempo imposto e apregoado, mas sem achar uma acção que o representasse ao vivo. A vida de João Fausto e a do Doutor de Weimar têm grandes analogias; é talvez por ellas que se ha procurado determinar a origem historica, que, embora não tenha essa realidade por fundamento, apresenta um caracter de verdade.

A arte classica na Renascença introduz um elemento sensual na lenda do Fausto, que se desenvolve progressivamente; é o Don Juan, a fatalidade no amor. O doutor, embebido nas suas vigilias, evoca o typo da perfeição plastica, Helena, a alma da Grecia, a arte, o bello na sua essencia. E ama-a com aquella paixão, que canta Marlow:

Digitized by Google

« Eis o rosto que fez apparelhar mil navios e queimar as torres immensas de Ilion?

« Doce Helena, torna-me immortal com um beijo... Seus labios aspiram minha alma. Vêde como ella vôa.

« Vem, Helena, vem, dá-me a minha alma.

« É aqui que eu quero viver, porque o céo está sobre estes labios, e tudo o que não é Helena é vão ».

D'este abraço do doutor Fausto e Helena, antes do pantheismo da arte no seculo XVIII fazer nascer Euphorion, como personificação da civilisação moderna, já esse beijo inflammado gerára Don Juan, o filho prodigo das graças e amores. Symbolisa a fatalidade irresistivel, que attrahia os espiritos para o estudo dos velhos monumentos classicos, que a imprensa restaurava, a que a Egreja chamára *dulcia vana,* e que, com pezar seu bem o conhecia, roubava bastantes intelligencias ás controversias theologicas. Don Juan tem a perdição no olhar; a alma não resiste a uma falla branda, sentida; o anjo que desce do céo, e na encarnação de uma mulher procura salval-o, perde-se tambem com elle.

É o symbolo da arte na Renascença. Este amor pelas bellezas de Homero, de Virgilio, de Cicero e Platão, um seculo antes seria uma heresia [1]. A Egreja deixa embalar-se na harmonia do paganismo; para justificar a sua infallibilidade, procura vêr nos velhos modelos o presentimento das verdades christãs. O cardeal Bembo esquece o dogma austero, o ascetismo da *Imitação,* lan-

---

[1] Alfred Maury, *Magie,* pag. 214.

Digitized by Google

ça-se na chorêa das musas pagãs, desvaira nos jocos do amor brincão e travesso, que andára perdido nas varzeas amenissimas de Hellade. Elle representa o velho da elegia de Moscho. Angelo Poliziano, Marsilio Ficino, Poggio, Bracciolani, Lorenzo Valla, Janozzi Monetti, restaurando o platonismo e o estoicismo, antepondo-os mesmo á moral evangelica, são outros tantos amores, que se encadeiam na série das aventuras d'aquelle typo fatal, gerado no beijo do Doutor Fausto e Helena. As especulações neo-platonicas davam á imaginação uma parte mais extensa do que á rasão. Cornelio Agrippa adopta a cathegoria neo-platonica para a sua hierarchia dos espiritos [1]; Paracelso, Nostradamus, Jeronymo Cardan representam a exaggeração especulativa, o fanatismo scientifico. A Egreja continúa o seu combate interminavel contra os pensadores [2], personificando-os em um typo geral, um alvo para onde se dirigem todos os tiros — o Diabo.

A lenda allemã comprehendera no apparecimento e nos amores de Helena o facto da Renascença, mas não sabia determinar-lhe a ideia. Ouçâmol-a na sua verdade rude, como a traduziu para francez, no seculo XVI, Palma Cayet:

---

1 *De occulta philosophia,* liv. III, cap. XVII.

2 «A lenda do Fausto remonta á época da Reforma, época de agitação febril...» Weber, *Historia da Litteratura allemã,* pag. 208.

Digitized by Google

« No domingo os estudantes, sem serem convidados, vieram a casa do Doutor Fausto para cearem com elle, e trouxeram comsigo iguarias e vinho, porque eram gente franca. Logo que o vinho começou a alegrar, caíu a conversa sobre a belleza das mulheres, e um começou a dizer que não queria vêr outra mulher bella depois de Helena da Grecia, porque a sua belleza fôra causa da ruina total da cidade de Troya, sustentando que devia ser por certo muito bella, por isso que tantas vezes fôra roubada, e que por ella se tinha feito um tal levantamento.

« O Doutor Fausto respondeu: Já que tendes tamanho desejo de vêr o bello semblante da rainha Helena, mulher de Menelau, e filha de Tyndaro e de Leda, irmã de Castor e Pollux, que foi a mulher mais bella da Grecia, eu quero que ella vos appareça, que vejaes pessoalmente o espirito em suas fórmas, a sua estatura, como era em vida.

« N'isto o Doutor recommendou aos companheiros que nenhum désse palavra, nem se levantassem da meza para galanteal-a, e saíu da estufa.

« Então quando tornou a entrar, a rainha Helena vinha após elle, tão admiravelmente bella, que os estudantes não sabiam aonde estavam, tanto se achavam perturbados e transportados fóra de si.

« Helena appareceu com um manto de purpura negra e preciosa, os cabellos destrançavam-se até baixo, tão excellentemente bellos, que bem pareciam ser ouro fino, e tanto se espalhavam, que desciam abaixo dos quadris, ao grosso da perna; com os olhos bellos, ne-

Digitized by Google

gros, um olhar amoroso, uma pequena cabeça bem conformada, seus labios rubros como cerejas, com uma boquinha, um longo collo alvo como um cysne, um semblante bellissimo e setineo, o corpete delicado, direito e proporcionado! Emfim, fôra impossivel achar-lhe uma unica imperfeição. Ella mostrava-se por toda a sala do fogão, com um ademan airoso e gentil, engraçado e dengue, de tal fórma, que os estudantes ficaram abrazados de amor, e, se não soubessem que era um espirito, não faltaria um impulso que os levasse a tocal-a. Depois Helena saíu com o Doutor Fausto da estufa.

«Para que o espirito satisfizesse o Doutor Fausto, com a sua miseravel carne, apresentou-se-lhe pela volta da meia noite, como se estivesse acordado, com a apparencia da bella Helena da Grecia, tal como antes a mostrára aos estudantes, e se reclinou sobre o seu seio, com uma estatura egual então, e com um semblante amoroso e fascinador. Quando o Doutor Fausto deu por isto, sentiu a vontade presa de tal maneira, que se apaixonou por ella, e fel-a sua amante, com tal ardor, que só a via no mundo, e d'ella houve um filho, com que o Doutor Fausto se alegrou muito...»

A lenda allemã chama a este filho Justo Fausto; Goëthe fez d'elle um symbolo, Euphorion, a incarnação da civilisação moderna; porém, o mesmo pensamento de um modo mais preciso, o filho da voluptuosidade de Helena e da profundidade sombria de Fausto, é aquelle Don Juan, lubrico, desdenhoso, distrahido, esquecido do céo pelas bellezas do mundo, é a *Renascença*. É a

Digitized by Google

evocação da belleza esculptural antiga, longo tempo esquecida com as tradições da arte classica. Don Juan é profano, o seu amor é todo da fórma, como na poesia grega.

A Renascença antepoz os poetas pagãos aos padres da Egreja; a Egreja querendo salvar a sua supremacia, para aceital-os inventa um processo de canonisação, vae sanctificando-os pouco a pouco. Mais tarde o mesmo Don Juan tem no céo quem interceda por elle, uma essencia angelica, que se humanisa na incarnação de uma mulher, para salval-o pelo amor. A lenda do Fausto, formada nos claustros, segundo Claudio Durieux e Klinguer, deve ser tambem influenciada por este sentimento relevante da Egreja popular. Fausto deve logica e fatalmente ser perdoado.

Assim parece incompleta, por se achar sómente n'ella reflectido o anathema da Egreja á rasão investigadora, e não apparecer a tendencia aryana de sanctificação, que tudo perdôa e rehabilita diante de Deus; tendencia um tanto exaggerada depois que se procurou salvar os poetas pagãos que não haviam visto os alvores do christianismo, ao ponto de thuribular os animaes, como se vê no hymno cantado na festa do *Asno*. O Doutor Fausto perde-se sem remissão, tanto na lenda allemã, como no drama vulgarissimo de Marlow, na Inglaterra. Descoberta a lei de formação das lendas, pódese bem, sem risco de erro, recompôl-as a *priori*. Desde os primeiros seculos, a Egreja procurára sanctificar os antigos poetas; em Virgilio, Lactancio e Santo Agostinho queriam achar um nuncio do Messias; S. Paulo, ao visi-

Digitized by Google

tar o seu tumulo na gruta do Pausilippo, n'aquella lenda sublime do christianismo, chora amargamente por não ter vindo mais cedo para salvar essa alma melancholica, tão disposta para sentir a suavidade do Evangelho. Plinio Junior é considerado como um martyr, e chega a alcançar o titulo de veneravel; na paixão apocrypha de S. Tito, attribuida ao jurisconsulto Zenão, conhecido de S. Paulo, se conta a lenda da sua conversão ao christianismo [1], pelo milagre do santo Bispo de Creta, diante do qual caíu por terra o templo que o proconsul dedicava a Jupiter; espantado com a estranha maravilha, elle converte-se com seu filho. Nas *Adversaria* de Luitprand, Plinio tem o epitheto de veneravel [2].

A Egreja ha tambem procurado recompensar o espirito de tolerancia do imperador Trajano, tirando-o das penas eternas pela intercessão de S. Gregorio Magno. Era o pensamento de Luitprand: « *Valde probabile est inspirasse Dominum S. Gregorio ut oraret pro Trajano ut salvaretur, quia edictum contra christianos, portatu Plinii Secundi, proconsulis in Bithynia, mitigari jussit* » [3]. A formação da lenda é attribuida ás virtudes

---

[1] Bolland, t. I, 4 januar. — Vid. sobre este ponto *S. Paul et Senèque*, de A. Fleury, pag. 30, nota, onde cita todos os auctores que trazem esta lenda.

[2] Oper. Antwerp. (1640), pag. 512, *Adversaria*, §. 292.

[3] É tambem o pensamento de Fabricio, *Biblioth. lat.*, t. III, Ernesti, pag. 418 e 419.

Digitized by Google

e equidade do imperador, mais do que á sua tolerancia religiosa, como se vê da biographia anonyma de S. Gregorio, quasi contemporanea do papa, segundo os Bollandistas, e pelo que Dante representa em um baixo-relevo, feito pela mão de Deus sobre um rochedo do Purgatorio [1]. Trajano, em uma entrada triumphal em Roma, é detido por uma pobre viuva, que vem lavada em prantos pedir-lhe justiça para o assassino do seu filho unico. Trajano manda procurar e trazer preso o malvado, e conhece ser seu proprio filho. Então diz á viuva se quer que o mate, ou antes recebel-o pelo que perdera. A desgraçada era mãe, e aceita-o perdoando. O biographo anonymo conta que o santo Pontifice, passeando no Forum em Roma, viu este facto esculpido em um monumento, e segundo João Diacono, tocado de tamanho rasgo de justiça, rogou fervorosamente a Deus para que fizesse voltar ao mundo a alma de Trajano, e obteve a salvação d'ella. João Diacono, na vida de S. Gregorio Magno, diz que o Pontifice, tendo proclamado nos seus livros como inefficazes as orações pelos mortos impenitentes, não rogára, mas que *chorára:* «*Non legitur pro Trajano Gregorium exorasse, sed tantum flevisse*» [2].

S. Thomaz de Aquino, o Anjo da Escóla, explica o

---

[1] *Purgatorio,* c. 4.

[2] *Vita S. Greg.*, lib. II, cap. V, 44; Bolland, *Martii,* t. II, pag. 159.

Digitized by Google

facto theologicamente, suppondo uma resurreição, em que o Imperador tivesse tempo de se arrepender: « *De Trajano potest dici quod sit revocatus ad vitam et suscepta gratia veniam consecutus* » [1].

Este caracter feminino de bondade das raças celticas, coadjuvado pelo espirito da suavidade evangelica, procura a salvação de Judas; o condemnado deu o seu manto de esmola a um leproso, e é elle que o refrigera, quando sáe uma vez por semana do inferno, e anda errante pelos gelos polares. A lenda de S. Brendan suavisa-lhe assim o tormento eterno [2].

Dante colloca tambem Stacio no Purgatorio; o gibellino de Florença tinha pelo poder do genio o dom supremo de condemnar á reprovação eterna e de elevar ao paraiso. O Doutor Fausto, na lenda catholica e no drama inglez de Marlow, perde-se, não tem remissão. O sobresalto e anciedade, com que espera a ultima hora de vida que lhe resta, segundo o pacto de Mephistopheles, arranca-lhe uma imprecação de desespero, Ajax fulminado contra a rocha, mas que ainda alli ameaça os deuses vingadores; cada momento que se escôa no relogio fatidico é uma incerteza nova; elle arrepende-se compungido, prostrado; tudo debalde! Fausto é o irmão do Prometheu; mas excede-o na agonia. Na trage-

---

[1] Thom. in *Sententiarum,* lib. IV; Distinct. XLV, art. III; Oper., t. XVIII, pag. 144, edic. Venet., 1593.

[2] Ernest Renan, *La poésie des races celtiques.*

Digitized by Google

dia antiga, o Oceano e as forças da Natureza vêm visitar, consolar o prisioneiro dos fraguedos do Caucaso; Fausto, desprezando o corpo, deixando-o aos vermes da terra, pede aos astros, ás nuvens, ás montanhas uma consolação para o seu espirito, e a natureza emmudece diante do reprobo. É de uma grandeza shakespeariana, como diz o traductor francez do drama de Marlow, este monologo final. O Doutor está só:

«Oh Fausto! não te resta mais do que uma hora de vida, e agora vás ser condemnado para sempre! Permanecei quietas, vós, oh espheras sempre moventes do céo, afim de que o tempo páre, e nunca chegue a meia noite. E tu, olho esplendido da natureza, levanta-te, levanta-te mais, e faze um dia eterno! ou ao menos que esta hora seja um anno, um mez, uma semana, um dia ordinario, para que Fausto possa arrepender-se e salvar sua alma.

O lente, lente currite, noctis equi.

«Os astros movem-se continuamente, o tempo vôa, o relogio vae soar, o demonio chega, e Fausto deve ser condemnado. Oh! eu queria atirar-me para o céo; quem me prende? Vêde, eis o sangue de Christo que gotteja no firmamento; uma gotta sómente para me salvar. Oh Christo meu! Não me dilaceres as entranhas porque eu chamo meu Christo. Não importa, eu quero chamal-o ainda. — Oh! deixa-me, Lucifer! Onde está elle agora? ido! E no alto vêdes um braço ameaçando e uma fronte furiosa? Montanhas, collinas, vinde, vinde e caí so-

Digitized by Google

bre mim, e subtraí-me á terrivel colera do céo. Não? Eu quero despenhar-me no boqueirão da terra; que o chão se abra! Oh! não, elle não me quer dar refugio. Vós, astros que presidistes ao meu nascimento, e cuja influencia contém a morte e o inferno, attraí Fausto como um vapor para as entranhas d'essa nuvem, que se condensa ao longe, de sorte que, quando me vomite no ár, os membros possam caír de sua garganta procellosa, mas que a minha alma suba e se eleve até ao céo! (*O relogio dá uma pancada*). Oh! meia hora passada; pouco vae para a hora. Oh! se é de força que a alma soffra meus peccados, imponde-me um fim ás penas incessantes. Que Fausto viva no inferno mil annos, cem mil annos, mas que tenha por fim a salvação. Nenhum termo está assignado ás almas dos condemnados. Porque não fui eu uma creatura sem alma? Ou para que é a alma que tenho immortal? Oh Pythagoras! se a metempsychose fosse verdadeira, esta alma desprender-se-ia de mim, e eu seria mudado em alguma alimaria bruta. Todas as alimarias são felizes, porque, quando morrem, suas almas se dissolvem immediatamente nos elementos; mas a minha é de força que viva para ser eternamente torturada no inferno. Malditos os paes que me geraram! Não, Fausto, maldito tu mesmo, maldito Lucifer, que te priva da gloria do céo. (*Sôa meia noite*). Meia noite! meia noite! Agora, corpo, desfaze-te no ár, senão Lucifer arrebata-te subito ao inferno. Oh alma, torna-te algumas gottas de agua, e cáe no oceano, perdida para sempre. (*Estampido de trovões. Entram os demonios*). Oh, piedade! céo! não me enca-

Digitized by Google

reis com este ár assombroso. Cobras, serpentes, deixae-me respirar um momento! Não bocejes, inferno medonho! Afasta-te, Lucifer! eu quero queimar os meus livros! Oh Mephistopheles» [1].

É impossivel uma expressão mais viva e energica para a agonia suprema do doutor Fausto; Marlow eleva-se ao pathetico estupendo da tragedia antiga, e ás ironias acerbas do desespero, que Shakespeare arranca dos seus typos. A lenda catholica é absurda no modo como conta o desenlace do pacto tremendo; porque não vê a lucta de uma alma que tudo domina, que só não póde prender o tempo que a arrebata; vê no sabio um malvado, que é victima da obstinação do seu erro. Ella condemna o espirito que tudo examina, e proclama na Epistola aos Corinthios, a ignorancia piedosa, embalada nos favores celestes.

Em uma nação que produziu Macchiavelli, e onde os maiores artistas foram grandes politicos, a ambição devia de ser o movel para a alma do Fausto, em vez da ancia de profundar tudo, e da sêde de sciencia que devora o Fausto allemão. O Fausto italiano é essa lenda do seculo VI da Egreja, em que um monge chamado Theophilo fez um pacto com o diabo para conseguir uma grande dignidade ecclesiastica. No seculo X, Rhos-

---

[1] Trad. de Marlow, por François Victor-Hugo, pag. 248, not. 26.

Digitized by Google

witha escreveu um drama latino, que se póde tomar como a primeira fórma litteraria da grande lenda.

Que caracter teria o *Fausto* em Hespanha, terra das serenadas apaixonadas e dos duellos sombrios? Dava a sua alma ao diabo pelo *amor*, tornava-se um demonio de amor como o Don Juan, por quem se perdiam todas as mulheres. O Fausto em Hespanha é o estudante Cypriano; Calderon assim denominou a confusa tradição em uma das suas mais bellas comedias: «O *Magico* de Calderon só consente no pacto diabolico pelo amor. Justina é bella, candida como a Margarida de Goëthe, mas resiste; o pensamento do céo, que a eleva, afasta-a dos desvarios do mundo. Ella sente um impulso intimo que a precipita nos braços do amante, e lucta comsigo, refugia-se no templo, ora fervorosa, implorando os divinos auxilios. Calderon tem a inspiração do catholicismo e procura fazer triumphar a virtude. Que arrobos de lyrismo e de paixão não exhala a anciedade de possuil-a. O Diabo não póde faltar ao pacto irrevocavel, tem de a entregar nos braços d'aquelle que lhe sacrificou a felicidade da sua alma. Justina está fortalecida pela graça. O Diabo com o requinte da sua logica torna-se tambem sophista; serve-se de um embuste, e mostra-a coberta com um véo. Cypriano tem nos braços Justina: — Agora, bellissima Justina, n'este sitio occulto em que os raios do sol não penetram, nem as bafagens puras do ár, a tua belleza é o trophéo dos meus estudos, nada temo, tudo arrisco para possuir-te. Custas-me a alma! Pequeno preço para tamanho encanto. Ergue o véo da tua beldade, o sol rasga tambem as nuvens e

Digitized by Google

ostenta seus raios scintillantes [1]. — Na vertigem da paixão vae para erguer-lhe o véo, e dá com um esqueleto. — Mas, ai! infeliz, que vejo? um cadaver hirto, mudo, que me espera entre seus braços. Quem póde em um instante desvanecer os primores do rosado e do purpureo em feições desmaiadas da pallidez caduca? — O esqueleto responde como um padre da Egreja, que anathematisa as alegrias do mundo e comprehende a vida pelo ideal que tem da morte: Assim, Cypriano, são as glorias d'este mundo? Esta creação de Calderon estava no espirito de uma sociedade catholica; é ainda a tradição grotesca da Edade-média, do *Diabo-Venus* » [2]. O Diabo da Comedia de Calderon é o filho do seculo XVI; representa o protestantismo [3]. O povo hespanhol formou outras lendas de pactos diabolicos.

A lenda de Sixto V, em parte similhante ao quadro nocturno e medonho da morte de Bonifacio VIII, que Dante traçou com côres sinistras no *Inferno,* é uma creação inspirada pelo horror da vida e ultimos momentos do doutor *Fausto.* Eis como de Thou a expõe:

« Os hespanhoes levaram contra este papa (Sixto V) sua vingança mesmo além da morte; nada esqueceram para diffamar-lhe a memoria por libellos que contra elle

---

1 Jornada III.

2 Vid. a minha *Poesia do Direito,* pag. 105.

3 Du Meril, *Hist. de la Comédie,* periode I, pag. 21.

Digitized by Google

espalharam, e dos quaes tenho alguns entre mãos. Sixto, diziam elles, por intermedio da magia, tinha de longo tempo commercio com o demonio; fizera um pacto com este inimigo do genero humano de se lhe entregar, comtanto que o elegessem papa e lhe désse seis annos de reinado. Com effeito, Sixto foi elevado á cadeira de S. Pedro, e durante cinco annos que em Roma governou, assignalou seu pontificado com acções que ultrapassam os limites do espirito humano. Alfim, ao cabo d'este termo, o papa adoeceu; e vindo o demonio lembrar-lhe a sua palavra, Sixto se irritou contra a má fé do mensageiro infernal, porque o termo do ajuste não tinha passado, pois ainda faltava um anno. (Em que contava talvez fazer penitencia?) Mas o diabo lembrou-lhe que no principio do seu pontificado condemnára um homem, a quem, segundo as leis, faltava um anno para ser sentenciado á morte, e que, apesar d'isso, o fizera executar, dizendo que lhe dava um dos seus; que este anno, junto com os outros cinco, perfazia os seis annos, que promettêra; com o que Sixto, embaraçado, e não tendo que responder, ficou mudo, e, voltando-se para a cabeceira do leito, se dispoz para a morte no meio das agitações terriveis que lhe causavam os remorsos de consciencia » [1]. No episodio de Dante, o diabo, depois de conseguir um egual triumpho, exclama orgu-

---

[1] *Hist. universelle,* trad. franc., t. XI, pag. 794 e 795.

Digitized by Google

lhoso da argucia que desenvolvêra, e que aprendêra nas controversias da scholastica:

«Tu non pensavi ch'io loico fossi».

O *vago* que Dante deixa nas cousas mais terriveis era o grande segredo da arte; era assim que no episodio de Ugolino apresentava a ultima expressão do pathetico depois dos tragicos gregos.

Na poesia portugueza encontramos o germen da lenda de Fausto personificada em frei Gil de Santarem. Será a mesma ideia, seguindo o curso eterno, e em cada logar denominando-se diversamente? É assim na lenda de Simão Mago e S. Pedro, substituidos mais tarde por S. Leão Thaumaturgo e Heliodoro [1]; á medida que a lenda se vae espalhando pela Sicilia, quando passa pelas campinas sulphurosas do Vesuvio, toma para seu heroe Virgilio, fundador de Napoles. Analysemos a lenda de Frei Gil, como a encontramos na *Chronica de S. Domingos,* de Frei Luiz de Sousa. Nasceu Gil Rodrigues no logar de Vouzella, termo da cidade de Vizeu, pelos annos do Senhor de 1190, de paes illustres por sangue, por terra e fazenda no reino. Deu-se com particular affeição á Medicina, e el-rei D. Sancho o enriqueceu, sendo bem moço, com varios beneficios ecclesiasti-

[1] Görres, *Mystica,* t. III, pag. 122 da trad. franc.

Digitized by Google

cos. Foi estudar para Paris; não faltou quem dissesse que se dedicava a esse estudo para entrar em muitas casas, aonde não podia ir como mancebo. Na viagem appareceu-lhe uma figura humana, e, fingindo que levava o mesmo caminho, foram conversando, o diabo persuadindo-o a que se servisse do seu talento e levasse boa vida, propria de sua edade, « — que a arte magica era só a que fazia um homem estimado nas côrtes, valido dos reis e de todo o resto do mundo quasi absoluto senhor ».

Corroborava o dito com exemplos de varios personagens; que a magia, auxiliada pela Medicina que elle já sabia, surtiria grandes resultados, encobertos com as forças naturaes da physica, e que lhe daria a fama de um grande philosopho. Assim o foi persuadindo, e, logo que o viu disposto, lhe impoz o deixar a fé, fazer uma escriptura d'isso, assignada com o proprio sangue. O pacto do doutor Fausto assignado tambem com o sangue, tem o caracter do symbolismo antigo: era d'esse modo que se celebrava a *irmandade heroica* dos guerreiros do norte. O sangue é o symbolo mais geral da confraternidade; na Islandia e entre os arabes, segundo Herodoto entre os reis armenios e Iberos do Caucaso, segundo Tacito entre os Scythas, nos antigos latinos, na Escossia, por quasi toda a parte e em todos os povos se encontra [1]. Segundo a lenda allemã, vertida por Pal-

[1] Michelet, *Origines du Droit*, cap. IV, pag. 195, 200, onde traz citados todos os auctores que se referem a este ponto.

Digitized by Google

diabo mostra-lhe a visão do inferno em visagens espantosas. Como se mostrava aos padres do deserto, revestindo as fórmas do paganismo, ostenta-se-lhe transformado em *Centauro,* que era a exprobração dos seus estudos antigos; e trava combates encarniçados, em que o fervor piedoso o salva, apesar de todos os insultos e blasphemias que escuta. O *Centauro* ou o sagittario era o symbolo do diabo na Edade-média, como se vê em um baixo-relêvo da egreja de S. Gilles, monumento byzantino do seculo XII [1]. O satyro, capripede, felpudo, feio, representava completamente o diabo, porque a exaggeração do terrivel descambava no grotesco, o elemento ridiculo que trouxe mais tarde a tolerancia que lhe destruiu o ideal [2].

Satanaz procura incital-o á desesperação, mostrando a inefficacia das supplicas, inutilisadas pela escriptura. Um dia, depois de uma lucta tremenda, a ultima, prostrado em terra diante da Virgem, recebe a escriptura que firmára, e desde então a paz entrou em sua alma. Recebe-a, vendo-a caír pela corda do sino. O *sino* tem um symbolismo juridico extenso nas Communas antigas; resumia todos os factos da vida: *Vivos voco; mortuos plango; fulgura frango!* A *corda do sino* servia nas in-

---

[1] A. de Laborde, *Monum. de la France,* t. II, pag. 126; d'après Alfred Maury, *Legendes,* pag. 176.

[2] Vid. as propriedades do Satyro nas *Tradições teratologicas,* de M. Berger de Xivrey, pag. 475 e seq.

Digitized by Google

vestiduras ecclesiasticas [1]. Martene refere a investidura de um bispado pela *corda do sino*. Na servidão voluntaria ás egrejas, no nosso direito antigo, enrolava-se a *corda do sino* ao pescoço, e ficavam assim reconhecidos oblatos.

Pela *corda do sino*, por onde lhe vinha o pacto funesto, frei Gil se constituia *escravo* da Virgem, como conta o chronista de S. Domingos. Aqui vêmos plenamente representado o poder sanctificador da Egreja; o desenvolvimento da lenda portugueza segue todas as phases do sentimento mystico até á illuminação extatica. A lenda allemã é mais profunda, porque não tem o caracter monachal da de frei Gil; a origem d'ellas ambas provém do mesmo anathema á sciencia e ao livre exame; os encantos que a imaginação descobre são invertidos em paixões reaes, representadas materialmente. O praso dos vinte e quatro annos de vida, que concede Mephistopheles, dá á lenda uma côr sombria de fatalidade.

Só o pantheismo da arte no seculo XVIII podia salvar o Doutor Fausto, apesar do pacto irrevocavel; o mal não subsiste diante do bem absoluto. O traductor do drama de Marlow justifica a remissão do *Fausto* em Goëthe, porque não é elle quem evoca o espirito infernal, como o Fausto da lenda popular; apparece-lhe sob a fórma de um cão. Isto é applicavel em toda a exten-

---

[1] Michelet, *Origines*, pag. 183. Martene, *De antiquis ritibus Ecclæsiæ.*

Digitized by Google

são á lenda portugueza, em que o viajante, acompanhando-o na jornada, tenta frei Gil. Quando acaba o praso do pacto de Mephistopheles, o diabo não extranho ao progresso da época, ri-se de si e da sua pretendida maldade [1]. O pantheismo tudo rehabilita. A Virgem, o ideal da Edade-média, que redime frei Gil, perde o caracter christão, torna-se um typo geral e complexo, é o *feminino eterno* (*Das Ewig-Weinbliche*) de Goëthe.

---

[1] «De todos os sêres outr'ora amaldiçoados, a que a tolerancia do nosso seculo ha levantado o anathema, Satan foi, sem duvida, quem ganhou mais com o progresso das luzes e da civilisação universal. Elle se ha amansado pouco a pouco na sua viagem desde a Persia ate nós, despindo toda a malicia de Ahrimane. A Edade-média, que não comprehendia a tolerancia, o fez, por capricho, feio, maligno, torturado, e para cumulo de desgraça, ridiculo. Milton comprehendeu este pobre calumniado e começou a metamorphose, que a alta imparcialidade do nosso seculo devia completar». Ernest Renan, *Estudos de Hist. religiosa.*

Digitized by Google

EPILOGO

O estudo das Lendas christãs não visa sómente a reunir os elementos esparsos das ficções antigas e saber como foram assimiladas pelo Christianismo, já como dogmas, já como fórmas cultuaes; procura-se especialmente seguir esses themas tradicionaes no seu desenvolvimento artistico ou poetico sob a Civilisação christã, que os renovára na sympathia social. Sem um estudo prévio d'estas tradições humanas, não se avalia bem o trabalho da elaboração poetica da Edade-média, attribuido ao influxo do Christianismo. Gaston Boissier, fallando dos factores da grande Civilisação occidental, estabelece a sua dualidade: «Quando observamos em roda do nosso mundo occidental as maravilhas que estão em via de realisação, quando nós queremos saber quaes os elementos principaes de que se compõe esta civilisação de que sômos tão ufanos, encontramos como base e fundamento de todo o restante, dois legados do passado, sem os quaes era-nos impossivel comprehender o presente, e que nos fizeram o que nós somos, o *Christianismo* e as *Lettras antigas*. — Embora estes dois elementos não tenham chegado a excluir-se, tiveram gran-

Digitized by Google

des difficuldades em combinarem-se. Nunca poderam eliminar-se completamente um ao outro, nem unir-se perfeitamente entre si, e póde-se dizer que esta lucta constitue ha já dezoito seculos a historia moral da humanidade. Umas vezes é o elemento religioso que prevalece, como na Edade-média; outras vezes as Lettras antigas tomam a preponderancia, como na Renascença; algumas vezes tambem se procura uma combinação habil que os reuna, dando a cada um a sua parte, como no seculo XVII, mas nunca nem as derrotas nem as victorias são decisivas. A lucta dura ainda, e nós a vêmos cada dia reanimar-se com mais ardor. Ella é tão antiga como o proprio christianismo; desde os primeiros tempos houve na sociedade christã duas correntes faceis de distinguir, que o impulsavam em sentido inverso. Emquanto uns se sentiam mais attrahidos para a arte antiga, e, postoque tivesse sido tanto tempo o ornato da mentira, outros afastavam-se d'ella com horror, e não queriam consentir que a doutrina nova se servisse de nada da civilisação antiga » [1]. Era o antagonismo natural entre o saber e a credulidade; a Grecia libertára-se dos mythos religiosos, transformando-os em bellos poemas épicos e tragedias sublimes, em systemas philosophicos e narrativas historicas, dando á expressão litteraria a belleza de todos os effeitos pittorescos realçada pelo individualismo humano; o Christianismo revivificou todos os

---

1 *Les origines de la Poésie chrétienne* (*Revue des Deux Mondes*, 1875, Septembre-Octobre), pag. 67.

Digitized by Google

velhos mythos que decaíam em um syncretismo cahotico, insufflando-lhe um sentido moral, e assim propagando-se facilmente entre as camadas populares.

Os primeiros dois seculos do Christianismo encerram o periodo mais activo da elaboração poetica da imaginação popular; todos os elementos tradicionaes do polytheismo que decaía confundidos com ideias metaphysicas dos gnosticos e neo-platonicos, e com as praticas allucinadas dos cultos orgiasticos introduzidos em Roma, não inspiram concepções superiores, mas criam os germens maravilhosos, que com a corrente da civilisação se desenvolveram em novas obras de arte. Escreve Boissier, referindo-se a essa época: «Nunca a imaginação christã foi mais activa e mais fecunda. Em verdade, ella não produziu então obras completas e acabadas, mas descobriu aquillo que é a materia e a substancia d'essas obras. Creou em abundancia ideias, imagens, typos, lendas, de que a Arte christã se tem aproveitado até aos nossos dias. Póde-se dizer que durante estes dois seculos se amontoaram nas recordações os thesouros em que a poesia religiosa se fecundou durante toda a Edade-média e de que ella vive ainda hoje» [1]. A fermentação d'estes mythos fragmentarios, d'estas lendas destituidas de sentido, d'estas superstições revivescidas, d'estas allegorias tomadas como realidades, resultava de um syncretismo provocado pelas luctas doutrinarias

---

1 *Les origines de la Poésie chrétienne* (*Rev. des Deux Mondes*, Julho de 1875), pag. 77.

Digitized by Google

das differentes seitas em que se dividia a Egreja primitiva, e unificavam-se pela ignorancia e ingenuidade popular, que animava tudo pela sobreexcitação da sua fé. Nascido no fóco de uma alta civilisação, o Christianismo só podia desenvolver-se sentimentalmente entre a ignorancia popular; e por isso os elementos tradicionaes elaborados n'essa camada social inferior só muito tarde é que poderiam impôr-se á contemplação ou idealisação dos espiritos superiores. Boissier destaca estes dois extremos: «Tenhamos em vista que o christianismo é uma das raras religiões que se desenvolveram áquem de uma época remota e ingenua. Nasceu em plena civilisação, no meio de uma sociedade polida e letrada, degenerada pelo bem-estar, gasta e fatigada pelo excesso dos gosos da vida. — As obras que elle inspira, mesmo nas classes populares, parecem ter duas edades. São um mixto surprehendente de novo e de velho, de rudeza e de graça, de rhetorica e de verdade, de poesia encantadora e de banalidades miseraveis» [1].

Emquanto por um longo eclipse da Civilisação occidental, o gosto e as Lettras antigas foram esquecidos, decahiu tambem a individualidade humana, preponderando as forças espontaneas da multidão anonyma: fizeram-se as grandes creações, impossiveis para as maiores capacidades, taes como as linguas, as epopêas de gesta, os nucleos nacionaes. N'este estado fecundo do espirito, os mythos, as tradições de raças que entravam

[1] Ibid., pag. 79.

Digitized by Google

no Christianismo, cahiam por seu turno em um estado de syncretismo, como aconteceu aos povos celtas, germanos e slavos. Eram novos themas de idealisação, que com o progresso das sociedades nascentes viriam a produzir riquissimas Litteraturas nacionaes. Foi por via d'essas tradições, assimiladas ao culto ou interpretadas pelos dogmas, que o Christianismo trouxe á sua disciplina affectiva essas grandes raças polytheicas. Mas o progresso individual generalisava-se, e o saber tinha de impôr-se á credulidade. Deu-se este conflicto profundo quando na sociedade européa do fim do seculo XII começou o processo de dissolução do regimen catholico-feudal. A rasão humana procurava, com os recursos da *Logica* de Aristoteles, achar uma lei natural n'esse mundo phantastico de lendas milagrosas, de mysterios theologicos e de ritos symbolicos incomprehensiveis; por seu lado a individualidade humana procurava uma lei racional, entrevista nas *Pandectas* romanas, para libertar-se dos arbitrios senhoriaes. O conflicto seguiu o seu curso, conforme novas sciencias foram afastando a credulidade, ou conforme as revoluções sociaes foram declarando os direitos do homem ou da individualidade. O conflicto, levado á sua explosão temporal na Revolução franceza, não está terminado, mas já se presente a fórma do advento humano á normalidade, submettendo as ficções religiosas ás condições de uma psychologia scientifica, e as transformações politicas ás indicações da sociologia.

FIM

Digitized by Google

Digitized by Google

INDICE

Pag.

PROEMIO..... V a XII (innumeradas)

CAPITULO I

Formação das lendas christãs..... 1 a 29

CAPITULO II

As lendas da Santa Familia..... 30
1 — As lendas de José e o Culto da morte..... 37
2 — Santa Anna e os Cultos eneanos e hetairistas..... 52
3 — As lendas de Santa Isabel e S. João Baptista..... 66
4 — A lenda de D. João..... 72

CAPITULO III

As lendas da Virgem-Mãe..... 98
1 — Dea Meretrix..... 108
2 — As lendas da Natividade..... 123
3 — Mater Dolorosa..... 134
4 — Nossa Senhora..... 142

Digitized by Google

CAPITULO IV

Pag.

As lendas da Paixão 147
1 — A lenda da Descida ao Inferno 165
2 — O fim do mundo e o Juizo final 183
3 — A Dansa da Morte 201

CAPITULO V

As lendas do Primado da Egreja 204
1 — As lendas do Preste João 207
2 — As lendas do Judeu Errante 232
3 — As lendas de Santo Graal 254
4 — As lendas de S. Thiago e do tributo das Donzellas. 270
5 — As lendas de Martha, Magdalena e Lazaro 281

CAPITULO VI

As lendas da Controversia theologica 285
1 — As lendas de Virgilio 288
2 — As lendas do Doutor Fausto 320
Epilogo 393

Digitized by Google

Digitized by Google

14 DAY USE
RETURN TO DESK FROM WHICH BORROWED
LOAN DEPT.
This book is due on the last date stamped below, or on the date to which renewed.
Renewed books are subject to immediate recall.

STANFORD
INTER-LIBRARY
LOAN

MAR 1 1968

LD 21A-60m-2,'67
(H241s10)476B

General Library
University of California
Berkeley

Google

YB 71446

829534 BR135

B7

THE UNIVERSITY OF CALIFORNIA LIBRARY

Digitized by Google

Digitized by Google